PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Luciana Moraes Barcelos Marques

SAUSSURE E OS TRÊS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL (1907, 1908/1909, 1910/1911): uma descrição histórico-comparativa das fontes do CLG e as repercussões na sua construção

Belo Horizonte
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Luciana Moraes Barcelos Marques

SAUSSURE E OS TRÊS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL (1907, 1908/1909, 1910/1911): uma descrição histórico-comparativa das fontes do CLG e as repercussões na sua construção

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Dr. Hugo Mari

Belo Horizonte
2013

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Marques, Luciana Moraes Barcelos
M357s Saussure e os três Cursos de Linguística Geral (1907, 1908/1909, 1910/1911): uma descrição histórico-comparativa das fontes do CLG e as repercussões na sua construção / Luciana Moraes Barcelos Marques. Belo Horizonte, 2013.
215f.: il.

Orientador: Hugo Mari
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913. Curso de linguística geral. 2. Linguistica. 3. Manuscritos. 4. Terminologia. I. Mari, Hugo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 801

Luciana Moraes Barcelos Marques

SAUSSURE E OS TRÊS CURSOS DE LINGUÍSTICA GERAL (1907, 1908/1909, 1910/1911): uma descrição histórico-comparativa das fontes do CLG e as repercussões na sua construção

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Componentes da Banca:

TITULARES

Prof. Dr. Hugo Mari
(Orientador – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Profª. Drª Claire-Antonella Forel – Université de Genève
(Orientadora de pesquisa em Genebra)

Prof. Dr. Antoine Auchlin – Université de Genève
(Supervisor do PDEE em Genebra)

Profª. Drª Virgínia Baesse Abrahão – Universidade Federal do Espírito Santo

Profª. Drª Ângela Tonelli Vaz Leão – PUC Minas

Prof. Dr. João Henrique Rettori Totaro – PUC Minas

SUPLENTES

Prof. Dr. Johnny José Mafra – PUC Minas

Profª. Dra. Lúcia Helena Peyroton da Rocha – UFES

Belo Horizonte, 23 de abril de 2013

*A **Deus**, autor e consumador da minha fé.*

“Por que dEle, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois a Ele eternamente. Amém”

(Rom, 11:36).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de aprender mais a cada dia.

À FAPEMIG, pela bolsa de fomento durante os 48 meses de curso.

À CAPES, pela bolsa no Programa de Doutorando no Brasil com Estágio no Exterior - PDEE, que viabilizou os rumos desta tese.

Ao Prof. Dr. Hugo Mari, pelo apoio incondicional e pela orientação corajosa.

À Prof. Drª. Claire Forel, pela orientação de pesquisa e pelo acolhimento em Genebra.

Ao Prof. Dr. Antoine Auchlin, pela orientação efetiva para a implementação do PDEE na Universidade de Genebra.

Aos professores doutores Milton do Nascimento, Marco Antônio de Oliveira e Paulo Henrique Aguiar Mendes, pelo ensino e pelo contínuo estímulo à pesquisa.

À Prof. Drª. Ângela Tonelli Vaz Leão e ao Prof. Dr. João Henrique Rettori Totaro pelas enriquecedoras colaborações no exame de qualificação.

À Prof. Drª. Virgínia Baesse Abrahão pela orientação embrionária desta tese, ainda no mestrado.

Ao meu esposo, por respeitar minhas ausências, por tolerar meu mau-humor, por zelar por nosso filho, por financiar minhas loucuras e por ainda me amar.

Ao meu filho, por existir e por fazer essa jornada mais branda com seus sorrisos.

À minha mãe, à minha sogra e à tia Rita, por cuidarem tão bem dos meus amados em minhas constantes ausências e por respeitarem meu distanciamento.

À minha irmã, pela presença apaziguadora e pelos estímulos na caminhada.

À tia Rosana, pela presença e pelo apoio constantes, e por financiar bravamente meu francês e parte de minha ida à Genebra.

Aos familiares, cunhada e sobrinha, além de tios, tias, primos e primas – que são tantos e tão importantes – por perdoarem meus esquecimentos, a falta de ligações e de visitas, minha constante ausência e ainda assim permanecerem orando por mim e apoiando-me.

À Nilde, e sua atenciosa família, por me receberem semanalmente em BH com tantos sorrisos, abraços, aconchegos e comidinhas mineiras.

Às sempre amigas Ana, Arlene e Lud, por sorrirem e chorarem comigo, por sempre estarem no lugar certo e na hora certa, pelos telefonemas demorados e pela ausência de cobranças. Nosso cordão de cinco dobras jamais se romperá.

Aos novos amigos – Alice, Rosilene e Renato – pela companhia no doutorado.

Às funcionárias da secretaria da Pós-Graduação em Letras, sempre solícitas e amáveis.

À Cristina Sacramento Cardoso de Freitas, por traduzir esta tese para o francês, apesar de todos os contratempos.

E mais uma vez a Deus, por sempre estar comigo.

Foi então que empreendi uma coisa que não podia ser para todos: desci para as profundezas; passei a perfurar o chão, comecei a examinar e a minar uma velha ***confiança*** *sobre a qual, há alguns milhares de anos, nós, os filósofos, temos o costume de construir, como sobre o terreno mais firme — e reconstruir sempre, embora até hoje toda construção tenha ruído.*

(Nietzsche, Aurora, 1881)

RESUMO

Esta tese apresenta a síntese de um estudo histórico-descritivo, destacando aspectos filológico-linguísticos, sobre os três cursos de linguística geral ministrados por Ferdinand de Saussure, bem como de uma análise terminológico-conceitual fundamentada nas fontes manuscritas desses cursos. O objetivo principal foi descrever, com uma abordagem histórico-descritiva, cada curso separadamente, de modo a evidenciar o processo histórico de construção de uma linguística saussuriana, a partir das escolhas do *professor* quanto à linha de desenvolvimento das categorias e dos temas de cada curso, no que tange ao conteúdo, à ordem de apresentação temática e às evoluções teóricas. O método de descrição coadunou uma abordagem resumida do que fora tratado, buscando manter um padrão de fidelidade às proposições contidas nos documentos originais. Como objetivo secundário, propôs-se a discutir a edição do *Curso de Linguística Geral (1916)* em comparação com esses cursos e a investigar, por intermédio de um cotejo analítico, os conceitos de língua, de fala, de signo e de valor, acrescidos do lugar do sujeito falante na perspectiva saussuriana. A partir de uma metodologia bibliográfico-analítica, esta tese tem como resultado imediato o fato de contribuir para o enriquecimento e a extensão das publicações em língua portuguesa sobre o pensamento saussuriano.

Palavras-chave: Saussure. Linguística Geral. Manuscritos. Terminologia.

RESUMÉ

Cette thèse présente la synthèse d'une étude historique et descriptive, en soulignant les aspects philologiques et linguistiques, sur les trois cours de linguistique générale enseignés par Ferdinand de Saussure, ainsi qu'une analyse terminologique et conceptuelle basée sur les sources manuscrites de ces cours. L'objectif principal était celui de décrire, avec une approche historique et descriptive, chaque cours séparément, afin de mettre en évidence le processus historique de construction d'une linguistique saussurienne, des choix de l'*enseignant* quant à l'élaboration de développement des catégories et des thèmes de chaque cours, en ce qui concerne le contenu, à l'ordre de présentation thématique et les évolutions théoriques. La méthode de description a réuni une approche résumée de ce qui a été traité, cherchant à maintenir un niveau de fidélité aux propositions contenues dans les documents originaux. Comme un objectif secondaire, on a proposé de discuter l'édition du *Cours de Linguistique Générale (1916)* par rapport à ces cours et à étudier, à travers un classement analytique, les notions de langue, parole, signe et valeur, en plus du role du sujet parlant dans la perspective saussurienne. D'une méthodologie bibliographique et analytique, cette thèse a pour résultat inmédiat le fait de contribuer à l'enrichissement et l'étendue des publications en langue portugaise sur la pensée saussurienne.

Mots-clés: Saussure. Linguistique générale. Manuscrits. Terminologie.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Ação do tempo num território contínuo (esquema equivocado)..... 42
FIGURA 2 – Ação do tempo num território contínuo (esquema aceitável) 42
FIGURA 3 – Delimitação dos domínios linguísticos 52
FIGURA 4 – Representação de uma cadeia fônica 53
FIGURA 5 – O aparelho vocal 55
FIGURA 6 – Resumo dos fatores de interação 55
FIGURA 07 – Mudanças fonéticas independentes 63
FIGURA 08 – Limites incertos 64
FIGURA 09 – Duas esferas 68
FIGURA 10 – Sistematização: Linguagem – Língua – Fala 88
FIGURA 11 – O signo é duplo 91
FIGURA 12 – Complexidade ideia / som 93
FIGURA 13 – Eixos de análise linguística 99
FIGURA 14 – Encadeamento sincrônico 100
FIGURA 15 – Encadeamento diacrônico 100
FIGURA 16 – Superfície unilíngue 116
FIGURA 17 – Superfície multilíngue 117
FIGURA 18 – Desenvolvimento da língua no tempo e no espaço 131
FIGURA 19 – Zona de transição entre línguas 132
FIGURA 20 – Circuito da fala 138
FIGURA 21 – Linguagem 139
FIGURA 22 – Signo linguístico 141
FIGURA 23 – Motivação relativa 146
FIGURA 24 – Signo linguístico (por falta de terminologia melhor) 149
FIGURA 25 – Eixos 152

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Linguagem *versus* língua e língua *versus* fala..... 87
TABELA 2 – Principais erros da linguística indo-europeia 113

LISTA DE SIGLAS

CFS – *Cahiers Ferdinand de Saussure*

CLG – *Curso de Linguística Geral* (1916)

CLG/M – *Curso de Linguística Geral* (1967) – edição crítica de De Mauro.

CLG/E – *Curso de Linguística Geral* (1968) – edição crítica de Engler.

ELG – *Escritos de Linguística Geral (2002)*

SM – *Sources Manuscrites* (1957)

SUMÁRIO

1. PRÓLOGO 15
1.1 Godel, De Mauro e Engler: as principais edições do CLG 17
1.2 Delimitação da pesquisa 22

2. PERCURSOS DE SAUSSURE 26
2.1 Do aluno ao professor em Paris 27
2.2 Retorno à Genebra 32
2.2.1 Primeira Conferência na Universidade de Genebra 34
2.2.2 Segunda Conferência na Universidade de Genebra 37
2.2.3 Terceira Conferência na Universidade de Genebra 40
2.3 O Curso de Linguística Geral 44

3. PRIMEIRO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL (1907) 47

4. SEGUNDO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL (1908/1909) 82

5. TERCEIRO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL (1910/1911) 120

6. OS ALUNOS, OS EDITORES E SAUSSURE 163
6.1 Os três cursos: um cotejo 165
6.2 Uma obra à parte: a edição 173

7. DISCUSSÕES: QUATRO TERMINOLOGIAS E O SUJEITO FALANTE 182
7.1 Língua / Fala 183
7.2 Signo / Valor 190
7.3 Sujeito Falante 196

8. EPÍLOGO: RETORNO AOS ESTUDOS SAUSSURIANOS 203

9. REFERÊNCIAS 208

APÊNDICE: *Brevíssimo memorial da pesquisa* 214

1. PRÓLOGO

> *A vontade de saber mais a respeito desse fenômeno*[1] *é uma ampla justificação para que seja o mesmo investigado*. (LANGACKER, 1975, p. 14)

O *Curso de Linguística Geral* (CLG) é, reconhecidamente, um marco nos estudos linguísticos. Sobre Saussure, de acordo com Benveniste, "não há hoje linguista que não lhe deva algo. Não há teoria geral que não mencione seu nome". (1971, p. 107, tradução nossa[2].).[3] Apesar de o nome Saussure já ter sido amplamente retomado e estudado, ainda paira "uma vontade de saber mais" sobre seus cursos e sobre suas contribuições para a linguística.

Diante dessa inquietação, diversas são as razões para se retomar o entorno que envolve o nome Saussure e, por conseguinte, sua obra, das quais se podem destacar quatro: (1) a atualidade e a frequência de uso do livro cuja autoria foi atribuída a ele, assim como os desdobramentos teóricos que tal obra acarretou; (2) os problemas próprios que qualquer obra póstuma suscita, especialmente considerando as particularidades do livro em questão; (3) a recente descoberta e publicação de manuscritos (até então desconhecidos) do próprio Saussure, que consequentemente viabiliza novas análises sobre a obra fruto dos editores; e (4) a antiga hipótese de que "o verdadeiro Saussure" não é devidamente representado no CLG.

A partir dessas várias possibilidades de direcionamento de pesquisa, algumas noções preliminares são necessárias para delimitar o objeto de estudo aqui representado, assim como sua correspondente justificativa.

Para evidenciar as condições de preparação do CLG, importa relembrar[4] que Saussure ministrou três *"Cursos de Linguística Geral"*: o primeiro em 1907 (de 16 de janeiro a 3 de julho), com seis alunos, entre os quais destacam-se Riedlinger e Caille; o segundo em 1908/1909 (da primeira semana de novembro a 24 de junho), com onze inscritos, nos quais figuram Riedlinger, Gautier, Bouchardy, Constantin e

---

[1] *[do fenômeno psicológico que denominamos linguagem]*

[2] Considerando que a maior parte dos textos pesquisados está em língua estrangeira, cada proposta de tradução será assinalada por TN (tradução nossa), sendo mantida sua respectiva versão original em nota de rodapé (conforme preveem as normas da PUC-Minas).

[3] No hay hoy lingüista que no le deba algo. No hay teoría general que no mencione su nombre.

[4] Dados presentes em Godel (1957, p. 15), De Mauro (1967, p. 353), Engler (1989, IX); e também no prefácio à edição brasileira do CLG (1973, p. XVI-XVII), escrito por Isaac Nicolau Salum (entre outras obras).

Patois; e o terceiro em 1910/1911 (de 29 de outubro a 4 de julho), com doze ouvintes, tendo como notáveis Constantin, Degallier, Joseph e Madame Sechehaye.

A partir desses três cursos, como é amplamente sabido, a obra intitulada *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria foi dada a Ferdinand de Saussure, corresponde a um texto póstumo organizado e editado por dois antigos alunos de Saussure – Charles Bally e Albert Sechehaye – tendo por base as anotações de alguns alunos ouvintes[5]. O que não é tão notório assim é o fato de que esses dois editores não assistiram a nenhum dos cursos de linguística geral ministrados por Saussure, tendo sido seus alunos apenas em outras disciplinas[6].

Cabe ressaltar que o fato de os editores não terem assistido a nenhum dos Cursos de Linguística Geral já é motivo suficiente para serem levantados vários questionamentos relacionados à edição do texto. Ademais, as críticas direcionadas ao CLG vão desde colegas dos editores, como por exemplo Riedlinger[7] que, em carta a Gautier[8], datada de 10 de novembro de 1957, pondera criticamente que "Bally, talentoso para a observação dos fatos linguísticos não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre" (BOUQUET, 2009, p. 165, TN)[9], até uma ampla literatura relacionada ao CLG, sendo retomadas sumariamente aqui algumas das mais importantes.

Como destacado no prefácio ao CLG, inicialmente, Bally e Sechehaye esperavam tomar unicamente as notas do professor para elaborar a obra sob seu nome; mas a quase completa ausência de rascunhos relacionados aos *Cursos* obrigaram os editores a redirecionarem o enfoque textual para os cadernos dos alunos. Observa-se, portanto, que a origem do texto em si mesma já indica dois aspectos problemáticos relacionados à segurança sobre as proposições presentes no CLG: o fato de os editores (1) não figurarem entre os inscritos de nenhum dos

[5] Conforme explicitado no capítulo 2.
[6] De acordo com De Mauro (1967), Bally foi aluno assíduo de Saussure entre os anos de 1893 a 1906 e Sechehaye entre os anos 1891-1893 (p.344). Nas páginas 353-354 o autor lista alguns dos inscritos nos três cursos de linguística geral, não figurando nem o nome de Bally nem de Sechehaye. Komatsu (1993, p. 06) também afirma que "eles não assistiram a seu curso de linguística geral."
[7] Albert Riedlinger, apontado no CLG como colaborador da obra, emprestou suas notas referentes aos cursos de 1907 e 1908/1909.
[8] Léopold Gautier, também emprestou suas notas referentes aos cursos de 1907 e 1908/1909.
[9] Citado anteriormente em: BOUQUET, CFS 51, 1998, p. 196: "Mais Bally, très doué par ailleurs pour l'observation des faits linguistiques, n'avait pás le sens philosophique de son maître."

Cursos de Linguística[10] e (2) tomarem os cadernos dos alunos como reprodução do pensamento do professor. Controvérsias à parte, a (dis) paridade das notas dos alunos ou a imprecisão dos conceitos descritos pelos editores evidenciam que o legado de Saussure é tão envolto de sutilezas quanto à própria concepção de língua enquanto objeto de investigação.

1.1 – Godel, De Mauro e Engler: as principais edições do CLG

Por meio da publicação de "Les sources manuscrites du cours de linguistique général de F. de Saussure", em 1957, Robert Godel apresenta a primeira grande confrontação do CLG em relação às fontes manuscritas que lhe inspiraram. De acordo com o autor,

> [...] a influência que sofreu a linguística moderna com a publicação da obra [CLG], as controvérsias que se levantaram sobre a base e a redação mesma de certos capítulos, as dúvidas às vezes levantadas sobre a fidelidade dos editores ao pensamento de F. de Saussure, tudo isso justifique, e talvez mesmo reclame, uma confrontação do *Curso* com suas fontes manuscritas. Tal é o objeto da presente obra. (GODEL, 1957, p.9, TN).[11]

Apesar de considerar esperada a apresentação dos resultados de sua pesquisa na forma de uma edição crítica ao CLG, ou na forma de introdução a uma possível edição dos manuscritos, Godel oferece ao público acadêmico uma análise das fontes manuscritas tanto de Saussure quanto de cadernos dos alunos. Em sua obra, após uma abordagem geral sobre as fontes referentes a cada curso ministrado, e um capítulo dedicado às particularidades referentes ao trabalho dos editores do CLG, desenvolve um capítulo maior dedicado ao que chama de problemas de interpretação[12].

---

[10] Se por um lado os editores não figurarem entre os inscritos dos cursos pode ser considerado um fator problemático para a edição do CLG, por outro, leva-nos a questionar se isso também não poderia ter contribuído para uma formulação relativamente neutra e objetiva dos fatos narrados.

[11] [...] l'influence qu'a eue sur la linguistique moderne la publication de l'ouvrage, les controverses qui se sont élevées sur le fond et la lettre même de certains chapitres, les doutes parfois émis sur la fidélité des éditeurs à la pensée de F. de Saussure, tout cela justifie, et peut-être même réclame, une confrontation du *Cours* avec ses sources manuscrites. Tel est l'objet du présent ouvrage.

[12] Assim organizados : 1. La question des indentités ; 2. Langue e Parole : Le phonème, Le phrase et le syntagme ; 3 La linguistique et ses subdivisions ; 4. Les entités de la langue : Le signe et ses caractères, Le principe de linéarité, La question des unités, Les termes et le système, La langue, système de valeurs.

De acordo com Godel (1957, p. 36), as anotações de Saussure referentes ao terceiro curso revelam-se ora completas, ora simplificadas. Na opinião do autor, Saussure redigia mais completamente as primeiras lições ou aquelas cujas temáticas eram menos contraditórias em si mesmas; enquanto apenas organizava esquemas, reflexões ou exemplos soltos referentes aos assuntos sobre os quais não havia "meditado suficientemente"[13], e portanto, hesitava colocá-los por escrito.[14]

De todo modo, os rascunhos e as anotações disponíveis na época representam apenas uma parte muito pequena do pensamento saussuriano, considerando que numerações no topo de algumas folhas indicavam uma possível organização pessoal do autor, o que revela gigantescas lacunas ou descontinuidades, de forma que "é naturalmente impossível avaliar a importância do que foi destruído ou perdido." (GODEL, 1957, p. 36, TN).[15]

Essa obra de Godel tornou-se paradigma para as demais produções referentes a Saussure, sendo amplamente retomada, tanto por seu caráter compilatório das fontes manuscritas, quanto por sua qualidade analítica de concepções contrapostas ao CLG.

Uma década depois, em 1967, Túlio De Mauro apresenta à comunidade acadêmica uma edição crítica detalhada do CLG. Para sua elaboração, cabe destacar o acesso que este teve às prévias da edição crítica de Engler que seria publicada apenas no ano seguinte. Conforme seus agradecimentos a Engler: "graças a sua intervenção a Harrassowitz, editor em Wiesbaden, a partir de 1964, foi-me permitido ver e utilizar as provas da edição de Engler." (DE MAURO, 1967, p. XVII, TN).[16]

Dentre a extensa bibliografia pesquisada pelo autor, importa destacar as muitas referências às *fontes manuscritas* de Godel, assim como os cadernos de Émile Constantin[17]. Quanto às influências orais, entre numerosos autores citados, destaca-se a gratidão aos esclarecimentos de Godel e às intervenções de Jakobson, assim como aos ensinamentos do italiano Pagliaro.

---

[13] [...] il n'avait pas eu le loisir de méditer suffisamment [...].
[14] Apesar de Godel expressar esses dois domínios referentes ao critério de anotação de Saussure, ele não oferece nenhum exemplo que corrobore essa afirmação.
[15] Il est naturellement impossible d'évaluer l'importance de ce qui a été détruit ou perdu.
[16] Grâce à son intervention l'éditeur Harrassowitz de Wiesbaden m'a dès 1964 permis de voir et d'utilizer les épreuves de l'édition Engler.
[17] Tais cadernos não foram disponibilizados aos editores do CLG.

O trabalho de De Mauro compõe-se por uma introdução de dezoito páginas, na qual apresenta sumariamente a biografia de Saussure, o contexto da elaboração do CLG, alguns conceitos saussurianos importantes, e os objetivos das partes dessa obra; em seguida, disponibiliza o CLG completo, de acordo com a paginação da edição francesa de 1922, acrescido de sinalização[18] às notas críticas; posteriormente desenvolve *notas biográficas e críticas,* nas quais expõe detalhadamente a vida e o contexto do autor, assim como um apêndice e um adendo nos quais expõe análises comparativas entre Saussure e outros estudos; por fim, comenta as trezentas e cinco notas apontadas ao longo do CLG, nas quais disponibiliza a transcrição de fragmentos saussurianos, assim como de cadernos de alunos, além de ponderações, acréscimos e explicações teóricas.

De acordo com o autor, de certa forma indo ao encontro da necessidade de teorização da linguística enquanto ciência[19], a personalidade e a obra saussurianas são envoltas por um cientificismo possivelmente herdado de sua tradição familiar; como ilustração, De Mauro retoma o final da *Autobiografia* de Darwin, no qual este:

> [...] descreve o comportamento científico como uma combinação bem dosada do ceticismo e da imaginação confiante: cada tese, mesmo a mais aceita, é considerada como uma hipótese; e cada hipótese, mesmo a mais estranha, é considerada como uma tese possível, suscetível de ser verificada e desenvolvida. Ferdinand de Saussure incorporou esse comportamento em linguística. (DE MAURO, 1967, p. II, TN).[20]

Assim sendo, considerando o limiar entre o aceitável e o hipotético no que tange à cientificidade da obra de Saussure e ao percurso metodológico por ele empreendido, De Mauro apresenta análises críticas às proposições do CLG a partir das fontes manuscritas (como Godel), além de oferecer ao leitor retomadas e referências a trabalhos e análises de uma vasta literatura saussuriana. Engler, por

---

[18] "Les chiffres mis en marge du texte de Saussure renvoient aux notes du commentaire." (DE MAURO, 1967, p. XVII)

[19] "Dizer que a linguística tende a tornar-se científica não é apenas insistir sobre uma necessidade de rigor, comum a todas as disciplinas. Trata-se, em primeiro lugar, de uma mudança de atitude em relação ao objeto, que se definirá por um esforço para formalizá-lo. Na origem dessa tendência, pode reconhecer-se uma influência dupla: a de Saussure na Europa e a de Bloomfield na América." (BENVENISTE, 1995, p.7)

[20] [...] dépeint le comportement scientifique comme une combinaison bien dosée de scepticisme et d'imagination confiante : chaque thèse, même la plus admise, est considérée comme hypothèse, et chaque hyphothèse, même la plus étrange, est considérée comme une thèse possible, susceptible d'être vérifiée et développée. Ferdinand de Saussure a incarné ce comportement en linguistique.

sua vez, caminha a uma direção diferente, uma vez que sua obra estrutura-se como uma possibilidade de organização das fontes manuscritas.

A edição crítica do CLG, tomo 1, publicada em 1968 por Engler[21], após um prefácio sucinto, apresenta todo o CLG com suas possíveis fontes em paralelo, sem acrescentar nenhuma análise ou comentário. Cada página é organizada em seis colunas[22], com os seguintes textos reproduzidos:

a) coluna 1 – Texto integral do CLG, recortado e numerado de 1 a 3281 com o objetivo de facilitar a orientação. Indica a paginação referente às edições francesas de 1922 e 1931 (2ª e 3ª, respectivamente);
b) colunas 2 a 5 – Notas dos três cursos ministrados por Saussure, retiradas de cadernos dos alunos ouvintes, a saber:
    - R – Albert Riedlinger – cursos I e II;
    - Ca – Louis Caille – curso I;
    - G – Léopold Gautier – curso II;
    - B – François Bouchardy – curso II;
    - C – Émile Constantin – cursos II e III;
    - D – George Dégallier – curso III;
    - S – Madame Sechehaye – curso III;
    - J – Francis Joseph – curso III.

    Além de três extratos dos cursos de:
    - morfologia (1909-1910), a partir dos cadernos de Albert Riedlinger;
    - fonologia (1909-1910), também de cadernos de A. Riedlinger;
    - Etimologia grega e latina: as famílias de palavras e os procedimentos de derivação (1911-1912), a partir dos cadernos de Louis Brütsch.
c) coluna 6 – Reagrupamento das notas pessoais de Saussure, com muitas referências à obra de Godel, com a ressalva de que os textos saussurianos sem ligação direta ao CLG foram reproduzidos no tomo 2 dessa edição crítica.

[21] Que fora consultada por De Mauro ainda no prelo.
[22] Ao final do prefácio, o autor explica detalhadamente as informações necessárias para se compreender a edição, aqui simplificadas.

Como visto, parte do trabalho de Engler relaciona-se diretamente ao de Godel, em relação ao qual aquele diz: “sem seus trabalhos preliminares, sua iniciativa e sua ajuda contínua, esta edição não poderia ter sido elaborada. Este livro é tanto dele quanto nosso, e nós não saberíamos suficientemente lhe expressar nossa gratidão.” (ENGLER, 1989, p. XII, TN).[23]

Vale destacar que, até hoje, nenhuma dessas três obras foi traduzida para o português, assim como não são facilmente encontradas nas bibliotecas das universidades brasileiras. Todavia, em 2004, Salum e Franco disponibilizaram em língua portuguesa a tradução dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG), organizados e editados por Bouquet e Engler, em 2002, com a colaboração de Weil. Essa obra concentra todos os rascunhos e as anotações do autor já apresentados por Godel, De Mauro e Engler, acrescidos de novos documentos descobertos em 1996 e reagrupados para essa publicação.

Além dessas três obras especificamente voltadas à consulta dos manuscritos (e muitas vezes a partir delas), há autores conhecidos que se dedicaram à crítica e à análise do CLG. Traduzidos para o português, pode-se destacar Calvet (1975), que elabora suas afirmações contra o Saussure apresentado no CLG e a favor daquele dos manuscritos[24]; Culler (1976), que explica as ideias do CLG; Bouquet (1997), que se propõe a apresentar um aparato para a compreensão de Saussure por meio de um cotejo do CLG e seus manuscritos; Normand (2000), na coletânea *Figuras do Saber*, que apresenta Saussure e suas controvérsias; e Arrivé (2007), que propõe uma “busca” por Saussure, tanto por intermédio da interpretação de seus escritos, quanto pela análise de seu inconsciente.

Quanto a escritores brasileiros, Carvalho (1976)[25] propõe um manual didático simplificado para se trabalhar as ideias do CLG, Rodrigues (1980) elabora uma introdução ao pensamento saussuriano considerando os manuscritos publicados, e Silveira (2007) estuda a influência saussuriana na fundação da linguística moderna, para a qual se debruça sobre os manuscritos saussurianos e, instrumentalizada pela psicanálise, considera a hipótese do inconsciente para a análise do CLG.

---

[23] Sans ses travaux préliminaires, son initiative et son aide continue, cette édition n’aurait pu être élaborée. Ce livre est autant le sien que le nôtre, et nous ne saurions assez lui dire notre gratitude.

[24] “Contra o Saussure do *Curso*, base de uma linguística estrutural estereotipada e incapaz de explicar fatos da língua na sua diversidade, mas a favor do Saussure ligado aos fatos linguísticos concretos, do Saussure da fala e não da língua.” (Calvet, 1977, p. 13).

[25] Em suas referências bibliográficas não figuram Godel, nem De Mauro, tampouco Engler.

Obviamente que as obras aqui citadas representam uma parcela ínfima de tudo o que já foi escrito e estudado sobre Saussure[26], entretanto, importou retomá-las como demonstração das principais perspectivas de abordagem dos estudos saussurianos e, consequentemente, como justificativa latente para o recorte adotado na presente pesquisa.

1.2 – Delimitação da pesquisa

Desse modo, a partir de uma abordagem cronológica e descritiva dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure, esta tese objetiva apresentar as escolhas do *professor* quanto à linha de desenvolvimento de cada curso, no que tange ao conteúdo, à ordem de apresentação temática e às possíveis evoluções teóricas. Para tanto, faz-se necessário descrever o conteúdo de cada curso ministrado, obedecendo a sua ordem de apresentação, para, em seguida, comparar os três cursos de forma a destacar repetições, omissões e acréscimos temáticos e/ou teóricos.

Uma vez que o desrespeito à ordenação cronológica dos temas apresentados por Saussure é uma das críticas centrais direcionadas ao CLG, esta pesquisa se propôs a apresentar uma retomada temático-cronológica de cada um dos três cursos que fundamentaram sua edição, colocando em evidência aspectos histórico-filológicos a eles relacionados. Posto isso, importa questionar até que ponto a ordenação escolhida por Saussure em cada curso difere daquela apresentada pelos editores, assim como de que forma as escolhas do professor revelam o direcionamento para a construção do conhecimento linguístico.

Considerando o acervo limitado nas bibliotecas brasileiras referente ao objeto deste estudo, destaca-se a suprema importância do estágio viabilizado pela Capes[27] para a consulta da bibliografia específica e dos manuscritos de Saussure e de seus alunos.

No contexto do estágio doutoral na Universidade de Genebra, o professor Antoine Auchlin (supervisor) reuniu um grupo de especialistas na temática saussuriana – Claire Forel (orientadora acadêmica), Alessandro Chidichimo e Louis

[26] Salientando-se que não é objeto dessa tese detalhar a bibliografia dos estudos saussurianos.
[27] Estágio de quatro meses na Universidade de Genebra, por intermédio da bolsa sanduíche – Programa de Doutorando no Brasil com Estágio no Exterior (PDEE) 2546-11-6.

de Saussure – para oferecer suporte e orientação no progresso das pesquisas. Durante o estágio, foi possível participar do "Séminaire sur les traductions anglaises du Cours de Linguistique Générale", ministrado pela professora Claire Forel na Universidade de Genebra, assim como das secções de outono do seminário "Saussure après un siècle: bilans et perspectives", ministrado pelos professores Louis de Saussure e Marie-José Béguelin na Universidade de Neuchâtel.

Para tornar esta tese exequível, optou-se por trabalhar com as transcrições disponíveis no mercado editorial, em lugar dos rascunhos propriamente ditos. Tal escolha deu-se por dois motivos principais: a dificuldade de acesso contínuo aos manuscritos, ligada ao rigoroso controle de sua reprodução; e a constatação, após a comparação dos manuscritos com suas respectivas transcrições, de que as diferenças existentes não são suficientemente significativas para a discussão aqui proposta.

Quanto às obras coordenadas por Eisuke Komatsu (1993 e 1997) – nas quais ele oferece a transcrição integral dos cadernos dos alunos Riedlinger, para os cursos I e II; Patois, para o curso II, e Constantin, para o Curso III –, vale destacar o valor de seu trabalho em oferecer ao público uma transcrição completa que viabiliza um melhor acesso às notas dos alunos de Linguística Geral. Se por um lado o resultado apresentado possui aspectos criticáveis (como por exemplo, não explicitar os processos de rasura e possuir alguns equívocos), por outro, merece crédito em virtude de sua dimensão.

Apesar do valor do trabalho de Komatsu, é patente a necessidade de novas propostas de transcrição, consoantes às que têm sido publicadas nos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (CFS)[28], como produto de trabalhos já em andamento na Universidade de Genebra. No presente recorte teórico, elas não serão abordadas porque levariam a um deslocamento dos objetivos da pesquisa.

Feita a devida ressalva, por intermédio dos textos estabelecidos Komatsu faz-se possível descrever e analisar as anotações de aula na perspectiva dos alunos em contraposição às próprias anotações do professor. Sabendo-se que, enquanto os cadernos dos alunos apresentam uma linearidade cronológica, as notas do professor serão tomadas do ELG, edição de alfarrábios com mais de dez mil folhas de notas e

[28] Como, por exemplo, os textos estabelecidos por, Bouquet (1997) e por Chidichimo e Gambarara (2008), os quais tentam reproduzir ao leitor as partes cortadas, as substituições, os locais de acréscimos. Algumas reconstruções podem ser encontradas em http://www.revue-texto.net/Saussure/

rascunhos de Saussure, cuja organização – dos textos avulsos – não apresenta datação.

Junto à apresentação descritiva dos três cursos de linguística geral, principal objetivo desta pesquisa, esta tese também se propõe, secundariamente, a discutir a edição do CLG em comparação com esses cursos e a investigar os conceitos de língua, de fala, de signo e de valor, acrescidos do lugar do sujeito falante na perspectiva saussuriana, a partir de um cotejo analítico entre os cadernos dos alunos, o CLG e as anotações de Saussure.

Na busca de atender aos objetivos propostos, esta obra organiza-se em oito capítulos, sendo este prólogo o primeiro e o epílogo o sétimo. O capítulo II versa sobre os percursos de Saussure: inicialmente abrange seus primeiros estudos, sua vida acadêmica e seu professorado em Paris; em seguida, discorre sobre o contexto pelo qual ele retorna à Universidade de Genebra, apresentando as três primeiras conferências ministradas ali; e, por fim, oferece um esboço do mecanismo de elaboração do CLG.

No capítulo III é descrito o primeiro curso de linguística geral, ministrado em 1907, no qual, em uma secção preliminar, o professor introduz o curso e analisa os erros da linguística praticada até então; em seguida apresenta uma introdução à fonologia; logo após, já dentro de uma abordagem da linguística, são discutidas as evoluções fonéticas, as mudanças analógicas, a história da família de línguas indo-europeias, finalizando com o método reconstrutivo e seu valor.

O capítulo IV aborda o segundo curso de linguística geral, desenvolvido nos semestres de inverno de 1908 e de primavera de 1909, no qual são discutidas generalidades, como a determinação do objeto da linguística e suas consequentes dualidades; em seguida, apresenta a distinção entre as leis sincrônicas e diacrônicas, e suas respectivas características; a partir da abordagem dessas leis são apresentados separadamente o campo sincrônico e o campo diacrônico nos estudos linguísticos; culminando com uma visão geral sobre a linguística-indo-europeia e sua influência sobre os estudos da linguística geral.

O terceiro curso de linguística geral (1910/1911) ministrado por Saussure é descrito no capítulo V, de modo que a organização interna desse último curso é mais clara que os anteriores, sendo apresentado em duas partes distintas. A primeira parte versa sobre *as línguas*, contemplando a diversidade geográfica, seu entrecruzamento e suas causas; apresenta também a representação da língua pela

escrita e noções gerais de fonologia. A segunda parte aborda *a língua* enquanto uma abstração, ao que tange à língua separada da linguagem; à natureza do signo linguístico; às entidades concretas e abstratas; e à arbitrariedade da língua. Em seguida, o professor propõe um remanejamento de capítulos, com o acréscimo das dicotomias língua e fala, significante e significado, linguística estática e linguística histórica, finalizando com destaque e desenvolvimento da linguística estática.

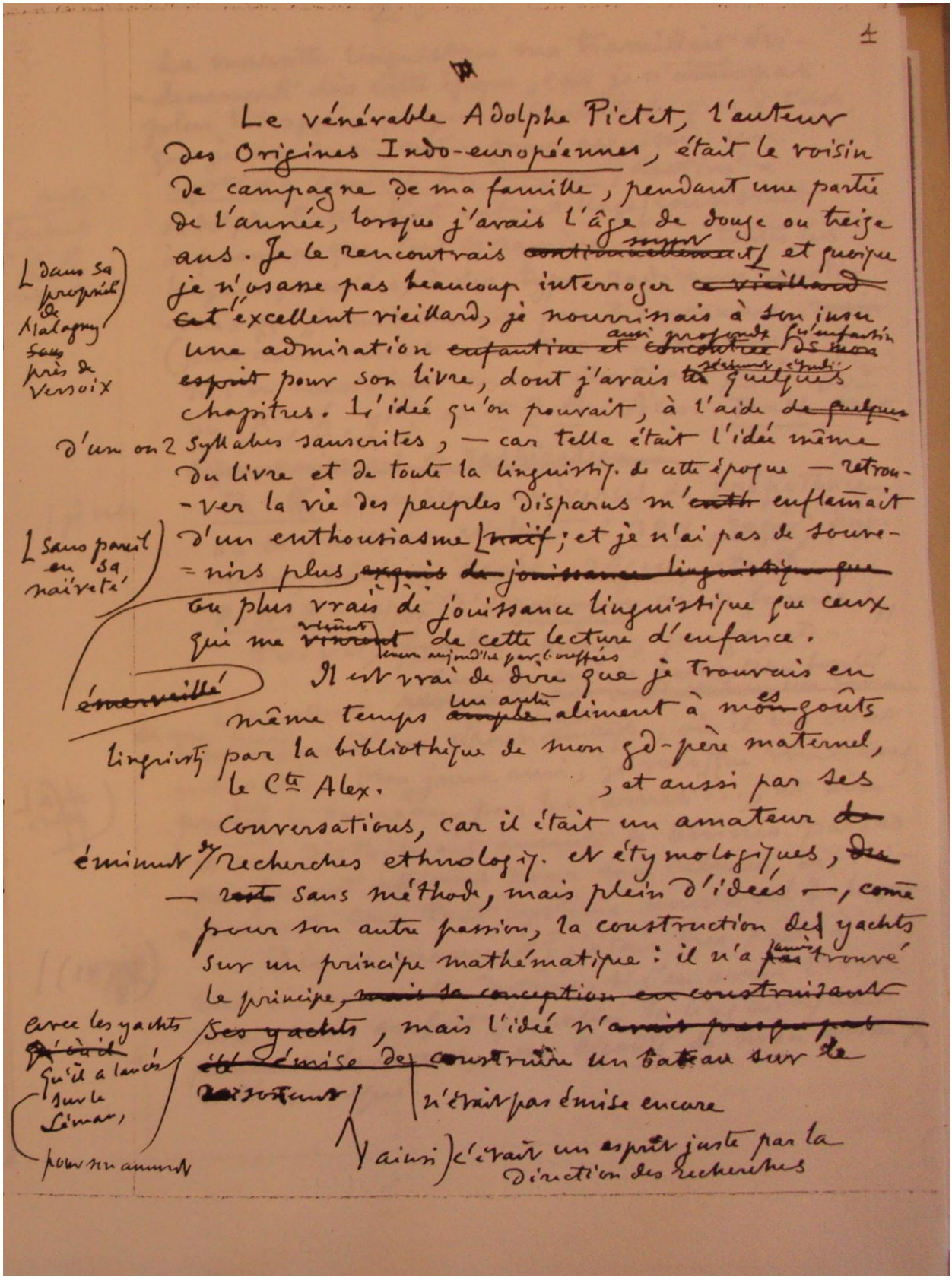
No capítulo VI é proposto um cotejo analítico por meio do qual são comparadas as abordagens dos três cursos, destacando, de modo objetivo, as progressões temáticas e as variações de abordagens; em seguida, são apresentadas reflexões concernentes aos problemas e às particularidades da edição do CLG.

O capítulo VII retoma as noções de língua, de fala, de signo e de valor na perspectiva saussuriana, apresentando uma breve discussão da abrangência de cada termo nos três diferentes cursos ministrados e, finalmente, evidencia a percepção do sujeito falante como constituinte fundamental nas proposições de Saussure.

No epílogo (cap. VIII), intitulado de “o retorno aos estudos saussurianos”, é apresentada uma síntese dos movimentos teóricos de retomada dos estudos saussurianos, seguida de um retrospecto dos objetivos da tese e a projeção de novas possibilidades de pesquisa.

Cabe destacar que a proposta dos capítulos III, IV e V é apresentar de forma sucinta, porém completa, uma descrição transparente e sem intervenções analíticas, de modo que algumas observações ou projeções de discussão foram feitas em caixas de texto, como uma forma de hipertexto: ora comentando a temática em questão (caixas verdes) e ora indicando posterior desenvolvimento (caixas em lilás).

RECIT AUTOBIOGRAFE



Le vénérable Adolphe Pictet, l'auteur des Origines Indo-européennes, était le voisin de campagne de ma famille, pendant une partie de l'année, lorsque j'avais l'âge de douze ou treize ans. Je le rencontrais [illegible] et quoique je n'osasse pas beaucoup interroger [illegible] cet excellent vieillard, je nourrissais à son insu une admiration [illegible] pour son livre, dont j'avais [illegible] quelques chapitres. L'idée qu'on pourrait, à l'aide [illegible] d'une ou 2 syllabes sanscrites, — car telle était l'idée même du livre et de toute la linguistiq. de cette époque — retrou-ver la vie des peuples disparus m'[illegible] enflammait d'un enthousiasme [illegible]; et je n'ai pas de souve-nirs plus [illegible] que ceux qui me [illegible] de cette lecture d'enfance.

Il est vrai de dire que je trouvais en même temps [illegible] aliment à mes goûts linguistq par la bibliothèque de mon gd-père maternel, le Cte Alex. , et aussi par ses conversations, car il était un amateur [illegible] éminent [illegible] recherches ethnologiq. et étymologiques, [illegible] — [illegible] sans méthode, mais plein d'idées —, comme pour son autre passion, la construction des yachts sur un principe mathématique : il n'a [illegible] trouvé le principe, [illegible] ses yachts, mais l'idée n'[illegible] [illegible] de construire un bateau sur le [illegible] n'était pas encore mise [illegible] ainsi) c'était un esprit juste par la direction des recherches

L dans sa propriété de Malagny près de Versoix

L sans pareil en sa naïveté

émerveillé

avec les yachts qu'il a lancés sur le Léman, pour son amusement

2. PERCURSOS DE SAUSSURE

> *A primeira coisa a dizer é, portanto, que ainda se lê o CLG. (GADET, 1987, p. 5, TN).*[29]

Dentro das teorias linguísticas, abordar Saussure é uma tautologia lógica e esperada, seja por compor a vanguarda da época com seus posicionamentos linguísticos, seja pelas repercussões póstumas de seus cursos ou pela metodologia de ensino de suas aulas. O fato é que o legado saussuriano ainda provoca indagações, havendo até hoje tanto a se investigar. O CLG, sabidamente obra póstuma fruto de anotações de alunos, é considerado o marco que separa a teoria linguística moderna dos estudos comparatistas das línguas feitos até o século XIX. Para compreender melhor quem foi Saussure, importa resgatar sua biografia, principalmente no que tange aos seus interesses, às suas pesquisas e à sua trajetória profissional.

2.1 – Do aluno ao professor em Paris.[30]

Nascido aos vinte e seis de novembro de 1857, filho do entomologista Henri de Saussure e da nobre Louise de Saussure-de-Pourtalès, Ferdinand Mongin de Saussure é o primogênito entre oito irmãos. Sua ascendência[31] é composta por nobres da aristocracia genebrina e intelectuais das áreas de educação, de ciências naturais, de ciências exatas, de literatura, entre outras.

Muito cedo se aproxima dos estudos sobre as línguas, uma vez que em torno de seus quatorze[32] anos esboça um *sistema geral da linguagem,* o "Ensaio sobre as línguas", direcionado a Adolphe Pictet[33], conhecido escritor e linguista genebrino, que fora vizinho da casa de campo de sua família[34]. Em um memorial, escrito em 1903, atendendo a um pedido feito pelo professor e colega Streitberg, Saussure recupera o contexto dessa experiência:

---

[29] *La première chose à dire est donc bien qu'on lit encore le CLG.*
[30] Informações biográficas organizadas à partir de De Mauro (1967); Gadet (1987) e Fehr (2000)
[31] DE MAURO, 1967, p. 319-322 e FEHR, 2000, p. 232-234.
[32] As datações históricas não são exatas nos estudos sobre Saussure. Em seus *Souvenirs*, Saussure afirma que tal ocorre quando ele tem entre 11 e 12 anos; entretanto, CANDAUX (1974-1975) contesta tal afirmativa.
[33] Autor de *Les origines indo-européennes* (1859) e *De l'affinité des langues celtiques avec le Sanscrit* (1837).
[34] CANDAUX, 1974-1975.

> [...] eu me senti maduro para esboçar um *sistema geral da linguagem,* destinado a Adolphe Pictet. Essa infantilidade, tanto quanto me lembro, consistia em provar que tudo se reduz, em todas as línguas possíveis, aos radicais imediatamente constituídos por três consoantes [...]. O excelente sábio teve a particular bondade de me fazer uma resposta escrita, na qual ele me dizia, entre outras coisas: "Meu jovem amigo, vejo que você tomou o touro pelos chifres", e me distribuiu em seguida boas palavras que foram eficazes para acalmar-me definitivamente sobre um sistema universal da linguagem. (SAUSSURE, CFS 17, 1960, p. 16-17, TN).[35]

Apesar de receber "boas palavras" por escrito do grande linguista, acompanhando a análise crítica de suas ponderações, Saussure afirma que esquece a linguística por dois anos "bastante desgostoso com seu ensaio falho". Acerca desses primeiros estudos, De Mauro[36] retoma o julgamento do próprio Saussure sobre seu interesse pela paleontologia linguística e pela etimologia como sendo um "entusiasmo ainda infantil".

Surpreendentemente, para o atual senso comum sobre o grande linguista, entre os anos 1875 e 1876 – seguindo a tradição familiar – ele matricula-se na Faculdade de Ciências Humanas e Naturais da Universidade de Genebra, na qual estuda química e física durante dois semestres. Entretanto, ainda em 1876, volta-se para seus interesses originais passando a integrar a *Société linguistique de Paris* em 13 de maio, e em outubro matricula-se no curso de Filologia da Universidade de Leipzig.

Aos vinte anos, então aluno de filologia em Leipzig, em sua primeira entrevista com o professor Hübschmann (professor de persa antigo), é questionado se leu um artigo publicado por Brugmann sobre as sonantes nasais; qual não é sua surpresa observar a repercussão da "descoberta de Brugmann", por ele constatada três anos antes, a que considerou como "uma espécie de verdade elementar". Em suas palavras:

> Quase sem acreditar em meus ouvidos, já que na primeira entrevista que eu tive com um cientista [da linguagem] alemão, ele apresentou-me como uma

[35] [...] je me sentis mûr pour esquisser un *système général du langage*, destiné à Adolphe Pictet. Cet enfantillage, autant que je me le rappelle, consistait à prouver que tout se ramène, dans toutes les langues possibles, à des radicaux constitués immédiatement par trois consonnes [...]. L'excellent savant eut la particulière bonté de me faire une réponse écrite, où il me disait entre autres : « Mon jeune ami, je vois que vous avez pris le taureau par les cornes... », et il me distribuait ensuite de bonnes paroles qui furent efficaces pour me calmer définitivement sur tout système universel de langage.

[36] Saussure lui-même parle des conversations qu'il eut avec le vieux savant, de son enthousiasme encore infantile pour la paléontologie linguistique et pour l'étymologie [...] (DE MAURO, 1967, p, 322).

> conquista científica algo que eu havia considerado há três anos e meio como uma espécie de verdade elementar da qual eu não ousei falar como um conhecedor profundo, provavelmente, eu disse timidamente ao Professor Hübschmann que tal [conquista] não me parecia muito extraordinária ou nova. (SAUSSURE, CFS 17, 1960, p. 21, TN).[37]

A descoberta de Saussure a que ele creditou como "essa verdade elementar" versa sobre a transformação fonológica n = α, em um ambiente entre consoantes, ocorrendo somente em conjugações de 3ª pessoa do plural. Tal percepção se deu após a leitura de um texto de Hérodote, no qual ele percebeu, pela primeira vez, a variação escrita de n = a. Paul Bouissac detalha essa descoberta:

> Aos 16 anos, Saussure, espontaneamente, desenvolveu uma teoria fonética que defendia que há um contínuo ininterrupto entre os sons *n* e *a* e que *n* poderia se tornar *a* em ambientes consonantais específicos. Os exemplos que o levaram a essa conclusão eram dois verbos gregos em dois diferentes modos e pessoas: de um lado, *legometa* (nós dizemos) e *lego**n**tai* (eles dizem) e, de outro lado, *tetagmeta* (nós organizamos as coisas) e *tetach**a**tai* (eles organizaram as coisas) demonstram que *–meta* é a finalização de um verbo na primeira pessoa do plural e *–ntai* é a marca de terceira pessoa do plural. Portanto, seria de se esperar que o último fosse *tetachntai*. Nessas posições peculiares, o *n* se torna vocalizado como o *a.* (BOUISSAC, 2012, p. 69-70).

Após essa constatação, ele dedicou-se a analisar verbetes paralelos e percebeu uma grande regularidade da ocorrência e, consequentemente, acreditou estar vendo algo já discutido pelos estudos da língua. Importa destacar que, de acordo com Godel (na apresentação da transcrição dos *Souvenirs*), a decepção em relação às sonantes nasais acompanhou Saussure por muito tempo, ao passo que este pondera talvez não ter dado a devida atenção ao fenômeno observado, pois "havia reconhecido por seu infeliz *Ensaio sobre as línguas* que era preciso seguir uma autoridade e não se meter a fazer teorias pessoais".

De todo modo, enquanto estudante, muito cedo aprende latim, alemão, inglês e grego, e posteriormente sânscrito (autodidata). Em Leipzig, cursa disciplinas dedicadas a línguas, como persa antigo, celta, eslavo, lituano; em Berlim[38], cursa sânscrito e celta e tem seus primeiros contatos com Whitney. Seu mestrado é concluído com o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-*

[37] N'en croyant presque pas mes oreilles, puisque dans la première entrevue que j'avais avec un savant allemand, il me présentait comme une conquête scientifique ce que j'avais considéré depuis trois ans et demi comme une espèce de vérité élémentaire dont je n'osais parler comme étant trop connue probablement, je <dis> timidement à M. Hübschmann que cela ne me semblait pas bien extraordinaire ou neuf

[38] De julho de 1878 até o final de 1879.

européennes (1879); e no ano seguinte, recebe o título de doutor em filosofia, com a tese *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit (1880)*, "com os quais ganhou notoriedade entre os indo-europeístas e os indo-germanistas" (MILANI, 2009, p.55). Sobre esse período como aluno na Alemanha, De Mauro destaca alguns dos conflitos sofridos pelo jovem linguista:

> Imediatamente, ou quase, aparece certa tensão entre Saussure e os jovens professores alemães de Leipzig: o arrependimento persistente pelo problema das soantes nasais, as primeiras insinuações de Osthoff, seguida pela dura polêmica causada por este que progride até o insulto, contra Saussure e contra Möller, a conspiração do silêncio que acolhe o *Mémoire*, configuram todos sintomas [dessa tensão]. (DE MAURO, 1967, p. 327, TN).[39]

Já doutor, no outono de 1880, fixa residência em Paris e matricula-se no início do ano seguinte na École Pratique des Hautes Études, onde cursa a disciplina ministrada por Michel Bréal, além das disciplinas de iraniano (com James Darmesteter), de sânscrito (com Abel Bergaigne) e de filologia latina (com Louis Havet). Em trinta de outubro de 1881 é nomeado por unanimidade como "mestre de conferências de gótico e de antigo alto-alemão"[40], pela indicação de Michel Bréal, cargo que exercerá até 1891, com um ano de interrupção (1889-1890) por meio de uma licença.

No período em que ocupa a cadeira em Paris, Saussure ministra diversas disciplinas: nos primeiros oito anos, dedica-se por vários semestres ao gótico e ao antigo alto-alemão, assim como às suas respectivas gramáticas, além da gramática comparada de antigos dialetos germânicos, o ensino de seus vocalismos e do vocalismo anglo-saxão. A partir de 1888, ministra a disciplina de gramática comparada do grego e do latim, e a gramática histórica dessas línguas; além de uma introdução ao estudo da língua lituânia (acredita-se que durante esse período, em Paris, tenha trabalhado em um manuscrito bastante volumoso sobre fonética).

Suas produções intelectuais demonstram bastante precisão, de modo que sempre busca elaborar um apanhado teórico-histórico do objeto de estudo em questão, para, a partir disso, inserir suas ponderações, contestações e colaborações

---

[39] Tout de suite ou presque apparaît une certaine tension entre Saussure et les jeunes professeurs allemands de Leipzig : le regret persistant pour le problème de la *nasalis sonans*, les premières insinuations de Osthoff, puis la dure polémique engagée par celui-ci, est poussée jusqu'à l'insulte, contre Saussure et Möller, la conjuration du silence qui accueille le *Mémoire,* en sont autant de symptômes.

[40] Ver Décimo (1995, p. 75) e Fehr (2000, p. 236).

reflexivas. Tal característica é citada por vários estudiosos, como Milani, para quem Saussure "era um leitor extraordinário, com uma disposição para o trabalho muito além do que se poderia chamar de dedicação: sua maneira de trabalhar era quase obsessiva [...]". (MILANI, 2009, p. 57). De sorte que é possível observar suas qualidades de cientista refletidas em sala de aula: De Mauro retoma relatos de alunos, como o de Muret, sobre esta época de professor em Paris:

> Ele... lecionou por dez anos com um brilho e uma autoridade incomparáveis e, entre tantos mestres eminentes, foi um dos mais influentes e dos mais amados. Admirávamos em suas lições a informação ampla e sólida, o método rigoroso, as visões gerais aliadas ao detalhamento preciso, a fala de uma clareza, de uma fluência e de uma elegância soberana. Passados já trinta anos, lembro-me disso como um dos maiores prazeres intelectuais que experimentei em minha vida. (MURET transcrito em DE MAURO, 1967, p. 336, TN).[41]

Além de ser reconhecido em sua prática pedagógica, Saussure é bastante ativo nessa época no meio linguístico: em 1882 é nomeado secretário adjunto da *Societé de linguistique de Paris*, sendo-lhe confiado, portanto, o cargo de redator chefe das *MSLP (Mémoires de la Société de linguistique de Paris)*, em adição ao registro protocolar das sessões do grupo. Por ocasião de seu cargo, é responsável por várias comunicações, pela redação de notas, elaboração de críticas e produção de memoriais.

Em junho de 1891, em carta destinada a Gaston Paris[42], Saussure pede, por questões pessoais, demissão da Escola de Altos Estudos, como o mesmo afirma em carta datada de 14 de junho: "as circunstâncias que me fizeram decidir são, o senhor o sabe, todas pessoais" (SAUSSURE, CFS 48, p. 78, TN)[43]; acrescentando, ainda, gentil pesar sobre o período que lá passara: "[...] seria difícil expressar os sentimentos com os quais eu paro de ensinar sob sua amada e respeitada direção." (SAUSSURE, CFS 48, p. 78, TN).[44]

---

[41] Il... enseigna pendant une dizaine d'annés avec un éclat et une autorité incomparables et, parmi tant de maîtres éminents, fut l'un des plus écoutés et des plus aimés. Nous admirions dans ses leçons l'information large et solide, la méthode rigoureuse, les vues générales alliés au détail précis, la parole d'une clarté, d'une aisance et d'une élégance souveraine. Depuis trente ans écoulés, il m'en souvient comme de l'une des plus grandes jouissances intellectuelles que j'ai éprouvées en ma vie.

[42] Então presidente da *IV^e^ section des Sciences Historiques et philologiques* da *École pratique des Hautes Études.*

[43] Les circonstances qui me décident son, vous le savez, toutes personnelles.

[44] [...] il me serait difficile de dire les sentiments avec lesquels je cesse d'enseigner sous votre direction aimée et respectée.

2.2 Retorno à Genebra

Correspondências, datadas do final da época em que tirou licença da Escola de Altos Estudos, revelam um Saussure um pouco insatisfeito com sua realidade, triste pelas perdas de alunos e amigos queridos e já decidido a repatriar-se à Genebra. Sua irmã, Teodora de La Rive, procura animá-lo desejando-lhe que "este [ano] seja, enfim, uma nova era."[45]; ao passo que, segundo Reboul (2010, p. 223), seu pai, em carta de felicitação de ano-novo, talvez já refira-se à possibilidade de sua nomeação à Universidade de Genebra em janeiro de 1891.

Fabienne Reboul escreve um artigo dedicado aos detalhamentos do retorno de Saussure à Genebra, no qual afirma que "evocou-se sua nomeação à Universidade como uma simples formalidade pela família, uma vez vencidas as resistências do sábio, satisfeito com sua carreira parisiense." (REBOUL, 2010, p.217, TN).[46] Entretanto, Reboul apresenta as dificuldades relacionadas à criação dessa cadeira específica dedicada a Saussure, uma vez que tal criação ultrapassava os limites acadêmicos.

Entre às questões específicas relacionadas a essa possibilidade, o processo de criação de cadeira de professor envolvia tanto a gestão universitária quanto o senado. No contexto específico de 1891, a Faculdade de Letras de Genebra realizou, em quinze de junho, uma sessão na qual demandava um pré-aviso para a criação de três novas cadeiras: (1) gramática comparada de línguas românicas, (2) gramática comparada de línguas indo-europeias (pleiteada por Saussure), e (3) estética e metodologia. Conforme retoma Reboul,

> O processo de preparação previa uma solicitação para o DIP (Departamento de Instrução Pública) da reitoria, que transmitia para a Faculdade concernente à qual se dava um pré-aviso. Em seguida, o escritório da Universidade (composto pelo reitor, o vice-reitor, o secretário e os decanos) deliberava o seu [pré-aviso], enfim, o Senado Universitário reenviava ao Departamento o pré-aviso definitivo. A bola passava às mãos da política. (REBOUL, 2010, p. 218, TN).[47]

[45] [...] ce sera enfin une ère nouvelle. (BGE *AdS 367 f. 261*). REBOUL, CFS 62, 2010, p. 236.
[46] On a evoque sa nomination à l'Université comme une simple formalité pour la famille, une fois vaincues les résistences du savant, satisfait de sa carrière parisienne.
[47] Le processus de concertation prévoyait une sollicitation par le DIP (Département de l'Intruction Publique) du rectorat, qui transmettait à la Faculté concernée laquelle donnait un préavis. Ensuite, le bureau de l'Université (composé du recteur, du vice-recteur, du secrétaire et des doyens) délivrait le sien enfin le Sénat Universitaire renvoyait au Département le préavis définitif. La balle passait aux mains du politique.

No dia 20 de junho, a faculdade de Letras, em sessão, adia a solicitação de criação da cadeira de estética e metodologia, confirmando somente as solicitações das outras duas cadeiras, por meio de votação. Aos vinte e dois do mesmo mês, o Senado Universitário confirma o pré-aviso e o envia aos deputados; quando, aos vinte e oito de setembro, é apresentado o projeto ante o Grande Conselho (espécie de câmara de deputados) que o encaminha a uma comissão de análise. Encerrando o processo legal, em 03 de outubro de 1891 a comissão apresenta parecer favorável para a criação das cadeiras de línguas românicas e de línguas indo-europeias no Departamento de Letras, e enfim, o conselho vota e aprova a solicitação por unanimidade, conforme indicado pela comissão. Aos 17 de outubro, o Senado Universitário nomeia Muret como professor ordinário de línguas românicas e Saussure como professor extraordinário de História e Comparação de línguas indo-europeias.

Saussure inicia suas atividades na Universidade de Genebra no dia 06 de novembro de 1891. Importa destacar que a universidade oferecia esporadicamente conferências abertas ao público (gratuitas), que eram como atividades extras aos cursos regulares apresentados em seu programa anual. De acordo com Chidichimo (2010a), em análise dos avisos no Jornal de Genebra, pode-se concluir que seu discurso era direcionado unicamente aos alunos matriculados e ouvintes.

Posto isso, estão conservados na Biblioteca de Genebra[48], anotações preparatórias que se acredita serem relativas às três primeiras conferências (aulas) de Saussure na Universidade de Genebra, tais documentos foram transcritos por Engler e publicados integramente pela primeira vez no quarto fascículo da edição crítica do CLG por Engler (aqui denominada CLG/E) e posteriormente no livro intitulado *Escritos de Linguística Geral* (126-150 da tradução em português - ELG), organizado e editado por Bouquet e Engler[49].

Considerando que um dos objetivos desta pesquisa é reconstruir as escolhas de ensino do professor Saussure, são retomados aqui o conteúdo apresentado, assim como a ordem e a perspectiva escolhidas em cada uma dessas conferências.

[48] Departamento de Manuscritos, sob o código Ms. Fr. 3951/1

[49] Em nota de rodapé, Chidichimo (2010a, p. 259, nota 7), apesar de referenciar Engler, afirma utilizar transcrições feitas por ele próprio, uma vez que as de Engler apresentam algumas falhas em relação aos manuscritos, assinalando a necessidade de uma revisão dessas. Conforme dito no prólogo desta tese, após análise dos manuscritos, observamos que as diferenças existentes não são significativas para a nossa discussão, apesar de concordarmos com a necessidade tanto de revisão das transcrições, como de diferente apresentação das mesmas.

2.2.1 – Primeira Conferência na Universidade de Genebra

Com a disciplina intitulada *Gramática Comparada do Grego e do Latim*, a primeira conferência ministrada por Saussure na Universidade de Genebra organiza-se tanto de forma introdutória, quanto de forma a desfazer antigos equívocos. Dizendo-se honrado por inaugurar a cadeira de *História e Comparação de Línguas Indo-europeias*, inicia sua fala sobre a complexidade temática a que a disciplina poderia levá-los, levantando questões sobre a utilidade desse conhecimento, assim como de sua real necessidade sobre as outras ciências: "[...] vocês pensam seriamente que o estudo da linguagem teria necessidade, para se justificar ou para se desculpar por existir, de provar que é útil às outras ciências?" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 127). Assim, por intermédio da indagação discursiva, apresentava indiretamente a complexidade e as contradições referentes às justificativas das ciências.

Sem responder diretamente à questão, o professor discute o fator injustificado da mesma, argumentando que não se espera das ciências em geral um papel fornecedor (de utilidade) em relação às demais; antes, cada uma ocupa-se com seu objeto próprio, atendendo a interesses específicos. Cabendo saber, portanto, se "vale ou não a pena estudar, em si mesmo, o fenômeno da linguagem", uma vez que é preciso refletir sobre uma demanda básica: "pode-se considerar a linguagem ou a língua como um objeto que pede, por si mesmo, esse estudo?" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 128).

Assinalando o papel definidor da linguagem humana na constituição do homem social e individual, a última indagação torna-se indiscutível. Compete, então, retomar o ponto pelo qual "o estudo da linguagem como fato humano está todo ou quase todo contido no estudo das *línguas*." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 128). Destaca-se, a partir dessa reflexão, que linguagem e língua (enquanto idioma) são intrinsecamente ligadas, de forma que uma implica a outra, sendo utópico estudar linguagem sem saber línguas e vice-versa. Assim sendo, em uma retomada aos estudiosos da época, é feita a seguinte ressalva:

> Não são linguistas como Friedrich Müller, da Universidade de Viena, que abraçam quase todos os idiomas do globo, que fazem avançar o conhecimento da linguagem; mas os nomes que deveriam ser citados,

> neste sentido, seriam nomes de romanistas, como Gaston Paris, Paul Meyer, Schuchardt, nomes de germanistas como Hermann Paul, nomes da escola russa que se ocupam especialmente do russo e do eslavo, como N. Baudouin de Courtenay, Kruszewski. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 129).

Tal assertiva estrutura a noção que o mestre acrescenta em continuidade, a de que o conhecimento de língua desenvolve-se enquanto construção histórica, portanto, importa mais conhecer profundamente um conjunto de línguas afins – ligadas por sua história – do que conhecer "todas"[50] as línguas sem relacioná-las ao tempo e ao espaço.

A compreensão e o desenrolar da perspectiva histórica das línguas é bastante evidente nos dias atuais, entretanto, apesar das conhecidas proposições de Max Müller e de Schleicher na época, a concepção de que a ciência da linguagem fazia parte das ciências naturais ainda pairava sobre o imaginário acadêmico, sob a égide de que as línguas nascem, crescem e morrem; como um fenômeno orgânico. Destacou-se, então, que

> "[...] quanto mais se estuda a língua, mais se chega a compreender que *tudo* na língua *é história*, ou seja, que ela é um objeto de análise histórica e não de análise abstrata, que ela se compõe de *fatos* e não de *leis*, que tudo o que parece *orgânico* na linguagem é, na realidade, *contingente* e completamente acidental." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 131).

Dentro desse contexto, Saussure expande o argumento da continuidade linguística no âmbito do movimento histórico, em detrimento de um suposto desenvolvimento natural e orgânico; explicitando o caráter acidental (imotivado e arbitrário) que acompanha a história de cada língua. Para refutar esse pensamento naturalista, ele retoma:

> Lê-se em umas das primeiras páginas de uma obra de Hovelacque sobre a linguística: A língua nasce, cresce, definha e morre, como todo ser organizado. Essa frase é absolutamente típica da concepção tão difundida, mesmo entre os linguistas, que é combatida à exaustão e que levou diretamente a fazer da linguística uma ciência natural. Não, a língua não é um organismo, ela não é uma vegetação que existe independentemente do homem, ela não tem uma vida que implique um nascimento e uma morte. Tudo é falso na frase que li [...]. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 135).

Observa-se, aqui, o estabelecimento categórico de limites e de fronteiras para a concepção das línguas, assim como a negação peremptória de que essas

[50] Em óbvio sentido hiperbólico.

possuem vida própria e desenvolvimento independente do ser e da sociedade. Consequentemente, compreender seus movimentos de transformação implica estudar a história da sociedade na qual estão inseridas.

O fato indubitável e evidente de que há sucessão (como latim-português) pode gerar a ideia da existência de línguas distintas, entretanto, "[...] cada indivíduo emprega, no dia seguinte, o mesmo idioma que falava no anterior e é isso que sempre se observa." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 133). Desse modo, o português atual não *vem* do latim, mas *é* o latim modificado no tempo e no espaço. Não é possível determinar a data de morte de uma e a data de nascimento de outra, antes, pode-se apenas verificar historicamente as continuidades e as modificações. A morte de uma língua só ocorre como resultado de uma força externa – guerras ou catástrofes naturais – nunca como resultado dos fatos de linguagem.

Ao retomar a afirmação de que "a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, ela se diferencia ou se diversifica no espaço" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 132), é interessante observar, nessa aula de 1891, aspectos que seriam desenvolvidos mais de uma década depois, sob as estruturações das linguísticas sincrônica, diacrônica e geográfica.

Todavia, para a primeira conferência, o professor sublinha a necessidade de seccionar tais fenômenos e tratá-los em sessões distintas. Nesta conferência introdutória, ele destaca e expande o *princípio da continuidade*, pelo qual, toda língua possui uma história na qual se pode observar o acúmulo de dados e de informações delimitadas por sua datação específica. Em suas palavras:

> [...] só me será possível abordar, nesta reunião, o primeiro ponto principal a ser colocado; é o princípio da *continuidade* no tempo; em nossa reunião de terça-feira, vamos examinar o princípio que é a sua contrapartida, o da *transformação* no tempo. Depois, do mesmo modo, consideraremos o que se pode dizer dos princípios da *continuidade* no espaço e da *divergência* no espaço (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 132).

A base argumentativa na defesa de tal princípio dá-se pelo fato de que "[...] não se tem conhecimento de uma língua que não fosse falada na véspera ou que não fosse falada da mesma forma na véspera." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 135). Portanto, Saussure encerra suas anotações preparatórias da primeira sessão, ressaltando que a persistência das características na visão sequencial, dia pós dia, garante a compreensão de que o português e o latim (por exemplo) são realizações

modificadas de uma mesma língua, tendo sido diferenciada apenas pela visão histórica retrospectiva.

Conforme foi possível observar no desenvolvimento desta subsecção, sua aula apresentou estruturas maiêuticas; referências a teóricos contemporâneos, em retomadas ou em refutações; assim como uma diversidade de exemplos e de ilustrações. Foi possível observar, nessa primeira conferência na Universidade de Genebra, a presença de bases, raízes ou embriões de afirmações que se desenvolveram nas aulas de cada curso sobre linguística geral e que posteriormente ecoaram, em concordância ou em oposição, depois da publicação do CLG.

Observam-se, já nessa conferência, indícios das noções de mutabilidade e imutabilidade do signo.

Temática desenvolvida no capítulo 6: secção Os três cursos

2.2.2 – Segunda Conferência na Universidade de Genebra

Conforme visto na subsecção anterior, em sua primeira aula, Saussure abordou e desenvolveu o princípio da continuidade que ocorre sobre as línguas, reservando, para a segunda conferência, o princípio da transformação, que atua imbricado ao anterior.

Se por um lado a língua é vista como inerte, pois o que se fala hoje é o mesmo que se falou ontem; por outro, não se pode negar o fato de que o português contemporâneo é diferente do português arcaico, e muitíssimo distinto do latim. Posto isso, importou demonstrar como inércia e movimento são acontecimentos que agem em conjunto sobre as diversas línguas.

Como ilustração a essa afirmação, Saussure discorreu sobre a exposição feita na Rússia por Boguslawski, na qual este apresentava quatrocentos e oitenta retratos fotográficos de si mesmo, feitos no primeiro e no décimo quinto dia de cada mês, durante vinte anos. Como se pode esperar, em fotos consecutivas não era possível observar nenhuma transformação aparente, entretanto, comparando-se a última foto à primeira, era evidente a representação de dois Boguslawski diferentes.

O mesmo fenômeno ocorre com as línguas, que vistas consecutivamente apresentam-se regulares e contínuas; mas quando analisadas com saltos de tempo mostram-se bastantes diferentes; “chegamos, assim, ao segundo princípio, de valor

universal como o primeiro, cujo conhecimento pode revelar o que é a história das línguas: é o ponto de vista do *movimento da língua no tempo* [...].” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 137). O tempo, portanto, é determinante e revela as transformações sucedidas, mas de modo algum a produção (ou reprodução) de um fenômeno linguístico novo.

Apesar do aparente paradoxo, os princípios de inércia e de movimento, além de imbricados, trazem consigo certa interação conceitual que os torna mutuamente indissociáveis, pois ambos se revestem de complementaridade:

> Esses dois princípios, da *continuidade* e da *mutabilidade* da língua, longe de serem contraditórios, estão em correlação tão estreita e tão evidente que, quando temos vontade de menosprezar um deles, ofendemos o outro, ao mesmo tempo, e inevitavelmente, sem nem mesmo pensar nele. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 137).

A discussão desses princípios sobre a língua parece ter ecoado no tempo – e na mente do professor – e incidido sobre o signo linguístico, de forma que hoje tal proposição é amplamente conhecida por intermédio do *Curso de Linguística Geral*, no qual se assevera que

> O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo. (SAUSSURE, CLG, 1973, p. 89).

Importa salientar que, nesse caso, o que foi posto no CLG como caráter do signo linguístico, já começara a ser discutido em aula quase duas décadas antes como fenômenos evidentes da linguagem. Posto isso, o suposto paradoxo não é trabalhado por Saussure como uma opção teórica, antes concerne à natureza própria do signo, como extensão à natureza da linguagem.

A perspectiva da transformação contínua é o cerne que desfaz o suposto paradoxo, uma vez que se coloca “o princípio da transformação incessante das línguas como algo absoluto.” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 138). É absoluto porque recai sobre todas as línguas, apesar da

Sobre a tirania da escrita levanta-se a seguinte questão: até que ponto a língua escrita (como subproduto) possui poder transformador sobre a língua?

Temática desenvolvida no capítulo 7: secção Língua – fala

austeridade exercida pela tirania da escrita, isto é, mesmo com a normatividade desempenhada por esta – o que de certo modo impede ou retarda algumas mudanças[51] – a transformação das línguas pelo tempo é um fato histórico indiscutível. Tendo isso como fato, Saussure afirma que a essência da mudança é

> [...] em primeiro lugar, a mesma em toda parte e, em segundo lugar, que ela sempre foi a mesma [...]; em terceiro lugar, que em toda parte, esses fenômenos são de duas espécies distintas; remontam a duas causas, ou a grupos de causas, naturalmente distintas e independentes. Há, de um lado, a mudança *fonética* e, do outro, a mudança que recebeu diversos nomes sendo que nenhum é excelente, mas dos quais o mais usado é mudança *analógica*. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 139).

Estabelecer esses três pontos sobre a perspectiva da transformação possibilita esclarecer que esse fenômeno linguístico é inerente à própria concepção de língua (e de linguagem); destacando-se dois fatores distintos: o fonético e o analógico (denominado assim insatisfatoriamente pelo autor). O fonético é relacionado ao lado fisiológico e físico da fala, representando operações puramente mecânicas, sem objetivo nem intenção; enquanto o analógico está ligado ao lado psicológico e mental do mesmo ato, cujas operações são inteligentes, podendo-se obter um objetivo e um sentido.

Para aclarar o fenômeno da analogia, é retomado o processo de construção de paradigmas verbais. As crianças, por exemplo, por associação das formas, na língua portuguesa falam “eu sabo” em lugar de “eu sei”. Tal assimilação obedece a uma coerência interna da língua, pois por analogia são repetidas as desinências modo-temporais e número-pessoais, da mesma forma que o padrão regular do radical – sab.

As construções análogas mais evidentes nas crianças, também presentes na fala adulta, talvez não existissem se o poder e a precisão da memória do ser humano fossem maiores; de maneira que aquelas suprem as deficiências desta; sendo consequente o fato de que “[...] uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, algumas

[51] Tal fato é discutido também no CLG: “a unidade linguística pode ser destruída quando um idioma natural sofre a influência de uma língua literária. Isso se produz infalivelmente todas as vezes que um povo alcança certo grau de civilização. Por ‘língua literária’ entendemos não somente a língua da literatura como também, em sentido mais geral, toda espécie de língua culta, oficial ou não, ao serviço da comunidade inteira.” (SAUSSURE, CLG, 1973, p. 226).

absolutamente recentes, outras que vêm de um passado tão distante que podemos apenas adivinhá-las.” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 140).

Quanto ao fenômeno de transformação de cunho fonético, ele sustenta que sua característica capital é o fato de atingir todas as línguas em que se encontra o som em questão, oferecendo uma regularidade matemática; ressaltando-se apenas que “perturbações analógicas” podem interferir nesse processo. Desse modo, as leis fonéticas são entendidas como acontecimentos, de forma que é a existência do fenômeno que possibilita a descrição da lei; logo, as hipóteses sobre regularidade são criadas e testadas na prática linguística. Assim, a universalidade das ocorrências fonéticas tomou estatuto de “lei”, nomenclatura usada a contragosto por Saussure (por falta de uma melhor), buscando demonstrar a regularidade com que os fenômenos são observados. Efetivamente, o autor defende que as transformações fonéticas são contingenciais às línguas em exercício, como fruto do movimento criado por cada novo ambiente linguístico, e não em obediência a supostas “leis máximas da fonética”.

Tanto a referência a um aspecto mais geral de mutabilidade e imutabilidade, como a separação do que é físico ao que é psicológico já demonstram a forma de organização do conhecimento e de sua apresentação aos alunos por Saussure.

2.2.3 – Terceira Conferência na Universidade de Genebra

A terceira conferência ministrada por Saussure inicia-se com uma retrospectiva ao que fora tratado até ali, em suas palavras: “os objetos considerados em nossas duas primeiras conferências nos dão, desde já, se os agruparmos em nosso espírito, um apanhado suficiente sobre o que é a *condição da língua no Tempo.*” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 142). Com isso, destacou-se que nenhum outro fator foi considerado até aquele momento na análise das condições universais dos idiomas; observando-se, com isso, a decisão do corte epistêmico na apresentação separadamente dos fatos que influem sobre as línguas.

A partir disso, uma vez mais, o professor ressalta o caráter arbitrário na nomenclatura das línguas, de forma que tal escolha cria a falsa imagem de que o francês e o latim sejam línguas distintas:

> Eu lembraria, sobretudo, sempre na mesma ordem de ideias, que jamais *uma língua sucede a uma outra; por exemplo,* do *francês* suceder ao *latim;* mas que essa sucessão imaginária de duas coisas vem unicamente do fato de que nos agrada dar dois nomes sucessivos ao mesmo idioma e, por conseguinte, de fazer dele, arbitrariamente, duas coisas separadas no tempo. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 142-143).

A divisão na nomenclatura (como latim e português / francês / italiano / espanhol) é vista como um problema para a concepção proposta, uma vez que no espírito humano esses dois nomes acabam implicando um "dualismo de papelão" que importuna qualquer argumentação contra ele. Comparativamente, o grego sofreu tantas modificações no tempo, que a diferença de séculos deixa-o tão distinto quanto à relação latim-francês; mas o fato de que se utiliza a mesma palavra para denominar as épocas – grego atual, grego do século VII a.C. – demonstra o que se defende ao afirmar que latim e francês são manifestações em tempos distintos de uma mesma língua.

Significativa se faz a observação do conferencista sobre essa problemática relação de nomenclatura: "haverá, um dia, um livro especial e muito interessante a ser escrito sobre o papel da *palavra* como principal perturbador da ciência das palavras." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 144). Por mais paradoxal que pareça tal assertiva, cumpre destacar que essa *perturbação* é reiterada por Saussure em muitos de seus rascunhos, em relação a diversas definições e variados conceitos; sendo por ele contestados, ora retificados, ora somente questionados.

Feitas as devidas retomadas das conferências anteriores, é apresentado, então, o novo tópico: "o fator que, até agora, omitimos sistematicamente, é o do *espaço*, da distância *geográfica*, que vem se combinar à distância *cronológica.*" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 145). Verifica-se, nesse ponto, que foi uma decisão metodológica separar o tempo e o espaço, enquanto fatores de manutenção e de mudança das línguas.

Nesse ínterim, acrescentou-se o espaço como corresponsável com o tempo pelo desdobramento das línguas, conforme posteriormente refletido no CLG, "a diversidade geográfica deve traduzir-se em diversidade temporal." (SAUSSURE, CLG, 1973, p. 229). Todavia, a coadunação das transformações no tempo e no espaço não é linear, de forma que "o resultado da mudança inevitável, ao fim de cem ou duzentos anos, *não é o mesmo* nos diferentes pontos desse território" (SAUSSURE,

ELG, 2004, p. 145); antes, a evolução[52] linguística apresenta-se sem uniformidade em todo o território em questão. Esse tema também foi tratado na quarta parte do CLG, na qual é contestada a hipótese de uniformidade nas transformações, tal hipótese de uniformidade prevê que uma determinada língua (A) transformar-se-ia de maneira igualitária em todo o seu território de atuação, conforme a figura 1:

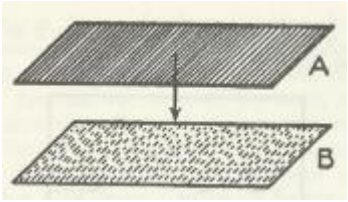


Fig. 1 – Ação do tempo num território contínuo (esquema equivocado) – (CLG, 231)

Diferentemente, apesar de tempo e de espaço serem fatores imbricados na atuação sobre as mudanças e as manutenções nas línguas, o caráter mútuo não implica em regularidade ou uniformidade, mas apenas garante a certeza de variação, conforme ilustrado na figura 2:

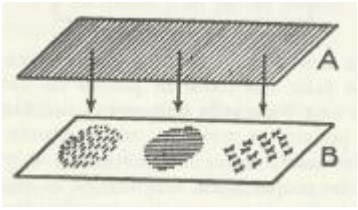


Fig. 2 – Ação do tempo num território contínuo (esquema aceitável) – (CLG, 231)

Portanto, para o autor, os idiomas, de maneira geral, representam apenas "*uma das múltiplas formas* geográficas*"* de uma mesma língua utilizada em uma extensão de terra mais significativa; por exemplo, o que se chama hoje por francês, português, espanhol e italiano são realizações diferenciadas pelo tempo e pelo espaço de uma mesma língua – o latim.

Analogamente, o mesmo ocorre entre os diversos dialetos; considerando-se que uma língua oficial representa apenas o dialeto de uma única região (dominante política, econômica ou religiosamente), é amplamente reconhecido que cada língua

[52] O termo evolução é tomado no sentido de transformação no tempo/espaço, e não no sentido de que o último estado seja superior ao primeiro. Importa destacar que a terminologia corrente adota o termo *mudança* em lugar de *evolução*, mantivemos *evolução* em fidelidade aos manuscritos.

é composta por diversidades internas das mais simples até às mais complexas e antagônicas.

Consequentemente, delimitar as fronteiras de um dialeto implica reconhecer e estabelecer as características distintivas em relação aos dialetos circunvizinhos; de forma que tal delimitação não é possível quanto à estrutura global de cada dialeto, pois, se há algo que diferencia a fala nordestina da fala mineira, pode não haver a mesma distinção em relação à capixaba, isto é, os pontos de contato e de diferenciação são tão variáveis quanto à própria variação da língua. “Acaba-se, enfim, compreendendo que a área geográfica *dos fenômenos* pode perfeitamente ser traçada no mapa, mas que tentar distinguir unidades dialetais é absolutamente quimérico e inútil” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 148), dada a impossibilidade de estabelecer os limites fronteiriços das variações no espaço.

Fechando a sequência argumentativa, a língua é colocada como um todo complexo de base contínua, porém com divergências, de forma que estas não podem ser perfeitamente estratificadas nem ao longo do tempo nem nas fronteiras de espaço; “assim, a língua, que não é, como vimos, uma noção definida no tempo, não é, também, uma noção definida no [espaço].” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 149). Portanto, as fronteiras e os limites são nebulosos, com interposições desordenadas e irregulares, de maneira que todo recorte é apenas epistemológico.

Consoante às duas primeiras conferências, nesta terceira foi possível observar, igualmente, pontos e aspectos que seriam discutidos posteriormente nos cursos de linguística geral, os quais são objetos centrais desta pesquisa.

***

Essas três primeiras conferências de Saussure em Genebra foram retomadas sumariamente aqui enquanto documentação histórico-cronológica de algumas das proposições saussurianas que ecoaram nos *Cursos* ministrados, e consequentemente, reapareceram na edição do CLG. É profícuo observar a construção das proposições defendidas por Saussure, considerando-as a partir da seleção com que ele apresenta conceitos e organiza as aulas.

2.3 – O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Durante os mais de 20 anos exercendo o professorado na Universidade de Genebra, Saussure ministrou variadas disciplinas[53], muitas foram oferecidas diversas vezes (como, por exemplo, alemão antigo, sânscrito, versificação francesa), e algumas outras ministradas apenas em um semestre (como, por exemplo, nórdico antigo, curso sobre a *Chanson des Nibelungen,* teoria da sílaba*)*. No conjunto de seu trabalho, observa-se sua dedicação às línguas antigas, às análises diacrônicas, às gramáticas das línguas ou comparadas[54]; mas também, aos estudos de obras que caracterizavam algumas culturas. De acordo com De Mauro, dentro desse lado quase etnográfico "encontra-se a justificativa do interesse de Saussure pelos fenômenos inerentes ao contexto cultural das línguas germânicas." (DE MAURO, 1967, p. 347, TN).[55]

De Mauro retoma o fato de que, em Genebra, Saussure encontrou um público com nível de conhecimento menor do que os alunos de Paris, entretanto, a partir de 1897, foi-se delineando um pequeno grupo de alunos fiéis, de alta qualidade, possibilitando que os cursos ministrados fossem "mais específicos, mais variados e mais densos" (1967, p. 344, TN)[56]. Entre os mais fiéis, estavam Bally (frequentou cursos de 1893 a 1906) e Sechehaye (1891 a 1893); além de Duchosal e Tojetti nos primeiros anos; e Gautier, Riedlinger e Regard nos últimos anos.

Quanto aos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure (1907, 1908-1909 e 1910-1911), importa destacar[57] que nenhum deles foi frequentado nem por Bally, nem por Sechehaye – editores da obra "*Curso de Linguística Geral*" –, antes, estes utilizaram as anotações de outros alunos ouvintes para a edição

---

[53] Sânscrito; gramática comparada; literatura, filologia, linguística; o fato fonético; características da linguagem; fonética grega e latina; estudos de etimologia grega e latina; o verbo grego; dialetos gregos e inscrições gregas arcaicas; estudos etimológicos e gramaticais em Homero; inscrições persas dos reis aquemênidas; leitura do léxico de Hesíquio, com estudos das formas importantes para a gramática e a dialectologia; gramática gótica; teoria da sílaba; sobre a articulação; antigo alemão; gramática comparada do grego e do latim; fonologia do francês atual; estudo do dialeto homérico e das principais questões a ele relacionadas; versificação francesa; linguística geográfica da Europa, com uma introdução sobre os objetos da linguística geográfica; nórdico antigo; curso sobre a *Chanson des Nibelungen*; gramática histórica do inglês e do alemão; gramática histórica do alemão; linguística geral; gótico e saxão antigo; proto-germânico. Introdução à gramática histórica do alemão e do inglês; gótico. (FEHR, 2000, p. 239-249, adaptado)

[54] Muitas consoantes à cadeira assumida.

[55] que se trouve sa justification l'intérêt de Saussure pour les phénomènes inhérents au contexte culturel des langues germaniques.

[56] [...] plus spécifiques, plus variés et plus denses.

[57] Como antecipado no prólogo.

responsável pela divulgação e pela notoriedade do nome de Saussure. Conforme os editores referenciam no prefácio ao CLG:

> Cumpria, pois, recorrer às anotações feitas pelos estudantes ao longo dessas três séries de conferências. Cadernos bastante completos nos foram enviados pelos Srs. Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger, no que respeita aos dois primeiros cursos; quanto ao terceiro, o mais importante, pela Sra. Albert Sechehaye e pelos Srs George Dégallier e Francis Joseph. Devemos ao Sr. Louis Brütsch[58] notas acerca de um ponto especial; fazem todos jus à nossa sincera gratidão. (BALLY, SECHEHAYE, 1973, p. 2).

O método utilizado pelos editores já é passível a críticas, uma vez que eles não foram ouvintes de nenhum dos cursos em questão, possuindo apenas as projeções e as impressões assimiladas por alguns alunos. No curso da história, outras muitas críticas e retificações foram direcionadas ao CLG[59], tanto no que diz respeito ao conteúdo da obra, quanto à própria ordem de apresentação das temáticas, entretanto, não é objeto dessa pesquisa examiná-las.

De acordo com Marie-José Beguelin[60], o CLG foi uma obra elaborada de forma rápida, uma vez que seus editores dedicavam-se paralelamente a muitas outras ocupações. Para a organização da obra, os editores separaram o trabalho em função de suas competências: Bally foi responsável pela parte fonológica, baseando-se, além dos cadernos dos outros alunos, em estenogramas de um curso de verão sobre fonologia (1897); enquanto coube a Sechehaye as escolhas da apresentação do CLG, assim como a interpretação das notas gerais dos estudantes. Como é bastante conhecido, o fechamento do prefácio por eles elaborado direciona todas as eventuais críticas para os editores, e não para o próprio Saussure:

> Sentimos toda a responsabilidade que assumimos perante a crítica, perante o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas. / Aceitamos integralmente semelhante responsabilidade e queremos ser os únicos a carregá-la. Saberá o público distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficar-lhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida. (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 4).

---

[58] Aluno no curso de *Etimologia grega e latina: as famílias das palavras e os processos de derivação* (1911-1912).

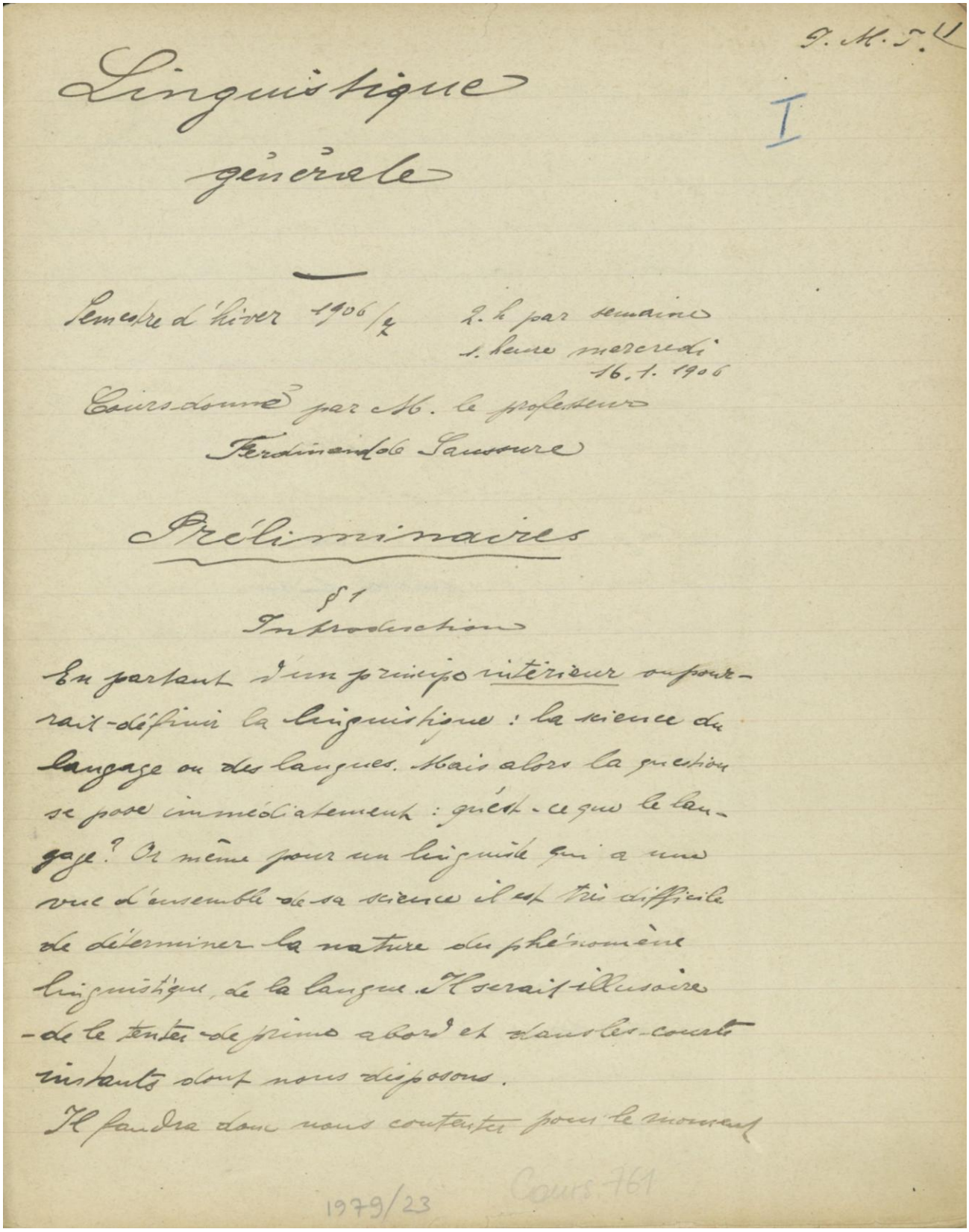
[59] Citando pouquíssimas e conhecidas referências: De Mauro (1967); Calvet (1977); Engler (1989); Culler (1979); Bouquet (2000); Bouquet e Engler (2004); e Arrivé (2010).

[60] Anotações pessoais, de 13 de outubro de 2011, a partir das aulas ministradas em Neuchâtel (Suíça): *Ferdinand de Saussure après um siècle*. Essa colocação de Béguelin retoma indiretamente o que Godel apresentou nos SM (1957, p. 96-97).

Independentemente das críticas existentes, conforme a epígrafe desta secção assinala, “ainda se lê o CLG”. Considerando esse fato, sem objetivar lançar golpes nem contra os editores, nem contra Saussure, esta pesquisa se propôs a apresentar cada curso ministrado separadamente, ressaltando as semelhanças, as diferenças e os ecos na obra final (o CLG); assim como destacar as escolhas do professor na organização cronológica para a apresentação de cada assunto.

Assim sendo, os três capítulos seguintes objetivam apresentar e descrever cada *Curso de Linguística Geral,* destrinchados a partir da perspectiva de Riedlinger para o primeiro (1907), Riedlinger e Patois para o segundo (1908/1909) e Constantin e Saussure para o terceiro (1910/1911). O corpo do texto propõe-se a reconstruir as aulas de modo neutro e objetivo, com o mínimo de influência analítica possível, para que essa apresentação (supostamente) imparcial seja ponto de partida para as comparações e as análises em relação aos rascunhos de Saussure e ao CLG, desenvolvidas no capítulo seis.

CADERNO DO CURSO I (1907)



F. M. L. L.

I

Linguistique générale

Semestre d'hiver 1906/7 — 2 h par semaine
1 heure mercredi
16. 1. 1906

Cours donné par M. le professeur
Ferdinand de Saussure

Préliminaires

§1
Introduction

En partant d'un principe intérieur on pourrait définir la linguistique : la science du langage ou des langues. Mais alors la question se pose immédiatement : qu'est-ce que le langage ? Or même pour un linguiste qui a une vue d'ensemble de sa science il est très difficile de déterminer la nature du phénomène linguistique, de la langue. N'serait-il illusoire de le tenter de prime abord et dans les courts instants dont nous disposons.

Il faudra donc nous contenter pour le moment

1979/23 Cours 761

3. PRIMEIRO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL – 1907

> *Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre: para ser um mestre não é suficiente recitar diante dos ouvintes um manual correto e atualizado; é preciso ter uma doutrina e um método e apresentar a ciência com um toque pessoal. (Meillet, apud DE MAURO, 1967, p. 336, TN).*[61]

No dia 08 de dezembro de 1906, com o advento da aposentadoria do professor Joseph Wertheimer, Saussure é nomeado como professor de "linguística geral e história e comparação das línguas indo-europeias". Como visto até aqui, muitas reflexões linguísticas já ocupavam as disciplinas históricas e comparativas ministradas pelo mestre, mas somente em 1907 ele pode concentrá-las em um curso específico sobre linguística.

Com o objetivo de descrever linearmente os pontos trabalhados por Saussure em sua primeira turma de linguística geral, as transcrições do caderno de Riedlinger publicadas por Komatsu (1993)[62] foram revisitadas e sistematizadas. É evidente que a retomada escrita de um aluno não corresponde literalmente a todas as palavras do professor, contudo, em face da dificuldade de se reconstruir o momento enunciativo de cada curso, os cadernos dos alunos são as ferramentas que possibilitam uma aproximação do conteúdo e da metodologia das aulas saussurianas.

Dito isso, cabe destacar que, analisando comparativamente os cadernos dos diferentes alunos, é possível estabelecer o cuidado que estes tiveram com a terminologia empregada por Saussure, assim como uma maior desenvoltura dos cadernos de Riedlinger referentes ao *CURSO I* em paralelo aos cadernos de seus colegas. Como afirma Komatsu, "um dos objetivos da reprodução desses manuscritos consiste em fazer compreender o curso natural da lição de Saussure." (KOMATSU, 1993, p. 2, TN).[63]

Os manuscritos de Riedlinger revelam que, diante de uma pequena classe de seis alunos, sob o título de *preliminares*, e subtítulo *introdução,* o professor inicia seu

---

[61] F. de Saussure était en effet un vrai maître : pour être un maître, il ne suffit pas de réciter devant des auditeurs un manuel correct et au courant ; il faut avoir une doctrine et une méthode et présenter la science avec un accent personnel.

[62] Desse modo, ao referenciarmos "Saussure por Riedlinger, curso I, 1907", de fato estamos citando Komatsu (1993) e sua respectiva paginação. Tal estratégia objetiva maior clareza quanto à autoria das ideias.

[63] Un des buts de la reproduction de ces manuscrits consiste à faire comprendre le cours naturel de la leçon de Saussure.

curso estabelecendo a definição de linguística; para tanto, separa as concepções em *linguística do interior* e *linguística do exterior*. Desse modo,

> Partindo de um princípio *interior* podemos definir a linguística como a ciência da linguagem ou das línguas. Mas uma questão se põe imediatamente: o que é a linguagem? [...] Será preciso, então, nos contentar por agora em definir a linguística do *exterior* considerando-a em sua experimentação progressiva pela qual ela toma consciência de si mesma estabelecendo aquilo que não é ela. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 11, TN).[64]

O primeiro tipo de linguística (do interior) depende das noções de linguagem e de língua, portanto, é deixado em aberto para ser discutido posteriormente; Saussure volta-se então à segunda variação (a linguística do exterior), que se apresenta como uma estrutura de negatividade, pela qual a partir das noções do que "a linguística não é", tangencia-se o que ela é, fato ponderado como sendo apenas uma demarcação periférica. Deste ponto em diante, são sequenciados os limites e as fronteiras da linguística em relação à etnologia, à filologia, à psicologia, às ciências lógicas e à sociologia.

Nesse ínterim, considerando que a origem da linguística está associada diretamente à filologia, ele destaca que o objetivo e o método desta divergem em relação àquela, criticando o fato de que "a filologia confunde o documento escrito com a língua em si mesma, o que retarda o desenvolvimento da linguística." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 12, TN).[65] Para estabelecer melhor os domínios, são destacados os enfoques fonético e fonológico aos interesses linguísticos, nos quais é apresentada (mas ainda não desenvolvida) a relação existente entre o som articulado e a imagem psíquica.

O professor apresenta aos alunos dois caminhos possíveis para se aprofundar na concepção de linguística, o teórico (síntese) e o prático (análise) – aos quais cabe acrescentar que o primeiro seria mais abstrato enquanto o segundo parte de exemplos concretos –, então, ele escolhe o segundo para prosseguir.

---

[64] En parlant d'un principe *intérieur* on pourrait définir la linguitique : la science du langage ou des langues. Mais alors la question se pose immédiatement : qu'est-ce que la langage ? [...] Il faudra donc nous contenter pour le moment de définir la linguistique *de l'extérieur* en la considérant dans ses tâtonnements progressifs par lesquels elle prend conscience d'elle-même en établissant ce qui n'est pas elle.

[65] [...] la philologie confond le document écrit avec la langue elle-même, ce qui a retardé le développement de la linguitique.

Dentro de um novo subtítulo – *Análise dos erros linguísticos* – são abordados dois mal-entendidos linguísticos: o primeiro diz respeito aos "erros provenientes de uma falsa concepção das mudanças da língua, chamados sem razão de *corrupções*." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 13, TN)[66]; e o segundo aos "erros provenientes da escrita."

Quanto ao primeiro tipo de erro, as transformações linguísticas são abordadas como sendo próprias do curso natural das línguas, uma vez que apenas uma influência artificial externa pode explicar a anomalia de uma língua que permanece imutável (ou quase) no decorrer do tempo. Desse modo, "é preciso distinguir totalmente corrupção e mudança e desfazer a ideia de corrupção, que não tem lugar em linguística" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 13, TN).[67]

É interessante observar logo no início do primeiro curso essa abordagem que hoje poderia ser classificada como sociolinguística, na qual a concepção de erro não tem lugar, mas sim a concepção de variantes. Isso porque "a ideia de corrupção é derivada da falsa valorização de regionalismos e dialetos" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 14, TN)[68], consequentemente, uma análise linguística não contempla desenvolvimento ou corrupção, antes trabalha a partir de mudanças regulares e irregulares.

Em relação ao segundo mal-entendido, no qual habitualmente se concorda que o signo escrito tem primazia sobre o signo falado, de forma geral, aquele parece exercer uma função de modelo para este. De acordo com Saussure, "o melhor índice dessa concepção errônea está na significação que inconscientemente atribuímos à palavra: *pronunciação* (= execução pela voz de um signo escrito [...])."(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 15, TN).[69] Essa falsa primazia acaba sendo sustentada por uma razão psicológica, na qual tende-se dar maior importância ao que é visual em detrimento do audível; e por uma razão gramatical, em cujo cerne está a ideia de que a língua é regida por um código feito de regras escritas; de todo modo, ambas ignoram o fato de que se aprende a falar antes de ler e escrever.

---

[66] Erreurs provenant d'une fausse conception des changements de la langue appelés à tort : *corruption.*

[67] Il faut distinguer absolument corruption et changement et se défaire de l'idée de corruption, qui n'a pas de place en linguistique.

[68] De l'idée de corruption dérive : *l'appréciation fausse des dialectes et patois.*

[69] Le meilleur indice de cette conception erronée c'est la signification que inconsciemment nous attribuons au mot : *prononciation* (= exécution par la voix d'un signe écrit [...]).

Destaca-se, então, o fato de que ter na palavra escrita o objeto da linguística seria restringi-lo, uma vez que a palavra falada prevalece sobre o signo escrito, lhe sendo este subordinado. Embora o senso comum atribua à escrita a garantia de uma boa transmissão da língua, "é falso dizer que a escrita impeça a mudança de uma língua, mas, reciprocamente, a ausência da escrita não lhe impede a conservação". (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 15, TN).[70] Pode-se observar, já nessas afirmações, a opção de Saussure pelo viés da língua como um fato social, pois ágrafas ou grafadas, as línguas são transmitidas pelos mecanismos sociais da oralidade.

Depois de apresentar exemplos que ilustram essa argumentação, volta-se a destacar a supremacia da palavra falada sobre o signo escrito. Neste ponto, destaca-se claramente que seria um erro conceber a ligação fala/escrita como objeto da linguística, sendo delimitado como seu objeto apenas a palavra falada. De sorte que "nós temos dois sistemas que se correspondem, aquele dos signos escritos e aquele dos sons; os sons mudam, os signos permanecem os mesmos [...]." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 17, TN).[71] Esses dois sistemas são semi-independentes, pois embora se alimentem mutuamente, não é possível estudar um a partir do outro. Considerando a disparidade entre escrita e fala, acrescenta-se que

> É neste ponto que se pode falar sobre um verdadeiro sentido da palavra e *a priori*, sobre corrupção e falsificação da língua pela escrita. O signo escrito, de fato, é: 1) exterior à língua, 2) arbitrário, pois se uma palavra falsamente escrita é em seguida falsamente pronunciada, existe verdadeiramente uma falsificação. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 20-21, TN).[72]

Sobre essa "falsificação da língua pela escrita", é exemplificado o fato de que com a transformação da pronúncia de *maison (maïson → meson*), observa-se uma notação absurda: e = ai = è = ê, que revela a inexatidão da ortografia tradicional. Em português, pode-se exemplificar a variação sonora do /s/ nas palavras observar (com som /s/) e obséquio (com som /z/) que, embora figurem em um ambiente

---

[70] C'est faux : l'écriture empêche le changement d'une langue mais réciproquement le défaut d'écriture n'en empêche pas la conservation.

[71] Nous avons deux systèmes que se correspondent, celui des signes écrits et celui des sons ; les sons changent, les signes restent les mêmes [...].

[72] C'est là que l'on peut parler au vrai sens du mot et *a priori*, de corruption et de falsification de la langue par l'ecriture. Le signe écrit en effet est : 1) extérieus à la langue, 2) arbitraire ; donc si un mot faussement écrit est en suite faussement prononcé, il y a vraiment falsification.

fonético semelhante, realizam-se na fala de maneira distinta; fazendo uma análise paralela, a palavra subsídio popularmente falada com o som /z/, há aproximadamente dez anos recebeu uma “correção” artificial de pronúncia e hoje está em reprocesso de adaptação com o som /s/; ou seja, a comunidade de fala brasileira recebeu interferência direta das regras da escrita em sua execução de fala.

A interferência da língua escrita sobre a língua falada baseia-se sobre um erro de autoridade – um suposto império da escrita – de tal maneira que na ocorrência de incertezas a respeito de qualquer pronúncia, instintivamente utiliza-se a escrita para dirimir qualquer dúvida. Contra isso, importa ao linguista reconhecer o fato de que “nós temos duas ciências linguísticas e é preciso considerar a língua falada por completo separadamente da língua escrita” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 22, TN).[73] Somando-se essa organização dos domínios linguísticos ao que fora estabelecido na introdução desse curso de linguística geral, até aqui Saussure organiza os estudos linguísticos em dois níveis:

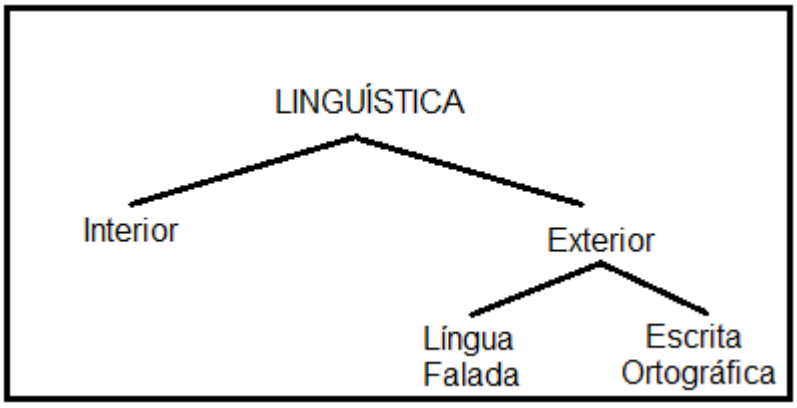


Fig. 3 – Delimitação dos domínios linguísticos[74]

Essa proposta de organização epistêmica da linguística parece atender a duas questões centrais no ensino de um curso: estabelecer os campos possíveis dentro dos estudos linguísticos e delimitar a vertente escolhida e tratada pelo professor. Portanto, sem anular as alternativas possíveis para objeto de estudo, é estabelecido que “nós nos limitaremos, pois, decididamente à língua falada”

[73] On a deux sciences linguistiques et il faut considérer la langue parlée tout à faire séparément de la langue écrite.
[74] Construída a partir do texto.

(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 23, TN)[75], desse modo, esse direcionamento não sobrepõe-se nem submete-se ao da escrita.

Considerando a perspectiva variacionista herdada pelos estudos comparativos, uma vez que a escrita apresenta-se caótica face às mudanças que a língua sofre no tempo e no espaço, é plausível o argumento de que "para sair desse caos é preciso outro ponto de apoio em lugar da escrita; é preciso poder definir o som em si mesmo" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 23, TN)[76], desse modo, tal circunscrição conduz a abordagem à fonologia, tópico seguinte abordado no curso. A secção intitulada *Princípios de Fonologia* é introduzida da seguinte maneira:

> O método seguido em geral pelos manuais de fonologia não é bom, porque ele esquece primeiramente que existem dois lados no ato fonatório:
> a) o lado articulatório (boca e laringe)
> b) o lado acústico (ouvido)
> (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 25, TN).[77]

Partindo do fato de que os manuais da época aos quais o professor se refere baseavam-se no lado articulatório e nas características individuais de cada som, faz-se necessário evidenciar o lado acústico e contínuo da fala. Desse modo, Saussure destaca que o primeiro contato com os fonemas se dá acusticamente, pois é pelo ouvir que se distingue um "p" de um "b"; a articulação do som na boca é posterior. Assim como, tanto no ouvir quanto no articular, os sons não se apresentam separadamente, mas num *continuum* dentro do qual não é fácil identificar quando um som acaba e outro começa. Para ilustrar essa característica, é proposta a seguinte representação:

Fig. 4 – Representação de uma cadeia fônica
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 25)

[75] Nous nous confinerons donc résolument dans las langue parlée.
[76] Pour sortir de ce chaos il faut un autre point d'appui que l'écriture ; il faut pouvoir définir le son en lui-même.
[77] La méthode suivie en général dans les manuels de phonologie n'est pas bonne, car elle oublie premièrement qu'il y a deux côtés dans l'acte phonatoire : a) le côté articulatoire (bouche [et] larynx) ; b) le côté acoustique (oreille).

Na figura quatro, a linha horizontal representa a cadeia fônica de *fenestra* (janela – em latim), enquanto as pequenas barras transversais marcam os silêncios entre os sons, salientando-se o fato de que o espaço entre duas barras verticais representam um tempo homogêneo. Tal homogeneidade não reproduz a duração do fonema, antes, diz respeito à impressão acústica referente à identificação do mesmo som. "A análise acústica é, então, a verdadeira análise que permite distinguir os sons da cadeia falada. A impressão acústica, entretanto, não poderia ser descrita (definida), apenas o ato articulatório." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 26, TN).[78] Neste momento, é feita a união dos dois lados do ato fonatório, pela qual o tempo acústico equivale ao tempo articulatório, assim, o fonema, enquanto unidade complexa, é "a soma das impressões acústicas e dos atos articulatórios, a unidade ouvida e falada, uma condicionada à outra." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 26, TN – CLG, 1973, p. 51).[79] Articulação e acústica, portanto, são faces de um mesmo objeto, interdependentes e mutuamente implicadas.

SILÊNCIO ENTRE FONEMAS

Saussure, neste primeiro Curso, utiliza a noção de silêncio na pronúncia das palavras, entretanto, essa concepção refere-se à percepção acústica separada da realização dos fonemas dentro das palavras.

No CLG (1973, p. 50), os editores apontaram que as barras transversais representam "as passagens de um som a outro."

Posto isso, se por um lado a delimitação dos sons na fala só pode ocorrer a partir da impressão acústica, por outro a descrição desses mesmos sons tem início da perspectiva articulatória, de modo que, seguindo parcialmente os manuais de fonologia, parte-se do ato articulatório para a análise das cadeias faladas, para tanto, são acrescidas três considerações: o aparelho vocal, as interações possíveis dos órgãos e o papel desses órgãos como produtores de som.

[78] L'analyse acoustique est donc la vraie analyse qui permet de distinguer les sons de la chaîne parlée. L'impression acoustique cependant ne pouvait pas se décrire (définir) mais bien l'acte articulatoire.

[79] [...] la somme des impressions acoustiques et des actes articulatoires, l'unité entendue et parlée, l'une conditionnant l'autre.

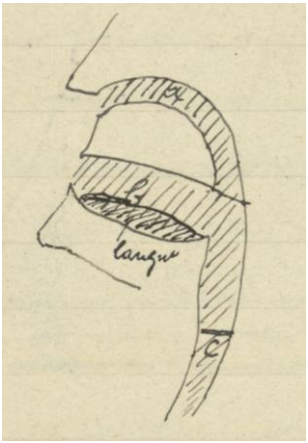


Fig. 5 – O aparelho vocal
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 27)

Didaticamente, o aparelho vocal é esquematizado conforme a figura cinco contendo: a) cavidade nasal, b) cavidade bucal e c) glote (cordas vocais da laringe). Quanto a suas respectivas possibilidades de interação, a cavidade nasal e a glote são descritas com duas possibilidades, abertura ou fechamento, enquanto a cavidade bucal é a que oferece maior variação pois engloba lábios, dentes e língua e suas respectivas possibilidades de movimento. Por fim, quanto ao papel desses órgãos na produção do som, após o ar sair dos pulmões, na glote o som é produzido, a cavidade nasal funciona como uma caixa de ressonância, assim como a cavidade bucal, que ainda possui função geradora do som (por intermédio dos pontos articulatórios). Em resumo, é apresentado o seguinte esquema:

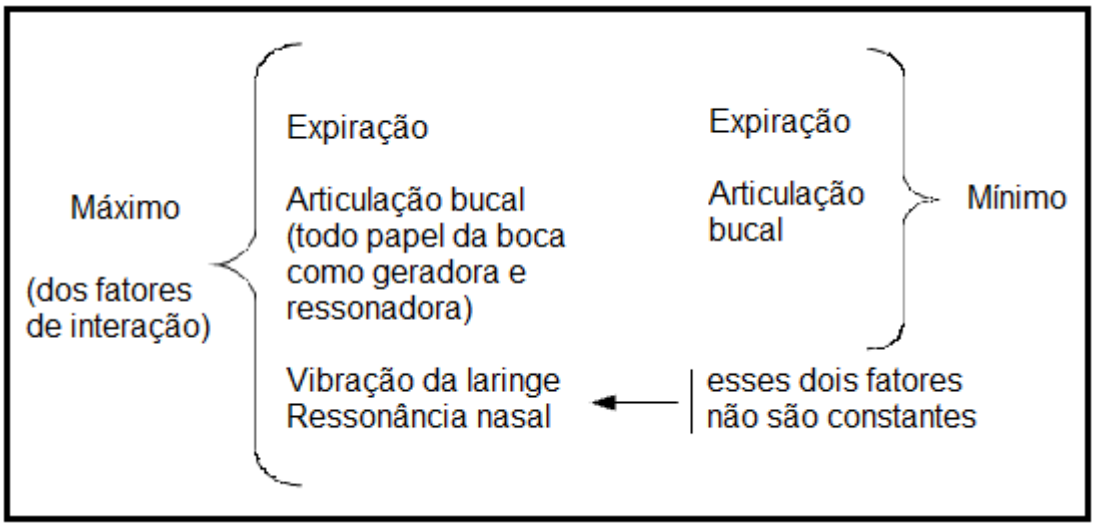


Fig. 6 – Resumo dos fatores de interação
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 28)

Considerando as variadas possibilidades de som, é feita a ressalva na abstração da qualidade do som, ou seja, a diferenciação entre um som (distintivo → fonema) de um som (não distintivo → barulho qualquer, ruído). Segue-se, então, uma sequência descritiva de classificação dos fonemas a partir do ponto de articulação, do som laríngeo e da ressonância nasal; além da análise da saída do fluxo do ar. A proposta contempla emissões oclusivas, fricativas e líquidas; articulações bilabiais, labiodentais e palatais, presença e ausência de sonoridade (som laríngeo) e de nasalidade; assim como oferece um sistema de classificação dos sons vocálicos a partir dos graus de abertura bucal[80]. Contudo, Saussure evidencia o caráter arbitrário da nomenclatura, dada a dificuldade em se estabelecer o(s) ponto(s) exato(s) de articulação:

> [...] os nomes são, então, arbitrários e são designados aleatoriamente a partir do som de um dos órgãos que contribui para a sua produção (assim, os dentais poderiam ser chamados também linguais; mas esse termo é muito geral). A denominação "gutural" é não somente arbitrária, mas também falsa; chegando-se a nomes grotescos ("cerebrais"!). O melhor seria considerar o palato e dividi-lo em sete ou oito lugares [...]. (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 35, TN). [81]

Apesar de demonstrar o problema na nomenclatura classificatória dos fonemas, o professor esclarece que caberia aos estudos da fonologia fisiológica (estabelecida fora da ciência linguística) uma classificação mais exata dos fonemas e de suas respectivas combinações; além de uma análise dos fenômenos que envolvem as cadeias faladas, sendo esta de maior importância para os interesses linguísticos do que aquela.

Finalizando a secção de *princípios de fonologia*, Saussure destaca que o objeto dos estudos fonológicos não corresponde ao objeto próprio da linguística, ao afirmar que "até agora, como já enfatizamos, nós não temos feito linguística" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 39, TN),[82] é ressaltado que a secção foi dedicada, então, a tentar desfazer erros fonológicos provenientes da escrita. Todavia, a fonologia debruça-se sobre uma forma de materialização da língua, uma

[80] Considerando o foco da pesquisa, optou-se por não detalhar essas descrições.
[81] les noms sont alors arbitraires et l'on désigne au hasard le son par un des organes qui concourent à sa production (ainsi les dentales pourraient s'appeler aussi linguales ; mais ce terme est trop général). La dénomination « gutturale » est non seulement arbitraire mais fausse ; on arriverait à des noms grotesques (« cérébrales » !). Le mieux serait de considérer le palais et de le diviser en sept ou huit lieux [...].
[82] Jusqu'ici, comme nous le faisons délà remarquer, nous n'avons pas fait de linguistique.

vez que “a língua é um sistema de sinais; e o que faz a língua é a ligação que estabelece o espírito entre esses sinais. A matéria, em si mesma, desses sinais pode ser considerada como indiferente.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 39, TN).[83] Os fonemas, portanto, representam a matéria dos sinais da língua.

Nesse sentido, a matéria concreta desses sinais pertencentes ao acervo da língua corresponde à articulação fisiológica dos signos; consequentemente, a partir da separação da língua e de sua materialidade, a fonologia corresponde a uma ciência auxiliar (da linguística) cujo objeto de estudo é a materialidade fônica da língua. Uma vez que “a língua é um sistema de signos”, a materialidade desses signos é, a priori, indiferente para o estudo da própria língua; partindo dessa premissa, os estudos linguísticos independem da realização fonológica em si mesma. Portanto, enquanto o objeto da linguística centra-se na abstração do signo, a fonologia desdobra-se sobre a realização concreta articulatório/acústica do código.

Ressalva Terminológica

Importa observar que a delimitação de “fonologia” proposta por Saussure corresponde, hoje, aos estudos fonéticos. (Objetivamente, fonologia *é o estudo do sistema de fonemas, enquanto* fonética *é o estudos das particularidades fônicas).*

***

Autores como Nicolai Trubetzkoy (Círculo Linguística de Praga) e Leonard Bloomfield (vertente americana) ampliaram e desenvolveram os estudos dos sons da língua; mas é a Escola de Praga que melhor contempla as propostas saussurianas.

A secção seguinte, intitulada *Linguística,* retoma a hesitação sobre o melhor plano para dar continuidade ao curso, afirmando que seria mais proveitoso pontuar algumas ideias gerais em lugar de um curso em seu começo. Metodologicamente, é escolhido não definir a natureza da linguagem – pois ela mesma seria objeto central de um curso independente – em virtude de sua complexidade, mas ela é desdobrada na explicitação de três concepções de linguagem a partir de diferentes perspectivas de língua: enquanto abstração, no indivíduo e na coletividade. Conforme sintetizou Godel, “três concepções da linguagem: 1) como organismo com vida própria; 2) como função natural; 3) como instituição social (nesse caso, a *língua* mais que a

[83] La langue est un système des signaux ; ce qui fait la langue c’est le rapport qu’établit l’esprit entre ces signaux. La matière, en elle-même, de ces signaux peut être considérée comme indifférente.

linguagem)" (GODEL, 1957, p. 55, TN).[84] Nas anotações de Riedlinger, as concepções da linguagem tomadas como naturais e insuficientes são:

> 1. Ideia da língua como um organismo sem raiz e sem meio, (~~em qualquer meio que seja~~) como uma espécie em sua era vegetando em si: é a Língua tomada como abstração e da qual é feito um ser concreto. Porém, a língua não existe senão nos seres e nas coletividades; daí as outras duas concepções:
> 2. Considerando-se a língua sobretudo no indivíduo: <pode-se ver na língua uma função natural (como a de comer, por exemplo!)> porque nós temos um aparelho vocal especialmente destinado à fala e de expressões naturais. Mas qual é essa função natural que não se pode exercer sem antes tomar a forma da sociedade?
> Também a 3. [terceira] concepção toma a linguagem pelo lado social, coletivo. É a língua mais que a linguagem (que é a língua no indivíduo), [e] que se torna uma instituição social. Essa concepção é a mais próxima da verdade que as outras, mas quem pode citar outra instituição social comparável a essa: a língua é única como instituição, como ela era única como função. <Nós não podemos, por isso, localizar a linguagem no meio das coisas humanas.> Feita essa constatação, nós abordamos a linguística. (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 43, TN).[85]

Ainda buscando, de certo modo, delimitar o objeto da linguística, retomar a problemática dessas três concepções da linguagem, destacando-se "que se apresentam naturalmente e que são insuficientes", fornece indícios da amplitude possível para os estudos linguísticos, assim como evidencia as inter-relações no que tange à abstração da língua enquanto materializada no indivíduo (via aparelho vocal) e concretizada no uso dos seres na coletividade.

Ao tomar, indiretamente, a língua como ponto de partida para os estudos linguísticos, Saussure aponta ainda duas direções possíveis a se caminhar: o lado estático e o lado histórico da língua. O primeiro diz respeito a tudo o que compõe um estado de língua, à possibilidade de se estudar os fenômenos linguísticos tomando por base seus elementos e seu uso instintivo pelos falantes; enquanto o segundo aborda o caminho que a língua tomou até aquele momento, caminho esse ignorado

---

[84] Trois conceptions du langage : 1) comme organisme ayant sa vie propre ; 2) comme fonction naturelle ; 3) comme instituition sociale (dans ce cas, la *langue* plutôt que le langage) [...].

[85] 1. Idée de la langue comme d'un organisme sans racine sans milieu, (~~dans quelque milieu que ce soit~~) comme d'une espèce ayant sa ère végétant en soi : c'est la Langue prise comme abstraction et dont on fait un être concret. Or la langue n'existe que dans les êtres concrets et les collectivités ; de là les deux autres conceptions : 2. On considère la langue surtout dans l'individu : <on peut voir dans la langue une fonction naturelle (comme celle de manger par ex. !)> parce que nous avons un appareil vocal spécialement destiné à la parole, et des cris naturels. Mais quelle est cette fonction naturelle qui ne peut s'exercer qu'après avoir pris la forme de la société ? Aussi la 3. [troisième] conception est plus près de la vérité que les autres, mais que l'on cite une autre instituition sociale comparable à celle-là : la langue est unique comme instituition, comme ele était unique comme fonction. <Nous ne pouvons donc pas placer le langage au milieu des choses humaines.> Cette constatation faite, nous abordons la linguistique.

pela intuição natural do falante, e por isso escolhido para começar os estudos sobre a língua.

O mestre destaca, todavia, que o ponto de vista histórico não se sobrepõe ao estático, mas o fato de escapar à primeira vista torna-se viável por ele começar. Na abertura da secção intitulada *Linguística*, Saussure localiza o foco do curso nos estudos da língua pelos vieses histórico e estático, necessariamente apresentados em separado.

Uma vez estabelecido iniciar pela perspectiva histórica, é apresentada uma nova secção designada *Primeira parte: as evoluções*, imediatamente segmentada com o *Capítulo I. As evoluções fonéticas*. No entanto, importa ressaltar que o curso não contempla uma segunda parte, finalizando-se no *Capítulo IV* referente ainda a essa primeira.

A organização das secções, possivelmente estabelecida pelo professor, abre espaço para a hipótese de que o curso não contemplou tudo o que fora idealizado inicialmente. O fato de o curso trabalhar apenas a perspectiva histórica da língua vai de encontro ao que o professor estrutura em relação a "começar pelo ponto de vista histórico", levando-se a crer que se terminaria pelo "ponto de vista estático". A importância dada a essas duas perspectivas de estudo pôde ser observada na retomada das três primeiras conferências de Saussure em Genebra, elaborada no capítulo dois desta tese. Acentuada a organização do curso, importar retornar às anotações de Riedlinger.

O capítulo sobre as evoluções fonéticas institui o uso da palavra fonética para "designar as mudanças dos sons *no tempo*, excluindo-se a fisiologia fonológica da fonética." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 45, TN).[86] Essas mudanças dos sons no decorrer do tempo são fenômenos inconscientes da língua, passíveis de observação apenas por estudos do uso passado, por intermédio de documentos escritos.

> As mudanças são mais ou menos consideráveis, mais ou menos numerosas, mas todas possuem a característica de se produzir com certa regularidade: um elemento localizado nas mesmas condições mudará do

[86] [...] phonétique pour désigner les changements des sons *dans le temps* et nous excluons la physiologie phonologique de la phonétique.

> mesmo modo em todas as palavras. (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 45, TN).[87]

Essa regularidade de repetição de um fenômeno fonético já era denominada como “lei fonética”, expressão contra a qual Saussure argumenta representar um contrassenso, uma vez que um elemento não poderia ser regido por uma lei, entretanto, vê-se obrigado a adotar a palavra *lei* na ausência de uma terminologia mais adequada. Observa-se, aqui, mais um exemplo do descontentamento de Saussure com a terminologia existente, que, apesar de adotá-la, o faz com as devidas reservas e ressalvas, seja por apriorismo metodológico, seja por zelo no processo de construção do conhecimento.

O capítulo, então, é organizado em quatro subsecções – chamadas de parágrafos. O parágrafo primeiro trata dos (§1) *Meios que temos para reconhecer as mudanças fonéticas e as questões de método que a elas se ligam*[88], sendo realçado que parte do assunto do curso em questão será visto no semestre seguinte, por uma questão de organização do conteúdo:

> Este parágrafo poderia servir de pretexto para examinar todo o método histórico em linguística. Isso não seria sair do objeto já que as evoluções fonéticas são um capítulo das evoluções da linguagem em geral, mas como essa questão será tratada em toda a sua envergadura no próximo semestre, nós nos limitaremos ao que concerne mais especialmente às mudanças fonéticas. (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 46, TN).[89]

Focando-se às mudanças fonéticas, são destacados dois meios para seu reconhecimento: o direto (comparando as palavras de um mesmo idioma) e o indireto (comparando palavras equivalentes de idiomas distintos), de modo que o último é defendido como mais profícuo que o primeiro. O método histórico (linguística comparativa) é tomado, portanto, como o mais eficaz para se analisar as transformações da língua.

O maior obstáculo dessa linguística comparativa é basear-se em documentos históricos escritos, consequentemente, sem poder contemplar de forma documental

---

[87] Ces changements sont plus ou moins considérables, plus ou moins nombreux mais tous ont le caractère de se produire avec une certaine régularité : un élément placé dans les même conditions changera de la même façon dans tous les mots.

[88] § 1. Moyens que nous avons de reconaître les changements phonétiques et les questions de méthode que s’y rattachent. (46)

[89] Ce paragraphe pourrait servir de prétexte à examiner toute la méthode historique en linguistique. Ce ne serait pas sortir du sujet puisque les évolutions phonétiques sont un chapitre des évolutions du langage en général, mais comme cette question sera traitée dans toute son envergure au semestre prochain, nous nous bornerons à ce qui concerne les changements phonétiques plus spécialement.

o período anterior à escrita, que por meio das comparações é apenas inferido, sem ser comprovado. Assim, “toda comparação será uma reconstrução, uma recomposição.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 45, TN)[90], cabendo ao linguista ponderar não somente sobre o fator cronológico, como também identificar os limites geográficos de cada variação.

O parágrafo segundo (§2) aborda *A*s *mudanças fonéticas (gerais e particulares) em si mesmas*, principalmente ao que tange às regularidades. A partir de exemplos do alemão antigo (sobre o qual os fenômenos não sofreriam influência da escrita) dedica-se a explicitar que uma forma *a* transforma-se em *b* sob mesmas condições, ou por uma causa combinatória ou por uma causa espontânea (interna ou externa, respectivamente). Se a vizinhança fonética do elemento modificado for determinante para a sua transformação, a mesma enquadra-se nas mudanças combinatórias; mas se a constância de transformação ocorrer em determinado elemento independente do ambiente fonético em que se encontra, caracteriza-se uma mudança espontânea.

A partir desses dois tipos mais gerais de mudança, são ponderados alguns erros provenientes de formulações incorretas dos fatores que geram (ou poderiam gerar) uma transformação, oferecendo aos alunos, com a ajuda de exemplos, uma visão mais analítica dos fenômenos linguísticos. Fechando essa subsecção, é abordado superficialmente que as mudanças fonéticas não são afetadas pelo aspecto gramatical das palavras, mas que há transformações que poderiam ser trabalhadas como mudanças gramaticais em lugar de mudanças fonéticas[91].

Entretanto, antes de finalizar essa segunda alínea, é destacado que “teríamos de falar aqui sobre as *perturbações* dos fenômenos fonéticos regulares pelas misturas dialetais (nas grandes cidades) e também do tempo necessário para as mudanças se produzirem [...]. Mas nos falta tempo.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 54, TN).[92] A escolha de avisar o que não será trabalhado é constante nesse primeiro curso, assim como de ressaltar a importância das partes omitidas em relação ao objeto geral do curso. Tal estratégia demonstra preocupação

[90] Toute comparaison sera une réconstruction, une recomposition.
[91] Com exemplos relativos às variações nas línguas que declinam em casos.
[92] Nous aurions à parler ici des *perturbations* des phénomènes phonétiques réguliers par les mélanges dialectaux (dans les grandes villes) et aussi du temps qu’on mis les changements à se produire [...] Mais le temps nous manque.

em se abarcar cada aspecto analítico em sua completude, viabilizando (talvez) uma busca independente ou posterior para o aluno.

O parágrafo terceiro (§3) cita seis *Causas das mudanças fonéticas,* sendo estas: (1) a lei do menor esforço; (2) o estado geral da nação; (3) a ideia de que a raça em si mesma teria pré-disposições que, a princípio, ditariam as mudanças fonéticas; (4) a climatologia e as condições geográficas gerais de um país; (5) a educação fonética da infância; e (6) as assimilações por modismos.

Essa abordagem diversificada – com fatores psicológicos, fisiológicos, histórico-políticos, geográficos e socioculturais – procura abarcar as variáveis que envolvem as mudanças fonéticas, assim como relativiza generalizações e evidencia fenômenos contrários em relação a um mesmo elemento.

O quarto e último parágrafo versa sobre [§4] *Efeitos ou consequências das mudanças fonéticas* nas instâncias temporal e espacial, sobre os quais se afirma:

> Esses efeitos são muito diversos, mas em todas as direções eles são incalculáveis; mensurá-los é uma tarefa maior que considerar o fenômeno dos efeitos em si mesmo, pois se pode dizer que ele é o menos complexo e o mais geral. Nós tomamos a *modificação do aspecto das palavras, de sua constituição fônica:* A) no tempo, e B) no espaço. (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 46, TN).[93]

No que tange às modificações no tempo, observa-se que destacados os pontos de partida e de chegada, há casos em que não há nenhuma semelhança entre eles, como no exemplo do germânico *aiwan-jē [eu]* (as etapas das transformações foram: *aiwan → aiwă → aiw → êw → êo → eo → io → ie → je → jê – conforme o exemplo contemporâneo dado por Saussure: «<u>was ich je gemacht habe!»</u> - O que eu sempre fiz*); entretanto, observadas as etapas da transformação, verifica-se que cada mudança ocorreu em regularidade com as leis fonéticas e de maneira independente, possibilitando resultados ilimitados. “Essa característica das modificações fonéticas de serem incalculáveis e ilimitadas vem da propriedade arbitrária do símbolo fonético que não possui nenhuma ligação com a significação da palavra.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 61, TN).[94] Desse modo,

[93] Ces effets sont très divers mais dans toutes les directions ils sont incalculables ; les mesurer est une tâche plus grande que de considérer le phenomène des effets en lui-même, car on peut dire qu’il est le moins complexe et le plus général. Nous prenons la *modification de l’aspect des mots, de leur constituition phonique :* A) dans le temps, et B) dans l’espace.

[94] Ce caractère des modifications phonétiques d’être incalculables et illimitées vient de la qualité arbitraire du symbole phonétique que n’a aucun lien avec la signification du mot.

somando-se os fatores de transformação externos aos fonéticos, uma língua pode se tornar ininteligível de uma época a outra.

Quanto às modificações no espaço, os eventos fonéticos possuem não somente delimitação temporal como também espacial. O limite geográfico representa o germe das diferenças entre línguas e dialetos; pois “é a mudança fonética ou linguística que cria a língua em sua diversidade e não a diversidade de línguas que condicionam a diferença das mudanças linguísticas.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 63, TN).[95]

As variações referentes às questões geográficas não são estanques em suas fronteiras, antes variam de forma irregular cujos limites são incertos, de modo que em um mesmo território geográfico é possível identificar atravessamentos de transformações em estágios diferentes, nos quais cada fenômeno estende-se à vizinhança, sem ser possível delimitar corretamente um mapa de dialetos, conforme simula a figura sete:

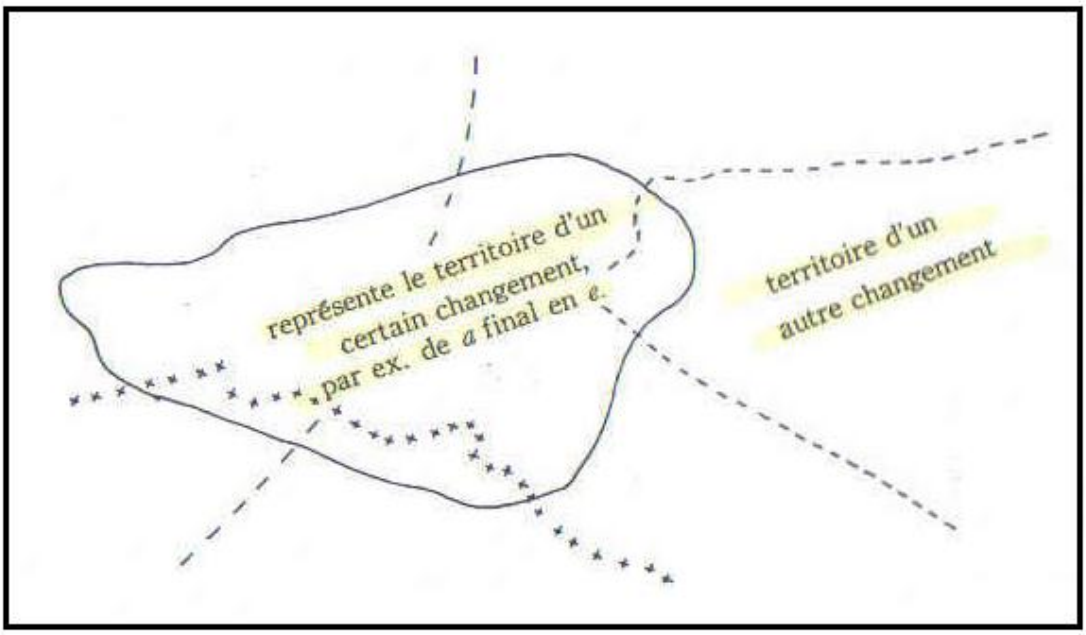


Fig. 07 – Mudanças fonéticas independentes
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 64)

A figura oito demonstra de forma simples os atravessamentos que um território determinado sofre em relação às mudanças fonéticas, entretanto, para compreender melhor essas interações, necessário se faz compreender que vários

[95] C’est le changement phonétique ou linguistique qui crée la langue dans sa diversité et non la diversité des langues qui conditionnent la différence des changements linguistiques.

fenômenos ocorrem próximos a um mesmo limite, em uma imbricação simultânea, conforme acrescentado pela figura oito:

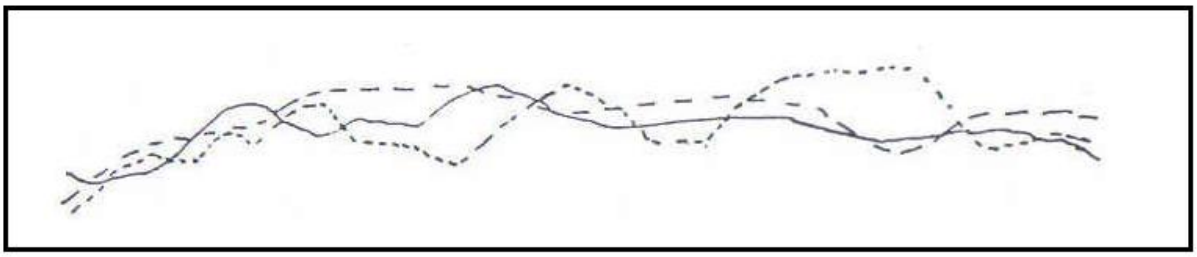


Fig. 08 – Limites incertos
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 64)

A suposta homogeneidade de uma língua é questionada, assim como a crença de que seus limites são absolutos. Observa-se, entretanto, que a aproximação fronteiriça paulatina que ocorre entre os vários fenômenos pode delinear novos dialetos ou línguas no espaço.

O professor acrescenta uma subdivisão do parágrafo quarto [II efeito] intitulada *Efeitos gramaticais*, à qual Komatsu (1993, p.66) interpreta como sendo um novo parágrafo [§5]; cabe lembrar, no entanto, que no início do capítulo é antecipado que o mesmo seria subdividido apenas em quatro parágrafos.

Independente da interpretação fracionária dada a essa secção, em relação ao todo do capítulo, ela é a maior e mais detalhada de todas, com três alíneas distintas: “A) efeito frequente: ruptura do vínculo gramatical; B) efeito gramatical da mudança fonética fundamentado na palavra da qual as partes eram analisáveis gramaticalmente e que vem a ser um todo indivisível; e C) a alternância: o mais importante, o mais ordinário e o mais vasto dos efeitos gramaticais que podem ter as mudanças fonéticas” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 66, 68 e 72, TN).[96] Para cada uma dessas alíneas, são descritas e exemplificadas mudanças e seus efeitos gramaticais, cabendo a esse trabalho apenas retomar que no caso da alternância as variações ocorrem no mesmo intervalo de tempo, de forma concomitante, diferente do caráter substitutivo das demais mudanças.

[96] A) effet fréquent : rupture du lien grammatical (66) ; B) Effet grammatical du changement phonétique consistent en ce qu’un mot dont les parties étaient analysables grammaticalement devienne un tout indivisible (68) ; C) L’alternance : le plus important, le plus ordinaire et le plus vaste des effets grammaticaux que peuvent avoir les changements phonétiques (72).

Pouco antes do fim do capítulo, é oferecida mais uma reflexão no que tange à terminologia, em lateral de página Riedlinger anota a digressão; palavra essa anotada pelo próprio aluno e que vem ratificar o posicionamento crítico de Saussure frente à terminologia da época[97].

> <Digressão: Fala-se de leis fonéticas e de leis de alternância, mas nos dois casos "lei" tem um sentido diferente: lei fonética = evento fonético é falso, pois a lei é qualquer coisa de permanente que corresponde a um estado, seria preciso dizer: evento fonético, que possui sua lei. O emprego de lei quando se trata de alternância é bom (lei=arranjo, princípio de regularidade). Se fosse preciso escolher entre esse duplo emprego seria melhor reservar a palavra lei para os fatos, os estados gramaticais (dos quais a alternância faz parte).> (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 78, TN).[98]

O término desse capítulo sobre evoluções fonéticas liga-se diretamente às poucas linhas creditadas[99] a esse primeiro curso de linguística geral redigidas por Saussure, nas quais ele afirma: "se não terminamos o capítulo das mudanças fonéticas, que é, por assim dizer, sem fim, pelo menos *fechamos* esse capítulo, quanto ao que queríamos dizer expressamente neste início de curso" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 257). Uma vez mais, verifica-se o cuidado do mestre em explicitar para os alunos a amplitude temática assim como em evidenciar a delimitação necessária a qualquer disciplina.

O capítulo dois, cujo título é *Mudanças analógicas*, não é subdividido antecipadamente em parágrafos como o anterior, fato que, na hipótese de Godel, possibilitou que ele tenha "se enriquecido de desenvolvimentos talvez não previstos" (GODEL, 1964, p. 57, nota de rodapé 51, TN).[100] Contudo, a proposta de organização e transcrição de Komatsu (1993) acrescenta parágrafos [§] numerados antes das subsecções sublinhadas por Riedlinger, além de criar alguns subtítulos, dados que os cadernos do aluno não oferecem. Esse procedimento de acréscimo em lacunas

---

[97] Como já apresentado em outros momentos nessa tese.

[98] <Digression : On parle de lois phonétiques et lois d'alternance mais dans le cas « loi » a un sens différent : loi phonétique = événement phonétique est faux car la loi est quelque chose de permanent qui correspond à un état, il faudrait dire : événement phonétique, que a sa loi. L'emploi de loi quand il s'agit d'alternance est bon (loi=arrangement, principe de régularité). S'il fallait choisir entre ce double emploi il vaudrait mieux garder le mot loi pour les faits, les états grammaticaux (dont l'alternance fait partie).>

[99] Como amplamente conhecido e aqui referenciado, Bouquet e Engler estabeleceram a organização dos manuscritos saussurianos, assim como creditaram certos papéis a determinadas épocas e/ou cursos. O título que credita essas notas ao curso de 1907 foi dado pelos organizadores e não por Saussure, todavia não havendo ainda evidências que trabalhem contra os posicionamentos dos organizadores, esta pesquisa retoma essa organização, com as devidas ressalvas.

[100] S'enrichissant de développements peut-être non prévus.

também foi feito, anteriormente, por Godel, entretanto sua proposta foi apenas apresentar de forma geral o conteúdo do texto, e não a sua íntegra. Posteriormente e de maneira semelhante procederam Bouquet e Engler nos *Escritos de Linguística Geral*, sinalizando, como em Komatsu, interesse em organizar os conteúdos para o leitor.

Questões de organização e edição à parte, Riedlinger registra em seu caderno uma lacuna nas próprias anotações referente a esse início de capítulo, creditando as informações sobre aquele fragmento a Caille. A essa parte introdutória do capítulo, Komatsu intitulou [§1] *O princípio fundamental da analogia*, na qual é apresentado o fenômeno da analogia em si mesmo:

> Todas as modificações normais da língua que não vêm da mudança fonética são provenientes dos efeitos da analogia. O termo "analogia" é tomado da gramática grega (em oposição à anomalia). Uma forma analógica é uma forma criada à imagem de outra. Há mudança analógica quando a uma forma tradicional existente substitui-se outra criada por associação. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 80, TN).[101]

Essa produção de transformação em função de associações obedece tanto ao princípio de economia da língua – por exemplo, na readequação de paradigmas verbais – quanto a certa criação interativa dos falantes. Esse fenômeno da analogia, que já havia sido tratado reduzidamente na Segunda Conferência em Genebra[102], socialmente assume o caráter de erro, de falta contra a língua, principalmente quando permanece um tempo de modo concomitante com o uso regular. Questiona-se, então, se é apropriado falar de mudança ou de criação analógica, desenvolvendo, por meio de exemplos, o caráter criador do fenômeno.

Ampliando essa característica, a segunda secção fora nomeada inicialmente como "A analogia como atividade criadora da língua", de acordo com anotação lateral de Riedlinger, mas foi substituída por [§2] *Analogia, princípio geral das criações da língua*; substituição esta que demonstra novamente o cuidado de Saussure com a seleção de palavras, com as designações e seus desdobramentos. Ao começar esta secção, Saussure afirma que se trata de um "fenômeno psicológico", fato que ninguém contesta, entretanto, ressalva que "é perigoso

[101] Toutes les modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement phonétique sons des effets de l'analogie. Ce terme d' « analogie » est emprunté à la grammaire grecque (opposé à anomalie). Une forme analogique est une forme crée à l'image d'une autre. Il y a fait, changemente analogique, quand une forme traditionelle existante on en substitue une autre créée par association.
[102] Comentada na secção 2.2.2 desta tese.

contentar-se em opor o fenômeno analógico ao fenômeno fonético como estado psicológico. É preciso achegar-se mais perto e dizer que a criação analógica é de *ordem gramatical* [...].” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 89, TN).[103] Isso porque esse princípio criativo parte das relações psíquicas da consciência que englobam e relacionam as formas das palavras às ideias que essas expressam.

Destaca-se, todavia, que esse processo criativo não é fruto de reuniões de sábios profundos conhecedores da língua discutindo verbetes do dicionário, estabelecendo parâmetros e diretrizes de semelhanças e adequações, antes resulta do uso da língua, do ato mesmo da fala. Desse modo, “para que essa forma entre na língua, é preciso que 1° alguém a tenha improvisado e 2° [ela seja] improvisada na ocasião da fala, do discurso” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 89, TN)[104] assumindo, em seguida, o lugar das formas que caírem em desuso. A perspectiva criadora por intermédio da relação do que é *suscitado na fala* com o que é *consagrado na língua*, é descrita da seguinte maneira:

> Se é verdade que sempre se tem necessidade de usar o tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo o que entra na língua foi anteriormente ensaiado na fala um número de vezes suficiente para que resultasse em uma impressão durável: a língua não é senão a consagração daquilo que foi evocado pela fala. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 91, TN).[105]

A descrição de tal reciprocidade evidencia a interdependência entre língua e fala e introduz a relação de oposição trabalhada entre essas duas noções, por Saussure, para quem “essa oposição é muito importante pela clareza que lança sobre os estudos da linguagem” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 91, TN).[106] Partindo da premissa de estabelecer os limites de cada conceito, define-se: “tudo o que é trazido aos lábios pelas necessidades do discurso e por uma operação particular: é a fala. Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das

[103] [...] il est périlleux de se contenter d’opposer le phénomène analogique ao phénomène phonétique comme étant psychologique. Il faut le serrer de plus près et dire que la création analogique est d’*ordre grammatical* [...].
[104] Pour que cette forme pénètre dans la langue, il faut que 1° quelqu’un l’ait improvisée et 2° [elle soit] improvisée à l’occasion de la parole, du discours [...].
[105] S’il est vrai que l’on a toujours besoin du trésor de la langue pour parler, réciproquement, tout ce qui entre dans la langue a d’abord été éssayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu’il en résulte une impression durable : la langue n’est que la consécration de ce qui avait été évoqué par la parole.
[106] [...] cette opposition est très importantpar la clarté qu’elle jette dans l’étude du langage.

formas ouvidas e praticadas e de seus sentidos, é a língua". (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 92, TN).[107] Conforme a figura nove:

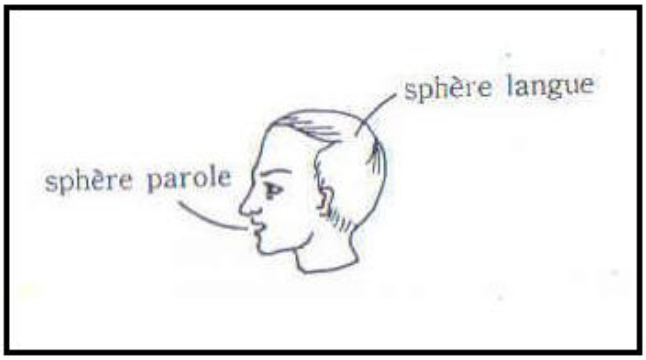


Fig. 09 – Duas esferas
(SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 92)

Apesar de a esfera da língua ser apontada ao "cérebro do indivíduo", de também ser definida como o "reservatório individual", e de a fala representar o lado social, produzindo novidades na emergência do discurso, é errôneo simplificar essa dicotomia em fala-social / língua-individual; uma vez que "tudo o que se considera, com efeito, da esfera interior do indivíduo é sempre social" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 92, TN)[108], uma vez que são as relações de uso social da língua que fornecem os traços individuais.

A dicotomia fala-língua foi trabalhada nos três cursos, entretanto, ainda possui pontos controversos tanto em relação ao CLG quanto aos manuscritos de Saussure.

Temática desenvolvida no capítulo 7: secção Língua / Fala

A partir dessa dicotomia, propõe-se uma nova subsecção, [§3] *A classificação interior*, na qual é discutida a organização mental do indivíduo em relação à língua; de modo que, por meio do sistema de *associação* o indivíduo organiza forma-ideia e forma-forma. Isso posto, é possível vislumbrar uma ligação entre a organização mental de associação e a gramática, uma vez que aquela sistematiza (consciente ou não) o mesmo material que esta usaria para agrupar informações e métodos; a grande diferença é que a postulação gramatical acaba por intervir no fluxo natural da língua.

Em face de o sujeito falante ignorar o agrupamento das formas passadas, o gramaticista fica obrigado a estabelecer o estudo da língua em duas esferas: no

[107] Tout ce qui amené sur les lèvres par les besoins du discourset par une opération particulière : c'est la *parole*. Tout ce qui contenu dans le cerveau de l'individu, le depôt des formes entendues et pratiquées et de leurs sens, c'est la *langue*.
[108] Tout ce que l'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social [...].

tempo e em uma época dada[109]. Nos dois casos é preciso lançar mão de processos comparativos entre os elementos simultâneos da língua, que fazem parte do acervo mental dos falantes, para se compreender os processos classificatórios tanto sistêmicos (pelo gramaticista), quanto subconscientes (pelos falantes em geral).

Dentro do sistema de associação identifica-se (1) a aproximação das formas; (2) a fixação do valor e (3) a existência da análise involuntária; o que implica associar – por exemplo (p.94):

I°	*II°*
quadru-pes	*triplex*
quadri-frons	*simplex*
quadra-ginta	*centuplex*

Nesses exemplos, a associação mental é estabelecida pela (1) aproximação das formas, que se dá pela repetição do elemento regular (quadr- / -plex); (2) pela fixação de valor significativo, que analogamente se repete na primeira e na segunda sequência de exemplos (cujos valores são relacionados na construção de *quadruplex*); e (3) pela análise involuntária em relacionar os termos constituintes e em coordenar suas relações internas (na palavra) e externas (em relação ao tesouro mental).

Logo, os elementos organizam-se a partir de aproximações analógicas e de relações de diferenças, além de apresentar – normalmente – um elemento constante e uma variável, o que se exemplifica por meio dos paradigmas verbais. Ressalta-se, contudo, que "a língua não conhece os nomes *radical, sufixo, etc.,* mas não se pode recusar a consciência e a utilização dessas diferenciações" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 96, TN)[110], isto é, mesmo sem a consciência absoluta dos sujeitos falantes sobre os termos e os processos analógicos de formação de palavras, eles são fatos da língua, portanto, o sistema de classificação conduz a uma análise das palavras e de suas subunidades, antes da qual são necessárias três observações prévias:

> 1. Não se pode questionar em linguística se o sufixo existe em si mesmo. Essa questão não tem sentido, mas somente se ele existe na consciência do sujeito falante. [...]

[109] Conceitualmente verifica-se uma ligação direta com as noções de diacronia e sincronia, respectivamente; todavia tais termos não são utilizados nesse momento de aula.
[110] La langue ne connaît pas les noms de radical, suffixe etc. mais on ne peut lui refuser la conscience et l'utilisation de ces différences.

> 2. [...] <Não é preciso se inquietar quanto à história>. Os sujeitos falantes, com efeito, não possuem nenhum conhecimento do que precedeu seu estado de língua; nunca se pode prever, a partir das condições históricas, como se dará a mudança. [...]
> 3. [...] O importante é saber em qual medida a classificação da língua e do gramaticista se correspondem, ver em qual medida existem verdadeiramente essas unidades na consciência dos sujeitos falantes.
> (SAUSSURE, por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 98-99, TN).[111]

Considerando essas três ponderações – a indagação sobre a existência de um elemento mórfico, a irrelevância da história da língua para seus falantes e a relação analítica do gramaticista com a consciência dos sujeitos – verifica-se o enfoque sobre a perspectiva do falante, com a preocupação em se tratar de questões relativas à organização/classificação da língua em conformidade com a realidade dos sujeitos. Uma vez destacada a importância de se relacionar teoria linguística com realidade de uso, o curso dedica-se a destrinchar alguns casos complexos sobre fenômenos interpretados como prefixos e outros como raízes.

Retomando aqui apenas as questões gerais relativas aos prefixos, estes são apresentados como mecanismos vivos da língua, uma vez que seus falantes são capazes de – por intermédio de seu uso – criar combinações inéditas para seus próprios ouvidos; contudo, apesar de possuírem significados inerentes, destaca-se que os graus significativos não são idênticos em suas diversas ocorrências, como por exemplo, nos verbetes *informar*, *incriminar* e *inconsequente.* Partindo do pressuposto de que os sujeitos falantes não precisam dominar plenamente essas nuances significativas, afirma-se que “o prefixo pode ser reconhecido pela língua mais ou menos claramente, mas sem possuir o sentido definido.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 101, TN).[112]

Importa ressaltar que a compreensão e a fragmentação das subunidades da língua demonstram que essas obedecem a princípios de organização e ordenação, fato que retoma o princípio “pueril” de linearidade (óbvio não se pode pronunciar simultaneamente elementos distintos), que “é a garantia primordial de que a ordem sempre estará à vista na palavra; dessa linearidade implica a necessidade de a

[111] 1. On ne peut pas se demander en linguistique si le sufixe existe en lui-même. Cette question n’a pas de sens, mas seulement s’il existe dans la conscience du sujet parlant.[...] 2. [...] Les sujets parlants en effet n’ont aucune connaissance de ce qui a précédé leur état de langue ; on ne peut jamais prévoir, d’après les conditions historiques, comment se fera le changement. [...] 3. [...] Le tout est de savoir dans quelle mesure le classement de la langue et du grammairien se correspondent, de voir dans quelle mesure existent vraiment ces unités dans la conscience des sujets parlants.

[112] Ce préfixe peut être reconnu par la langue plus ou moins nettement mais sans posséder de sens défini.

palavra ter um início e um fim, de não se compor senão de elementos sucessivos," (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 101-102, TN)[113] como raízes, sufixos e prefixos.

No que diz respeito à raiz das palavras, a relação com seu significado em botânica cria uma falsa concepção de que ela é a base que alimenta as ramificações possíveis, consequentemente, "a noção de raiz considerada como a parte de onde se desenvolve o resto é falsa" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 104, TN)[114], pois uma vez que a palavra figura como um produto, a raiz (e as demais subunidades) representa apenas um de seus fatores.

Ao considerar as subunidades como fatores cujo produto final é a palavra, o professor evidencia aos alunos as regularidades e as irregularidades presentes nas variações de cada fator, evidenciando a necessidade de o estudioso da língua considerar não somente a análise sistêmica dos fenômenos, com rigor em seus métodos, como também relacioná-la à percepção e ao uso dos sujeitos falantes. Ele pondera que,

> <Até o momento> nós não nos ocupamos das *análises dos gramaticistas* e nós não buscamos senão o que é vivo na consciência dos sujeitos falantes. É um perigo em linguística misturar as decomposições feitas de diferentes pontos de vista com aquelas feitas pela língua; mas é bom fazê-las em paralelo <e confrontar os procedimentos do gramaticista para decompor as palavras em suas unidades com o proceder dos sujeitos falantes>. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 111, TN).[115]

Essas diferentes estratégias de análises de uma língua são estruturadas em *análise subjetiva e análise objetiva*, entretanto, antes de prosseguir com as colocações de Saussure, importa salientar que esse segundo capítulo do curso possui apenas duas subdivisões registradas no caderno de Riedlinger, os parágrafos segundo e terceiro numerados por Komatsu (1993), entretanto, como já abordado, por uma questão de organização Komatsu acrescentou subdivisões também ao restante do capítulo, com quatro novos parágrafos. Anos antes, na apresentação

[113] [...] est la garantie primordiale que l'ordre aura toujours à voir dans le mot ; de cette linéarité découle la nécessité pour le mot d'avoir un commencement et une fin, de ne se composer que d'éléments successifs.
[114] La notion de racine considéré comme une partie d'où se développe le reste est fausse.
[115] <Jusqu'à présent> nous ne nous sommes pas occupés des *analyses des grammairiens* et nous n'avons recherché que ce qui est vivant dans la conscience des sujets parlants. C'est un danger en linguistique de mêler les décompositions faites à différents points de vue avec celles faites par la langue ; mais il est bon d'en faire le parallèle <et de confronter le procédé du grammairien pour décomposer les mots dans ses unités avec le procédé des sujets parlants>.

geral do curso, reduzida e elaborada por Godel (1957), a essa mesma parte foram acrescidas seis novas subdivisões[116].

Com o objetivo de seguir certa linearidade organizacional, será referenciada aqui a estratificação proposta por Komatsu, desse modo, inicia-se um novo parágrafo [§4] intitulado *Análise subjetiva e análise objetiva*, sendo que a primeira diz respeito à análise feita pelos sujeitos falantes e a segunda pelos gramaticistas. Esses dois tipos não possuem nenhuma correspondência, principalmente porque alguns elementos próprios ao uso da língua pelos sujeitos falantes são considerados pelos gramaticistas como erros, além de estes considerarem as diferentes épocas da língua, enquanto aqueles unicamente a língua em sua atualidade. Obviamente que um gramaticista pode elaborar tanto uma análise quanto a outra, entretanto, não o pode fazer de forma concomitante, porque cada uma delas levará a resultados diferentes.

Após algumas ponderações e exemplificações, discute-se o valor das análises subjetivas para as criações da língua e conclui-se que ela "passa seu tempo a interpretar e a decompor o que existe nela de contribuição das gerações precedentes [...] para em seguida com as subunidades que ela obteve combinar a novas construções." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 122, TN).[117] Esse movimento atribuído à língua em si mesma refere-se à associação dos fenômenos internos da língua à sua atualidade na fala, pois é exatamente na emergência da fala que ocorrem novas construções, criações a partir de arranjos da estrutura das palavras.

Tais arranjos formam-se unicamente de duas maneiras: por *processo de aglutinação* ou por *procedimento de formação analógica*; dentro de um novo parágrafo – [§5] *Aglutinação* – essas duas possibilidades de formação de palavras são trabalhadas, na busca de, ao explicar a primeira, conseguir maior clareza para a segunda. Assim,

> O que é o processo aglutinativo? É um processo, nós dizemos, e não um procedimento: procedimento implica uma vontade, uma intenção; não se reconheceria o caráter da aglutinação em qualquer coisa de voluntário; é

[116] Intituladas como: radicais e sufixos; as duas análises; valor das análises subjetivas para as criações da língua, processo aglutinativo e procedimento analógico; os fatos da etimologia popular; e conclusões e observações complementares.

[117] [...] passe son temps à interpréter et à décomposer ce qui est en elle de l'apport des générations précédentes [...] pour ensuite avec les sous-unités qu'elle a obtenues combiner de nouvelles constructions.

> <exatamente> essa falta de vontade que é uma das características pela qual a aglutinação se distingue da criação analógica. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 122, TN).[118]

Por conseguinte, apenas o procedimento analógico é visto como criativo, enquanto a aglutinação revela-se como uma nova combinação frasal, ou a simplificação de uma ideia complexa, como exemplificado em francês, au jour d'hui → aujourd'hui, e em português, em boa hora → embora. Ao contrastar esses dois fenômenos, Saussure retorna ao objeto central do capítulo e destaca o [§6] *Papel conservador da analogia.* Apesar de trabalhar a analogia em sua perspectiva criadora, cabe destacar as duas forças produzidas por esse procedimento: *a força dinâmica*, inovadora, com a qual a língua transforma-se criativamente; e *a força estática*, perpetuadora, cuja preservação de antigos paradigmas pode impedir mudanças que seriam impulsionadas pelos fenômenos de variação fonética.

O capítulo é encerrado com a observação aos [§7] *Fatos da etimologia popular*, vistos provisoriamente como uma particularidade da formação analógica. Esses fatos podem ocorrer sob três categorias específicas: "1) etimologia popular latente [...]; 2) etimologia popular efetiva, mas sem criação de elementos novos [...]; 3) etimologia popular efetiva criando uma palavra nova [...]." (GODEL, 1957, p. 62-63, TN).[119] Nesses três casos, essas construções por analogia recebem o nome de *barbarismo*, uma vez que são vistas como uma deformação da língua.

Os estudos do CLG foram desdobrados com enfoque na perspectiva do sistema, mas é possível observar a preocupação de Saussure em relação à natureza do trabalho executado pelo falante.

Temática desenvolvida no capítulo 7: secção Sujeito-falante

A utilização do termo "deformar" para as mudanças oriundas da etimologia popular, seja por influência de língua estrangeira, de jargões científicos ou de palavras raras, aparece em oposição às "formações" analógicas que obedecem ao movimento próprio da língua (o termo *deformar*, portanto, é esvaziado da noção pejorativa). A perspectiva de transformação – por formação ou deformação – é analisada pelo campo diacrônico, que compreende (1)

[118] Qu'est-ce que le processus agglutinatif ? C'est un processus, disons-nous, et non un procédé : procédé implique une volonté, une intention ; on méconnaîtrait le caractère de l'agglutination en y introduisant quelque chose de volontaire ; c'est <justement> cette absence de volonté qui est un des caractères par lequel l'agglutination se distingue de la création analogique.

[119] 1) étymologie populaire latente [...] ; 2) étymologie populaire effective, mais sans création d'éléments nouveaux [...] ; 3) étymologie populaire effective créant un mot nouveau [...].

as mudanças fonéticas, (2) as criações analógicas e (3) os fenômenos patológicos ligados à etimologia popular.

A título de definição, diacronia corresponde aos "estados da língua sucessivos considerados uns em relação aos outros" e a sincronia aos "fatos da língua dados quando se encerram em um só estado" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 138, TN).[120] Todo o curso trabalhado até este momento aborda a perspectiva diacrônica, fato que respalda a observação do professor quanto às impossibilidades de se trabalhar apropriadamente a perspectiva sincrônica:

> Os estados da língua contêm tudo o que se chama ou deveria se chamar gramática, a gramática, com efeito, supõe um sistema de unidades contemporâneas entre elas. Mas a linguística estática não pode ser tratada nesse fim de semestre (7-8 lições!); ela será, mais tarde, o objeto de um curso completo. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 138, TN).[121].

Essa observação referente ao conteúdo do curso, comparada ao que fora afirmado no início do capítulo sobre evoluções fonéticas[122], revela que, apesar de haver proposto abordar as linguísticas histórica e estática (partindo daquela para esta), não houve tempo hábil para desenvolver as duas; sendo necessário por isso vislumbrar um curso específico dedicado às questões da linguística sincrônica.

Numa breve retrospectiva, a estruturação apresentada em aula até este momento contemplou informações *preliminares,* seguidas por um capítulo sobre *evoluções fonéticas* e um capítulo sobre *mudanças analógicas*, ambos mais extensos e detalhados, representando a maior parte do texto. Dando continuidade, o terceiro, e penúltimo capítulo, apresenta uma *visão geral sobre a história interna e externa da família das línguas indo-europeias*, cujo recorte é justificado pela impossibilidade temporal em se apresentar uma classificação geral das línguas em suas representações estáticas.

Para obter uma visão geral sobre a história dessa família de línguas, são propostas duas metodologias de análise: a primeira diz respeito à comparação entre

---

[120] [...] les états de la langue successifs considérés les uns en face des autres [..] les faits de langue donnés quand on s'enferme dans un seul état.

[121] Les états de la langue contiennent tout ce qu'on appelle ou devait appeler grammaire ; la grammaire en effet suppose un système d'unités contemporaines entre elles. Mais la linguistique statique ne peut être traitée en cette fin de semestre (7-8 leçons !) ; elle fera plus tard l'objet d'un cours complet.

[122] Conforme abordado na pág. 55 desta tese.

diferentes línguas, enquanto a segunda sugere a comparação de uma língua em relação a si mesma, considerando os diferentes estados da língua (épocas).

No primeiro caso é fundamental que a comparação entre diferentes línguas parta de algum ponto em comum, por isso considera-se o estudo comparativo a partir de famílias de língua, e não de línguas escolhidas ao acaso. Uma possibilidade organizacional é considerar o ponto de vista estrutural, por meio do qual podem ser estabelecidos três tipos de estruturas de línguas: flexional, indivisível e aglutinativo-polissintético. Poder-se-ia selecionar, por exemplo, algumas línguas com estrutura flexional e, a partir da perspectiva da flexão, elaborar a comparação entre elas.

Cabe destacar que embora a definição de tipo faça parte da completude analítica de uma língua, sua determinação não possui caráter definitivo, configurando um engano enraizar um tipo estrutural a uma família de línguas, pois

> Isso seria ignorar vários princípios: inicialmente que um estado estático nunca é permanente, mas está sempre exposto aos acidentes diacrônicos; em seguida se vê uma intenção no que constitui o tipo, a família; porém essa intenção é exposta à mudança e pode ser rompida por fatores não intencionais, inteiramente mecânicos e fonéticos. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 143, TN).[123]

Considerando que no decurso do tempo uma língua possa migrar de um tipo a outro, é preciso observar sempre qual tipo estrutural é dominante em relação ao período sob estudo, para somente depois selecionar o feixe de línguas para comparação.

Em um caso diferente de análise, ao optar pelo estudo de uma língua relacionada a si mesma, é preciso considerar o aspecto geográfico de atuação, porque, se nas comparações entre línguas o aspecto temporal costuma ser suficiente para a análise dos diversos fenômenos, quando se trata de línguas isoladas a divisão territorial toma caráter essencial para suas variações.

Nos dois casos de análise, a partir de uma perspectiva diacrônica comparativa, pode-se chegar a um impasse metodológico: uma vez que efetivamente apenas o último estado da língua é diretamente disponível ao

[123] Ce serait méconnaître plusieurs principes : d'abord qu'un état statique n'est jamais permanent, mais est toujours exposé aux accidents diachroniques ; on voit ensuite une intention dans ce qui constitue le type, la famille ; or cette intention est exposée au changement et peut être bouleversée par des facteurs non intentionnels, entièrement mécaniques et phonétiques.

pesquisador, somente por intermédio de análise documental é possível elaborar comparações consistentes em relação aos estados anteriores. Entretanto, algumas línguas não possuem documentos que reestabelecem seus tipos primitivos, tornando-se necessário criar mecanismos de reconstrução dessa história. Para isso, "a primeira operação é observar em qual medida pode-se recuperar, reconstruir por um método ou outro aquilo que foi perdido, o que pertenceu a uma época pré-histórica da língua". (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 145, TN).[124] Para tanto, o linguista serve-se da fonética e da morfologia reconstrutivas com o objetivo de procurar o que as evoluções fonéticas e as mudanças analógicas transformaram.

Disponibilizados os métodos e as variações de análise comparativa, é elaborada uma revisão das línguas indo-europeias considerando o nome, os limites geográficos e os documentos mais antigos. Levando-se em consideração esses três fatores, são abordados sinteticamente:

I. Céltico:
   (A) gaélico, (B) britânico e (C) galês;
II. Grupo itálico;
III. Albanês;
IV. Grego;
V. Grupo *thrace*;
VI. Germânico:
   (A) setentrional, (B) ocidental e (C) oriental;
VII. Báltico;
VIII. Eslavo:
   (A) ocidental, (B) meridional e (C) Russo;
IX. *Phrygien*;
X. Armênio;
XI. Iraniano;
XII. Velho Hindu:
   (1) védico e (2) sânscrito clássico.

[124] La première opération est de voir dans quelle mesure on peut récupérér, réconstruire par une méthode ou une autre ce qui est perdu, ce qui appartient à une époque préhistorique de la langue.

Após a apresentação objetiva dessas línguas, são discutidas duas questões: quais as línguas mais antigas com registro documental e quais as línguas mais arcaicas em relação ao maior grau de conservação ou de alteração do tipo primitivo indo-europeu? O sânscrito e o grego figuram como boas representações para ambas as questões, incluindo as línguas eslavas como as de maior grau de conservação estrutural.

O capítulo é finalizado com observações sobre os métodos e as particularidades do papel do linguista nas análises comparativas, com ressalvas em relação à reconstrução dos períodos iniciais (que é desenvolvida no capítulo seguinte do curso), e com destaque à necessidade em se considerar cada conservação ou transformação de acordo com a época em que ocorre.

O último capítulo – *Capítulo IV: Método reconstrutivo e seu valor* – desenvolve o método reconstrutivo citado no capítulo III, sendo organizado em três subsecções. A primeira, única sinalizada numericamente por Riedlinger, trata sobre a *§1. Identidade do método comparativo e do método reconstrutivo*, sendo introduzida enfaticamente pela afirmação de que "toda comparação é forçada de se traduzir sob a forma de uma reconstrução sob pena de não ter sentido algum." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 160, TN).[125] Tal assertiva vai ao encontro do que fora discutido no parágrafo primeiro do capítulo I, de que "toda comparação será uma reconstrução, uma recomposição."[126]

Para corroborar essa perspectiva de equivalência entre os métodos, inicialmente Saussure propõe expandir a noção de comparação a partir de duas possibilidades: (A) a comparação de uma palavra em duas línguas diferentes – *μέδς* e *medius* – e (B) a comparação de duas palavras diferentes em uma mesma língua – *gero: gestus, quaero: quaestus*. Nos dois casos a primeira operação a ser feita será a comparação em si mesma, em seguida, necessariamente haverá o momento em que o linguista deverá conjecturar sobre a fórmula de transformação – seja fonética ou morfológica – que incide sobre o fenômeno observado, sendo este o ponto em que comparação e reconstrução se fundem.

A simples comparação é colocada como estéril para as análises linguísticas, cabendo à reconstrução o caráter analítico; desse modo, para o estudioso, os dois

[125] Toute comparaison est forcée de se traduire sous la forme d'une reconstruction sous peine de n'avoir aucun sens.
[126] Conforme já citado na página 60 desta tese.

métodos implicam-se mutuamente, representando partes processuais de um único todo. Enfaticamente, a secção é assim encerrada: “Em resumo: a comparação mesmo por equação não possui valor senão pela reconstrução: método comparativo e reconstrutivo são apenas um.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 162, TN).[127]

A secção seguinte é bastante sucinta. Sob o título [§2] *Reconstrução de formas e recomposição de fatos,* destaca o papel das reconstruções como instrumento nas mãos do linguista, não devendo figurar apenas com constatações ou muito parciais ou muito gerais, mas por intermédio da recomposição dos fatos linguísticos deve viabilizar reconstituições concernentes às formas sob análise.

Para que as recomposições sejam bem elaboradas, é preciso considerar as palavras e suas mudanças de cunho morfológico, ou seja, primeiro decompõe-se a palavra, para depois analisar as transformações que ocorreram em suas partes. Desse modo, analisam-se as transformações fonéticas e morfológicas reconstruídas a partir das decomposições, uma vez que “uma forma assim reconstituída não é um todo solidário de reconstrução; mas cada parte é evocável e suscetível de exame.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 163, TN).[128] Essa proposta de recomposição leva em consideração tanto os fatores fonéticos de transformação quanto os fatores morfológicos, colocando em evidência o domínio de cada um nas transformações.

Por fim, em sua última secção – [§3] *Objetivo dessas reconstruções, sua certeza* – é abordado o papel dessas reconstruções para o estudioso da linguagem. Conforme Saussure pondera, obviamente a reconstrução das palavras tem um objetivo mais amplo que as palavras em si mesmas, até porque não se imagina recolocar essas línguas em uso, lhe parecendo “muito bizarra” a ideia de alguns linguistas da época de reconstruírem todo o indo-europeu.

Nessa perspectiva, as reconstruções devem ter um propósito que vá além delas mesmas. Desse modo, o objetivo inicial dessas reconstruções é condensar um conjunto factível de fatores que determinam as transformações; o segundo objetivo, mais prático, é instrumentalizar o linguista sobre conhecimentos gerais a partir das

[127] En resumé : la comparaison même par équation n’a de valeur que par la reconstruction : méthode comparative et reconstructive, c’est tout un.
[128] Une forme ainsi reconstituée n’est pas un tout solidaire de construction ; chaque partie est révocable et soumise à l’examen.

diversas línguas (a noção de palavra, de prefixo, de regras gerais, etc.); e o terceiro é representar a história dos períodos pré-históricos de uma língua.

Considerando o fato de que os resultados das reconstruções não podem ser comprovados, é importante destacar que existem diferentes graus de certeza sobre cada reconstrução. Sobre isso, Saussure afirma que "a certeza nunca será absoluta; ela variará em graus infinitos, a partir da certeza moral até o ponto de interrogação." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 165, TN).[129] Desse modo, as reconstruções não devem ser tratadas igualmente, mas devem ser considerados os fatores incertos (ou as dúvidas) de cada palavra reconstruída.

RECONSTRUÇÕES

Cabe salientar que essa incerteza sobre as reconstruções não se aplica às línguas de origem latina, uma vez que elas possuem registros que podem ser consultados, sem a necessidade de reconstruções; conforme posteriormente assinala Saussure.

Apesar dos graus de incerteza, dois fatos são postos com grande convicção, primeiro, que as palavras são compostas por elementos fônicos de número limitado; e segundo, que existem pouquíssimos elementos raros em uma língua. A partir disso, "<a verdadeira maneira de se representar os> elementos fônicos de uma língua é não considerá-los como sons tendo um valor absoluto, mas com um valor puramente opositivo, relativo, negativo." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 165, TN).[130] Cabe ressaltar que o termo *valor* aqui aplicado diz respeito à relação da representação gráfica ao seu correspondente sonoro, cuja importância de demarcação ocorre apenas em oposição às demais relações significativas. As diferenças de pronúncias são, portanto, irrelevantes se não implicarem mudança significativa.

A reconstrução dos fonemas pode ser apresentada algoritmicamente, uma vez que importam apenas as determinações distintivas, o reconhecimento de um fonema em oposição aos demais e suas possíveis combinações vizinhas. Na proposta saussuriana, essa concepção de *valor* "poderia ir muito mais longe e considerar todo valor da língua como opositivo e não como positivo, absoluto."

[129] La certitude ne sera jamais absolue ; elle variera en degrés infinis, depuis la certitude morale jusqu'au point d'interrogation.
[130] <La véritable manière de se représenter les> éléments phoniques d'une langue ; ce n'est pas de les considérer

(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO I, 1907, p. 165, TN).[131] Ao focar sobre o lado negativo da significação, destaca-se o *valor relativo*, determinado tanto pela vizinhança fonológica quanto pelo período de uso (uma vez que as transformações podem incidir também sobre a pronunciação).

Para finalizar o curso, o professor propõe acrescentar um adendo com o histórico e o estado do indo-europeu, sob o ponto de vista diacrônico, utilizando, para isso, as últimas lições do curso. Efetivamente, ele consegue fazer apenas apontamentos sintéticos de algumas poucas transformações observadas pelo decorrer do tempo. Verifica-se, uma vez mais, que as antecipações do que o professor pretendia ministrar nem sempre se confirmavam em detrimento do desenvolvimento "natural" das aulas.

Este primeiro *Curso de Linguística Geral* é trabalhado majoritariamente sob o enfoque da fonologia, principalmente no que tange aos interesses linguísticos, como as perspectivas de regularidade e as de transformação. Todavia, já são encontrados nesse ano de 1907 algumas das dicotomias responsáveis pelo desdobramento e pela reputação do CLG no desenvolvimento da linguística enquanto ciência moderna.

Partindo da colocação de Meillet que epigrafa este capítulo – "Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre: para ser um mestre não é suficiente recitar diante dos ouvintes um manual correto e atualizado; é preciso ter uma doutrina e um método e apresentar a ciência com um toque pessoal"[132] – o *Curso* de 1907 reflete escolhas que coadunam o enfoque teórico selecionado a uma metodologia e organização que visavam atender àquela classe específica de alunos.

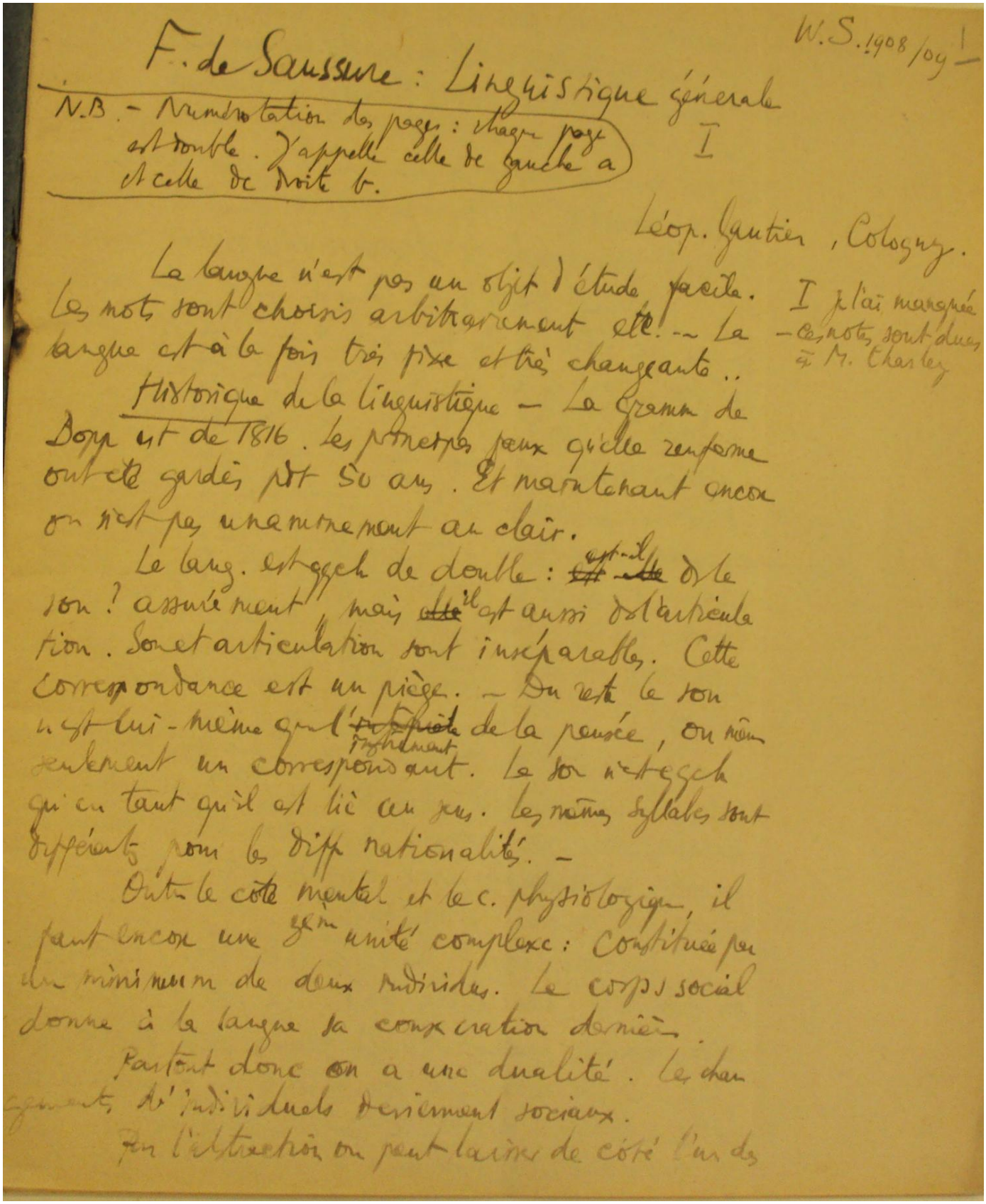
Sabendo-se que Saussure ocupou a cadeira da disciplina de Linguística Geral pouco tempo antes do início das aulas, ficam em aberto as seguintes questões: (1) Como o professor concebeu o todo do curso? (2) Qual a relevância dos pontos citados/projetados, mas não abordados? e (3) Até que ponto a falta de conhecimentos fundamentais nos alunos alterou a formatação do *Curso*?

Obviamente tais questões não podem ser respondidas, mas são levantadas como pontos de partida para a leitura e a análise dos outros dois *cursos de*

[131] [...] il faudrait aller beaucoup plus loin et considérer toute valeur de la langue comme oppositive et non comme positive, absolue.
[132] Epígrafe deste capítulo (p.46).

linguística; sendo o capítulo seguinte responsável pela descrição do *segundo Curso* a partir das anotações de Riedlinger e de Patois.

CADERNO DO CURSO II (1908/1909)



F. de Saussure : Linguistique générale

W.S. 1908/09 I

N.B. – Numérotation des pages : chaque page est double. J'appelle celle de gauche a et celle de droite b.

I

Léop. Gautier, Cologny.

La langue n'est pas un objet d'étude facile. Les mots sont choisis arbitrairement etc. – La langue est à la fois très fixe et très changeante..

I j'ai marqué – ces notes sont dues à M. Charles

Historique de la linguistique – La Grama de Bopp est de 1816. Les principes pour quelle réforme ont été gardés pdt 50 ans. Et maintenant encore on n'est pas unanimement au clair.

Le lang. est-ce de double : ~~est-il~~ ~~elle~~ de le son ? assurément mais ~~elle~~ il est aussi de l'articulation. Son et articulation sont inséparables. Cette correspondance est un pièce. – Du reste le son n'est lui-même qu'~~un pièce~~ instrument de la pensée, ou même seulement un correspondant. Le son n'est rien qu'en tant qu'il est lié au sens. Les mêmes syllabes sont différents pour les diff nationalités. –

Outre le côté mental et le c. physiologique, il faut encore une 3ème unité complexe : Constituée par un minimum de deux individus. Le corps social donne à la langue sa consécration dernière.

Partout donc on a une dualité. Les changements d'individuels deviennent sociaux.

Par l'abstraction on peut laisser de côté l'un des

4. SEGUNDO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL – 1908/1909

> *O giz à mão desde sua chegada, sempre em pé, nunca usava notas, [Saussure] cobria os grandes quadros negros de vocábulos de todas as espécies, de escolas surpreendentes, e, sem parar, sem voltar-se para trás, o olhar às vezes perdido no céu pela alta janela, dava as explicações com uma voz doce e monotônica. Acompanhá-lo nem sempre era uma coisa fácil... (Duchosal, em 1950, transcrito em DE MAURO, 1967, TN).*[133]

A segunda turma do *Curso de Linguística Geral* foi iniciada (conjectura-se) em 05 de novembro de 1908 e finalizada, conforme registros, em 24 de junho de 1909. Esse segundo curso apresenta uma estrutura bastante diferente do antecedente, uma vez que mais da metade do tempo foi dedicada à descrição maciça de línguas indo-europeias. Na opinião de Komatsu, "isso nos mostra, um pouco inesperadamente, que os cursos não foram destinados primordialmente às teorias linguísticas, mas à descrição das línguas". (KOMATSU, 1997, p. vii, TN).[134] Tal afirmação apresenta-se determinista demais, uma vez que parece ignorar os conhecimentos vistos como necessários para o desenvolvimento das temáticas linguísticas.

O posicionamento de Komatsu frente às escolhas saussurianas reflete-se em seu trabalho de transcrição do *Segundo Curso de Linguística Geral (1908/1909),* no qual ele opta por omitir três quintos dos originais de Riedlinger, sob a justificativa de que unicamente descrevem línguas indo-europeias, sem ter o foco em questões linguísticas. O conteúdo omitido é apresentado de maneira bastante objetiva em Godel (1957, p. 75-76), correspondendo às peculiaridades linguísticas do *ramo itálico*, do *ramo germânico*, das *línguas eslavas e bálticas*, encerrando com indicações a outros grupos de línguas.

De acordo com Duchosal (em DE MAURO, 1957, p. 344), Saussure partia do pressuposto de que seus alunos possuíam conhecimentos de latim, grego, francês, inglês, alemão e italiano; isso posto, pode-se inferir o acréscimo de descrições diacrônicas de algumas línguas indo-europeias como base corroborante para as

---

[133] La craie en main dés son arrivée, toujours debout, ne s'aidant jamais de notes, il couvrait les grands tableaux noirs de vocables de toutes espèces, de scolies étonnantes, et, sans arrêt, sans se retourner, le regard parfois perdu dans le ciel par la haute fenêtre, donnait des explications d'une voix douce et monocorde. Le suivre n'était pas toujours chose facile...

[134] This shows us, somewhat unexpectedly, that the courses were not primarily aimed at the theory of linguistics, but at the description of languages.

propostas teóricas por ele trabalhadas, pois tal expectativa muitas vezes não correspondia com a realidade da turma.

Ressaltada a omissão de mais da metade do curso ministrado em 1908/1909, assim como fora trabalhado na secção anterior, este capítulo toma como referência principal a publicação de Komatsu – *Segundo Curso de Linguística Geral a partir dos cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois* (1997) – na qual ele apresenta a transcrição dos cadernos de Riedlinger e de Patois,[135] excetuando-se o detalhamento da estrutura das línguas indo-europeias. Importa destacar que nem os editores do CLG, nem Godel, nem Engler fazem referência aos cadernos de Patois, disponibilizados à Biblioteca Pública e Universitária de Genebra (como os cadernos dos demais alunos). A essa primeira disponibilização pública dos manuscritos de Patois, Komatsu afirma:

> Se um ideal acadêmico é definir diante do leitor os manuscritos inéditos de um grande pensador, este ideal é cumprido na segunda parte deste livro, na qual publicamos aqui pela primeira vez as notas de Patois. Embora suas notas possam às vezes parecer simplistas e ingênuas, encontramos nelas a breve e concisa expressão de outra voz de Saussure. Espero que a descoberta pelo leitor do texto de Patois seja um ponto de partida para um renovado estudo sobre Saussure. (KOMATSU, 1997, p. vii-viii).[136]

O redescobrir e o descrever cada curso de linguística geral por intermédio dos cadernos de alguns alunos já se apresenta como um instrumento de renovação dos estudos saussurianos. Uma vez que, entre retomadas e avanços, além do olhar diferenciado de cada turma, abrem-se novos enquadres e horizontes analíticos.

Neste quarto capítulo da tese, agrega-se a essa abertura o cotejo da perspectiva mais elaborada de Riedlinger com a estrutura direta de Patois, viabilizando abstrair melhor os ensinos do professor a despeito da organização pessoal de cada aluno. Com o objetivo de evidenciar o desenvolvimento expositivo das aulas, será acrescida a datação dos cadernos de Gautier, relacionadas por Godel ao texto de Riedlinger.

---

[135] Seguimos o mesmo padrão proposto no capítulo anterior: ao referenciarmos “Saussure por Riedlinger, curso II, 1908/1909”, ou “Saussure por Patois”, de fato estamos citando Komatsu (1997) e sua respectiva paginação.

[136] If one scholarly ideal is to set before the reader the unpublished manuscripts of a great thinker, this ideal is fulfilled in the second part of this book, for we publish here for the first time the notes of Patois. Although his notes can on occasion appear simplistic and naïve, we find in their brief and concise expression another voice of Saussure. I hope that the reader’s discovery of the text of Patois will be the point of departure for a renewed study of Saussure.

Diante de uma turma com onze alunos, o curso é iniciado destacando-se a complexidade em se definir a linguística pelo caráter abstruso de seu objeto: a língua (que "não é um objeto de estudo fácil" considerando seu caráter permanente e, ao mesmo tempo, variável). Como essa *Introdução* (intitulada por Patois de *Generalidades* – [Capítulo I]) ao curso não possui subsecções, Godel (1957, p. 66-68) propõe uma organização em três subsecções (as quais serão identificadas aqui por §[137]). Inicialmente Saussure apresenta [§1] *A linguística e seu objeto.* Conforme registrado no caderno de Riedlinger, "a língua <a linguagem?> nos parece muito próxima de nossa mão; talvez ela esteja muito perto (= vela – Max Müller, = antes <(de Saussure):> como uma lente de telescópio pela qual e através da qual nós alcançamos os outros objetos). Há nisso uma ilusão." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 01, TN).[138] A princípio a língua parece um objeto de acesso simples, mas por meio da metáfora do telescópio evidencia-se a falsa impressão de proximidade e a função da língua em alcançar os outros objetos – sem tocá-los – por intermédio das palavras.

Observa-se uma separação entre as noções de palavra e de seu referido objeto.

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Signo / Valor

No registro de Riedlinger é assinalado o caráter arbitrário das palavras, na relação entre a cadeia fônica e seu respectivo significado. Destaca-se que tal arbitrariedade parece ser o que há de mais permanente na língua, apesar de também mudar no decorrer do tempo. Essa relação entre som e sentido expõe um dos problemas na determinação do objeto da linguística, sobre a qual Patois escreve que

> Não se pode fazer facilmente uma ideia do que é a linguagem em seu princípio porque de qualquer lado que é tomada, a língua possui um duplo aspecto: a língua é som, mas não é totalmente som; há uma parte oposta ao som; existem as articulações bucais. Observa-se que a língua é um objeto duplo composto de duas partes correspondentes. Essa dualidade é uma armadilha, porque não se observa senão apenas um lado. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 110, TN).[139]

[137] Criando um paralelismo à organização do Curso I, desenvolvido no capítulo anterior.
[138] [...] la langue <le langage ?> nous paraît tout près de notre main ; peut-être est-elle trop près (= voile – Max Müller, = plutôt <(de Saussure) :> verre de la lunette par lequel et au travers duquel nous saisissons les autres objets). Il y a là une ilusion.
[139] On ne peut se faire facilmente une idée de ce qu'est le langage dans son principe parce que de quelque côté qu'on l'envisage la langue revêt un double aspect : la langue est dans le son mais tout n'est pas dans le son ; il y a une partie opposée au son ; il y a les articulations buccales. On voit que

Essa dualidade som/articulação é fruto apenas da observação externa – executada – da palavra, à qual se acrescenta o sentido que atravessa o "espírito dos sujeitos". De acordo com Saussure, tal dualidade só pode ocorrer – minimamente – entre dois indivíduos, pois "<a língua é feita para comunicar com seus semelhantes.> Enfim, não é senão pela vida social que a língua recebe sua consagração." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 01, TN).[140] Ratifica-se, nisso, a presença *a priori* dos falantes na análise som/articulação.

A compreensão de conceitos por via de dualidades está presente nas anotações de Saussure, nas quais se encontra a afirmação de que "a linguagem é redutível a cinco ou seis DUALIDADES ou *pares de coisas*" (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 258), contudo, a abordagem em pares seria uma maneira epistemológica de tocar a linguagem, "sendo ela mesma composta de fatos heterogêneos que formam um conjunto *inclassificável*" (*idem*). O autor faz referência direta à dualidade psicológica do signo e ao par indivíduo/massa, no qual destaca a importância da coletividade no conceito de língua: "a língua é social ou então não existe" (*ibidem*).

O terceiro e último par encontrado nesse conjunto de notas relaciona a fala (vontade individual) à língua (passividade social), o que aponta às anotações de Riedlinger e de Patois, nas quais é estabelecida essa dualidade, a língua social e a língua individual: se por um lado as regras gramaticais só podem existir no conjunto da massa falante, por outro, as mudanças partirão necessariamente do uso individual da língua. A abordagem social em oposição à individual abre a discussão para duas dicotomias complementares: língua / linguagem e língua / fala. Abaixo estão dispostas na tabela algumas definições anotadas por Riedlinger e por Patois, com o objetivo de evidenciar o material comparativo de que dispomos:

---

la langue est un objet double composé de deux parties correspondantes. Cette dualité est un piège, car on [n']en remarque souvent qu'un côté.

[140] <la langue est faite pour communiquer avec ses semblables.> Enfin ce n'est que par la vie sociale que la langue reçoit sa consécration.

	LÍNGUA X LINGUAGEM		LÍNGUA X FALA	
	Linguagem	*Língua*	*Língua*	*Fala*
RIEDLINGER[141]	= língua considerada no indivíduo; não é senão um poder, uma faculdade, a organização pronta para falar; mas o indivíduo deixado a si mesmo jamais alcançará a língua.	É uma <coisa> eminentemente social; nenhum fato existe linguisticamente até o momento em que se torna fato para todo mundo, qualquer que seja seu ponto de partida.	É um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem nos indivíduos. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser exercida sem ela.	O ato do indivíduo realizando sua faculdade por meio da convenção social que é a língua. Na fala há uma ideia de realização do que é permitido pela convenção social.
	Linguagem	*Língua*	*Língua*	*Fala*
PATOIS[142]	Linguagem será a língua considerada no indivíduo, é o poder, a faculdade da linguagem; e o indivíduo sozinho jamais alcançará a língua, que é uma coisa absolutamente social.	A língua tomada pelo ponto de vista social "é uma instituição", diz Whitney. Essa instituição é a aceitação de uma "convenção" pelo corpo social.	"A língua é, em resumo, um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir à faculdade da linguagem nos indivíduos de se produzir."	A fala é o ato do indivíduo realizando sua faculdade de linguagem por meio da convenção chamada língua.

Tabela 01 – Linguagem *versus* língua e língua *versus* fala
(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 03-04 [e por Patois p. 111], TN)

A tabela 01, na qual encontramos transcrições literais de fragmentos dos cadernos de Riedlinger e Patois, põe em evidência a paridade nas anotações dos dois alunos, de modo que não é observada nenhuma incongruência entre elas. De acordo com as notas dos alunos, linguagem, língua e fala são conceitos independentes, mas ao mesmo tempo, inter-relacionados. A faculdade da linguagem só pode realizar-se a partir da inserção do indivíduo na coletividade, no contato do

[141] Langage (= langue considérée dans l'individu ; n'est qu'une puissance, faculté, l'organisation prête pour parler ; mais l'individu laissé à lui-même n'arrivera jamais à la langue) et / langue qui est une <chose> éminemment sociale ; aucun fait n'existe linguistiquement qu'au moment où il est devenu le fait de tout le monde, quel que soit son point de depart (p.3) // Donc la langue est : un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus. La faculté du langage est un fait distinct de la langue mais qui ne peut s'exercer sans elle. / Par la parole on désigne l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale.

[142] Langage sera langue considérée dans l'individu ; c'est la puissance, la faculté du langage ; et l'individu seul n'arrivera jamais à la langue qui est une chose absolument sociale. / « La langue » prise au point de vue social « est une institution » dit Whitney. Cette institution est l'acceptation d'une « convention » par le corps social. // « La langue est en résumé un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre à la faculté du langage chez les individus de se produire. » / La parole c'est l'acte de l'indiviu réalisant sa faculté de langage au moyen de la convention appelée langue.

indivíduo com a língua; a língua, enquanto produto social, materializa-se apenas no uso individual da fala, que é a realização da faculdade da linguagem.

De acordo com a proposta de Saussure, esses três conceitos – linguagem / língua / fala – são completamente imbricados e interdependentes, entretanto, com o objetivo de esclarecer melhor o objeto da linguística, faz-se necessário estabelecer alguns limites e fronteiras. Assim, cada falante possui individualmente a faculdade da linguagem que se consubstancia na imersão e consequente interação social, isto é, na instituição que é a língua; ademais, o ato individual de realização dessa faculdade configura a fala, necessariamente sob as normas regidas pela língua estabelecida socialmente. Partindo da faculdade individual da linguagem, língua e fala compõem um circuito que se autoalimenta: o social dita as normas para o individual enquanto o individual repete, transgride e transforma o social. De modo sistematizado tem-se:

A relação linguagem-língua-fala é destacada em cotejo com os escritos de Saussure e o CLG

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Língua / Fala

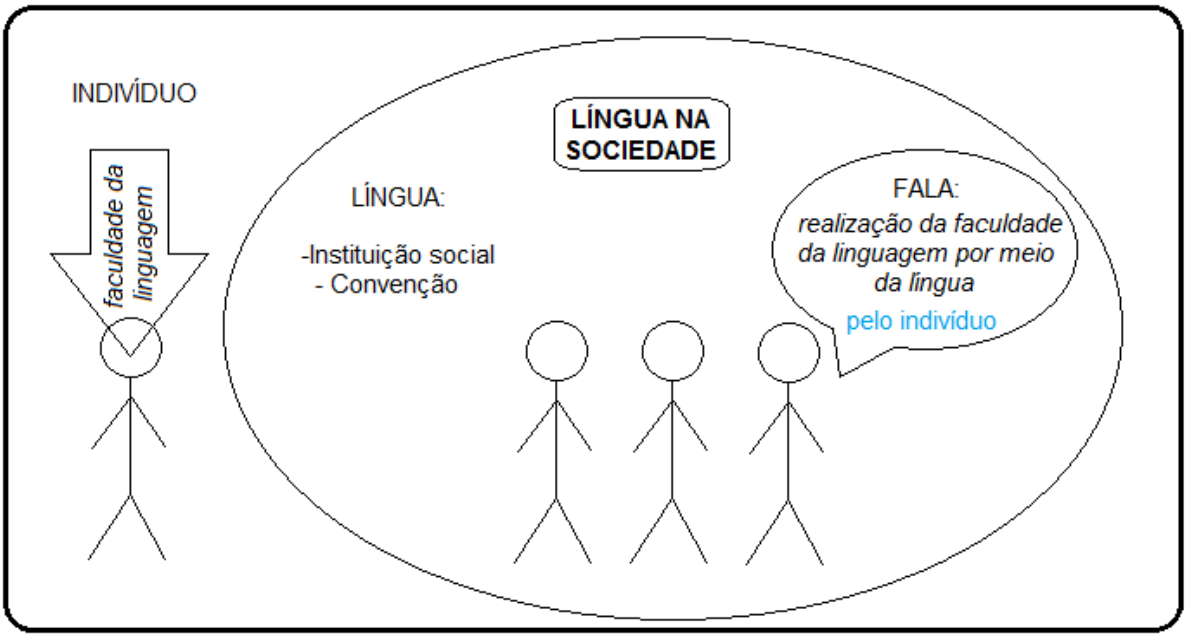


Fig. 10 – Sistematização: Linguagem – Língua – Fala.

O aspecto social do esquema anterior possui uma problemática evidente: a diversidade de línguas. Saussure aborda essa diversidade em aspectos relativos e absolutos; o primeiro diz respeito à variação dentro de uma mesma língua (como

ocorreu com o latim desdobrando-se em francês, italiano, português, espanhol), enquanto o segundo trata de línguas absurdamente distintas (como as línguas indo-europeias em relação ao chinês).

Saussure pondera que a diversidade absoluta evidenciada pelo aspecto geográfico – indo-europeu / chinês – é mais simples de ser trabalhada, porém a diversidade relativa – latim / português – é um "produto do tempo", o que revela a problemática relação da história da língua e a língua em si mesma. Segundo ele, "parece que é uma coisa muito simples fazer a distinção entre a história da língua e a língua em si mesma, entre o que foi e o que é, mas <a ligação entre essas duas coisas é tão profunda que é penoso fazer a distinção.>" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 05, TN).[143] Apesar da dificuldade em se separar os fenômenos de origem estática de fenômenos de origem dinâmica, é fundamental a compreensão de que ambos constituem duas disciplinas distintas.

O estudo da língua através de épocas sucessivas só é possível por intermédio da escrita, mas isso acarreta, muitas vezes, a confusão entre língua escrita e língua falada. Apesar de forçosamente "concluir que se deve cuidadosamente distinguir a palavra escrita da palavra falada e que somente a palavra falada é o verdadeiro objeto da linguística" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 112, TN)[144], não se pode ignorar o importante papel normativo da língua escrita em relação a dialetos locais. A literatura escrita é, pois, uma ramificação dos interesses da linguística tanto por seu valor unificador, quanto pela artificialidade desdobrada sobre a língua falada.

A subsecção [§2] *Natureza da língua, definida do exterior* – estabelecida por Godel (1957, p. 66)[145] – delimita as características da língua enquanto objeto, com o destaque de que não cabe à linguística estudar a língua considerando todas as suas faces, pois isso caberia a algumas outras ciências – como a psicologia, a fisiologia, a antropologia. Uma vez que a língua é um sistema de signos, a linguística encontra-se dentro de uma ciência dos signos, a semiologia (inexistente enquanto disciplina), ocupando o ponto central desta.

---

[143] Il semble que ce soit une chose très simple que de faire la distinction entre l'histoire de la langue et la langue elle-même, entre ce qui a été et ce qui est, mais <le rapport entre ces deux choses est si profonde qu'on peut à peine faire la distinction.>

[144] On est forcé de conclure qu'on doit soigneusement distinguer le mot écrit du mot parlé et que seul le mot parlé est l'objet véritable de la linguistique.

[145] Essa secção [§2] compreende as lições datadas correspondendo a 12, 16 e 23 de novembro de 1908.

Enquanto sistemas de signos, a escrita e a língua possuem características intrínsecas similares: 1) a arbitrariedade do signo; 2) o valor puramente negativo e diferencial do signo; 3) os valores opositivos dentro de um sistema com um número limitado de fatores; e 4) a indiferença total do meio de produção do signo; ressaltando-se que os itens 2, 3 e 4 são decorrentes do primeiro. As características extrínsecas da escrita e da língua também são equivalentes: 1) o sistema supõe um acordo comunitário, uma convenção social; e 2) apesar da convenção ser arbitrária (ou principalmente por isso), o indivíduo não consegue modificá-la nem impedir sua evolução.

As características do signo são trabalhadas em cotejo com os escritos de Saussure e o CLG

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Signo / Valor

Em outro caminho, o estudo da língua oferecido pelas demais ciências não aborda as características principais do objeto. De forma geral, psicólogos, filósofos e o público: 1) consideram a língua como uma nomenclatura; 2) quando observam o signo, são levados a estudar os mecanismos no indivíduo, as operações mentais e físicas; 3) ao considerar o signo em seu valor e sua existência social, tendem a relacioná-lo à vontade individual. Diferentemente, para Saussure, "o que é mais interessante para estudar no signo são os lados pelos quais ele escapa à nossa vontade; nisso está sua esfera verdadeira já que não podemos mais reduzi-la." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 11, TN).[146] A imutabilidade e a arbitrariedade do signo, detalhadas no terceiro curso, contemplam esses aspectos que "escapam" à vontade do falante.

As relações contratuais do sistema da língua escapam à vontade humana desde sua origem (idealizada, pois não existe em si mesma), isso por que: 1) a língua é recebida passivamente pelas gerações seguintes; 2) a transmissão ocorre em condições sem relação alguma com as iniciais; 3) no processo de transmissão o sistema sofre alterações involuntárias; e 4) "a ligação do signo ao pensamento é precisamente o que é o signo." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 12, TN).[147] O signo corresponde a uma sequência de sílabas vinculadas a uma significação determinada, assim esquematizada:

[146] Ce qui est le plus intéressant dans le signe à étudier ce sont les cotés par lequels il échappe à notre volonté ; là est sa sphère véritable puisque nous ne pouvons plus la réduire.
[147] Ce rapport du signe à la pensée est précisément ce qu'est le signe.

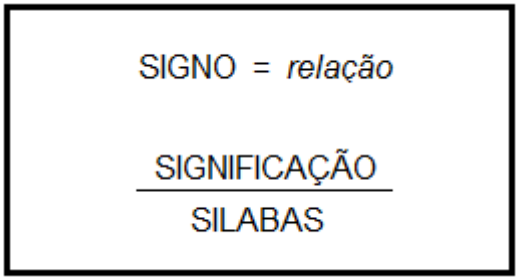


Fig. 11 – O signo é duplo
(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 13)

Cabe salientar que esta relação da significação vinculada a uma sequência silábica, ao que parece, figura como uma alternativa didática para não utilizar antecipadamente nenhuma terminologia específica (palavra, termo, signo linguístico). Mais à frente, Saussure assevera que o valor de uma palavra é mais complexo que a simples relação ideia/som.

Figurativamente o signo corresponde a uma folha de papel da qual não se pode cortar a frente sem cortar o verso, um ou outro componente só pode ser compreendido separadamente enquanto uma abstração. Na superfície do signo encontram-se aspectos que não são essenciais, como o som ou a representação gráfica; portanto, a natureza do signo não lhe é evidente. Esses aspectos são postos como menos importantes pelo viés interno, devido à língua ainda existir no cérebro humano sem que haja sua materialização imediata na fala (ou na escrita). A imagem acústica, psíquica, difere do som propriamente dito. Conforme sistematiza Godel, "só o ponto de vista semiológico permite desvencilhar a língua do que não é essencial (conjunto do aparelho vocal; contrato inicial) e de defini-la como um produto semiológico e um produto social." (GODEL, 1957, p. 67, TN).[148] Postular a língua como um produto semiológico é considerá-la a partir da noção de sistema, dentro do qual seus valores são definidos e atualizados; consequentemente, tudo o que é externo ao sistema configura aspecto de segunda ordem.

SEMIOLOGIA

A perspectiva semiológica, evidenciada por Saussure, é extremamente inovadora para as concepções da época e, posteriormente, desenvolveu-se dentro dos estudos linguísticos.

[148] Seul le point de vue sémiologique permet de dégager la langue de ce qui n'est pas essentiel (jeu de l'appareil vocal ; contrat initial) et de la définir comme un produit sémiologique et un produit social.

De modo metafórico, qualquer sistema semiológico é como um navio que, depois de sair do estaleiro, é lançado ao mar e, sendo livre, não se pode mais determinar os seus caminhos; por extensão, a língua deve ser tomada como fato social, cuja liberdade é produto da coletividade. Patois sublinha que "somente o sistema de signos admitido na coletividade merece esse nome" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 116, TN),[149] isso porque é na coletividade que o sistema de signo é estabelecido. Saussure assevera que

> Um sistema semiológico qualquer é composto por uma quantidade de unidades (unidades mais ou menos complexas, <sufixos, etc.,> de diferentes ordens) e a verdadeira natureza dessas unidades – o que impedirá de confundi-las com outra coisa – é a de ser [ter?] valores. Esse sistema de unidades que é um sistema de signos é um sistema de valores. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 14, TN).[150]

Por valor compreende-se uma medida variável de importância atribuída a um objeto, condicionada pelas relações sociais de troca. Tomando como exemplo o sistema monetário, uma moeda não possui o valor imanente de seu metal, antes seu valor é expresso pela impressão feita em uma de suas faces, entretanto, até mesmo esse valor impresso é variável, uma vez que o tempo e/ou o espaço podem fazer um real valer dez pães ou três dos mesmos pães. A terminologia de valor é apropriada porque evidencia as principais características do signo: sua arbitrariedade, sua variação social e seu estabelecimento pela coletividade.

A partir disso, a palavra[151] não pode ser resumida apenas pela relação ideia-som, mas é preciso considerar essa relação ideia-som em diferentes palavras e observar como elas interagem dentro do sistema. Esquematicamente

Neste segundo curso, na perspectiva de suas relações internas, a língua é tomada enquanto sistema semiológico cujos valores são construídos na coletividade.

No conjunto dos três cursos, pode-se afirmar que o valor é um lugar relativo determinado também no interior do sistema, no qual cada termo assume um valor em razão de sua correlação com os demais termos do sistema.

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Signo / Valor

[149] Seul le système de signes admis dans la collectivité mérite ce nom.
[150] Un système sémiologique quelconque est composé d'unités (unités plus ou moins complexes,< suffixes, etc.,> de différents ordres) et la éritable nature de ces unités – ce qui empêchera de les confondre avec autre chose – c'est d'être des valeurs. Ce système d'unités qui est un système de signesest un système de valeurs.
[151] As escolhas terminológicas entre signo e palavra obedecem às notas originais dos alunos.

é proposto:

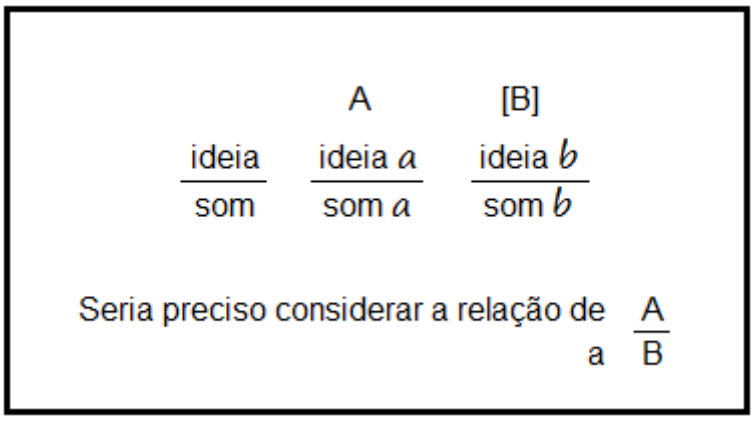


Fig. 12 – Complexidade ideia / som
(SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 117)

Conforme observado no esquema, “as unidades da língua[152] são valores, dos quais nenhum elemento imediatamente tomado representa seu valor inteiro.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 117, TN). [153] Observa-se, então, que 1) o valor não existe fora da coletividade, sendo vão considerá-lo em um indivíduo isolado; e 2) como todo valor depende de fatores sociais, o valor pode variar sem a necessidade de que seus elementos internos variem. Assim, “a coletividade é criadora do valor que não existe nem antes nem fora dela.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 118, TN).[154] Consequentemente, a língua não é o sistema fisiológico humano, tampouco os mecanismos para produzir o som ou o pensamento; é antes de tudo a expressão de valor forjada pela comunidade na qual está inserida.

A partir do exposto, o professor defende que a fisiologia da fala é uma ciência auxiliar que estuda a maneira como funciona o aparelho vocal, seu estudo revela as mudanças do som, configurando um dos fatores históricos da variação da língua. Entretanto, tal ciência existe fora da linguística, cujo objeto é a língua enquanto sistema de valores; desse modo, a maneira como se produz o som não interfere diretamente no objeto linguístico. Nas palavras, a associação da impressão acústica a uma ideia ocorre dentro do cérebro e independe da realização em si mesma, assim, um homem sonhando também “fala uma língua”.

[152] Riedlinger registra “os signos da língua”.
[153] Les unités de la langue sont des valeurs, dont aucun élément immédiatement saisissable ne représente leur valeur entière.
[154] [...] la collectivité est créatrice de la valeur qui n’existe pas avant et en dehors d’elle.

De acordo com a organização de Saussure, até aqui ele se propôs a tentar esclarecer sobre a natureza e o lugar da língua numa perspectiva externa; em complementação a isso, Godel nomeia a subsecção seguinte de [§ 3] *Natureza da língua, considerada do interior.*[155] Na perspectiva do interior, o professor objetiva assinalar as características mais importantes do objeto, mas para isso, é preciso considerar a questão das *unidades* em contraponto com a questão das *identidades*.

Dentro da questão de unidades, há dois pontos iniciais a se ponderar: primeiro, a maior parte dos domínios de estudos não possuem dificuldade em identificar/delimitar seu objeto, por que suas unidades são "dadas", cuja existência é anterior à pesquisa; são as chamadas unidades concretas, as quais independem de operações do espírito para existir. Segundo, nos casos em que um domínio científico não possui um objeto concreto evidente, isso ocorre porque tal concretude não é fator importante dentro daquela ciência; a História, por exemplo, não possui uma unidade definida – indivíduo, época, nação (?) – porque suas pesquisas prosseguem sem necessitar de tal definição. Diferentemente, a linguagem,

> 1) Possui fundamentalmente o caráter de um sistema fundado sobre oposições. É como um jogo de xadrez. A língua baseia-se completamente na oposição de certas unidades. É preciso, então, conhecer essas unidades; e 2) essas unidades são evidentes? Elas geralmente o são; essas unidades <as mais concretas e evidentes> são as palavras. Mas o que é uma palavra na linguística? (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 119, TN).[156]

Para responder a essa pergunta, Saussure propõe examinar o conceito de palavra a partir da experimentação de algumas ocorrências, como por exemplo, *moi* (eu/me/mim) e *mois* (mês). Esses homônimos homófonos não são apresentados à primeira vista como unidades distintas, mas a combinação existente entre o som e sua respectiva ideia constrói a distinção, assim a comunidade os percebe como duas palavras diferentes. Em outra perspectiva, *cheval* (cavalo) e *chevaux* (cavalos), apesar de acusticamente diferentes, correspondem a uma mesma palavra, uma vez que a relação de abstração existente entre a realização acústica e sua respectiva ideia é a mesma nos dois casos, mesmo considerando a sua diferença acústica, no

[155] Essa secção §3 corresponde às aulas dos dias 26 e 30 de novembro e 03 de dezembro.

[156] Le langage a 1) fondamentalement le caractère d'un système fondé sur des oppositions. Il est comme un jeu d'échecs. La langue est tout entière dans l'opposition de certaines unités . Il faut donc connaître ces unités ; et 2) ces unités sont-elles évidentes ? Elles le sont les mots. Mais qu'est-ce qu'un mot dans la linguistique ?

segundo grupo. Assim, “nós tomamos como unidade qualquer coisa que não seja dada diretamente, que já seja o resultado da operação do espírito” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 19, TN)[157], a unidade, nessa vertente, corresponde à complexidade do processo de abstração.

O professor apresenta mais um recurso de análise: a continuidade do discurso, pelo qual ele “toma a palavra como formando uma secção <na corrente do> discurso e não no conjunto da significação” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 19, TN).[158] É preciso acrescentar uma ressalva sobre essa concepção de discurso: de acordo com as notas de Riedlinger e de Patois, o discurso refere-se ao fluxo contínuo de fala, à corrente fônica de interação das palavras faladas em sequência. O exemplo anotado pelos alunos diz respeito à interferência da vizinhança fônica para a realização acústica das palavras – *mois* |*mwa*| em oposição a |*mwaz*| em “*un mois et demi*” – em um fenômeno similar, em português, pode-se tomar *casas* |*kazas*| em oposição a |*kazaz*| em “*casas amarelas*”.

A concepção de discurso aqui apresentada não representa a complexidade desenvolvida por Saussure e minimamente expressa em seus manuscritos.

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Língua / Fala

Fechando essa questão das *unidades*, Patois anota que, “considerada em seu caráter interior, a língua não oferece, a princípio, unidades concretas, no entanto, não se pode negar que elas existam.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 120, TN).[159] Na busca dessa concretude, a aula seguinte[160] (30 de novembro 1908:) inicia-se com a ressalva de que a materialidade do signo consubstanciada na fala – corrente vocal – não é decisiva para o signo, mas evidencia a importância da dimensão linear de sua realização. Diferente de signos visuais que podem apresentar unidades sobrepostas, o signo linguístico materializa-se

A questão da linearidade recebe um maior destaque no CLG, consoante a abordagem no terceiro Curso (1910/1911).

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Signo / Valor

[157] [...] nous prenons comme unité quelque chose qui n’est plus donné directement, qui est dejá le résultat de l’opération de l’esprit.
[158] [...] prendre le mot comme formant une section <dans la chaîne du> discours et non dans l’ensemble de sa signification.
[159] Envisagée dans son caractère intérieur, la langue n’offre pas de prime abord des unités concrètes, et pourtant on ne peut nier qu’il y existe.
[160] À qual Gautier intitula de *Apendice à questão das unidades* (conforme Godel, 1957, p. 68, somente Gautier assinala esse subtítulo).

consecutivamente na única dimensão línea-acústica da fala (na questão escrita, o caráter líneo-espaço/temporal também é corroborado, mas tal aspecto não é abordado por Saussure nesse segundo *Curso*).

Ainda que ressalte essa inegável característica linear da realização acústica, Saussure destaca que "o lado material <do signo> é um lado amorfo, <que não possui forma em si>" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 21, TN)[161], uma vez que o signo implica necessariamente a relação som-pensamento. A partir disso,

> Considerado o objeto, considera-se a palavra como o objeto em si mesmo. Assim, o lado material da língua é um lado amorfo, e é isso uma das causas que explicam a dificuldade de encontrar onde estão as unidades da língua; e a linguística deveria buscar quais são essas unidades. [...] Não é a materialização do pensamento por um som que é um fenômeno útil, mas é o fato de o som pensado implicar divisões que corresponde às unidades finais da linguística. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 121, TN).[162]

A unidade da língua a ser definida a partir dos processos de divisão do som pensado evidencia o caráter abstrato e complexo dos estudos linguísticos, pois sua unidade mínima corresponde à possibilidade de construção de valor no som/ideia. Separar esses dois lados do signo equivale a fazer fonologia ou psicologia pura, mas não linguística.

A questão das identidades caracteriza-se como uma complicação da questão das unidades: uma palavra qualquer dita duas vezes pelo falante não é, efetivamente, a mesma palavra, mas é construída sobre ela uma relação identitária de semelhança; assim como é construída uma relação identitária entre trens das 12h50 e das 17h que partem de uma mesma estação para um mesmo destino. Para que haja identidade entre duas realizações é preciso que condições tácitas semelhantes sejam observadas.

Destaca-se, então, que "a questão de saber sobre o que é baseada a identidade de uma palavra pronunciada se aproxima da <questão da> unidade. O vínculo de identidade que existe em linguística afeta a ideia de unidade." (SAUSSURE

[161] [...] le côté matériel <du signe> est un côté amorphe<qui n'a pas de forme en soi.>

[162] Considérant l'objet, on considère le mot comme l'objet lui-même. Ainsi, le côté matériel de la langue est un côté amorphe, et c'est là une des causes qui explique la difficulté de trouver où sont les unités de la langue ; et la linguistique devrait chercher quelles sont ces unités. [...] Ce n'est pas la matérialisation de la pensée par un son qui est un phénomène utile, mais c'est le fait de le son pensé implique des divisions qui sont les unités finales de la linguistique.

por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 121-122, TN).[163] A determinação das partes do discurso exemplifica essa problemática, por exemplo, em "*ces gants sont bon marché*", como classificar "*bon marché*" sem interferir diretamente a identidade das duas palavras? O professor mantém essa questão em aberto.

Saussure propõe esclarecer melhor a questão das unidades abordando apenas unidades significativas, todavia, o termo *unidade* carrega em si mesmo a problemática de provocar uma falsa expectativa de que as palavras existem previamente aguardando uma significação. De acordo com ele, é exatamente o oposto que ocorre, uma vez que as palavras só são delimitadas no pensamento por intermédio da significação.

Feita a observação de que as palavras não preexistem à significação, Riedlinger e Patois marcam o início de uma nova secção: [Capítulo II][164] *Divisão interior das coisas da linguística*[165]. Consoante às delimitações do que é externo e interno nas línguas, observadas no capítulo I desse segundo curso, Saussure volta a destacar o fato de que importa à linguística o estudo dos fatores interiores, inicialmente demarcados em negação a tudo o que lhe é exterior, como a etnologia, a história política, a relação com diferentes instituições (como igreja e escola) e a extensão geográfica. Cabe salientar que, enquanto essas quatro vertentes estão relacionadas ao estudo externo das línguas, a psicologia e a fisiologia da fala não são classificadas como linguística externa, mas como ciências auxiliares.

O decurso da história moderna da linguística por vezes creditou a Saussure um foco à fonologia enquanto estudo linguístico. Tanto o CLG quanto as notas de aulas não corroboram essa abordagem.

Os estudos da fonética e da fonologia figuraram sim nas discussões em sala, mas apenas como um aspecto – uma face – entre outras questões que envolvem os estudos da língua.

Como critério de separação entre os estudos externos e internos, propõe-se a concretude do objeto, assim, faz-se "linguística externa quando se trata de coisas

[163] La question de savoir sur quoi est basée l'identité d'un mot prononcé se rapproche de <la question de> l'unité. Le lien d'identité qui existe en linguistique affecte l'idée même de l'unité.

[164] Levando-se em consideração que as temáticas desse segundo curso não foram estruturadas e numeradas como no primeiro, optamos por chamar as quebras evidenciadas pelos alunos de capítulos e seus destaques internos de parágrafos. Godel (1957, p. 68-74) propõe várias marcações extras concernentes aos assuntos abordados, às quais não destacaremos a partir daqui. No decurso desta tese, optamos por destacar apenas os acréscimos de Godel que preenchem lacunas mais evidentes.

[165] Capítulo desenvolvido nas aulas de 03, 07, 10, 14, 17 e 21 de dezembro; 11, 14 e 21 de janeiro.

concretas" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 124, TN)[166]; e linguística interna quando se trata da organização interna de seu sistema. Tomando o exemplo do jogo de xadrez, a história do jogo e a matéria que compõe suas peças são aspectos externos, enquanto o sistema abstrato de regras e de combinações para se jogar dizem respeito ao aspecto interno. Todavia, há casos difíceis de distinguir os dois âmbitos, para os quais "será interior o que é suscetível de mudar de valor a um grau qualquer; cada fato externo deve ser considerado à medida que ele possa mudar o valor interno". (SAUSSURE por Patois [e Riedlinger, p.28], CURSO II, 1908/1909, p. 124-125, TN).[167] Para a linguística interna, portanto, importam os valores de seu sistema, estabelecido e atualizado pelo uso coletivo.

Posto isso, importa compreender o que é estabelecido como valor: a princípio, com o objetivo de simplificar, Saussure não aponta nenhuma "diferença fundamental em linguística entre estes cinco: «valor, identidade, unidade, realidade linguística, elemento concreto de linguística»." (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 125, TN).[168] Tal indiferença conceitual se deve ao fato de que, para a linguística, esses termos perpassam a esfera sistemática de construção de valor, a qual se estabelece, necessariamente, a partir da organização e das relações dos elementos dentro desse sistema – a língua.

O valor, consequentemente, é a base que une essas entidades linguísticas. Deve-se observar, contudo, que "o valor não é a significação. O valor é dado por meio de outros dados; <ele é dado – mais que a significação – pela relação entre um todo e uma certa ideia,> pela situação recíproca das peças na língua" (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 29, TN).[169] O conceito de valor não se fecha em si mesmo, mas é intrinsecamente dependente das conexões possibilitadas pela estrutura da língua.

> Em todo sistema, não há nada além de valores; as outras realidades são ilusões. [...] Se não se vê outras entidades a tratar senão essas de valores, é preciso que as divisões interiores partam daí. Devem-se reconhecer na língua em si mesma duas espécies de identidades, ou que existam duas

[166] [...] linguistique externe quand on a affaire à des choses concrètes.
[167] [...] sera intérieur c'est ce qui est susceptible de changer de valeur à un degré quelconque ; chaque fait externe est à considérer dans la mesure où il peut changer la valeur interne.
[168] Pas de différence fondamentale en linguistique entre ces cinq : « valeur, identité, unité, réalité linguistique, élément concret de linguistique ».
[169] La valeur ce n'est pas la signification. La valeur est donnée par d'autres données ; <elle est donnée – en plus de la signification – par le rapport entre un tout et une certaine idée,> par la situation réciproque des pièces dans la langue [...].

> sortes de problemas de identidades. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 125, TN).[170]

A identidade através do tempo – diacrônica – é aquela pela qual é possível analisar as transformações da língua (*florere* → *florire* → *fleurir*), enquanto a identidade sincrônica relaciona-se à constituição de um estado de língua, formando-se por meio da análise de seu conjunto em um determinado momento. Por cuidado terminológico, Saussure observa que "o termo sincrônico (<=> o que pertence a um instante determinado da língua) é um pouco indeterminado. Ele parece supor que tudo o que é simultâneo constitui uma mesma ordem. É preciso acrescentar idiossincrônico," (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 31, TN)[171] somando-se ao termo, por meio do prefixo *idio-*, o aspecto peculiar de cada língua em questão. Isso porque, se por um lado a análise diacrônica perpassa línguas diferentes[172]; por outro a idiossincrônica concentra-se no sistema complexo de cada língua em particular. Essas duas maneiras de se analisar os fatos da língua podem ser representadas pelos eixos:

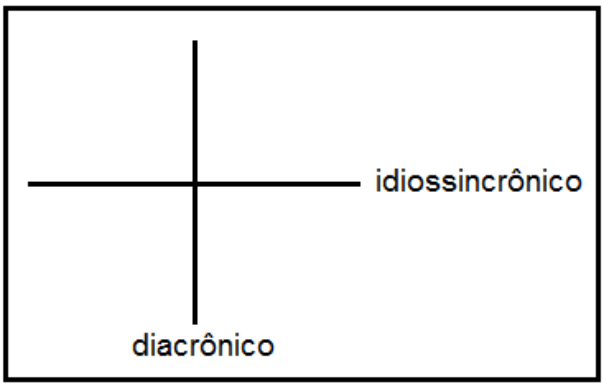


Fig. 13 – Eixos de análise linguística
(SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 127)

Diferentemente da abordagem do primeiro *Curso*, neste segundo o professor trabalha detalhadamente os conceitos de diacronia e de (idio)sincronia, tanto no que tange às definições, quanto nos desdobramentos para os estudos linguísticos. Na

[170] En tout système, il n'y a rien d'autre que des valeurs ; les autres réalités sont des illusions. [...] Si on ne voit d'autres entités à traiter que celle des valeurs il faudra que les divisions intérieures partent de lá. On doit reconnaître dans ça langue elle-même deuz espèces d'identité, ou qu'il y a deux sortes de problèmes d'identités.

[171] Le terme synchronique (<=> ce qui appartient à un instant déterminé de la langue) est un peu indéterminé. Il semble supposer que tout ce qui est simultané constitue un même ordre. Il faut ajouter idiosyncronique [...].

[172] C'est justement l'ensemble des faites diachroniques et leur direction qui crée la diversité des idiomes. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 31).

representação esquemática do encadeamento sincrônico[173], Saussure expõe a relação – horizontal – entre os elementos do sistema:

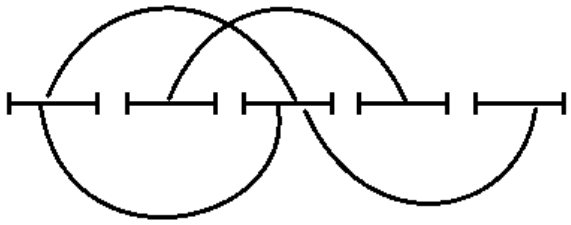


Fig. 14 – Encadeamento sincrônico
(SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 128)

Nessa perspectiva, por definição, a "ordem idiossincrônica é o equilíbrio determinado de valores tal que se estabelece de momento em momento." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 34, TN).[174] Isto é, dentro de uma simultaneidade de língua, um valor é estabelecido em comparação (oposição/ analogia) aos demais valores em uso. Transversalmente, a perspectiva diacrônica não pode ser tomada a partir de barras verticais simples, antes, Saussure propõe o seguinte esquema:

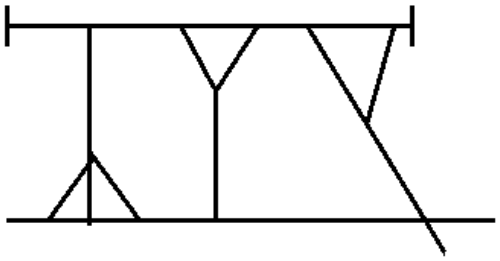


Fig. 15 – Encadeamento diacrônico
(SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 128)

O esquema do encadeamento diacrônico explicita as variações irregulares no decurso do tempo, considerando tanto as mudanças dentro de um mesmo idioma, quanto as transformações que implicam mudança de idioma. Como se pode observar na figura 15, as variações diacrônicas não obedecem a uma linearidade sequencial, mas cada fenômeno ocorre seguindo evoluções distintas. As linhas

[173] Apesar da ressalva terminológica, o termo sincrônico/sincronia continua a aparecer no decorrer das aulas; motivo pelo qual o utilizamos.
[174] Ordre idiosynchronique = équilibre déterminé des valeurs tel qu'il s'établit de moment en moment.

verticais irregulares e estratificadas simbolizam a falta de linearidade nas transformações diacrônicas.

Por definição, a "ordem diacrônica é o deslocamento de valores, de onde ele provém; é o deslocamento das unidades significativas." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 34, TN).[175] Posto isso, importa observar que a diacronia não corresponde às evoluções fonéticas, pois, uma vez que estas dizem respeito à soma de mudanças dos sons, aquela se volta ao estudo das ideias; acrescentando-se a isso o fato de a ordem diacrônica ser abordada numa perspectiva cinemática (estudo do movimento por si mesmo) e não numa perspectiva histórica (termo muito vago para a linguística). O termo *cinemático* aparece como mais adequado porque, fora da linguística, o termo *histórico* também é utilizado na descrição de uma época (o que em linguística seria estático). [176]

Tomando os dois eixos questiona-se o modo como categorizar suas respectivas unidades e se elas existem *a priori*. Posto isso, Saussure propõe submeter os elementos (e os fenômenos) da língua tanto ao ponto de vista diacrônico quanto ao ponto de vista sincrônico, uma vez que cada perspectiva evidencia realidades diferentes de acordo com cada uma dessas ordens; destacando não existir "realidades mistas entre elas".

Há uma ressalva de que a perspectiva pancrônica[177] não é caracterizada dentro dos estudos linguísticos, uma vez que é abordada enquanto generalizações (como, por exemplo, a recorrência das mudanças fonéticas caracteriza um fenômeno

EIXO PANCRÔNICO

A perspectiva pancrônica abordada no CLG corresponde quase literalmente a essa parte do segundo curso de linguística geral (1973, p. 111-112).

Levando em consideração o todo do Curso*, ao contrapor "fatos concretos" à pancronia parece-nos que o autor está tomando por concreto cada fenômeno abstrato isolado que defende no decorrer dos três* Cursos.

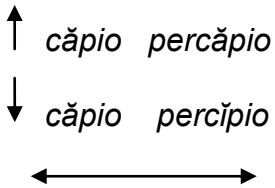
[175] Ordre diachronique = déplacement de valeurs, d'où qu'il provienne = déplacement des unités significatives.
[176] Essa variação terminológica (histórico / cinemático) discutida aqui não é retomada no terceiro curso, no qual são usados os dois termos indiscriminadamente.
[177] **Pancrônico –** Qualifica-se de pancrônico todo fenômeno linguístico que atravessa um longo período de tempo sem sofrer mudança: assim, a relação entre a função e a ordem das palavras é, no francês, um fenômeno pancrônico. Por oposição ao estudo sincrônico ou diacrônico, o pancrônico insiste sobre os fatos permanentes duma estrutura linguística, sobre aqueles que parecem independentes das modificações inerentes à duração. (DUBOIS et all, 2004, p. 452 – verbete pancrônico).

pancrônico). Para o professor, a linguística ocupa-se fundamentalmente de fatos concretos. Como exemplo (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 35 [por Patois, p. 131]), toma-se a palavra «*chose*» (coisa): diacronicamente ela se opõe a «*causa*» do latim; sincronicamente ela relaciona-se a outros termos em francês, como *choses* (oposição a todas as coisas simultâneas); e, em uma tentativa do ponto de vista pancrônico, é abordada a materialidade do som |šoz|, enquanto valor acústico e não linguístico. De acordo com Saussure, à pancronia importa a realização fônica, suas variações, independente do valor enquanto signo linguístico.

Depois de considerar essas três possibilidades, Saussure assevera que, em linguística, todos os fenômenos e as relações se reduzem às ordens sincrônica e diacrônica, de modo que

> É preciso absolutamente distinguir, até opor, os fenômenos sincrônicos e os fenômenos diacrônicos. Mesmo falando de fenômenos, é mais simples de distinguir de qual lado são seus diversos fenômenos? Há uma armadilha contínua entre o sincrônico e o diacrônico, que há muito tempo são confundidos graças à situação recíproca das duas ordens de fenômenos; eles encontram-se ao mesmo tempo muito independentes e muito dependentes, eles são ao mesmo tempo redutíveis e irredutíveis um ao outro. O fenômeno sincrônico é condicionado pelo fenômeno diacrônico, mas o fenômeno sincrônico em si é de uma natureza radicalmente diferente. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 132, TN).[178]

Como exemplo desse paradoxo dependência/independência, Saussure retoma a relação *căpio* e *percăpio* em dada época em oposição a *căpio* e *percĭpio* em outra. Nesta relação, não se pode afirmar que *a* de *căpio* se transforma em *i* em *percĭpio,* antes, afirma-se que existiu em dada época *percăpio* que, na evolução fonética transformou-se em *percĭpio.* Riedlinger (1908/1909, p. 38) sistematiza em seu caderno:



[178] Il faut absolument distinguer, même opposer les phénomènes synchroniques et les phénomènes diachroniques. Même en parlant de phénomènes est-il plus simple des distinguer de quel côté sont ces divers phénomènes ? Il y a un piège continuel entre le synchronique et le diachronique, qui ont été longtemps confondus grâce à la situation réciproque des deux ordres de phénomènes ; ils se trouvent à la fois très indépendants et très dépendants, ils sont à la fois réductibles et irréductibles l'un à l'autre. Le phénomène synchronique est conditionné par le phénomène diachronique, mais ce phénomène synchronique en soi est d'une nature radicalement différente.

Nesse exemplo, ficam evidenciadas as relações de ordem sincrônica e as de ordem diacrônica, as quais, de acordo com Saussure, configuram fenômenos uma vez que contribuem à significação das palavras. Diacronicamente observa-se um fenômeno de transmissão (*căpio → căpio*) e outro de transformação (*percăpio → percĭpio*); sincronicamente verifica-se o fenômeno da alternância entre *a* e *i* (*căpio → percĭpio*), de forma que esse último fenômeno é condicionado (e não criado) pelo segundo. Caracteristicamente, nos fenômenos diacrônicos os termos são sucessivos e idênticos; enquanto nos fenômenos sincrônicos os termos são simultâneos e diferentes.

Em virtude dessa herança evolutiva da língua, o professor sustenta que para um estudo sincrônico é preciso que se ignore deliberadamente o passado da língua, uma vez que ele é indiferente para um estudo estático; importando os valores estabelecidos na coexistência linguística e não em relação ao que lhe antecedeu. Isso porque "apenas os fatos sincrônicos formam o sistema; os fatos diacrônicos o modificam a todo instante, mas não formam um sistema entre eles, cada um é isolado" (GODEL, 1954, p. 71, TN).[179] A dificuldade em se estabelecer as unidades de acordo com essas duas ordens converge para a formação de duas ciências distintas: (1) *Linguística Sincrônica (estática)* e (2) *Linguística Diacrônica (cinemática).*

O início da aula de 21 de dezembro é marcado por Patois com uma subdivisão temática, [§1] *Distinção entre leis sincrônicas e diacrônicas*, momento para o qual Riedlinger não oferece nenhum tipo de subtítulo, apenas segue com anotações sequenciais, cujo conteúdo corresponde ao de Patois. Esse destaque temático corresponde a um fragmento de texto muito pequeno, o qual evidencia que "os fatos diacrônicos não são senão eventos: eles se opõem aos fatos sincrônicos como os eventos a um sistema" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 139, TN).[180] Tal proposição conduz ao questionamento da noção de *lei* que é melhor desenvolvido na subsecção seguinte, [§2] *Características das leis sincrônicas e diacrônicas*, também marcada somente por Patois. Sobre essa problemática terminológica, Riedlinger anota:

---

[179] [...] Seuls les faits synchroniques forment le systéme ; les faits diachroniques le modifient à tout instant, mais ne forment pas de systéme entre eux ; chacun est isolé.

[180] Les faits diachroniques ne sont que des événements : ils s'opposent aux faits synchroniques comme des événements à un système.

> Até que ponto esses diferentes fatos merecem ser chamados de leis? Sem querer esgotar a noção de lei, é certo que o termo lei evoca duas ideias:
> 1) Aquela da regularidade <ou ordem> de uma parte, e
> 2) Aquela de caráter imperativo, de uma necessidade imperativa.
> (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 47, TN).[181]

Essas duas ideias são independentes entre si, de forma que enquanto as leis sincrônicas relacionam-se com a noção de regularidade, de ordem; as diacrônicas – materializadas em leis fonéticas – possuem um caráter imperativo. Saussure acrescenta à reflexão terminológica o fato de que "não há lei se não se pode designar uma quantidade de fatos que se relacionam a ela, que lhe são obedientes. [...] Se a lei sincrônica é o que exprime uma ordem estabelecida, para a lei fonética esse termo lei é duvidoso nesse sentido." (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 140, TN).[182] Isso porque, na perspectiva diacrônica, os fatos são acidentais, o que rejeita a antecipação e a projeção inerentes à concepção de lei.

Diacronicamente, em latim → português, os eventos de rotacismo (substituição de um som por um [r]) são variáveis e, portanto, não podem ser classificados como obedientes a uma lei; por exemplo: apesar da evolução flos → flor[183], nem toda palavra terminada em s modificou-se para r, desse modo, cada palavra em que ocorreu rotacismo configura um evento independente. Sincronicamente, em português a pauta acentual vai até a antepenúltima sílaba, de modo que tal lei irá vigorar até ser substituída por outra.

A partir dessa distinção, são assinaladas duas variedades da ordem diacrônica, de acordo com a diferenciação de método: a prospectiva e a retrospectiva; e apenas uma variedade de método na ordem sincrônica, à qual

> [...] tem por padrão a perspectiva dos sujeitos falantes, e <não há outro método> senão o de se perguntar qual é a impressão dos sujeitos falantes. Para saber em que medida uma coisa é, será preciso procurar em que medida ela é na consciência dos sujeitos falantes, [em que medida] ela significa. <Por isso, uma só perspectiva, método: observar o que é sentido

[181] A quel point méritent ces différents faits d'être appelés lois ? <Sans vouloir épuiser la notion de loi, il est certain que> le terme loi appelle deux idées : 1) celle de la régularité <ou ordre> d'une part, et 2) celle de son caractére impératif, d'une nécessité impérative.
[182] Il n'y a pas de loi se on ne peut désigner une quantité des faitrs qui 's'y rattachent, qui y obéissent.[...] Si la loi synchronique est ce qui exprime un ordre établi, pour la loi phonétique ce terme de loi est douteuxdans ce sens.
[183] Dicionário etimológico da língua portuguesa (Antônio Geraldo da Cunha).

> pelos sujeitos falantes.> (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 49, TN).[184]

Considerando que a linguística sincrônica tem por objeto um estado de língua, materializado em um conjunto de valores que compõem o sistema, é digno de atenção o enfoque explícito à busca do que há na consciência do falante como método dessa ciência, uma vez que a história convencionou[185] o olhar saussuriano voltado apenas ao sistema; enquanto as anotações dos alunos apontam para uma relação intrínseca entre sistema e sujeito falante.

Dando continuidade à aula, são apresentados os dois campos de estudo separadamente, a começar pelo [§3] *Campo sincrônico* – título anotado por Patois – ou [§3] *Divisões <que se pode ser conduzido a fazer> no campo sincrônico*[186] – conforme caderno de Riedlinger. A secção é iniciada relacionando o campo sincrônico ao conjunto de diferenças significativas, de modo que o jogo dessas diferenças corresponde ao próprio objeto da linguística sincrônica (p. 50 e 141); outrossim, destaca-se que a totalidade de diferenças significativas não possui limites claros, tampouco é dada previamente.

Essa problemática de falta de clareza em delimitações é demonstrada, como exemplo, tanto em relação à morfologia quanto à lexicologia. Quanto à primeira, se por um lado, é oferecida a separação na qual "a gramática se ocupa das funções das formas casuais [...]; a morfologia estabelece o estado dessas formas", por outro "essa distinção é ilusória, no fundo" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 142, TN)[187], uma vez que somente a significação pode separar as unidades (não a forma, nem sua função). Quanto à segunda, a suposta separação entre gramática e lexicologia também é ilusória, posto ser difícil separar o que é puramente gramatical[188] do que é lexical; as preposições, por exemplo, são comumente categorizadas como elementos gramaticais, mas ao tomar em francês «en

---

[184] [...] a pour étalon la perspective des sujets parlants, et il n'y a <pas d'autre méthode> que de se demander quelle est l'impression des sujets parlants. Pour savoir dnas quelle mesure une chose est, il faudra rechercher dans quelle mesure elle est dans la conscience des sujets parlants, [dans quelle mesure] elle signifie. <Donc, une seule perspective, néthode : observer ce qui est ressenti par les sujets parlants.>

[185] Como destacado – em caixa de texto – na página 73.

[186] Champ synchronique (PATOIS, p. 141) ; Divisions <qu'on peut être conduit à faire> dans le champ synchronique. (RIEDLINGER, p. 49).

[187] La grammaire s'occupe des fonctions des formes casuelles [...] ; la morphologie établit l'état de ces formes. Cette distinction est illusoire au fond.

[188] Aqui, Saussure está tomando como puramente gramatical aquilo que "exprime a ligação entre as palavras" [exprime le rapport entre les mots]. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 50).

considération de» depara-se com uma locução prepositiva cujo elemento lexicológico estabelece seu significado.

Pondera-se que essa organização segmentária possui uma utilidade prática desde que compreendidos os seus limites flutuantes. Questiona-se, em seguida, “em que consiste tudo o que se encontra em um estado de língua?” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 51, TN).[189] A resposta retoma o início da subsecção, na qual um estado de língua (perspectiva sincrônica) relaciona-se a um jogo de diferenças. Cabendo ressaltar que “são sempre diferenças que agem sobre uma unidade relativa (é isso que as coordena); no seio de uma unidade mais vasta que os reúne, <há unidades particulares>. Tudo provém de diferenças e também de agrupamentos.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 142, TN).[190] A partir disso, são propostas duas formas de agrupamento:

Acervo interior (estoque)	**Discurso**
Unidades de associação	Unidades discursivas (que se produzem no discurso)
Grupos no sentido de famílias	Grupos no sentido de sintagmas
Ex. contre contraire rencontrer	**Ex.** contre-marche

Conforme a estruturação proposta, há dois modos de coordenação de uma palavra em relação ao conjunto (“duas esferas de ligação entre as palavras”): de um lado a escolha no acervo mental a partir de relações associativas, no qual as palavras relacionadas não figuram simultaneamente na cadeia discursiva; de outro lado figuram os arranjos de uso, cuja figuração ocorre simultaneamente no discurso.

No grupo de associação observa-se a existência de um aspecto constante (contr-) e um aspecto variável (-e, -aire, -er, re-); o grupo de sintagmas, por sua vez, diz respeito a uma ordem, à noção de linearidade. Ambos funcionam concomitantemente nos diversos níveis, desde a variação e composição dos sons –

[189] En quoi consiste tout ce qui se trouve dans un état de langue ?
[190] [...] il s’agit toujours de différences qui agissent dans une unité relative (c’est là ce qui coordone) ; au sein d’une unité plus vaste qui les réunit <il y a des unités particulières.> Tout revient à des différences et aussi à des groupments.

bola / mola / rola – até as estruturas frasais complexas – o que eu / ele / nós quero / quer / queremos. “O mecanismo consiste em empregar os *tipos de sintagmas* que temos em mente, usando os grupos de associação para fazer a diferença desejada. [...] Todo valor resulta desse duplo agrupamento.” Por meio de aspectos associativos, o cérebro remete ao paradigma verbal regularidade + variação (quer-o, quer-∅, quer-emos) para formar o sintagma (nós queremos). (GODEL, 1957, p. 73, TN).[191] Verifica-se, portanto, que associação e combinação são dois mecanismos de oposição que se manifestam sincronicamente:

↑ (associações) (o que é pensado paralelamente) ↓		refaire, etc.	
		faire	
	dé	Faire	← (sintagmático) → (o que é falado)
	dé	placer	
	dé	ranger	
		etc.	

(SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 145)

Desse modo, é a existência de associações ligadas a «faire» que define «défaire» como sintagma (um sintagma é formado pelo menos por dois elementos); se historicamente esses grupos associativos se perdessem, «défaire» tornar-se-ia apenas uma unidade. Por extensão, “os fatos de sintaxe repousam sobre o sintagmático porque esses fatos se produzem entre duas unidades e duas unidades [que] são distribuídas no espaço.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 145, TN).[192] Essa relação distributiva concernente à sintaxe estabelece tanto aspectos da ordem própria do discurso em determinada língua, quanto o valor de unidades menos significativas (como conjunções, preposições e pronomes relativos).

Acrescenta-se, nesse momento, envolvendo aspectos sintagmáticos e associativos, a noção de analogia, “isto é, criação analógica ou novação analógica que se produz a todo o momento.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p.

[191] Le mécanisme consiste à employer des *types de syntagmes* que nos avons en tête, en faisant jouer les groupes d’association pour amener la différence voulue [...]. Toute valeur résulte de ce double groupment.

[192] Les faits de syntaxe tombent dans la syntagmatique car ces faits se produisent toujours entre deux unités et deux unités [qui] sont distribuées dans l’espace.

146, TN).[193] Uma vez que a analogia diz respeito à criação / mudança, pode-se encaminhar a uma aparente problemática que liga a analogia a fatos diacrônicos, entretanto, são os fatos sincrônicos que produzem uma analogia. A analogia, na perspectiva sincrônica é corroborada, por exemplo, em crianças falarem “eu sabo” em lugar de “eu sei”[194]. Nesse exemplo, é retomada a relação sincrônica entre o radical e a desinência.

A analogia, assim, só pode se manifestar no estado mesmo de língua, posto que “a língua pode ser considerada como qualquer coisa que de momento em momento é interpretada pela geração que a recebe: é um instrumento que se procurou entender.” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 59, TN).[195] Em vários momentos os usuários da língua criam novas unidades por analogia, mas é a utilização pela comunidade de fala que as constitui fatos de língua; destacando-se que a criação analógica possui dois lados: o criado, pelo qual há uma nova combinação; e o analógico, que retoma elementos pré-existentes na língua.

Por conseguinte, a língua tomada em um determinado estado (sincronicamente) caracteriza-se por unidades e pela distribuição dessas unidades, paralelamente, a analogia evidencia a interpretação dos sujeitos falantes, viabilizando o enriquecimento do conjunto da língua. Desse modo, gramática e sincronia se implicam mutuamente, pois compreendem

> Interpretação e distribuição de unidades. Tudo o que existe na sincronia de uma língua (analogia também) se resume muito bem no termo *gramática*, que se aplica muito bem a um sistema que põe em jogo os valores. Gramática histórica não existe propriamente, porque nenhum sistema de valores pode existir entre várias épocas. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 148, TN).[196]

De acordo com o professor, o seu intuito até este momento foi classificar os fatos sincrônicos, que se resumem a aspectos sintagmáticos e associativos, os quais são confirmados por intermédio da observação do presente da língua. Além desses fatos, é preciso agora abordar o [§4] *Campo diacrônico*: *a língua vista*

---

[193] C’est-à-dire création analogique ou novation analogique qui se produit à tout moment.
[194] Conforme página 39 desta tese.
[195] La langue peut être considérée comme quelque chose que de moment en moment interprète la génération qui la reçoit : c’est un instrument qu’on a essayé de comprendre.
[196] Interprétation et distribution des unités. Tout ce qui est dans la synchronie d’une langue (analogia aussi) se résume trè bien dans le terme de grammaire, qui s’applique très bien à un système qui met en jeu des valeurs. Grammaire historique n’existe pas proprement, car aucun système des valeurs ne peut être à cheval sur plusieurs époques.

através do tempo, o que compreende, na organização de Saussure, a outra metade dos estudos linguísticos. Como antecipado na subsecção §2, o campo diacrônico contém duas dimensões: a prospectiva e a retrospectiva.

O método prospectivo, caracteristicamente narrativo, visa acompanhar a língua no decurso do tempo, de modo prático, equivale à síntese de todos os fatos históricos, que possibilita a visualização da evolução de um idioma. Entretanto, a efetivação desse método é quase ideal, uma vez que dificilmente existiriam condições que viabilizassem sua aplicação. Isso por que "<o documento aqui não é mais a observação do que é mais ou menos presente nos sujeitos falantes.> O documento é em geral indireto." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 63, TN).[197] Seria preciso uma infinidade de textos escritos (lembrando-se de que a escrita diverge da língua na prática dos falantes, por isso é vista como acesso indireto) com o objetivo de relatar a história, mas ainda assim encontrar-se-iam lacunas que exigiriam o método retrospectivo para remontá-las. Desse modo,

> Podem-se opor, em grande parte, em linguística diacrônica, essas duas perspectivas como «síntese» e «análise». Na visão retrospectiva, nos colocamos em uma certa época e não questionamos quais são as coisas que resultam em tal ou tal forma que se considera, mas quais são as formas que lhes originaram. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 149, TN).[198]

A busca da origem de cada elemento resulta do método principal da perspectiva diacrônica, o qual se funde com o procedimento de comparação cuja aplicação converge para a reconstrução da cadeia de eventos que justificam um estado de língua.

Destarte, o principal objeto da linguística diacrônica é a fonética, no âmbito da análise da passagem de um estado de língua a outro, de forma que Saussure nega a possibilidade de uma fonética sincrônica; para ele, o estudo fonético não é nem significativo nem gramatical. A partir disso, "a oposição que colocamos <entre as matérias que recaem sobre o campo sincrônico e o campo diacrônico> seria imediatamente luminosa; de um lado haveria: diacrônico = não gramatical, e de

[197] <Le document ici n'est pas l'observation de ce qui est plus ou moins présent chez les sujets parlants.> Le document est en général indirect.

[198] On peut opposer en grande partie, en linguistique diachronique, ces deux perspectives comme «synthèse» et «analyse». Dans la vue rétrospective on se place à une certaine époque et on demande nos pas quelles sont les choses qui résultent de telle ou telle forme qu'on envisage, mais quelles sont les formes qui lui ont donné naissance.

outro: sincrônico = gramatical." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 67, TN).[199] Há de se considerar, contudo, que essa oposição radical só ratifica-se quando se considera uma "fonética pura", visto que tudo o que lhe ultrapassa torna-se difícil de delimitar. Por fim, Saussure encerra essa temática ponderando sobre o fato de que um fenômeno pode englobar em si vários fatores particulares de diferentes ordens, evidenciando a complexidade da análise por parte do linguista.

Numa retrospectiva sucinta, até aqui o professor apresentou algumas *Generalidades* [cap. I], enfocando a linguística e seu objeto, assim como a natureza da língua vista do interior e do exterior; além de uma ampla *Divisão interior das coisas da linguística* [cap II], na qual foram esmiuçadas as noções de sincronia e diacronia. A próxima secção [cap. III] apresenta uma *Visão geral da linguística indo-europeia como introdução à linguística geral [1]*[200], na qual Saussure expõe um breve histórico dos estudos comparados e alguns de seus erros linguísticos.

Após uma breve retomada das secções anteriores, é explicada a escolha da família de línguas indo-europeias, baseada, a princípio, pelo fato de ser o grupo ao qual pertence o francês e do qual possui melhor conhecimento; acrescentando a justificativa de William Whitney, para o qual se destaca o fato de a linguística indo-europeia ser mais antiga e abranger e ultrapassar fenômenos mais simples de outras línguas, de modo que seu conhecimento vem a colaborar para o estudo das outras famílias de línguas. Nas anotações pessoais[201] de Saussure, é retomado um fragmento polêmico da obra de Whitney, sobre o qual Saussure anota:

> Mas o que Whitney nos diz continua sendo verdade, por assim dizer, em qualquer data, pela seguinte razão: seria completamente inútil, para quem quiser fundamentar a linguística de outros grupos de línguas, empreender essa tarefa sem ter adquirido, de antemão, um íntimo conhecimento da linguística indo-europeia e seus resultados. Não haverá jamais uma linguística que não tenha que partir, quanto aos métodos e à crítica dos fatos, do capital de experiência adquirido pela linguística indo-europeia. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 261).

---

[199] [...] l'opposition que nous avons posée <entre les matières qui tombent dans le chap synchronique et le champ diachronique> serait tout de suit lumineuse ; d'un côté on aurait : diachronique = non grammatical, et de l'autre : synchronique = grammatical.

[200] Até o momento, foram assinalados em nota de rodapé os dias nos quais se desenvolveram cada capítulo. Daqui em diante não há marcações dos dias de aula, havendo apenas o registro do último dia do curso: 24 de junho de 1909.

[201] É interessante observar a correspondência muito próxima do caderno de Riedlinger em relação às anotações de Saussure (no que concerne aos registros no ELG). Comparativamente, o caderno de Patois se apresenta mais objetivo, sem reproduzir tantos exemplos ou detalhes argumentativos.

Depois de salientada a sua importância, para uma apresentação sucinta de sua história geral, a linguística indo-europeia é dividida em dois períodos: período inicial, mais inocente, de 1816 a 1870-75; e período mais consciente, após um atento exame dos fatos, de 1875 até o (então) início do século XX.

Na exposição do primeiro período, o professor começa datando a fundação dessa linguística com a obra de Franz Bopp – «*Do sistema da conjugação do sânscrito comparado àquele das línguas latina, grega, persa e germânica*» (TN)[202] – de 1816, cuja preparação se deu nos anos anteriores nos quais obteve contato com as diversas línguas por intermédio de Schlegel e de Humboldt. Apesar de Bopp ser colocado como referência nos estudos indo-europeus, pondera-se que as primeiras analogias entre o sânscrito e as demais línguas (indo-europeias) foram feitas por indianistas.

Numa temporalização anterior à de Bopp, recebe reconhecimento o memorial, direcionado à Academia de Inscrições, elaborado por um francês, padre Coeurdoux (1767), que busca responder ao abade Barthélémy (helenista) as semelhanças entre palavras do sânscrito com o grego e o latim. Tal parentesco vem a ser claramente reconhecido pelo orientalista inglês William Jones que é apontado como um dos primeiros filólogos a estudar o sânscrito, em sua estada de quase nove anos (1786-1794) na Índia. Somado a esses estudos isolados, a obra de Christophe Adelung, «*Misturas ou linguística geral*» (1806, TN)[203], é destacada por apresentar sem nenhuma crítica ou análise a descrição das línguas então conhecidas, na qual o sânscrito é colocado entre as asiáticas não monossilábicas. Saussure assevera ser "curioso e embaraçoso" o fato de Adelung simplesmente catalogar as línguas sem prestar-se a analisar as vinte e seis páginas de palavras do sânscrito comparadas às do alemão, grego e latim. Dessa maneira,

> A originalidade de Bopp é grande e é esta: de ter demonstrado que uma semelhança de línguas não é um fato que não diz respeito senão ao historiador e ao etnólogo, mas é <um fato suscetível de ser ele mesmo estudado e analisado.> Seu mérito não é ter descoberto o parentesco do sânscrito com as outras línguas da Europa, <ou que pertencem a um grupo mais vasto,> mas de ter concebido que havia uma matéria de estudo nas relações exatas de uma língua parente a outra língua parente. O fenômeno da diversidade dos idiomas em seu parentesco lhe parece como um

[202] «*Du système de la conjugaison sanscrite comparé avec celui des langues latine, grecque, persane et germanique*»
[203] «*Mithridates oder allgemeine Sprachenkunde*»

> problema digno de ser estudado por si mesmo. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 74, TN).[204]

A revelação do sânscrito aparece como elemento facilitador a Bopp para o desenvolvimento dos estudos comparatistas, por – comparativamente – figurar em posição intermediária entre o grego e o latim. Em 1833, Bopp publica sua gramática geral, «*Gramática comparada das línguas sânscrita,* zend*, armênia, grega, latina, lituânia, eslava, gótica e alemã*» (TN)[205], que o caracteriza como fundador da gramática comparada. Destaca-se que os estudos de Bopp, de cunho comparatista, carecem de um detalhamento histórico; direção assumida por Jacob Grimm, pai dos estudos germânicos (com a «*Gramática alemã*» 1822-1836, TN)[206], marcado como fundador da gramática histórica (em oposição a Bopp – fundador da gramática comparada).

Além de Grimm, outros estudiosos são lembrados por Saussure, como Friedrich Pott, Theodor Benfey (indianista), Adalbert Kuhn (fundador do «*Jornal da pesquisa linguística comparativa*», TN)[207], Theodor Aufrecht (sobretudo indianista); além de Georg Curtius e Max Müller, representantes conhecidos dos últimos anos desse primeiro período. Finalizando essa seleção, o autor destaca que o sucessor de Bopp mais importante é August Schleicher, cuja representatividade justifica-se porque "ele tende a generalizar e sistematizar. Seu «*Compêndio de Gramática Comparada*» trazia uma sistematização dos resultados por e a partir de Bopp" (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 155, TN)[208], pelo qual ficou conhecido no meio acadêmico, sendo ponto de partida de uma geração de linguistas.

Apesar de destacar a relevância da descoberta do sânscrito e a importância das gramáticas comparatistas e de seus respectivos estudiosos, Saussure expõe os oito principais erros desse primeiro período da linguística indo-europeia, sistematizados no quadro a seguir:

---

[204] L'originalité de Bopp est grande et elle est là : d'avoir démontré qu'une similitude de langues n'est pas un fait qui ne regarde que l'historien et l'ethnologue, mais est <un fait susceptible d'être lui-même étudié et analysé.> Son mérite n'est pas d'avoir découvert la parenté du sanscrit avec d'autres langues d'Europe, <ou qu'il appartient à un groupe plus vaste,> mais d'avoir conçu qu'il y avait une matière d'étude dans les relations exactes de langue parente à autre langue parente. Le phénomène de la diversité des idiomes dans leurs parenté lui apparaît comme un problème digne d'être étudié pour lui-même.

[205] «*Grammaire comparée des langues sanscrite, zend, arménienne, grecque, latine, lituanienne, slave, gotique, et allemande*»

[206] «*Deutsche Grammatik*»

[207] «*Zeitschrift für vergleichende <Sprach>forschung*»

[208] Il tend à généralizer et systématiser. Son «*Comendium der vergleichenden Grammatik*» apportait une systématisation des résultats obtenus par e depuis Bopp.

PRINCIPAIS ERROS DA LINGUÍSTICA INDO-EUROPEIA	
1. Atribui importância exagerada ao Sânscrito:	Em sua realização mais grave, o Sânscrito figura como língua primitiva, alcançando o limite de ser identificado como a raiz mesma do indo-europeu. De maneira mais amena, o Sânscrito é tomado como um irmão mais velho em relação às demais línguas (grego, latim, etc).
2. Método somente comparativo:	A comparação é apenas parte de um processo de análise. Insuficientemente a linguística indo-europeia reduz-se à comparação pura, sem considerar os aspectos históricos, o que resultou em falsas relações.
3. Ideias pseudofilosóficas sobre a língua:	O método comparativo (segundo erro) acarreta um conjunto de concepções que não correspondem com a realidade da língua, criando falsas ideias difíceis de serem desenraizadas.
4. Confunde escrita e língua:	De um lado, a língua falada é o objeto da linguística; do outro, a escrita é o documento inexato de reprodução dessa língua, com o perigo de substituir o objeto verdadeiro. Tal erro é desculpável, dada a necessidade da escrita para os estudos comparatistas; entretanto, é importante entender que a imagem de um objeto não substitui o objeto em si mesmo.
5. Falsas analogias:	Tanto a fonética como a analogia são mal consideradas dentro dos estudos indo-europeus, uma vez que a comparação pura negligencia a origem das semelhanças, o que vem a criar falsas analogias e erroneamente insere o fenômeno da analogia (que é regular) em casos acidentais.
6. Falta de método:	Apesar da aparente discrepância em relação ao segundo erro, nesse ponto argumenta-se a inexistência geral de método relacionada à ausência de uma ideia exata e clara da natureza do objeto de estudo e de seus fenômenos.
7. Ignora as relações das línguas de um mesmo grupo	Toma a língua mais velha de um grupo de língua como se pudesse representar o grupo todo (tal qual o primeiro erro), de modo a ignorar o fato de que as transições entre línguas não costumam ser verticais (como latim → francês), mas predominantemente há grande variação horizontal, pela qual uma língua não resulta em outra.
8. Equivocada concepção dos domínios da linguística	"Erro sobre o domínio destinado à linguística fora da língua em si mesma." (p. 88) Concerne à ideia geral de que a linguística possuiria um papel fora da linguagem, como fonte documental sobre os povos e como meio de reconstrução da civilização primitiva indo-europeia. Na obra de Adolphe Pictet («*Les origines indo-européennes* ou *Aryas primitifs*») cunhou-se a terminologia paleontologia linguística.

Tabela 02 – Principais erros da linguística indo-europeia. Baseada em:
SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 79 – 90 [e por Patois p. 155 - 159]

Esses erros foram apontados paulatinamente pelo professor no decurso da aula, tendo sidos tabelados aqui como um mecanismo de visualização completa da perspectiva crítico-analítica de Saussure em face aos estudos da primeira fase comparativa do indo-europeu.

O segundo período da linguística indo-europeia – a partir de 1875 – é marcado por um novo direcionamento nas pesquisas, uma nova escola denominada *neogramática* (TN)[209], que recebeu a influência do norte-americano William Dwight Whitney («*Vida e desenvolvimento da linguagem*», 1975, TN)[210] e das filologias românica e germânica, ambas alimentadas por fatos, apresentavam-se mais sólidas por trabalharem as bases históricas em suas investigações. Dentre os filólogos, são citados, da região de Leipzig e Iéna, Karl Brugmann, Hermann Osthoff, Wilhelm Braune, Edouard Sievers, Hermann Paul e August Leskien. Com um posicionamento resistente a essa nova escola, da região de Berlin e Göttingue, citam-se Georg Curtius («*Princípios da etimologia grega*», 1879, TN)[211], Wilhelm Scherer e Johannes Schmidt.

Os parâmetros da nova escola estabelecidos principalmente pelos germanistas são objetivamente expostos no caderno de Patois:

> 1) O ponto de vista histórico foi estabelecido como o único a ser reconhecido no lugar da comparação pura. [...] 2) Ruptura com a ideia de que a língua se desenvolvia como uma espécie de vegetal. A língua é reconhecida como um produto do espírito humano (coletivo), [...]. 3) Reconhece-se que a língua é a obra permanente, contínua da sociedade. A língua trabalha todo tempo; esse trabalho é a analogia que se reconhece [como] legítima e universal. [...] 4) Por um estudo mais fechado da fonologia, desprende-se, da unidade da palavra escrita, a escrita não ser senão um testemunho com respeito à língua. 5) Vistas novas sobre os fatos; sobretudo: o Sânscrito é destronado. (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 160-161, TN).[212]

Apesar da influência e do valor histórico do primeiro período dos estudos indo-europeus, a perspectiva linguística apresentada por Saussure baseia-se nessas

---

[209] «*Junggrammatische Richtung*»
[210] «*Life and growth of language*»
[211] «*Grundzüge der griechischen Etymologie*»
[212] 1) Le point de vue historique fut établi comme le seul à reconnaître au lieu de la comparaison <seule.> [...] 2) Rupture avec l'idée que la langue se développait comme une sorte de végétal. La langue est reconnue comme un produit de l'esprit humain (collectif) [...]. 3) On reconnaît que la langue est l'oeuvre permanente, continuelle de la société. La langue travaille tout le temps ; ce travail est l'analogie qu'on reconnaît [comme] légitime et universelle. [...] 4) Par un étude plus serrée de la phonologie on se dégagea de l'unité du mot écrit, l'écriture n'étant qu'un témoignage à l'égard de la langue. 5) Vues nouvelles de faits ; surtout : le sanscrit est détrôné.

inovações propostas pela neogramática. Cabendo destacar a importância da coletividade na construção do conceito de língua, principalmente no que tange ao fato de que “a língua não existe como entidade, mas somente os sujeitos falantes” (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 93, TN).[213] A língua, portanto, é uma obra “permanente e contínua” das sociedades.

Essa relação língua-sociedade é desenvolvida na secção seguinte – [Cap. IV] *Visão geral da Linguística indo-europeia como introdução à linguística geral [2]* – na qual são abordadas as teorias que buscam explicar as variações de língua dentro da família indo-europeia. Inicialmente, Saussure refere-se a quatro obras equivalentes à gramática comparada de Bopp: «*Grundriβ*» de Karl Brugmann, obra mais abstrata indicada para um primeiro contato; «*Introdução ao estuda das línguas indo-europeias*» (TN)[214] de Antoine Meillet; o dicionário de Fick, com menor importância que as demais, porém indicado para consultar alguns casos isolados; e «*Os indo-germânicos*» (TN)[215] de Hermann Hirt, cujo foco está na linguística externa.

Em seguida, o professor questiona o uso terminológico de “indo-europeu”, argumentando preferir empregar como sinônimo o termo «*Aryens*» (ariano), porque “<essa palavra indo-europeu é mal escolhida. É preciso dizer *arya-europeen* [ário-europeu] porque *aryas* nos Hindus se diz daqueles que falam o hindu ligado a nossas línguas.>” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 161, TN).[216] Esse questionamento terminológico figura como eco da insatisfação de Saussure frente às nomenclaturas vigentes em sua época.

A despeito da terminologia, ao considerar a área geográfica que abrange o indo-europeu, o professor faz referência a uma cadeia linguística que evoca quatro questões: “1) diferença dos idiomas indo-europeus; 2) pátria primitiva dos idiomas indo-europeus; 3) extensão geográfica definitiva; [e] 4) o que resolveria as três anteriores: migração dos povos.” (SAUSSURE por Patois, CURSO II, 1908/1909, p. 162, TN).[217] Essa teoria da migração dos povos pressupõe que o movimento espacial das línguas justifica as diferenças linguísticas, entretanto, ele defende que tal proposição

[213] (la langue n’existe pas comme entité, mais seulement les sujets parlants !)
[214] «*Introduction à l’étude des langues indo-européennes*»
[215] «*Die Indogermanen*»
[216] <Ce mot d’indo-européen est mal choisi. Il faudrait dire *arya-européen* parce que *aryas* chez les Hindous se dit de ceux qui parlent l’hindou parent de nos langues.>
[217] 1) différence des idiomes indo-européens ; 2) patrie primitive des idiomes indo-européens ; 3) extension géographique définitive ; 4) qui résolvait les trois autres : migrations des peuples.

é simplista demais ao se relacionar a quantidade de deslocamento de povos frente à grande variedade de idiomas e a diversidade dialetal.

Supondo-se a existência de uma primeira língua, originária das demais, se por um lado a teoria da migração dos povos abarca a variação em diferentes espaços; por outro, é preciso acrescentar a teoria da diversificação para considerar o que ocorre em um mesmo espaço. Isso porque "uma superfície unilíngue a um momento A transformar-se-á em multilíngue a um momento B sem que haja outras causas, <pelo simples jogo da ação do tempo e do espaço sobre a massa falante." (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 98, TN).[218] Se a língua sofresse apenas a ação do tempo, as transformações linguísticas seriam regulares em um mesmo espaço, conforme Saussure demonstra na figura 16:

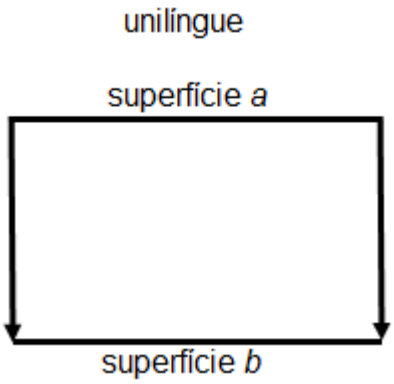


Fig. 16 – Superfície unilíngue
(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 98)

No entanto, a combinação do fator espaço ao tempo implica variações irregulares, de forma que uma língua *A* desdobra-se em várias línguas *B*, conforme representado na figura 17:

[218] Une surface unilingue à un moment A se trouvera multilingue à un moment B sans qu'il y ait d'autres causes, <par le simple jeu de l'action du temps et de l'espace sur la masse parlante.>

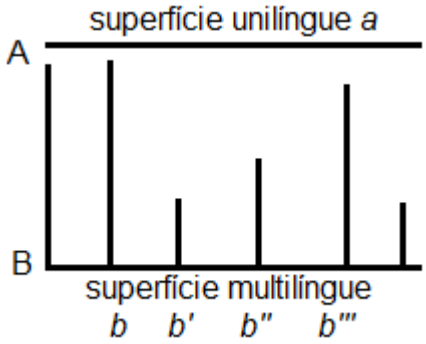


Fig. 17 – Superfície multilíngue
(SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 98)

Cabe ressaltar que não se trata, aqui, da migração dos povos, mas da influência que a língua sofre em um mesmo espaço, portanto, a figura 17 representa a variação dialetal de uma mesma língua em um mesmo espaço que, ao sofrer as ações de tempo/espaço, transforma-se e desdobra-se em dialetos completamente diferentes. O professor destaca que essas teorias foram tratadas com clareza por Johannes Schmidt («*Die Vervandtschaftsverhältnisse der Indogermanen*», 1877 - As relações familiares do indo-germânico) de modo a observar muitas transformações que não tiveram influência do deslocamento de povos. A partir disso, sobre o mapa[219] de um povo é possível identificar a ação do tempo na perspectiva de uma teoria geográfica, pela qual o distanciamento geográfico evidencia maiores diferenças linguísticas.

Na perspectiva da observação da variação dialetal sobre um mapa, ressalta-se a impossibilidade de estabelecer os limites de cada dialeto, observando-se uma diversificação gradual na qual existem fenômenos diversificadores; desse modo, um atlas linguístico deve apontar esses fenômenos e não os dialetos. Isso se deve ao fato de que há fenômenos que atravessam dialetos, sendo modificados, até seu desaparecimento, podendo ser enquadrados dentro da teoria das ondas, pela qual um fenômeno dissipa-se em ondas, perdendo em força ou transformando-se gradualmente. O professor assevera que

> A teoria que toca à diversidade dialetal e ao parentesco recebe, com frequência, em alemão <o nome de> *Wellentheorie* [Teoria das ondas] (onda = propagação de fenômenos diferenciadores; ela parte de um ponto do território e a onda vai até um certo limite) pois teoria geográfica = <(é sinônimo da)> teoria das ondas. Não é preciso opor a teoria geográfica e a

[219] O que Saussure chama de *mapa de idiomas* constitui a base embrionária dos estudos diatópicos.

> teoria das migrações. (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 103, TN).[220]

Portanto, teoria geográfica e teoria das migrações abarcam causas distintas para as transformações das línguas; enquanto a primeira é mais ampla, complexa e ligada a aspectos linguísticos; a segunda ocorre de forma mais pontual, partindo de questões histórico-sociais (conquistas armadas, por exemplo); de forma que uma teoria não exclui a outra. Consequente às questões histórico-sociais, Saussure destaca a complexa relação povo-raça, afirmando não contemplá-la pelo fato de que tal relação possui uma complexidade de fatores que se situam fora da área linguística e que as consequências de conquistas ou colonizações sobre a língua possuem variações também não abarcadas pelos estudos linguísticos. Ele sustenta apenas que "a imensa variedade de condições históricas faz com que <a língua não possa revelar a raça:> pois a língua não é senão um dos índices para a raça". (SAUSSURE por Riedlinger, CURSO II, 1908/1909, p. 108, TN)[221], somada à civilização de cada povo, assim como à sua religião dominante, entre tantos fatores.

Antes de encerrar esse *Segundo Curso de Linguística Geral*, o professor ainda acrescenta uma secção – [cap. V] *Revisão dos principais povos e idiomas da família indo-europeia e das principais questões que lhe são relacionadas* (GODEL, 1957, p.75-76) – que não é transcrita por Komatsu, mas a qual Godel faz referência nos *SM*. Nessa abordagem sistemática das línguas, Saussure versa sobre o *sistema fônico indo-europeu;* as *línguas célticas;* o *ramo itálico*, tomado a partir do *latim;* o ramo germânico, que abrange as *línguas eslavas e bálticas*; e por fim, inclui *breves indicações sobre outros grupos.* Conforme assinalado no início deste capítulo, Komatsu optou por suprimir essa descrição de línguas por considerá-la fora dos estudos linguísticos.

Uma vez que o curso era sobre linguística, importa questionar o porquê Saussure utiliza mais da metade do curso para apresentar leis fonéticas, vocabulários, variações frasais, exemplos de reconstruções e classificações gerais de línguas indo-europeias. De acordo com Bally e Sechehaye, "as necessidades do programa o obrigaram a consagrar a metade de cada um desses cursos a uma

[220] La théorie donc qui touche à la diversité dialectale et à la parenté reçoit souvent en allemand <le nom de> *Wellwntheorie* (onde = propagation des phénomènes différenciateurs ; elle part d'un point du territoire et l'onde va jusqu'à une certaine limite) donc théorie géographique = <(est synonyme de la)>théorie des ondes. Il ne faut pas opposer la théorie géographique et la théorie des migrations.

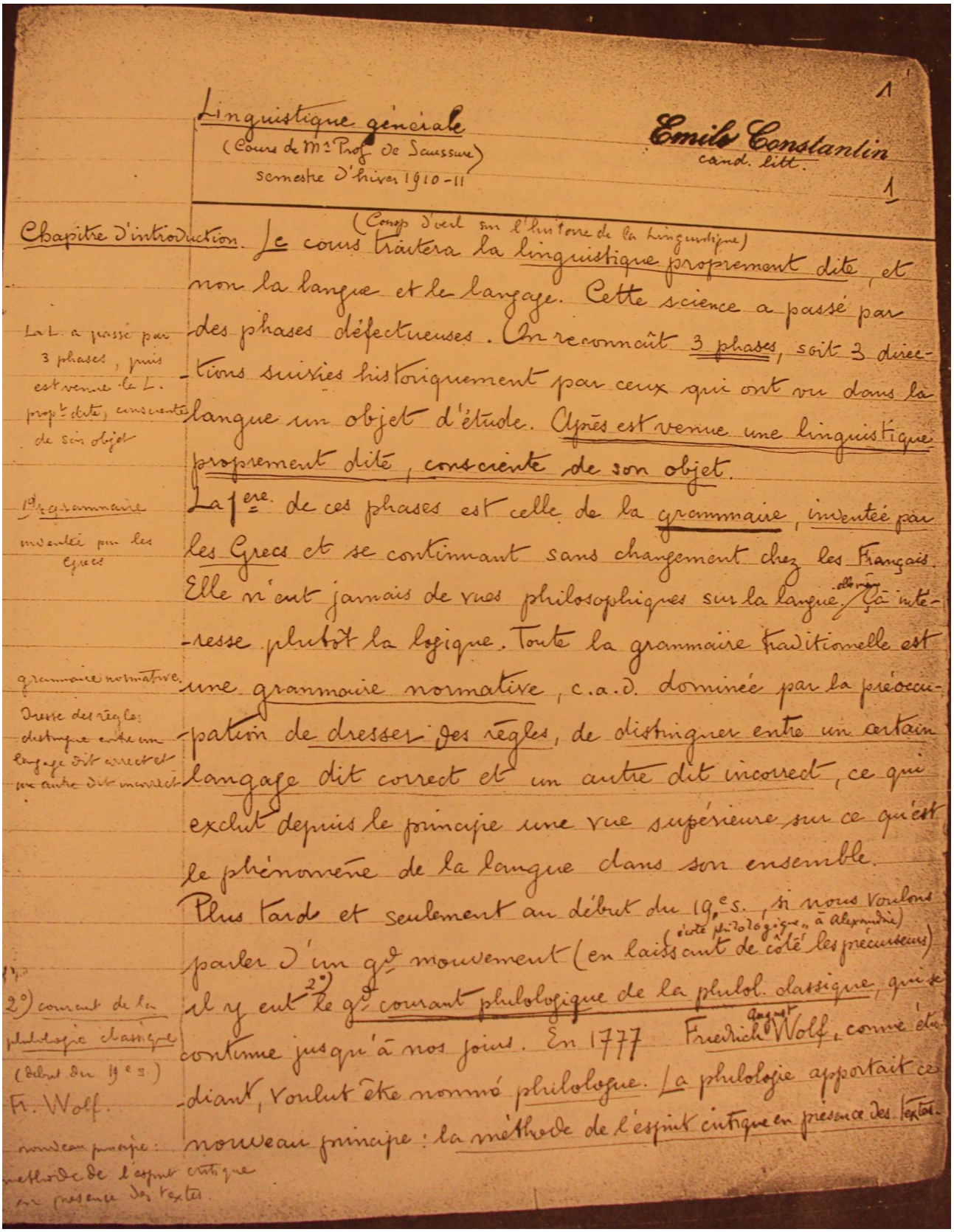
[221] <L'immense variété des conditions historiques fait que la langue ne peut révéler la race :> donc la langue <n'> est <qu'> un des indices pour la race.

exposição relativa às línguas indo-europeias, sua história e sua descrição, pelo que a parte essencial do seu tema ficou singularmente reduzida." (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 1). Dentro de um curso de linguística geral, ao que parece, tais considerações complementariam o conhecimento dos alunos, acrescentando-lhes uma variedade de línguas e de aplicação de teorias; consoante ao que epigrafa[222] esse capítulo, ele seguia sua conhecida metodologia enquanto *"cobria os grandes quadros negros de vocábulos de todas as espécies, de escolas surpreendentes".* Conforme declarou Duchosal, *"acompanhá-lo nem sempre era uma coisa fácil..."*

Reconstruir as aulas é, hoje, uma tentativa de acompanhar o pensamento de Saussure, tendo sido expostos, até aqui, os dois primeiros *cursos*, o capítulo seguinte encerra o objetivo de descrever os três cursos de linguística geral ministrados, completando o aspecto histórico-filológico desta tese.

[222] (p. 81)

CADERNO DO CURSO III (1910/1911)



Linguistique générale
(Cours de Mr Prof. de Saussure)
semestre d'hiver 1910-11

Emile Constantin
cand. litt.

1

Chapitre d'introduction. (Coup d'oeil sur l'histoire de la linguistique)

Le cours traitera la linguistique proprement dite, et non la langue et le langage. Cette science a passé par des phases défectueuses. On reconnaît 3 phases, soit 3 directions suivies historiquement par ceux qui ont vu dans la langue un objet d'étude. Alors est venue une linguistique proprement dite, consciente de son objet.

La L. a passé par 3 phases, puis est venue la L. propre dite, consciente de son objet

La 1ère de ces phases est celle de la grammaire, inventée par les Grecs et se continuant sans changement chez les Français. Elle n'eut jamais de vues philosophiques sur la langue, elle s'intéressa plutôt à la logique. Toute la grammaire traditionelle est une grammaire normative, c.a.d. dominée par la préoccupation de dresser des règles, de distinguer entre un certain langage dit correct et un autre dit incorrect, ce qui exclut depuis le principe une vue supérieure sur ce qu'est le phénomène de la langue dans son ensemble.

1°) La grammaire inventée par les Grecs

grammaire normative. Dresse des règles, distingue entre un langage dit correct et un autre dit incorrect

Plus tard et seulement au début du 19e s., si nous voulons parler d'un gd mouvement (en laissant de côté les précurseurs (école philologique d'Alexandrie)) il y eut 2°) le gd courant philologique de la philol. classique, qui se continue jusqu'à nos jours. En 1777 Friedrich August Wolf, comme étudiant, voulut être nommé philologue. La philologie apportait ce nouveau principe: la méthode de l'esprit critique en présence des textes.

2°) courant de la philologie classique (début du 19e s.) F. Wolf.

nouveau principe: méthode de l'esprit critique en présence des textes

Émile Constantin / arquivo fotográfico pessoal

5. TERCEIRO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL – 1910/1911

> *Dar uma ideia de seu modo de exposição é uma coisa impossível, porque é uma coisa única: é uma imaginação científica, a mais fecunda que se possa sonhar, na qual floresce, como em ramos, as ideias criadoras: é um método por sua vez flexível e severo...; é... uma clareza de visão espantosa...* (BALLY em DE MAURO, 1967, p. 345, TN).[223]

Aos 28 de outubro de 1910 é iniciado, pela terceira vez, mais um *Curso de Linguística Geral* na Universidade de Genebra sob a tutela de Ferdinand de Saussure. Mesmo com a retomada de alguns pontos trabalhados nos cursos anteriores, de acordo com seus discípulos, "F. de Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar; seu pensamento evoluía em todas as direções, sem com isso entrar em contradição consigo próprio." (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 2). Por conseguinte, corroborado pela descrição – até aqui – dos dois primeiros cursos, a composição de cada um dos três cursos ministrados diferencia-se (1) pela ordem cronológica de apresentação dos assuntos, (2) pela abordagem dos temas trabalhados e (3) pelos conteúdos propriamente ditos.

Conforme afirmado no prefácio da edição elaborada pelos discípulos de Saussure, o terceiro curso foi o alicerce para a "reconstituição" ou a "recriação" do CLG, sendo apontado como o mais importante dentre os três; contudo, consoante ao que afirma De Mauro, "o terceiro curso é a base da obra, mas não de sua organização." (DE MAURO, CLG/M, 1967, p. 406, nota 12, TN[224])[225]. Posto isso, este capítulo propõe-se a descrever o curso tal como foi ministrado, a partir da transcrição[226] dos cadernos de Émile Constantin publicada por Komatsu[227] (tal escolha se deu para manter certo paralelismo com os dois capítulos precedentes).

---

[223] Donner une idée de votre mode d'exposition est chose impossible, parce que c'est chose unique : c'est une imagination scientifique la plus féconde qu'on puisse rêver, d'où s'échappent, comme en gerbers, les idées créatrices ; c'est une méthode à la fois souple et sévère... ;c'est... une clarté de vision étonnante... (Bally 1908 in *F.d.S.* 32-33; cf. aussi Bally 1913, Sechehaye in *F.d.S. 62-63,* SM 26-27).

[224] Le troisième cours est la base de l'oeuvre, mais pas de son organisation.

[225] Essa verdade observável justifica o objetivo descritivo (histórico-filológico) da presente tese, que oferece uma retomada do percurso registrado pelos alunos.

[226] Importa ressaltar que em 2005 foi publicada outra transcrição desse terceiro curso, obedecendo a critérios mais transparentes no que concerne à reconstrução do texto de Constantin. Tal edição é fruto do trabalho de Claudia Méjia-Quijano e foi publicada no CFS número 58, páginas de 83 a 292.

[227] Semelhante aos dois capítulos anteriores, ao citar "Saussure por Constantin, Curso III, 1910/ 1911", de fato estamos citando Komatsu, 1997 e sua respectiva paginação.

Importando destacar que os cadernos de Constantin foram descobertos somente em 1958, não tendo sido utilizados, consequentemente, pelos editores do CLG[228].

Se por um lado esse terceiro curso destaca-se em importância por constituir o sustentáculo para o CLG, por outro, acrescenta-se a seu valor o fato de terem sido encontradas bastantes anotações pessoais do próprio Saussure referentes ao conteúdo nele ministrado[229]. A obra elaborada por Komatsu disponibiliza, juntamente com os textos de Constantin, a transcrição dessas notas (publicados, anteriormente, por Engler em sua edição crítica – CLG/E e posteriormente organizados nos ELG). A partir dessas considerações, o desenvolvimento deste capítulo fundamenta-se, primordialmente, nos cadernos de Constantin em cotejo com os escritos pessoais de Saussure; somados, secundariamente, à apresentação de Godel baseada nos cadernos de Dégallier.

A partir dessas fontes, diante de uma classe com doze alunos inscritos (o mais numeroso dos três cursos), Saussure começa o curso com o *Capítulo de Introdução*[230] que, inicialmente, propõe-se a expor uma *Visão geral sobre a história da linguística*, e em seguida, apresenta as *Divisões gerais do curso*. O professor organiza o breve histórico sobre a linguística destacando três fases defeituosas[231]: (1) a gramática (de origem grega) de caráter normativo, cuja preocupação dominante era elaborar regras separando o certo do errado; (2) a filologia clássica (do início do século XIX e até a contemporaneidade de Saussure) de caráter crítico, na qual a língua figurava apenas como um de seus múltiplos objetos, tendo sido responsável pela abertura de interessantes estudos sobre a língua; e (3) a gramática comparada (a partir de Bopp, 1816 até meados de 1970), que trabalhava com comparações das línguas indo-europeias sem considerar as condições de existência da língua, o que justificaria

A ORGANIZAÇÃO DO CLG III

É interessante observar que, embora ter sido primordialmente oral, o terceiro curso foi segmentado claramente em capítulos e subdivisões. Tal característica revela um nível de clareza maior que os cursos anteriores.

[228] Sechehaye utilizou 478 páginas dos cadernos de Madame Albert Sechehaye, Francis Joseph e George Dégallier. (Conforme BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 2 e KOMATSU, 1993, p. 7).
[229] As anotações de Constantin são muito parecidas com as notas de Saussure, de modo que tal correspondência seria objeto de um estudo à parte, não contemplado por esta tese.
[230] Trabalhado nos dias 28 de outubro e 04 de novembro de 1910.
[231] Essas fases são determinadas como *defeituosas* por não contemplarem, na perspectiva saussuriana, a linguística enquanto ciência.

uma atitude hostil por parte da corrente filológica. Na apresentação do professor, essas fases são defeituosas dentro da perspectiva linguística.

A linguística, então, recebe um novo direcionamento, no qual a comparação revela-se apenas como um método de análise. Com o advento dos estudos das línguas românicas (1836-1844), inaugurados por Friedrich Christian Diez, foi evidenciada a presença de um protótipo para cada forma e demonstrada a possibilidade de acompanhar, por intermédio dos documentos, as transformações das línguas. “Essas duas circunstâncias que diminuem a esfera conjectural deram outra fisionomia tanto à linguística românica quanto à linguística indo-europeia.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 183, TN). [232] Os romanistas acrescentaram ao método comparativo a perspectiva histórica – ausente nos estudos indo-europeus – viabilizando o encadeamento dos fatos da língua pelos estudos linguísticos.

Ressalta-se que os estudos filológicos e comparatistas erravam ao permanecerem vinculados à língua escrita, de modo que a palavra escrita se confundia com a palavra falada. Linguisticamente, tal confusão é problemática visto que signos gráficos e falados correspondem a dois sistemas sem correspondência entre si.

Com o objetivo de delinear a linguística enquanto ciência, Saussure toma a definição de *linguística* cunhada no Dicionário de Hatzfeld, Darmesteter e Thomas: “estudo científico das línguas” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p.184). Para esse estudo *científico*, importa questionar o que seria sua matéria e seu objeto. Corresponde à matéria desse estudo toda espécie de modificação da linguagem humana, em qualquer época, desde os idiomas menos conhecidos e obscuros de algum período remoto até as línguas mais conhecidas e célebres da contemporaneidade. Assim como deve ocupar-se tanto da língua falada quanto da língua escrita, com a consciência de que esta é apenas um invólucro daquela, o aspecto exterior “de seu verdadeiro objeto, que é unicamente a língua falada.”

OBJETO DA LINGUÍSTICA

É interessante comparar essa definição de objeto da linguística – <u>unicamente a língua falada</u> – com o que fora posto no final do CLG:

“A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” (CLG, 1973, p. 271).

[232] Ces deux circonstances qui diminuent la sphère conjecturale donnèrent une autre physionomie à la linguistique romane qu’à la linguistique indo-européenne.

(SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 185, TN).[233] Apesar dessa afirmação, tal ponto não é explorado nesse momento introdutório.

Acrescenta-se, na medida do possível, que o papel da linguística é "fazer a história de todas as línguas conhecidas", com o objetivo secundário de que, a partir desse histórico, sejam extraídas leis gerais que viabilizem a separação dos fenômenos gerais em relação aos particulares em cada família de línguas. Outra tarefa da linguística seria delimitar seu domínio de atuação, permanecendo independente da psicologia e atuando de modo agregador aos estudos da história.

A segunda parte dessa *Introdução* cita a composição do curso, que é dividido em três partes (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 187, TN)[234]: 1ª) *As línguas,* 2ª) *A língua*, e 3ª) *Faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos*. Antes da apresentação sumária de cada uma dessas partes, Saussure problematiza a ausência de um fenômeno concreto enquanto objeto da linguística, argumentando que tanto generalizações abstratas quanto pontuações parciais não poderiam constituir seu objeto.

Na reflexão sobre um possível objeto, dada a importância do aparelho vocal para a manifestação das línguas, Saussure volta-se a ele como material de estudo, o que implica observar sua correspondência acústica imediata; de modo que esses dois aspectos – articulação e correspondência acústica – são unicamente a representação material das palavras, cuja completude abarcaria também o âmbito da ideia. Contudo, mesmo ampliando o enfoque, ao "se tomar a união da ideia e do signo vocal, é preciso se perguntar se é no indivíduo que se estuda ou em uma sociedade, em uma massa social; vê-se ainda em face de qualquer coisa incompleta." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 188, TN).[235] Ainda na procura desse objeto tangível, se ao acaso a língua fosse tomada, o fato de ela ser heterogênea e se constituir de "coisas complexas" impediria estudá-la como objeto integral, sendo possível apenas estudar as suas partes separadamente. Desse impasse linguístico, é proposto:

> Eis a solução que podemos adotar: há, em cada indivíduo, uma faculdade que podemos chamar de *faculdade da linguagem articulada*. Essa faculdade

[233] [...] de son véritable objet, qui est la langue parlée uniquement.
[234] 1°) Les langues. 2°) La langue. 3°) Faculté et exercice du langage chez les individus.
[235] [...] si l'on prend l'union de l'idée et du signe vocal, il faut se demander si c'est dans l'individu qu'on étudie ou dans une société, dans une masse sociale ; on se voit toujours dans quelque chose d'incomplet.

> nos é dada, a princípio, pelos órgãos e, depois, pelo jogo que podemos obter por meio deles. Mas isso não é senão uma faculdade e seria materialmente impossível exercê-la sem outra coisa que é dada ao indivíduo de fora: a língua; é preciso que o conjunto de seus semelhantes lhe dê o meio [de exercer essa faculdade] chamada língua [...]. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 188, TN).[236]

A partir dessa colocação, o enfoque da linguística é (re)direcionado à dualidade linguagem-língua, compreendendo-se que a linguagem é uma ação permanente, uma faculdade de articulação, de caráter individual e relativamente acidental; enquanto a língua é um produto, imprescindivelmente social, de caráter essencial. Para representar esse produto, "pode-se dizer que o objeto a estudar é o tesouro depositado no cérebro de cada um. Esse tesouro sem dúvida, se tomado de cada indivíduo, nunca será perfeitamente completo." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 190, TN).[237] Dada essa incompletude ao se tomar o indivíduo, é preciso acrescentar a língua – que é o meio pelo qual se manifesta a linguagem, que foge a todo indivíduo, e que supõe uma coletividade – no que lhe é essencial: a união do som e da imagem acústica a uma ideia. Desse modo, na multiplicidade de indivíduos de uma massa social, encontra-se um acervo mais completo que represente a língua.

O professor prossegue a sua explicação retomando o fato de que a língua foi anteriormente comparada a uma instituição social por Willian Whitney (em *Les principles et la vie du langage* – meados de 1870[238]), e que não há nenhuma outra instituição social comparável a ela, pois ao mesmo tempo que concerne a todos os indivíduos em todo momento, nenhum tem poder de corrigi-la ou modificá-la de acordo com sua própria vontade. Esse caráter institucional, de natureza social, torna-se instigante uma vez que o social tem um limite individual: funciona coletivamente, mas não é passível de intervenções por indivíduos que compõem a comunidade de falantes.

---

[236] Voici la solution que nous pouvons adopter : il y a chez chaque individu une faculté que nous pouvons appeler *la facult´du langage articulé*. Cette faculté nous é donnée d'abord par des organes, et puis par le jeu que nous pouvons obtenir d'eux. Mais ce n'est qu'une faculté et il serait matériellement impossible de l'exercer sans une autre chose qui est donnée à l'individu du dehors : la langue ; il faut que ce soit l'ensemble de ses semblables qui lui en donne le moyen par ce qu'on appelle la langue.

[237] On peut dire que l'objet à étudier, c'est le trésor déposé dans notre cerveau à chacun. Ce trésor sans doute, si on le prend de chaque individu, ne sera nulle part pasfaitement complet.

[238] No texto, optamos utilizar a referência e a tradução para o francês tais quais se encontram no caderno de Constantin. Original: *Life and growth of language,* 1975.

Ao retornar à apresentação das partes do curso, considerando que a língua é um produto social, Saussure assevera que, como a humanidade está organizada em sociedades diferentes, com línguas diferentes, cabe ao linguista estudar esse objeto imediato: *as línguas*, enfoque da primeira parte. Em seguida, lhe é possível estudar um conjunto de abstração, identificando traços gerais, questões essenciais e universais na soma das línguas, o que compõe a segunda parte do curso: *a língua.* Para encerrar, seria preciso direcionar o enfoque ao indivíduo, observando sua influência sobre a língua, entretanto, a última parte, *faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos*, citada na introdução, não pôde ser efetivamente trabalhada (possivelmente por falta de tempo).

A "*Primeira parte: as línguas"*, dividida em cinco capítulos, opõe-se à segunda, *a língua*, o que evidencia a comparação direta entre estudo externo e interno de um mesmo fenômeno. De modo explicativo, Saussure anota em seus rascunhos que: "*as línguas,* é esse o objeto concreto que se oferece, na superfície do globo, ao linguista. *A língua,* é esse o título que se pode dar ao que o linguista souber tirar de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e através do espaço". (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 265)[239] É interessante observar que esse fragmento encontra-se com as mesmas palavras no caderno de Constantin (transcrito em KOMATSU, 1993, p. 194).

Explicitada essa distinção, o Capítulo I da primeira parte é assim intitulado: *Cap I - Diversidade geográfica da língua. Diferentes espécies e graus nessa diversidade*[240]*.* Nesse capítulo, é evidenciada a constatação universal de coexistência de diferentes línguas, há tempos representada pelo mito da *Torre de Babel* e ratificada até mesmo entre povos selvagens. De acordo com Saussure,

> [...] essa diversidade geográfica é o primeiro fato que se impõe, ao linguista e a todos em geral. A variação da língua no tempo escapa, de início, ao observador, mas é impossível que a variação no espaço lhe escape. Só chegaremos mais tarde à variação no tempo e veremos, então, que, no fundo, ela não é separável da variação no espaço; mas é apenas a segunda, eu repito, que é imediatamente dada. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 265)

Enfocando apenas o aspecto da variação geográfica, a multiplicidade de línguas soma-se às características antropológicas que diferenciam um povo de

[239] Também em Engler (CLG/E, 1967, Tomo I, p. 435, rf. *3334=2846*) e Komatsu (1993, p. 201).
[240] Datado em 08 de novembro de 1910.

outro, ponto que contribui na delineação do termo *idioma* (língua própria de um povo, de uma nação[241]), que social e historicamente desdobrou-se na concepção errônea de que aqueles que falavam uma língua diferente de seu próprio povo eram tidos como bárbaros. Diferentemente, em uma perspectiva linguística, o fenômeno da diversidade é muito profícuo, visto que viabiliza comparações por meio das quais se desenvolvem ideias gerais para investigações dos fatos linguísticos que envolvem o funcionamento das línguas e sua apropriação pela comunidade.

De acordo com Saussure, as divergências e as semelhanças são a base da gramática comparada e sustentam a noção de parentesco entre línguas. Consequentemente, parentesco supõe uma genealogia, o que resulta em uma busca por uma língua de origem (primeira, universal); entretanto, tal não é possível encontrar, importando, nesse aspecto, apenas que os grupos parentes são denominados como *famílias de línguas* (como, por exemplo, as neolatinas).

Posto isso, existem diferentes tipos de diversidade de línguas: "1°) diversidade no parentesco, 2°) diversidade fora de todo parentesco reconhecível." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 198, TN).[242] O segundo caso, de diversidade absoluta, é bastante complexo visto que coloca para a linguística um grande número de famílias "irredutíveis umas às outras". Contrário a isso, o autor assinala a tentativa do linguista italiano Trombeti em colocar todas as línguas como tendo certo grau de parentesco, mas salienta que "é preciso, antes de tudo, lembrar-se do enorme fosso entre o que pode ser verdade e o que é demonstrável," (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 198, TN)[243], de modo que mesmo se todas as línguas fizessem parte de uma só família, matematicamente seria impossível comprovar tal fato. Assim, cabe ao linguista, em face de famílias de línguas extremamente distintas, a comparação do organismo gramatical, pois é possível que línguas totalmente diferentes tenham semelhantes mecanismos gramaticais.

Portanto, o direcionamento dos estudos é distinto para cada um dos tipos de diversidade – relativa (dentro de uma mesma família) e absoluta (em famílias diferentes) – de modo que os dois casos apresentam graus e escalas de diversidade que devem ser considerados pelo linguista; como exemplo, no caso da diversidade

[241] Definição extraída do dicionário eletrônico Houaiss, verbete **idioma**, acepção 1.
[242] 1° Diversité dans la parenté, 2° diversité hors de toute parenté reconnaissable.
[243] [...] il faut avant tout se souvenir du fossé très grand entre ce qui peut être vrai et ce qui est démontrable.

relativa, é difícil definir com precisão o ponto, ou o momento, em que um *dialeto* recebe o status de *língua*.

Uma vez que a diversidade geográfica é um fenômeno que implica tanto fatores linguísticos como fatores externos (culturais, políticos), no capítulo II o professor elenca brevemente fatos históricos de diversidade de línguas em um mesmo território. Assim, o *Cap. II – Diferentes fatos que podem entrecruzar o fato da diversidade geográfica*[244] apresenta-se como interposto entre o anterior e o seguinte, evidenciando que a diversidade de línguas não corresponde a uma simples diversidade de território.

A princípio, o professor comenta que, considerando que a humanidade movimenta-se sobre o globo, não é nem novidade nem excepcional a coexistência de várias línguas em um mesmo território. Em seguida, discorre sobre lugares onde há essa coexistência como resultado de colonizações, de conquistas, ou do simples migração. É o caso da Bretanha (onde se falam o francês e o bretão), da região basca (com o basco, o espanhol e o francês), da Lituânia (com o lituano, o polonês e o russo), entre outros lugares; a Suíça não representaria esse fenômeno, porque suas diferentes línguas separam-se territorialmente.

Finalizando o capítulo, é sublinhado o caso das línguas literárias, pelo qual se apresenta a superposição de uma língua literária a uma língua natural, fato justificado pela "necessidade de haver um instrumento do qual a nação inteira possa se servir." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 198, TN).[245] Até mesmo as "línguas naturais", repletas de dialetos, são conduzidas à escolha de um dialeto entre todos, como língua geral, para servir de veículo para os interesses daquela região (tal escolha normalmente é social e política, refletindo a região de maior poder).

Uma vez ponderados esses fatores externos, o capítulo III, subpartido em três parágrafos [§], se propõe a desenvolver a origem da diversidade geográfica (sem abordar a questão da origem da linguagem). Sob o título *Cap. III – A diversidade geográfica da língua considerada do ponto de vista de suas causas*[246], o estudo é direcionado à diversidade de línguas com algum parentesco, escolha que possibilita resultados por meio da observação.

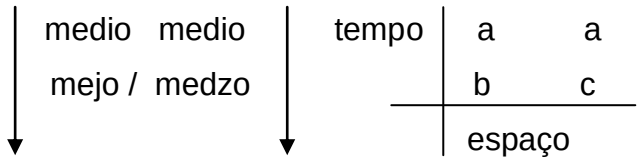
---

[244] Datado em 11 de novembro de 1910.
[245] [...] besoin d'avoir un instrument, dont la nation entière puise se servir.
[246] Contemplado nos dias 15, 18, 22, 25 e 29 de novembro e 02 de dezembro de 1910 (conforme notas dos alunos e conjecturas de Komatsu).

A primeira subsecção, [§1] *A língua transportada à distância: o caso da descontinuidade geográfica*, cujo título foi inferido por Komatsu, aborda as transformações de uma mesma língua em lugares descontínuos, como por exemplo, o francês da França em relação ao francês do Canadá.

Como já dito anteriormente, migração, conquistas ou colonizações transportam as línguas sobre o globo, justificando sua descontinuidade, todavia, após um período de tempo, são observadas diferenças vocabulares, gramaticais e fonéticas. Mas as transformações não ocorrem somente sobre a língua transportada, ocorrem também sobre a língua no lugar de origem, tornando visíveis as diferenças entre a língua falada nos dois lugares. Tal fenômeno provoca o questionamento sobre a origem dessas diferenças, cuja resposta encontra-se no fator *tempo*. “Mudança implica tempo transcorrido. Os Saxões e os Anglos, no dia seguinte ao seu desembarque, falavam a mesma língua falada na véspera sobre o continente.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 209, TN).[247]

Para explicitar o que ocorre sobre essas diferenças geográficas, Saussure exemplifica que não houve transformação entre *mejo* e *medzo*, mas o termo de origem *medio* sofreu transformações diferentes em cada lugar, conforme o esquema:



(SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 210)

Conforme indicado no esquema, a origem da diferenciação implica esses dois eixos, o vertical e o horizontal, tempo e espaço, respectivamente. Ao direcionar a reflexão apenas para as questões geográficas, seria “como se quiséssemos julgar um volume por uma superfície. É preciso ter a profundidade, a outra dimensão. Observa-se que o fenômeno [a mudança] não ocorre no espaço, mas inteiramente

[247] Changement implique temps écoulé. Les Saxons et Angles, au lendemain de leur débarquement, parlaient la même langue qu’ils parlaient la veille sur le continent.

no tempo." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 210, TN).[248] Assim, a mudança que o tempo impõe sobre a língua não é regular nos vários espaços, configurando a causa das diferenças geográficas de uma língua.

Para fechar a secção, é destacada uma nota de observação que suscita a questão das influências externas sobre a diversidade geográfica (como clima, configuração topográfica, hábitos), porém, tais influências não figuram entre os estudos linguísticos por seu caráter externo, imensurável, vago e irregular.

Como visto, as diferenças geográficas de uma língua implicam a existência de unidade no passado, ponto que não é de interesse imediato para Saussure, antes ele interessa-se pela evolução da língua, cujas diferenças evolutivas compõem o assunto tratado na alínea seguinte: [§2] *Evolução na continuidade geográfica: caso a considerar como o caso normal e o caso central.* Para basear sua argumentação, Saussure propõe que se imagine um território primitivo, extenso e unilíngue, cuja população seja sedentária, e afirma que até sob essas condições (improváveis) a língua se transformaria ao ser observada com um intervalo de quinhentos anos.

> Como sabemos disso? Porque é a experiência universal. Em qualquer exemplo que a história nos permita acompanhar uma língua ao longo de dois ou três séculos, constata-se que o espaço de tempo escoado corresponde regularmente a uma modificação mais ou menos forte dessa língua. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 268).

O princípio irrefutável da mudança que a língua sofre no decorrer do tempo às vezes é relativizado pelas influências externas (guerras, colonizações, crises), no entanto, se por um lado tais influências podem acelerar o processo, por outro, a ausência delas não impede a mudança contínua da língua pelo tempo. Um fator que pode obscurecer esse movimento é a superposição da língua literária, geralmente fixada pela escrita, mas que Saussure reserva para tratar em outro momento. Neste ponto do curso, o professor volta-se unicamente para o desenvolvimento livre das línguas, afirmando que "a modificação acaba sendo uma coisa relativa só ao tempo, mesmo que seja diferente no espaço. O tempo, mesmo reduzido a um único ponto do espaço, produzirá modificação. O espaço, ao contrário, é incapaz de produzir algo." (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 269). A observação das divergências que o tempo provocou em um determinado espaço, que não sofreu nenhuma influência externa,

[248] C'est comme si nous voulions juger d'un volume par une surface. Il faut avoir la profondeur, l'autre dimension. On voit que le phénomème [changement] n'est pas dans le espace mais entièrement dans le temps.

confirma a superioridade do princípio absoluto do movimento da língua no tempo; “porque, mesmo no mais tranquilo dos períodos, o rio da língua nunca é idêntico se considerado acima ou abaixo de um certo intervalo, mesmo que seja entre duas cataratas.” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 268)

A partir disso, é exemplificada na figura 18 uma perspectiva de desenvolvimento linear da língua no espaço (caso desconhecido) em contraposição ao desenvolvimento natural e diversificado:

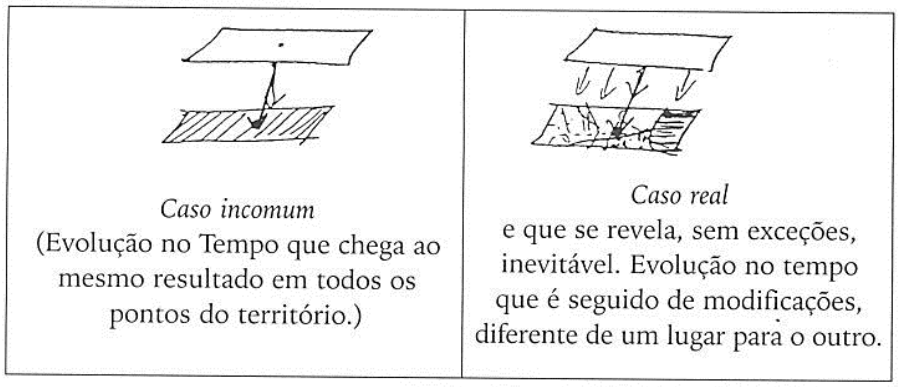


Fig. 18 – Desenvolvimento da língua no tempo e no espaço.
(SAUSSURE, ELG, 2004, p. 270)

Conforme exemplificado na figura, as modificações sofridas pela língua no decorrer do tempo não são uniformes em todo o território de atuação, resultando na diversidade dialetal[249]; isso ocorre porque as inovações sucessivas (sejam morfológicas ou fonéticas) abarcam raramente todo o território, e frequentemente áreas pontuais, territórios limitados. A diversidade dialetal, contudo, não pode ser tomada como tipos linguísticos fechados, uma vez que cada fenômeno único de transformação possui sua área de atuação e, consequentemente, mistura-se a outros fenômenos. Conforme referencia o professor, pode-se falar que “«há caracteres dialetais, não há dialetos» afirmou Paul Meyer, da *École des Chartes*”. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 216, TN).[250] Sem a possibilidade de determinação específica de dialetos, pode-se dizer somente que “ao final de quinhentos ou mil anos, por exemplo, as duas extremidades do território

[249] Conforme o CLG, p. 231, referenciado aqui nas figuras 1 e 2.
[250] « Il y a des caractères dialetaux, il n’y a pas de dialectes », a dit Paul Meyer, de l’École des Chartes.

têm muitas chances de não mais se compreender." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 214, TN).[251]

Posto isso, os atlas linguísticos – como de Gilliéron (França) e Wenker (Alemanha) – tomam em cada região uma ou duas características representativas, pois considerá-las em sua totalidade seria tarefa impossível. Para se considerar o termo dialeto, seus limites de demarcação deveriam: (1) supor apenas uma característica ou (2) tomar um espaço geográfico e descrever todas as características atuantes naquela área. Na perspectiva terminológica, "na prática, é preciso conservar o termo dialeto, sob a reserva das observações que fizemos" (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 224, TN)[252]; uma vez que cada região apresenta-se como uma transição das suas regiões vizinhas. Tal visão pode ser ampliada, pois

> O que é verdade para um território dividido em dialetos é também para as regiões muito maiores divididas em línguas, tendo-se em conta regiões onde as populações permaneceram sedentárias no decorrer dos séculos. Observa-se em grande escala o que nós vimos em pequena. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 225, TN).[253]

Semelhante ao que ocorre com os dialetos, as línguas também se apresentam com áreas de transição, de modo que uma língua A resulta da soma de seus dialetos ligados entre si, que se diferem dos dialetos que compõem uma língua B, por fim, a zona de transição contempla dialetos influenciados pelas duas línguas.

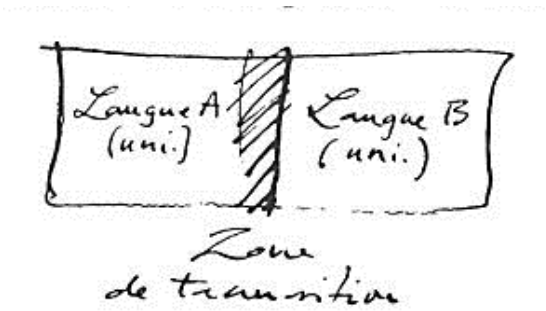


Fig. 19 – Zona de transição entre línguas
(SAUSSURE, ELG, 2004, p. 272)

[251] [...] au bout 500 ans ou 1000 ans par exemple, les deux extrémités du territoire ont tout chance de ne plus se comprendre.
[252] Dans la pratique, il faut conserver le terme de dialecte, sous réserve des obsertations que nos avons faites.
[253] Ce qui est vrai pour un territoire divisé en dialectes l'est aussi pour les régions beaucoup plus grandes divisées en langues, en ne tenant compte que des régions où les populations sont restées sédentaires pendant des siècles. On y voit en grant ce que nous avons vu en petit.

Como exemplo dessa continuidade, Saussure afirma que ao caminhar em linha diagonal, de Pas de Calais, passando pelos Andes, até Turim, não existe um ponto preciso no qual se observe o fim do uso do francês para o início do italiano, havendo uma mistura gradativa até a separação dos idiomas.

Apesar desse princípio contínuo entre as línguas ser uma verdade observável, são poucos os casos em que há essa passagem insensível entre uma língua e outra. No extremo oposto, um exemplo de transição abrupta entre línguas é a fronteira germano-eslava, entretanto, a atual distância linguística não anula a existência de formas de transição no passado, uma possível justificativa para esse tipo de realidade é a emigração das regiões fronteiriças.

Na perspectiva da continuidade, a terceira e última subseção do capítulo aborda [§3] *As ondas linguísticas consideradas como contágio social ou em sua propagação através do território.* Como já trabalhado, o aspecto tempo é determinante para as mudanças linguísticas; ao qual se acrescenta agora o aspecto espaço:

> Toda massa linguística, como mostra a experiência, chega fatalmente a se diversificar no local, sem que esse fato suponha um deslocamento de qualquer tipo. [...] Uma superfície geográfica unilíngue é fatalmente destinada a se tornar uma superfície multilíngue por fracionamento da língua primitiva.
> Dê ao Espaço um tempo suficiente,
> Dê ao Tempo um certo Espaço geográfico,
> invariavelmente o produto [não será] a mas a a a
> (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 274-275). b b’ b’’ b’’’

Na perspectiva territorial, sobre toda massa humana exercem dois fatores simultaneamente: a *força do campanário* e a *força do intercurso.* A primeira diz respeito à força centralizadora, de cunho sedentário e de manutenção de hábitos e costumes; a segunda, corretiva à primeira, refere-se a todos os fatores que levam os homens a se relacionarem com os diferentes povos (vizinhos ou a qualquer distância). A ação dessas forças exerce influência de divisão (a partir de atitudes de conservação da língua por um vilarejo, por exemplo) e de unificação (considerando as influências de um povo sobre outro), posto que “toda onda de inovação supõe, ao mesmo tempo, força divisória e unificante.” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 276).

A força do intercurso manifesta-se de duas formas, como uma ação conservadora (de resistência) ou como uma ação propagadora (de transmissão). Essa segunda forma garante semelhanças linguísticas entre territórios muito distantes, caracterizando o ponto de interesse desta subsecção.

Se por um lado, como já fora dito, a diversidade geográfica é resultado da ação do tempo, por outro, é preciso acrescentar que existem fatores geográficos os quais transmitem formas, resultando também em diversidade. “Essa diversidade que está no espaço, é preciso projetá-la no tempo para reconhecer o fenômeno. O princípio é verdadeiro se tomado o lugar onde se fez uma inovação. Na região vizinha, a mudança se faz por imitação.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 234, TN).[254] O contágio, portanto, é o resultado da junção dos fatores tempo e espaço, de modo que ao se projetar essas forças para uma superfície, observa-se a dificuldade em se definir os limites de cada fator:

> Forçosamente, se *a* difere de *b*, é necessária a mesma força divisória de que falávamos no caso do vilarejo mas, no mesmo instante, vê-se que ainda mais impactante é a coesão (e a concordância) que se manifestou no território *a* para estabelecer essa diferença com relação a *b.* Assim, já que se trata de uma *superfície* (que é o caso comum), pode-se dizer que o fenômeno que divide essa superfície provoca tanto forças *unificantes*, que criam coesão, quanto forças *divisórias*, que criam dispersão, diferença. Mas a única coisa impossível de saber é, em cada caso, quais dessas forças agirão e em que medida. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 277-278).

Dada essa impossibilidade de saber os desdobramentos que as forças unificantes e divisórias produzem, é preciso partir da observação das diversas línguas e das formas como elas evoluíram no tempo e no espaço para investigar diferentes resultados da ação dessas forças sobre características pontuais de cada língua (como conservação, transformação no todo de um território, transformação apenas em parte de um território gerando diversidade). Por causa dessa falta de linearidade no fenômeno da diversidade, a linguística, de modo geral, direcionou seus estudos para o caso da separação geográfica, julgando-a mais simples; entretanto, Saussure assevera que qualquer teoria sobre descontinuidade carece de estudos anteriores a partir da continuidade.

---

[254] Cette diversité qui est dans l’espace, il faut la projeter dans le temps pour reconnaître le phénomène. Ce principe est vrai, si l’on prend l’endroit où s’est faite l’innovation. Dans la région avoisinante, le changement se fait par imitation.

O autor retoma que, já em 1877, Johannes Schmidt colaborou com a perspectiva da contiguidade ao abordar as cadeias de transição em sua obra «*As relações de parentesco entre os idiomas indo-europeus*» (TN)[255]; de forma que nessa época foi oposta a teoria das migrações à teoria das ondas (*Wellentheorie*)[256].

As abordagens evolutivas tratadas até esse momento do curso supõem o curso livre das línguas, entretanto, a escrita, e sua consequente interferência sobre as línguas, merece um capítulo à parte na apresentação do professor. O *Cap IV – Representação da língua pela escrita*[257] problematiza a dificuldade em separar escrita de fala, letra de som, de modo que é necessário "direcionar a atenção sobre a escrita e colocá-la em seu lugar, isso será retificar nossa ideia de língua em si mesma. <Não desvinculada da escrita, a língua é um objeto indefinido>." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 249, TN).[258] É importante ter clareza sobre o fato de que língua e escrita são sistemas de signos distintos, cuja função do segundo é representar o primeiro.

Apesar de a língua constituir o sistema principal e a escrita lhe ser secundária, no "espírito humano" a escrita recebe o lugar mais importante. Saussure destaca quatro causas para essa inversão: (1) a escrita apresenta-se como um objeto permanente e sólido; (2) as impressões visuais parecem mais tangíveis que as acústicas; (3) o livro constitui uma esfera de difusão da escrita, pelo qual historicamente se relacionou a ideia da palavra escrita como sendo a palavra correta; e (4) quando há disparidade entre a escrita e a fala, por falta de um mecanismo melhor, a palavra escrita se impõe como base para resolver o impasse.

Cabe acrescentar que a escrita se estratifica em dois grandes sistemas, o ideográfico (como o chinês), pelo qual as palavras são representadas (independente das ideias); e o fonético, pautado na racionalidade de reproduzir exatamente os sons. O advento do alfabeto grego primitivo introduziu certa lógica para a relação fala-escrita, no qual para cada som único havia apenas um signo escrito correspondente, criando uma relação direta simples entre sons e signos escritos.

Entre as causas que contribuíram para a perda dessa relação direta (um som = um signo) estão: (1) a insuficiência de letras para abarcar a diversidade relativa

---

[255] «*Die Verwandt-schaftsverhältnisse der Indoger-manischen Sprachen*»

[256] Teorias melhor desenvolvidas no segundo curso (1908/1909), mas apenas citadas nesse terceiro.

[257] Trabalhado nos dias 06, 09, 13, 16 e 20 de dezembro de 1910 (conforme notas dos alunos e conjecturas de Komatsu).

[258] [...] porter son attention sur l'écriture et la mettre à sa place, ce sera rectifier notre idée de la langue elle-meme. <Non dégagée de l'écriture. La langue est un objet non défini.>

aos sons; (2) o enfoque etimológico, muitas vezes de origem equivocada; (3) incongruências etimológicas (erva - herbívoro); e (4) a distância entre a escrita e a língua, causada involuntariamente pela evolução desta no decorrer do tempo, enquanto aquela permanece imóvel. Em face dessas causas, uma delas se destaca, de modo que "a maior parte dos ilogismos da escrita remonta a essa causa: a imobilidade do sistema gráfico em certos momentos enquanto não se pode impedir a língua de mover-se." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 254, TN).[259] Como consequência, na ortografia encontram-se letras que representam diferentes sons (por exemplo, em português, a letra x pode representar os sons s, z, ks, ʃ) e sons representados por diferentes letras ou composições de letras (por exemplo, em português, o som z pode ser representado pelas letras s, z, x). Essa disparidade somada à primazia (errônea) dada à escrita provoca um ciclo vicioso:

> 1°) A escrita chega a ocultar o que existe na língua. De auxiliar para o estudo da língua ela torna-se uma inimiga. [...] 2°) Quanto menos a escrita corresponde ao que ela tem por missão marcar, mais se reforça a tendência de se partir dela. Quanto menos ela é compreensível, mais é tomada como base. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 255-256, TN).[260]

Conforme explicitado, por intermédio de exemplos do francês, os mecanismos de transmissão de padrões ou regularidades da língua institucionalmente são passados a partir da escrita (por exemplo, *oi* em francês deve ser pronunciado *wa*), mas a escrita não é capaz de encerrar em si as respostas referentes às questões da língua. Por conseguinte, Saussure assevera que a ação da escrita sobre a massa cria deformações na língua, de modo que, provavelmente, tais deformações tornar-se-ão mais numerosas com o passar do tempo.

Apesar da afirmação de que "o sistema fonológico do idioma é a única realidade que interessa ao linguista", parece-nos que isso diz respeito somente na perspectiva dessa primeira parte do curso (As línguas). Na segunda parte (A língua), Saussure coloca como foco a língua, no que tange ao signo linguístico.

Em face da impossibilidade de se ignorar a escrita, uma vez que ela é o meio de acesso à língua – à língua do passado principalmente –, é preciso conduzir os estudos com precaução: "é

[259] *La plupart des illogismes* de l'écriture remontent à cette cause : immobilité du système graphique à certains moments alors qu'on ne peut empêcher la langue de marcher.
[260] 1°) L'écriture arrive à voiler ce qui existe dans la langue. D'auxiliaire pour l'étude de langue elle devient une ennemie. [...] 2°) Moins l'écriture correspond à ce qu'elle a pour mission marquer, plus se renforce la tendance de partir d'elle. Moins elle est compréhensible, plus on la prend pour base.

preciso elaborar o sistema fonológico do idioma, que é a realidade da qual os signos são a imagem. A única realidade que interessa ao linguista é esse sistema fonológico." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 258, TN).[261] Juntamente a esse sistema, é preciso diferenciar a língua passada da presente, observando seu processo de transformação, tanto por intermédio de comparação de grafias, quanto pela análise de poemas tradicionais (a presença de rima ou de assonância é uma forma de controlar a escrita, descobrindo seus sons).

Partindo do pressuposto de que "todas as gramáticas-manuais partem da escrita e são bastante insuficientes para nos dar o valor real do que há na boca dos sujeitos falantes" (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 261, TN)[262], observa-se a necessidade linguística de um sistema de sons.

Antes de prosseguir, é importante salientar que o estudo da fonética evolutiva é um ramo próprio da linguística, que estuda a evolução dos sons no decorrer do tempo e em diferentes línguas; não contemplando, portanto, a análise da fala humana. Destarte, caberia aos estudos da *fonologia* analisar os sons da fala, dentro do campo da anatomia, em uma perspectiva fisiológica.

Apesar de não ser interessante para o linguista a análise fonatória em si mesma, pertencente ao domínio da fisiologia, ele se vale dela para examinar as combinações e arranjos que compõem a língua; uma vez que a língua manifesta-se por meio de impressões acústicas. O problema é que essas impressões acústicas não são analisáveis, de forma que a partir da observação da corrente de fala, o fisiologista redireciona o enfoque para o modo como esses sons são produzidos, para a articulação das palavras, de maneira que um dos papéis do fonologista é fazer a classificação dos fonemas.

Deste momento até o final do capítulo, Saussure dedica-se a explicar a classificação fonológica a partir de quatro parâmetros: (1) a expiração, (2) o vozeamento, (3) a nasalização e (4) a articulação bucal, sendo o último o mais complexo. Após discutir que uma escrita fonética diminuiria as disparidades entre escrita e língua, ele pondera o fato de que, algumas vezes, a escrita desfaz problemas com homônimos homófonos.

---

[261] [...] il faut dresser le système phonologique de l'idiome, qui est la réalité dont les signes sont l'image. La seule réalité qui intéresse le linguiste est ce système phonologique.

[262] Toutes les grammaires-manuels partent de l'écriture et sont fort insuffisantes pour nous donner la valeur réelle qui est dans la bouche des sujets parlants.

Para finalizar a primeira parte do curso, é apresentado o *Cap. V – Quadro geográfico-histórico das mais importantes famílias de línguas do globo,* no qual Saussure descreve a família indo-europeia, as línguas semíticas e a situação linguística da Europa (conforme Godel, 1957, p. 80-81). Tal capítulo foi omitido por Komatsu por apresentar descrições de línguas e não discussões linguísticas.

A *Segunda parte: a Língua*, subdividida em seis capítulos, objetiva contemplar algumas generalizações que fazem parte da língua enquanto uma abstração. No primeiro capítulo, *Cap. I – A língua separada da linguagem*[263], são separados os conceitos de língua e linguagem, de modo que aquela é apresentada como parte essencial desta. Conceitualmente, de acordo com Saussure, "a língua para nós será o produto social cuja existência permite ao indivíduo o exercício da faculdade da linguagem. [...] A linguagem é um terreno complexo, multiforme, heteróclito em seus diferentes aspectos." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 276, TN)[264], sendo, por isso, difícil conferir-lhe uma unidade.

Apesar de trabalhar a perspectiva da linguagem enquanto uma faculdade humana, o autor destaca que concebê-la como algo natural é uma questão ainda controversa entre os linguistas[265], principalmente pelo fato de que ela só pode ser exercida por intermédio de seu instrumento social, que é a língua. A manifestação completa da linguagem pela língua é representada por meio do *circuito da fala:*

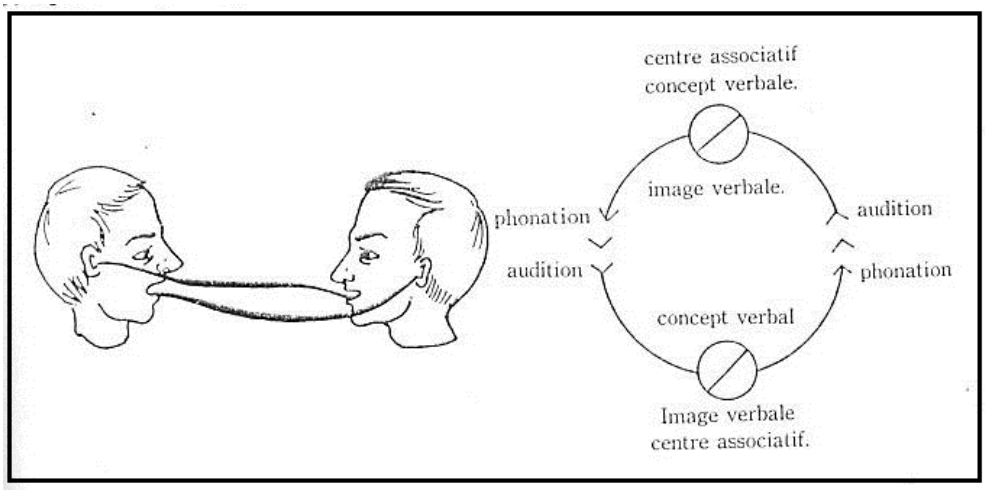


Fig. 20 – Circuito da fala
(SAUSSURE por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 278)

[263] Desenvolvido nos dias 25 e 28 de abril de 1911.
[264] La langue pour nous ce sera le produit social dont l'existence permet à l'individu l'exercice de la faculté du langage. [...] Le langage est un terrain complexe, multiforme, héteroclite dans ses différents aspects.
[265] Somente a disposição do aparelho vocal pode ser indubitavelmente considerada como natural.

Na linguagem, conforme representado na figura 20, o ato individual prevê ao menos dois indivíduos e o circuito da fala por eles utilizados possui, como elementos fundamentais, “1°) uma parte puramente física: as ondas sonoras. 2°) as partes fisiológicas: a fonação e a audição. 3°) como elementos psíquicos nós temos a imagem verbal (ou acústica).” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 276, TN).[266] Neste momento, o professor diferencia o fator físico do psíquico (som ≠ imagem acústica), salientando que tanto a imagem acústica quanto o conceito a ela ligado são psíquicos.

Na definição de língua, o estabelecimento dos domínios social e individual é complexo, pois, apesar de ser apresentada como um produto social, residindo na relação interpessoal, ela não pode ser considerada fora do indivíduo, isso porque cada ser humano em particular carrega em si um exemplar do que é a língua na massa social. De forma que “nós vemos que essa parte social é puramente mental, puramente psíquica. É assim que nós concebemos a língua. Conforme artigo de M. Sechehaye: a Língua tem por sede somente o cérebro humano.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 280, TN).[267] O aspecto social, consequentemente, reside em cada indivíduo, sendo compartilhado por todos os que compõem aquela comunidade.

O professor acrescenta, em uma emenda ao que fora dito, que independente de se classificar a linguagem com uma função natural ou não, faz-se necessário destacar a língua como seu instrumento, associando língua e fala (sistema coletivo e uso individual) à concepção de linguagem, como apresentado na figura 21:

[266] 1°) une partie purement physique : les ondes sonores. 2°) des parties physiologiques : la phonation et l’audition. 3°) comme éléments psychiques nous avons l’image verbale (ou acoustique).
[267] Nous voyons que cette partie sociale est purement mentale, purement psychique. C’est ainsi que nous concevons la langue. Cf. article de M. Sechehaye : La langue a pour siège le cerveau seul.

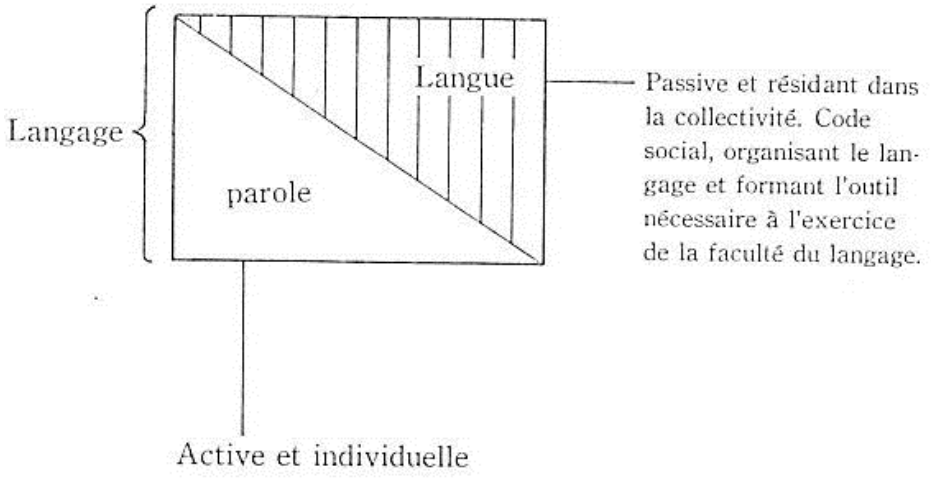


Fig. 21 – Linguagem[268]
(SAUSSURE por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 280).

Conforme a figura 21, língua e fala constituem dois aspectos separáveis da linguagem. Para exemplificar essa possibilidade de separação, são dados dois exemplos: o caso de pessoas que, por alguma doença, ficam impedidas de falar, mas mantêm a capacidade de escrever e de compreender audivelmente; e o caso de uma língua morta cujo sistema subsiste mesmo sem ser atualizado pela fala. Desse modo, tem-se na língua:

> 1) Um objeto definível e separável do conjunto dos atos de linguagem. [...] <Pode-se separar a fala do resto.> [...]
> 2) A língua pode ser estudada separadamente. [...]
> 3) A língua, assim delimitada, é um objeto homogêneo. [...] É um sistema de signos, no qual as duas partes do signo são psíquicas. Por consequência não se pode exigir nada mais homogêneo.
> 4) Na língua nós temos um objeto, feito de natureza concreta. Os signos não são abstrações, por mais imateriais que eles sejam. O conjunto de associações ratificadas socialmente que constitui a linguagem tem sua sede no cérebro; é um conjunto de realidades semelhantes a outras realidades psíquicas. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 281-282, TN).[269]

[268] TN: Passiva e residente na coletividade. Código social organizando a linguagem e formando o instrumento necessário para o exercício da faculdade da linguagem.
[269] 1) Un objet définissable et séparable de l'ensemble des actes de langage. [...] <On peut séparer la parole du reste.> [...] 2) La langue est étudiable séparément ; [...]. 3) La langue ainsi délimiée est un objet de nature homogène. [...] C'est un système de signes, où les deux parties du signe sont du reste psychiques. Par conséquent on ne peut rien demander de plus homogène. 4) Dans la lagune nous avons un objet, fait de nature concrète. Ces signes ne sont pas de abstractions, tout spirituels qu'ils soient. L'ensemble de associations ratifiées socialement qui constitue la langue a son siège dans le cerveau ; c'est un ensemble de réalités semblables aux autres réalités psychiques.

Considerando a língua como um sistema de signos – cujo objeto é definível (enquanto fato social), separável (da fala), homogêneo (por seus componentes serem psíquicos) e concreto (no cérebro humano) – dicionários e gramáticas de um idioma são admissíveis como representantes do que está contido na língua. Assim, tomada separadamente, a língua constitui um "objeto classificável entre os fatos humanos", devendo ocupar lugar central dentro da semiologia, que estuda a vida dos signos na sociedade.

> **SIGNO**
>
> *Nas anotações de Constantin (p. 282), a imagem acústica é traduzida como sendo uma "imagem fixa", posto que os signos são "depositados como imagens fotográficas no cérebro". Nisso figura a concretude do objeto da língua, atribuindo um caráter concreto ao que é puramente psíquico: (conceito + imagem acústica).*

O cerne da língua, para o linguista, é a associação de imagens acústicas a ideias, entretanto, "é preciso a fala de milhares de indivíduos para que se estabeleça o acordo do qual a língua sairá." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 283, TN).[270] Apesar dessa imbricação com a fala, a língua é tomada como ponto de partida para o estudo dos outros elementos da linguagem (fala e escrita) por ser considerada como fator essencial, independente dos meios como se realiza na comunicação. Metaforicamente, a língua seria como uma obra musical, cuja vida realiza-se na soma das vezes em que é executada, mas cuja existência independe de sua execução particularizada; logo, a fala é a execução da língua.

Separadas as noções de língua e de linguagem, o *Cap. II – Natureza do signo linguístico*[271] explica os dois princípios fundamentais do signo, a arbitrariedade e a linearidade. Conforme já foi dito, o signo linguístico é de natureza psíquica, uma vez que se define como a combinação de uma imagem acústica a um conceito, sendo ambos psíquicos, conforme a figura 22:

[270] [...] il faut la parole de milliers d'individus pour que s'etablisse l'accord d'où la langue sortirá.
[271] Desenvolvido no dia 02 de maio de 1911.

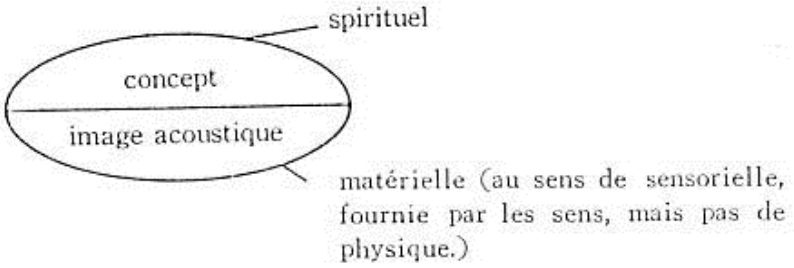


Fig. 22 – Signo linguístico
(SAUSSURE por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 285)

Essa perspectiva psíquica do signo vai de encontro à visão infantilizada[272] da língua enquanto uma nomenclatura, a qual, por supor a existência dos objetos fora dos indivíduos, possuindo cada qual um nome respectivo, não explica a ligação existente entre nome-objeto, nem define se a natureza dos nomes é vocal ou mental. Diferentemente, a compreensão do signo psíquico não toca ao objeto nem à vocalização das palavras, podendo ser melhor compreendida a partir da percepção da linguagem interior, de modo que mesmo sem mover a boca, é possível que um indivíduo mentalize um discurso ou uma poesia.

Tomando por base que, para ser chamado de *signo*, é preciso contemplar a associação da imagem acústica ao seu conceito, é estabelecido o "primeiro princípio ou verdade primária: *o signo linguístico é arbitrário*. A ligação que une uma dada imagem acústica com um conceito determinado e que lhe confere seu valor de signo é uma ligação radicalmente arbitrária. Todo mundo está de acordo." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 287, TN).[273] A variedade de línguas corrobora esse princípio: *bos, boeuf*, *boi, ox, ochse.* O professor ressalta que o conceito de arbitrariedade não implica a livre escolha do indivíduo, mas que o vínculo entre imagem acústica e conceito é recebido como herança linguística, e "imposto pelos fatos da evolução". Trata-se de uma arbitrariedade socialmente pactuada no tempo e no espaço pela coletividade.

[272] Termo cunhado por Saussure.
[273] Premier principe ou vérité primaire : *Le signe linguistique est arbitraire.* Le lien qui relie une image acoustique donnée avec un concept déterminé et qui lui confère sa valeur de signe est un lien radicalement arbitraire. Tout le mond [est] d'accord.

Saussure alega que, contrários à concepção de arbitrariedade, são elencados casos de onomatopeias e de exclamações, todavia, as palavras formadas como tentativa de reprodução de um som (tique-taque, toque-toque) ou como expressão de sentimentos (ai, ui, ufa) são acessórias e contestáveis, além de também variarem ao se comparar diferentes línguas, sendo suscetíveis aos mesmos processos de evolução das demais.

ARBITRARIEDADE NO CLG

A secção no CLG que versa sobre a arbitrariedade do signo foi baseada nesse terceiro curso, de modo que os documentos de Constantin evidenciam a harmonia do texto do CLG com os manuscritos: "A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala" (CLG, 1974, p. 83).

Semelhantemente, o CLG também ressalta que "as onomatopeias e as exclamações são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável." (CLG, 1974, p. 84).

Em seguida, é apresentado o "segundo princípio ou segunda verdade primária. O signo linguístico (imagem servida ao signo) possui uma extensão e essa extensão se desenvolve em uma só dimensão." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 289, TN).[274] Embora essa imagem seja psíquica, ela traduz-se espacialmente na forma de uma linha, isso porque os elementos que compõem os signos são organizados em corrente, um após o outro; diferentemente dos signos visuais, que podem oferecer elementos sobrepostos em mais de uma dimensão.

Antes de passar para o capítulo seguinte, no início da aula do dia 05 de maio de 1911, Saussure faz um adendo:

> Antes de passar para o capítulo III, é preciso reparar uma omissão; no fim do primeiro capítulo, acrescentem isso: tal é nossa noção de linguagem, é claro que ela não nos é representada senão pela série de diversas línguas. Nós não podemos abrangê-la senão por uma determinada língua qualquer. A língua, essa palavra no singular, como justificá-la? Nós a entendemos como uma generalização, o que se encontrará de verdadeiro para toda língua determinada, sem ser obrigado a especificá-la. Não se pode acreditar que esse termo geral, *a língua,* equivalerá à linguagem. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 290, TN).[275]

[274] Second principe ou second vérité primaire. Le signe linguistique (image servant au signe) possède une étendue et cette étendue se déroule dans une seule dimension.

[275] Avant de passer au chapitre [III], il faut réparer une omission ; A la fin du premier chapitre, ajoutez ceci : telle étant notre notion de la langue, il est clair qu'elle ne nous est représentée que par la série des diverses langues. Nous ne pouvons la saisir que sur une langue déterminée quelconque. La langue, ce mot au singulier, comment se justifie-t-il ? Nous entendons par là une généralisation, ce qui se trouvera vrai pour toute langue déterminée, sans être obligé de préciser. Il ne faut pas croire que ce terme général *la langue* équivaudra à langage.

É interessante observar, aqui, a preocupação do professor de que os conceitos estejam bem delimitados e compreendidos pelos alunos. Essa abordagem de *língua* em uma perspectiva generalizante já fora antecipada no final da introdução (aula do dia 04.11.1910) e no início da primeira parte: *as línguas* (aula do dia 08.11.1910), mas como não havia sido abordada claramente no primeiro capítulo da segunda parte, concernente à dicotomia língua / linguagem, ele apresenta esse acréscimo.

O *Cap III – Quais são as entidades concretas das quais se compõe a língua*[276] é iniciado com a concepção dicionarizada de entidade: "essência, o que constitui um ser", somada da acepção linguística: "o ser que se apresenta". Tal acréscimo faz-se necessário pelo fato de que, em língua, não existem unidades nem identidades dadas previamente que possam ser denominadas de seres, "porque o fenômeno da língua é interior e fundamentalmente complexo. Ele supõe a associação de duas coisas: o conceito e a imagem acústica." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 290, TN).[277] Essa complexidade, então, exige do linguista uma atitude positiva e preventiva frente às unidades aparentes, destacando-se duas condições: nunca dissociar o conceito da imagem acústica, pois tomar apenas uma das duas faces do signo seria um ato de abstração; e delimitar as unidades linguísticas na fala a partir de comparações em busca da reincidência de uso de um mesmo conceito sobre uma mesma imagem acústica, em diferentes correntes de fala.

Cabe ressaltar que, embora não defina o conceito de palavra, o professor destaca sua importância e aborda suas subunidades, dado que "toda unidade comportará um pedaço na sonoridade ligado indissoluvelmente a um conceito sem o qual não se pode delimitar esse pedaço." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 294, TN).[278] Palavras como *désireux* (ansioso) e *malheureux* (infeliz) são exemplos da presença de unidades subordinadas, com esses exemplos, Saussure põe em evidência o segmento da palavra "ligado a um conceito" – o que a gramática convencionou de chamar de raiz – como *désir* e *mallheur,* que coordena-

[276] Desenvolvido nos dias 05 e 09 de maio de 1911.
[277] [...] puisque le phénomène de la langue est intérieur et fondamentalement complexe. Il suppose l'association de deux choses : le concept et l'image acoustique.
[278] Toute unité comportera une tranche dans la sonorité liée indissolublement à un concept sans lequel on ne peut pas délimiter la tranche.

se simultaneamente com outras subunidades com traço significativo mais brando, como *–eux*.

De acordo com Saussure, os conceitos de entidade e de identidade confluem-se, pois o processo de delimitação de unidade poderia chamar-se de fixação de identidade, de forma que ambos são igualmente complexos. Para exemplificar, a concepção comum de identidade faz com que se reconheça o horário cotidiano de partida de um trem de uma estação, como sendo um mesmo trem, com uma mesma identidade (fazendo-se referência, por exemplo, ao "trem das 17h25"), paralelamente, "um orador fala da guerra e repete quinze ou vinte vezes a palavra *guerra.* Nós a declaramos idêntica." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 294, TN).[279] Contudo, não é apenas a semelhança acústica que cria a noção de identidade, mas sua combinação com a ideia evocada: na frase "ele sujou a *manga* da camisa com suco de *manga*", os falantes não reconhecem uma unidade entre *manga* e *manga.* Portanto, no campo das entidades, definir unidade ou identidade na língua "é a mesma coisa".

Ainda no campo das entidades, o professor propõe um capítulo bem pequeno, denominado: *Cap. IV – As entidades abstratas da língua*[280]*,* no qual ele introduz a noção de abstração no âmbito da organização nos elementos. A justaposição (*Hôtel-Dieu* em lugar de *Hôtel de Dieu*) e a variação nas possibilidades de arranjo (há aceitação em *je dois* / *dois-je*, mas não há em *desireux* / **eux-desir*) são aspectos abstratos da língua, assim como as *desinências de casos* do latim.

Embora um estudo de entidades abstratas suponha um conhecimento prévio das entidades concretas, o capítulo é encerrado com a palavra *abstrato* discutida em três níveis: (1) a amplitude – há abstrações que ultrapassam os domínios da linguística; (2) a relativização – se a língua fosse tomada como concreta, sendo concreto tudo o que houvesse na mente dos sujeitos falantes, somente seria abstrato o produto de gramaticistas não ratificado pelos falantes; e (3) a delimitação escolhida – "vamos reservar o termo *concreto:* o caso no qual a ideia possui diretamente seu apoio em uma unidade sonora. *Abstrato* tendo indiretamente seu apoio em uma operação dos sujeitos falantes." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III,

[279] Un orateur parle de la guerre et répète quinze ou vingt fois le mot *guerre.* Nous le déclarons identique.
[280] Trabalhado em parte da aula de 09 de maio de 1911.

1910/1911, p. 297, TN).[281] A partir dessa definição, o concreto parece estar ligado a noções mais semânticas enquanto o abstrato a questões sintáticas.

O capítulo V versa sobre dois tipos de arbitrariedade: *Cap. V – A arbitrariedade absoluta e a arbitrariedade relativa na língua*[282]. Anteriormente, o professor já havia feito referência ao fato de que o vínculo que une uma imagem acústica a um conceito é radicalmente arbitrário, porém, neste capítulo, ele se propõe a discutir os aspectos relativos dessa colocação, acrescentando os casos de arbitrariedade relativa.

Terminologicamente, é proposta a substituição de *arbitrário* por *imotivado*, com isso, o termo *vingt* (vinte) é imotivado, enquanto o termo *dix-neuf* (dezenove) possui certa motivação: *dix* + *neuf* (dez e nove); observa-se que essa motivação evoca termos coexistentes na língua. Logo, *nove* e *dez* são termos arbitrários que, juntos, operam uma *motivação relativa* em *dezenove*. Outro exemplo é a palavra *troisième* (terceiro): se comparada às palavras *premier* (primeiro) e *second* (segundo) não é observada nenhuma relação de motivação, mas ao comparar com *dixième (décimo)* e *cinquième* (quinto) verifica-se uma motivação relativa.

Outrossim, as línguas possuem, em proporções variadas, tanto elementos imotivados quanto elementos relativamente motivados, de modo que essa variação de proporção entre as línguas também é passível de observação para o linguista. Na concepção evolutiva da língua, percebem-se modificações de cunho motivado e imotivado, assim, "todo elemento que representa para a língua a evolução pode se resumir em um vai-e-vem entre a soma respectiva do perfeitamente imotivado e do relativamente motivado." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 299, TN).[283] Apesar dessa perspectiva evolutiva, ao linguista importaria apenas mensurar a escala de arbitrariedade absoluta e relativa em cada estado de língua imediato.[284]

Para Saussure, a constatação da arbitrariedade do signo revela duas relações: (1) a relação arbitrária entre o conceito e a imagem acústica e (2) a relação

---

[281] 3°) Nous avons réserver le terme de *concret* : le cas où l'idée a directement son appui dans une unité sonore. *Abstrat* ayant indirectement son appui par une opération des sujets parlants.

[282] Desenvolvido nas aulas de 09 e 12 de maio de 1911.

[283] Tout le mouvement qui représente pour la langue l'évolution peut se résumer en un va-et-vient entre la somme respective du parfaitement immotivé et du relativement motivé.

[284] Pode-se dizer que as línguas nas quais a imotivação está em seu máximo são mais lexicológicas, e aqueles nas quais ela está em seu mínimo são mais gramaticais, não que isso se corresponda diretamente e como por sinonímia. Mas há nisso qualquer coisa de comum em princípio. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 301, TN).

de relativa motivação entre dois termos[285] que encerram, cada um em si, essa arbitrariedade:

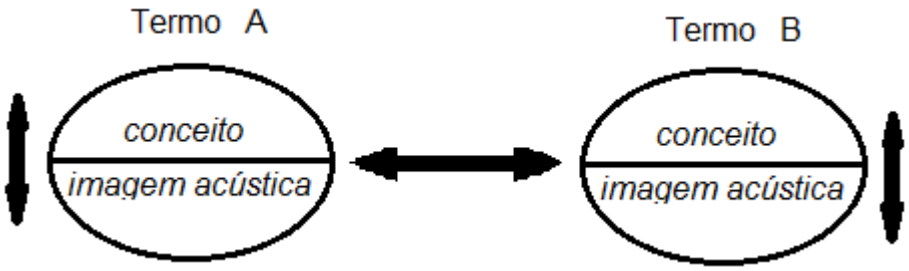


Fig. 23 – Motivação relativa
(Inspirada em: SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 302 e 303)

Na figura 23, a relação interna de cada termo é arbitrária e independente, mas no caso de motivação relativa, existe outra relação entre os dois termos, a qual pressupõe não só um vínculo sonoro, mas também significativo. Assim, "a relação do conceito com a imagem pode existir sem relação com um termo externo, mas a relação entre dois termos não pode existir sem a recíproca intervenção das duas relações internas." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 302-303, TN).[286] Com isso, o capítulo é finalizado destacando-se que a relação entre duas palavras pressupõe necessariamente a relação do conceito com a imagem acústica de cada uma delas.

No início da aula do dia 19 de maio de 1911 é proposta uma retomada[287] da *segunda parte* do curso somada de observações mais esclarecedoras. Desta aula até o dia 20 de junho do mesmo ano são elaborados explicações e acréscimos em relação aos capítulos já tratados na *parte* sobre *a língua*. É interessante observar esse direcionamento retrospectivo[288] sobre os temas já tratados, como uma espécie de suplemento para dirimir as dúvidas que ainda restaram.

O processo de retomada é iniciado situando o ponto no qual as modificações começam: "no que concerne ao primeiro capítulo, não há nada a modificá-lo. Logo após o primeiro capítulo, haverá considerações a intercalar entre o primeiro

[285] A palavra *termo* é empregada no sentido de serem "quantidades com as quais se pode operar (termo de uma operação matemática) ou termos tendo um valor determinado." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 302, TN).
[286] <La relation du concept ave l'image peut exister san relation avec un terme externe. Mais relation entre deux termes ne peut exiter sans réciproque intervention des deux relations internes.>
[287] Trabalhado nos dias 19 e 30 de maio e 02, 06, 16 e 20 de junho de 1911 (conforme notas dos alunos e conjecturas de Komatsu).
[288] Permanece sem resposta a questão sobre o motivo pelo qual Saussure adotou essa estratégia.

capítulo[289] e o segundo <(distinção das diversas coisas que existem na linguística)>." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 303, TN).[290] A primeira consideração apresentada diz respeito ao papel da fala na língua:

> Não há nada na língua que não entre <direta ou indiretamente> pela fala, isto é, pela soma das falas distintas, e reciprocamente, não há fala possível senão durante a elaboração do produto que se chama *a língua* e que fornece ao indivíduo os elementos com os quais ele pode compor sua fala. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 304, TN).[291]

Embora Saussure já tenha evidenciado a importância da fala em sua interdependência com a língua (como por exemplo, na página 283 do *Curso III*), neste momento ele esclarece como funciona essa relação de imbricação entre os atos de fala individuais e momentâneos e a língua enquanto um produto social e coletivo.

A fala manifesta-se em atos de fonação como resposta ao pensamento individual, de forma que cada ato permanece único na multidão (1 + 1 + 1 = 1 + 1 + 1); enquanto a língua é o depósito que existe no cérebro de cada pessoa que compõe a coletividade (1 + 1 + 1[indivíduos] = 1 [modelo coletivo]), sendo ao mesmo tempo interior a cada indivíduo e um produto da coletividade.

Finalizando esse acréscimo concernente à relação fala-língua, o professor destaca que ambas constituem objetos de estudo de ciências diferentes, poder-se-ia tratar de uma *linguística da fala* (fonação individual) e uma *linguística da língua* (convenção social), de modo que "não se pode comprometer-se a fazer simultaneamente as duas rotas, é preciso seguir as duas separadamente ou escolher uma. Nós o dissemos, é o *estudo da língua* que nos interessa." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 305, TN).[292]

---

[289] Lembrando-se de que na página 290 do curso (citada na página 140 desta tese) já havia sido feita uma proposta de acréscimo para o final desse primeiro capítulo da segunda parte.

[290] En ce qui concerne le premier chapitre, il n'y a rien à y modifier. A la suite du premier chapitre, il y aura des considérations à intercaler entre le premier chapitre et le second <(distinction des diverses choses qu'il y a dans la linguistique)>.

[291] Il n'y a rien dans la langue qui n'y soit entré <directement ou indirectement> par la parole, c'est-à-dire par la somme des paroles perçues, et réciproquement il n'y a de parole possible que lors de l'élaboration du produit qui s'appelle la langue et qui fournit à l'individu les éléments dont il peut composer sa parole.

[292] On ne peut s'engager simultanément sur les deux routes, [il] faut les suivre toutes deux séparément ou en choisir une. Nous l'avons dit, c'est *l'étude de la langue* que nous poursuivons pour notre part.

Em relação ao segundo capítulo, é proposto um título diferente: *Cap. II: A língua como sistema de signos* (em lugar de *natureza do signo linguístico*), com a justificativa de que tal mudança indicaria melhor a transição temática. Nesse capítulo, uma vez já tratados os dois princípios do signo (arbitrariedade e linearidade), Saussure apresenta um melhoramento terminológico: em lugar de *imagem acústica* e *conceito,* utilizar *significante* e *significado,* pelo fato de esses termos manifestarem melhor a oposição entre si e em relação ao todo (signo). Em uma retomada explicativa,

TERMINOLOGIA NO CLG

O CLG expõe essa evolução terminológica: "Propomo-nos a conservar o termo signo *para designar o total, e a substituir* conceito *e* imagem acústica *respectivamente por* significado *e* significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total a que fazem parte."* (CLG, 1974, p. 81).

É criticável o fato de os editores não terem assumido essa posição terminológica logo de início, com mais destaque; contudo, é observável a manutenção terminológica mais fiel aos manuscritos dos alunos.

> O significante (é auditivo) e o significado (é conceitual) são os dois elementos que compõem o signo. Nós diremos, por isso: 1º na língua, o vínculo unindo o significante ao significado é um vínculo radicalmente arbitrário; e 2° na língua, o significante, sendo de natureza auditiva, se desenvolve em apenas um tempo, <tem a> característica que se emprega ao tempo: a) de representar uma extensão, b) de representar uma extensão que é figurável em apenas uma dimensão. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 306, TN).[293]

Apesar de utilizar, a princípio, o termo signo para determinar a associação significante/significado, o professor ressalta que, não importando qual fosse a escolha terminológica (signo, termo, palavra, etc.), ainda seria muito difícil haver uma palavra que representasse inequivocamente essa relação. O conjunto outrora representado por *imagem acústica/conceito* deve ser substituído por:

[293] Le signifiant <est auditive> et le signifié <est canceptuel> sont les deux éléments composant le signe. Nous dirons donc : 1° dans la langue, le lien unissant le signifiant au signifié est un lien radicalement arbitraire, et 2° dans la langue, le signifiant, étant de nature auditive, se déroule dans le temps seul, <a le> caractére qu'il emprunte au temps : a) de représenter une étendue, b) de représenter une étendue qui n'est figurable que dans une seule dimension.

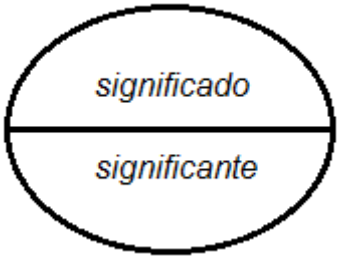


Fig. 24 – Signo linguístico (por falta de terminologia melhor)
(SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 306)

Redefinida a conceituação que envolve o *signo linguístico*, e tomando por base a relação arbitrária entre *significante* e *significado*, é proposto destrinchar essa relação a partir da inserção de um terceiro capítulo diferente ao que fora proposto anteriormente: *Cap. III – Imutabilidade e mutabilidade do signo.*[294]

Dentro da perspectiva da imutabilidade, a arbitrariedade do signo pressupõe uma falsa ideia de liberdade de escolha, mas como o signo é imposto à sociedade, nem o indivíduo nem a massa falante têm poder para mudar qualquer coisa na língua. Saussure salienta duas causas para essa imutabilidade: 1ª o fato de a língua ser uma herança, por consequência o fator histórico aparece como justificativa para a imutabilidade do signo; 2ª a coexistência de diferentes gerações somada ao uso irreflexivo da língua ocasiona a satisfação de cada povo com a língua que recebeu.

Somados a essas causas, há outros fatores que impedem qualquer mudança abrupta sobre a língua: (1) diferentemente de outras instituições sociais, a língua é usada constantemente por todos os indivíduos; (2) a língua se constitui por uma quantidade muito grande de signos; (3) a arbitrariedade do signo impede a motivação para uma mudança voluntária; e (4) a língua forma um corpo e um sistema, cuja complexidade abrange não só a relação entre significante e significado como também a relação entre os signos do sistema.

[294] Conforme o que foi descrito nas páginas anteriores, na primeira organização temática, o terceiro capítulo versava sobre *entidades concretas*. Nessa nova organização, o professor destaca um terceiro capítulo diferente e não aborda ainda a realocação das entidades concretas (*cap. III)*, nem das entidades abstratas (*cap. IV*), nem da arbitrariedade absoluta e relativa (*cap. V*). Apesar da proposta de Godel (1957, p.85, nota de rodapé 94) de reorganização e numeração específica, nesta tese procuramos apenas descrever a forma como Saussure apresenta essas modificações.

O tempo entra como fator de ratificação da imutabilidade do signo, uma vez que o aspecto histórico dos signos opera contra a liberdade de escolha e a favor de uma continuidade através do tempo. Em um aparente paradoxo, o fator tempo é responsável também pela mutabilidade do signo, pois é no decorrer do tempo que as modificações acontecem. Essas duas perspectivas se tangenciam, pois "em toda alteração, o que domina é a persistência de uma boa parte do que existia. [...] O princípio da alteração se funde sobre o princípio da continuidade." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 305, TN).[295] A mutabilidade só ocorre através do tempo e só pode ser percebida em comparação ao que não se alterou. O tempo, portanto, revela a imutabilidade (continuidade que impede a liberdade) e a mutabilidade (alteração em certa ordem).

MUTÁVEL E IMUTÁVEL NO CLG

O CLG também evidencia esses dois aspectos do signo linguístico apresentados claramente no terceiro curso. Os editores marcam que "pela oposição de dois termos marcantes, ele [Saussure] quis somente destacar uma verdade: que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la. Pode-se dizer que ela é intangível, mas não inalterável." (CLG, 1974, p. 89 – nota de rodapé)

Toda língua possui uma "necessidade de alteração" (entende-se por alteração o "deslocamento da relação entre ideia e signo"), isto é, toda língua necessariamente irá se modificar no decorrer do tempo. Assim como a arbitrariedade suprime a liberdade (voluntária) de modificação, a mesma arbitrariedade garante a possibilidade de evolução; de modo que nem mesmo uma língua artificial, como o *Esperanto*, fica imune à ação do uso coletivo no transcorrer do tempo.

Para fechar esse capítulo, são retomados dois pontos em relação à mutabilidade: (1) dentro da definição de linguagem, a língua é separada da fala, mas "para que haja língua, é preciso uma massa falante servindo-se da língua. A língua para nós reside de imediato na alma coletiva." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III,

LÍNGUA VERSUS FALA

É interessante observar que, apesar de separar, epistemologicamente os estudos de língua e fala, várias vezes Saussure retoma a importância da fala em relação à língua.

[295] En toute altération, ce qui domine, c'est la persistance d'une bonne partir de ce qui existait. [...] le principe d'alteration se fonde sur le principe de continuité.

1910/1911, p. 314, TN).[296] Posto isso, a mutabilidade da língua submete-se concomitantemente ao eixo do tempo e à massa falante, pois o tempo sem a massa falante não causa alterações, e a massa falante sem o tempo não tem poder de modificar nada de imediato na língua. (2) As noções de continuidade e alteração são inseparáveis, pois "nós não conhecemos nenhuma coisa que não se altere no tempo." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 316, TN).[297] Portanto, o fato é que a língua muda com o decorrer do tempo, mas não é possível ao linguista descobrir as causas de cada alteração em razão das suas muitas e misturadas motivações.

Dando continuidade à retomada dos capítulos do curso, Saussure propõe mais um capítulo diferente do que fora tratado na primeira organização[298]: *Cap. IV – A linguística estática e a linguística histórica: dualidade da linguística.* O autor explica essa reorganização temática:

> Este capítulo é a sequência direta do precedente e, ao mesmo tempo, a indicação da base geral sobre a qual vamos nos colocar daqui por diante. Não há nenhum desacordo[299] com o plano original deste curso, que tem, talvez, um reflexo nas notas de vocês. Houve simplesmente uma inversão do momento em que trouxe o dado Tempo, a noção histórica, que introduzi no terceiro capítulo. Pode-se hesitar, com efeito, a respeito do momento exato em que é preciso fazer com que o dado Tempo faça a usa aparição. Como vocês verão, eu poderia, a rigor, dar-lhe lugar só mais tarde e, por conseguinte, poupá-los de um remanejamento incômodo na ordem dos capítulos; porque estes só foram afetados em sua sucessão. Mas precisamente porque se trata apenas de números, sem mudar em nada a substância, eu não hesitei, em vista de certas vantagens, em situar os capítulos sobre as consequências do tempo mais acima do que tinha previsto. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 285).

---

[296] Pour qu'il y ait langue, il faut une masse parlante se servant de la langue. La langue pour nous résidait d'emblée dans l'âme collective.

[297] Nous ne connaissons aucune chose qui ne s'altère dans le temps.

[298] Conforme já referenciado na nota de rodapé 276.

Neste ponto, conforme as notas de Saussure, o problema da numeração é assim elucidado: "capítulo IV, a inserir, como o precedente capítulo, antes de anular os números do capítulo". (SAUSSURE, CURSO III, 1910/1911, p. 323, TN).

[299] Nas notas de introdução para um livro sobre linguística, o autor assinala essa ausência de uma ordem rigorosa de apresentação: "Há, então, uma ausência necessária de qualquer ponto de partida e o leitor que se dignar seguir atentamente nosso pensamento, de um extremo ao outro deste volume, perceberá, estamos convencidos disso, que seria, por assim dizer, impossível seguir uma ordem muito rigorosa." (SAUSSURE, 2004, p. 171).

Uma vez esclarecidas as razões para o remanejamento de capítulos, o professor dá sequência à aula enfatizando a importância do fator tempo nos estudos linguísticos. A princípio, são feitas distinções da linguística em relação a outras ciências, como a *astronomia*, a *geologia,* o *direito* e a *política*, para as quais o fator tempo não resulta em uma divisão de disciplina, caracterizando apenas um aspecto em cada uma dessas. Em seguida, o autor exemplifica um caso externo ao estudo da língua no qual o fator tempo implica separação de ciências: o estudo da economia; isso porque *a história da economia* versa sobre aspectos da economia política no decorrer do tempo, enquanto *a economia política* versa sobre o sistema de valores em um determinado momento ("em grau inferior à linguística").

ECONOMIA ≈ LINGUÍSTICA

No CLG (cap. III, primeira parte), há uma retomada completa dessa parte do terceiro curso, fazendo referência às semelhanças da linguística com a economia.

No que tange à noção de valor linguístico, verifica-se também uma analogia entre o valor do signo e os valores monetários, por exemplo.

Finalmente, dentro dos estudos linguísticos, cujo sistema de valores é de cunho arbitrário e fixado semiologicamente, o fator tempo implica dois estudos completamente diferentes: um no eixo temporal (diacrônico) e outro no eixo estático (sincrônico).

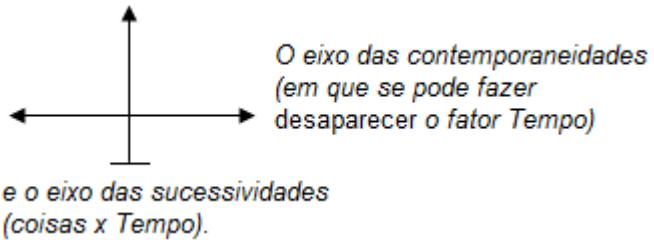


Fig. 25 – Eixos
(Saussure, ELG, 2004, p. 287).

A partir de discussões sobre os tipos de estudos linguísticos feitos até aquele momento, o professor propõe a separação do eixo diacrônico (cinemático, através do tempo) em relação ao sincrônico (estático, em um tempo determinado). Antes de qualquer justificativa interna, a simples observação já demonstra a diferença entre os dois domínios, visto que "colocando-se no ponto de vista do sujeito falante: a sequência dos fatos no tempo é uma coisa inexistente. O sujeito falante está diante

de um estado." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 328, TN).[300] Semelhantemente, a linguística sincrônica deve ignorar as estruturas e evoluções diacrônicas, contemplando unicamente o estado imediato ao qual os sujeitos falantes têm acesso. Além dessa percepção dos falantes, são elencadas outras considerações que justificam essa separação de domínios:

> 1°) A língua é um sistema. Em todo sistema deve-se considerar o conjunto [...]. 2°) O vínculo que liga dois fatos sucessivos não pode ter a mesma característica que o vínculo que liga dois fatos coexistentes. [...] 3°) A multiplicidade dos signos que compõem uma língua faz com que seja, por assim dizer, impossível de acompanhar os dois eixos simultaneamente. 4°) Não se pode esquecer o princípio fundamental de que os signos são arbitrários. Os valores, dos quais se compõe a língua, são arbitrários! (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 329-330, TN).[301]

Logo, na direção sincrônica, o sistema da língua é um todo cujas mínimas modificações alterariam o conjunto, enquanto na diacrônica as alterações ocorrem sobre pontos específicos, muitas vezes independentes de relações circunvizinhas. Por intermédio de exemplos, Saussure demonstra que a realidade sincrônica imediata é o resultado das alterações sofridas no eixo horizontal, e que pequenas alterações no ponto de vista histórico podem implicar a redefinição de *outro* sistema na perspectiva estática.

É importante destacar a impossibilidade de mudança e ou substituição completa de um sistema. A questão central repousa sobre o fato de que a mudança de apenas um elemento do sistema implica a existência de *outro* sistema; ou seja, para a dimensão estática, a mudança de UM elemento provoca a reestruturação da relação intrassistêmica, de modo que se há relações diferentes, o sistema não é mais o mesmo, é *outro*. Assim, "na perspectiva diacrônica, séries de fatos condicionam os sistemas, mas sem ter nenhuma relação com o sistema." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 334, TN).[302] Dessa forma, estudar simultaneamente os dois eixos seria "uma tentativa quimérica".

---

[300] En se plaçant au point de vue du sujet parlant : la suite des faits dans le temps est une chose inexistante. Le sujet parlant est devant un état.

[301] La langue est un système. Dans tout système, on doit considérer l'ensemble. [...] 2°) Le lien qui lie deux faits successifs ne peut avoir le même caractère que le lien qui lie deux faits coexistants. [...] 3°) La multiplicité des signes composant une langue fait qu'il sera pour ainsi dire impossible de suivre les deux axes simultanément. 4°) Il ne faut pas oublier le principe fondamental que les signes sont arbitraires. Les valeurs dont se compose la langue sont arbitraires !

[302] Dans la perspective diachronique, séries de faits conditionnant les systémes mais n'ayant aucun rapport avec le systéme.

Com enfoque na linguística sincrônica, enquanto um sistema, a língua é comparada a uma partida de xadrez, pois ambas transcorrem sobre valores convencionais e valores de posições recíprocas; de modo que cada movimento feito no xadrez pode ser comparado a um estado de língua:

> 1°) percebe-se que o valor das peças é determinado pela posição recíproca em um sistema como *foot/feet* – *singular/plural*. 2°) Percebe-se que o sistema do qual depende esses valores é todo tempo momentâneo. O valor de cada peça depende do sistema e do sistema momentâneo. 3°) O que faz passar de uma posição de peças a outra, de um sistema a outro, de uma sincronia a outra? É o deslocamento de uma peça, não é a desarrumação de todas as peças. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 336, TN).[303]

Cada momento do jogo apresenta uma disposição das peças e determina as possibilidades de jogadas, os limites de movimento de cada peça, e as interações de uma peça com a outra. Semelhantemente, cada estado de língua (cada sistema) possui valores variados, delimitados em relação aos demais e necessariamente em ligação ou oposição a outros valores. A diferença fundamental que deve ser salientada é que o jogador de xadrez intencionalmente opera modificações sobre o sistema (mexe nas peças), ao passo que o sujeito falante não tem controle voluntário sobre o deslocamento de valores na língua.

Voltando às diferenças entre os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos, o professor ressalta que é importante saber se efetivamente existem leis que regem a língua. Após a apresentação de alguns exemplos, o professor mostra que leis sincrônicas e diacrônicas são diferentes: as leis diacrônicas – dinâmicas e imperativas – são, efetivamente, efeitos contra resistências; já as leis sincrônicas podem ser designadas como *lei* por constatarem um estado de coisas, exprimirem uma ordem, "essa ordem é precária <...>. Ela existe até que deixa de existir. [...] ela está a serviço de toda lei diacrônica que a mudará". (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 339, TN).[304] Assim, apesar de diferentes e independentes, os fatos diacrônicos repercutem sobre o estado da língua.

---

[303] 1°) on sent que la valeur des pièces n'est déterminée que par leur position réciproque dans un système comme *foot/feet* – *singulier/pluriel*. 2°) On sent que le systéme d'où dépendent ces valeurs est tout le temps momentané. La valeur de chaque pièce dépend du système et du système momentané. 3°) Qu'est-ce qui fait passer d'une position de pièces à l'autre, d'un système à l'autre, d'une synchronie à l'autre ? C'est le déplacement d'une pièce, ce n'est pas un remue-ménage de toutes les pièces.

[304] Cet ordre est précaire <...>. Il existe tant qu'on le laisse exister. [...] elle est à merci de toute loi diachronique qui la changera.

Neste momento, uma segunda forqueadura se apresenta para os estudos linguísticos: cabem à linguística os fatos sincrônicos ou diacrônicos? O primeiro cruzamento – língua e fala – relaciona-se, em certa medida, com esse segundo; porque “toda evolução, todo fato evolutivo na língua começa por um ato de fala.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 340, TN).[305] Antes de se definir o caminho a seguir, é preciso compreender os aspectos de cada um deles.

De maneira resumida e generalizada, por um lado, “a linguística estática se ocupará de relações lógicas e psicológicas <entre termos> coexistentes, tal como são percebidos pela mesma consciência coletiva ([...] – cada um de nós tem em si a língua) e formando um sistema.” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 343, TN).[306] Por outro lado, a linguística evolutiva nem é submissa a uma consciência coletiva nem forma um sistema, antes, é voltada para as relações sucessivas entre os termos. Ainda no âmbito dessas duas vertentes de estudos, são acrescidas três observações, assim resumidas por Godel:

> 1. Duas miragens se produzem geralmente: a verdade sincrônica aparece como a negação da verdade diacrônica: crê-se que é preciso escolher; na verdade, uma e outra são absolutas [...]. Ou ao contrário, a verdade sincrônica parece coincidir com a verdade diacrônica: ou se percebe uma ou se confunde as duas. [...]
> 2. Comparações mostram a dependência e a independência do fato sincrônico com respeito ao diacrônico [...]
> 3. Poder-se-ia também opor sincronia e diacronia como duas perspectivas, ou como dois planos perpendiculares. (GODEL, 1957, p. 88, TN)[307].

Metaforicamente, de acordo com os cadernos dos alunos, diacronia e sincronia corresponderiam a duas direções de cortes em um caule, o corte horizontal coloca em evidência as interações imediatas; enquanto o corte vertical possibilita o acompanhamento de aspectos pontuais. Embora ambos os cortes incidam sobre um mesmo objeto, no âmbito analítico, só é possível estudar uma perspectiva de cada vez.

---

[305] Toute évolution, tout fait évolutif dans la langue commence par un fait de parole.

[306] La linguistique statique s’occupera de rapports logiques et psychologiques <entre termes> coexistantes tels qu’il sont apercus par la même conscience collective ([...] – chacun de nous a en soi la langue) et formant un système.

[307] 1. Deux mirages se produisent souvent : la vérité synchronique apparaît comme la négation de la vérité diachronique : on croit qu’il faut choisir ; en réalité, l’une et l’autre est absolue [...]. Ou au contraire, la vérité sunchronique semble coïncider avec la vérité diachronique : on n’aperçoit que l’une, ou on les confond [...]. 2. Comparaisons montrant la dépendance et l’indépendance du fait synchonique à l’égard du diachronique [...]. 3. On pourrait aussi opposer synchronie et diachronie comme deux perspectives, ou comme deux plans perpendiculaires.

Apresentados os dois caminhos frutos dessa segunda bifurcação, Saussure assevera que a escolha do curso é seguir pela *linguística estática*, tema e título do capítulo seguinte[308] [*cap. V ou cap. VI (?)*][309]. O professor defende que fazer linguística evolutiva é mais fácil que fazer linguística estática, isso porque o caráter histórico da diacronia lhe confere um objeto mais tangível. Dentro dos estudos sincrônicos, são incluídos aspectos de linguística geral e de gramática geral (como noções de substantivos, verbos, etc.), seu objeto move-se entre relações e valores.

Como observações preliminares, destaca-se que todo estado de língua é uma convenção; que essa convenção manifesta-se sob a forma unidimensional (uma linha); e que "nós chamamos de *estado* todo espaço durante o qual nenhuma modificação grave alterou a fisiologia da língua" (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 349, TN)[310]; de forma que não é possível estabelecer, cronologicamente, qual intervalo de tempo corresponde a um estado[311].

Estabelecer quais são as entidades ou as unidades em linguística estática é apresentado como sendo algo complexo. Inicialmente, ao se tomar as palavras como unidades do sistema, cria-se a ilusão de que as palavras existem isoladamente; a noção de valor é mais adequada pelo fato de que "o valor de uma palavra vale, a todo o momento, em relação às outras unidades semelhantes." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 351, TN).[312] Destaca-se que, na determinação dos valores, as palavras se coordenam umas com as outras de duas formas diferentes, sintagmática e associativa.

Na coordenação sintagmática as palavras relacionam-se em seu encadeamento linear, tanto nas estruturas de composição (por exemplo, *contrarregra*, em relação a *contra* e a *regra*) quanto nas relações umas com as outras, dentro do que pode ser chamado de *sintagma*. Por definição, sintagma "é a

[308] Desenvolvido nos dias 23, 27 e 30 de junho de 1911, conforme anotações dos alunos e inferências de Godel e Komatsu.
[309] Komatsu, em sua transcrição, compreendeu como sendo o capítulo VI, entretanto anteriormente Godel retomou a anotação de François Joseph como sendo capítulo V. Importa-nos, aqui, apenas reportar a documentação existente.
[310] Nous appelons un état tout l'espace pendant lequel aucune modification grave n'a changé la physionomie de la langue.
[311] Terminologicamente, na perspectiva da linguística estática, pode-se utilizar *período* (espaço de tempo) e *época* (ponto no tempo) como sinônimos, uma vez que não abrange alterações no decurso do tempo; entretanto, a palavra *estado* é a melhor terminologia (p. 350).
[312] La valeur d'un mot ne vaut à tout moment que par rapport aux autres unités semblables.

combinação de duas ou mais unidades, igualmente presentes que se seguem umas às outras" (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 352, TN).[313]

Perpendicularmente, a coordenação associativa remete às associações psíquicas a outros termos que não estão em uso naquele momento. Essas relações evocam uma série associativa (ensinamento, ensinar, ensinamos, ensino), podendo ocorrer também na ordem do significante (ensinamento, armamento, rendimento) e do significado (ensinamento, instrução, aprendizagem, educação). "Essas coordenações podem ser consideradas como existentes no cérebro tanto quanto as palavras em si mesmas. Uma palavra qualquer evoca imediatamente <por associação> tudo o que pode lhe assemelhar." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 353, TN).[314]

Na combinação dessas duas ordens, são elencadas três observações: (1) ao redor de cada palavra emergem aspectos das esferas sintagmática e associativa, sendo esta *in absentia* e aquela *in praesentia*; (2) dentro dessas esferas, *língua* e *fala* são difíceis de serem separadas, porquanto toda frase (pertencente à fala) é um sintagma (pertencente à língua); e (3) a coordenação associativa pode se refletir sobre o aspecto espacial, como nos exemplos ensina-mento / arma-mento, nos quais figuram as duas ordens. Na ordem associativa, gira entorno de *ensinamento* as noções de *ensino, aprendizagem, educação*; mas também a coordenação sintagmática retoma outros termos de ordem associatica: ensin-amento, ensin-o, ensin-ar, ensin-amos; portanto, as duas ordens imbricam-se. Fechando esse capítulo, a noção de valor é retomada:

> A conclusão a que queremos chegar é esta: qualquer que seja a ordem das relações nas quais uma palavra funcione (ela é chamada a funcionar nas duas), uma palavra encontra-se sempre, e antes de tudo, como membro de um sistema, solidária às outras palavras, tanto em uma das ordens de relação, quanto na outra ordem de relação. Isso vai ser uma coisa a se considerar para o que constitui o valor. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 357, TN).[315]

---

[313] C'est la combinaison de deux ou plusiers unités, également présentes qui se suivent les unes les autres.

[314] Ces coordinations peuvent être considérées comme existant dans cerveau aussi bien que les mots eux-mêmes. Um mot quelconque évoque tout de suite <par association> tout ce qui peut lui ressembler.

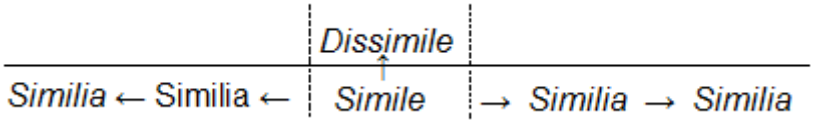
[315] La conclusion que nous voulons en tirer esr celle-ci : quel que soit l'ordre de rapports où un mot fonctionne (il est appelé à fonctionner <dans les deux>), un mot se trouve toujours, avant tout, membre d'un système, solidaire d'autres mots, tantôt dans un des ordres de rapport, tantôt dans un autre ordre de rapport. Cela va être une chose à considérer pour ce qui constitue la valeur.

Em se tratando de valor, malgrado o uso da terminologia *palavra*, Saussure destaca que o conceito *termo* é mais apropriado, pelo fato de que *termo* já pressupõe o pertencimento a um sistema. Essa discussão terminológica é tema central do último capítulo[316] destacado por Constantin: *Cap. V – Valor dos termos e sentido das palavras*[317], no qual são discutidas as semelhanças e diferenças entre essas duas acepções.

De acordo com Saussure, *termo* implica a noção de valor, mas valor e sentido podem ser tomados como sinônimos e, disso, advém uma confusão linguística. "O valor é um elemento do sentido [...]. É talvez uma das operações mais delicadas para fazer em linguística, de ver como o sentido depende, mas permanece distinto, do valor." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 358, TN).[318] Após discutir um pouco sobre as nuances entre significado, sentido e valor, o autor define que "o valor é a contrapartida dos termos coexistentes." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 359, TN).[319] Mesmo fora dos domínios linguísticos, a concepção de valor é complexa, ela é determinada por coisas dessemelhantes, que poderiam ser trocadas; e coisas semelhantes, que poderiam ser comparadas.

> *VALOR NO CLG*
>
> *Consoante às proposições do terceiro curso, o CLG expõe a questão paradoxal pela qual o valor parece ser regido "1° por uma coisa* dessemelhante, *suscetível de ser* trocada *por outra cujo valor resta determinar; 2° por coisas* semelhantes *que se podem* comparar *com aquela cujo valor está em causa." (CLG, 1974, p. 134).*

Nas anotações de Saussure, é proposto o seguinte esquema (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 289), que contém as duas direções: ↑ para as dessemelhanças e → para as similaridades:



[316] Cuja numeração é problemática, como já apresentado anteriormente.
[317] Desenvolvido dos dias 30 de junho e 04 de julho de 1911.
[318] La valeur est bien un élément du sens [...]. C'est peut-être une des opérations les plus délicates à faire en linguistique, de voir comment le sens dépend et cependant reste distinct de la valeur.
[319] La valeur est la contrapartir des termes coexistants.

Um exemplo vocabular na determinação de valores encontra-se na comparação entre *sheep* e *mouton* (carneiro em inglês e francês, respectivamente): em inglês, a existência de um segundo termo *mutton* (carne de carneiro) limita o valor de *sheep*, fato que não ocorre em francês; portanto, o estabelecimento de cada valor está intrinsecamente ligado à totalidade de termos que compõem o conjunto do sistema.

As relações, então, entre a terminologia *sentido* e *valor* se constroem de acordo com a sequência: "o sentido de um termo depende da presença ou ausência de um termo vizinho. O sistema conduz ao termo e o termo ao valor." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 362, TN).[320] Toda essa relação volta-se para a definição de signo linguístico (significante/significado), que é a base para a definição de valor.

> *ECONOMIA POLÍTICA E LINGUÍSTICA*
>
> *A concepção de valor é claramente derivada dos clássicos da economia, como exposto no CLG: "é que aqui, como em Economia Política, estamos perante a noção de* valor*; nas duas ciências, trata-se de um* sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes*; numa, um trabalho e um salário; noutra, um significado e um significante." (CLG, 1974, p. 95).*

Fechando esse capítulo V, o professor afirma que, "em resumo, a palavra não existe sem um significado, nem sem um significante. Mas o significado não é senão um resumo do valor linguístico supondo o jogo de termos entre eles, em cada sistema de língua." (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 366, TN).[321] Desse modo, signo linguístico e valor precisam ser analisados dentro do sistema a que pertencem, não configurando coisas pré-existentes, mas pairando como massa amorfa, cuja arbitrariedade confirma o sistema.

Nesta parte final da última aula do terceiro curso, Komatsu secciona o texto marcando uma conclusão, entretanto, tal escolha não é confirmada pelos cadernos dos alunos, tampouco pelo conteúdo trabalhado. Ao que parece, há um encerramento por falta de tempo, não de conteúdo, conforme Constantin anota na

[320] Le sens d'un terme dépend de présence ou absence d'un terme voisin. Le système conduit au terme et le terme à la valeur.
[321] En résumé, le mot n'existe pas sans un signifié aussi bien qu'un signifiant. Mais le signifié n'est que le résumé de la valeur linguistique supposant le jeu des termes entre eux, dans chaque systéme de langue.

lateral do caderno: “em um capítulo seguinte, se nós tivéssemos tempo” (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 366, TN).[322]

Em poucas palavras é defendido que na língua há somente diferenças. Enquanto a concepção natural de diferença aponta para o que difere em dois termos positivos; na perspectiva linguística, os termos não possuem aspectos positivos, de modo que a essência desse verdadeiro paradoxo repousa sobre a construção de valor sempre a partir da comparação no sistema.

A partir dessa colocação, na língua não há signos, existem apenas as diferenças entre eles; o que vem a corroborar o princípio fundamental da arbitrariedade do signo (neste momento, Constantin anota a relação dessa colocação com o capítulo sobre *arbitrariedade absoluta e arbitrariedade relativa*). Por fim, cabe retomar, aqui, as últimas palavras referentes a esse terceiro e último curso:

> Nesse curso nós estivemos perto de completar a parte externa. Na parte interna, a linguística evolutiva foi deixada de lado pela linguística sincrônica e nós tomamos somente princípios gerais na linguística. É embasando-se sobre esses princípios gerais que se aborda com fruto o detalhe de um estado estático ou a lei dos estados estáticos. (SAUSSURE, por Constantin, CURSO III, 1910/1911, p. 368, TN).[323]

Não se pode avaliar com exatidão se “o estado estático ou a lei dos estados estáticos” favorecem ou não a perenidade do princípio de que “na língua há somente diferenças”; mas, independente das questões que ficaram em aberto, no interior desse último curso, encontram-se mais desenvolvidas as bases teóricas responsáveis pela notoriedade conferida ao nome de Saussure.

As dificuldades encontradas na absorção dos conteúdos trabalhados nos três cursos se dão, em partes, conforme Bally epigrafou este capítulo[324], pelo fato de que se ter uma ideia do modo de exposição de Saussure *“é uma coisa impossível, porque é uma coisa única: é uma imaginação científica, a mais fecunda que se possa sonhar, na qual floresce, como em ramos, as ideias criadoras: é um método por sua vez flexível e severo...; é... uma clareza de visão espantosa...”*

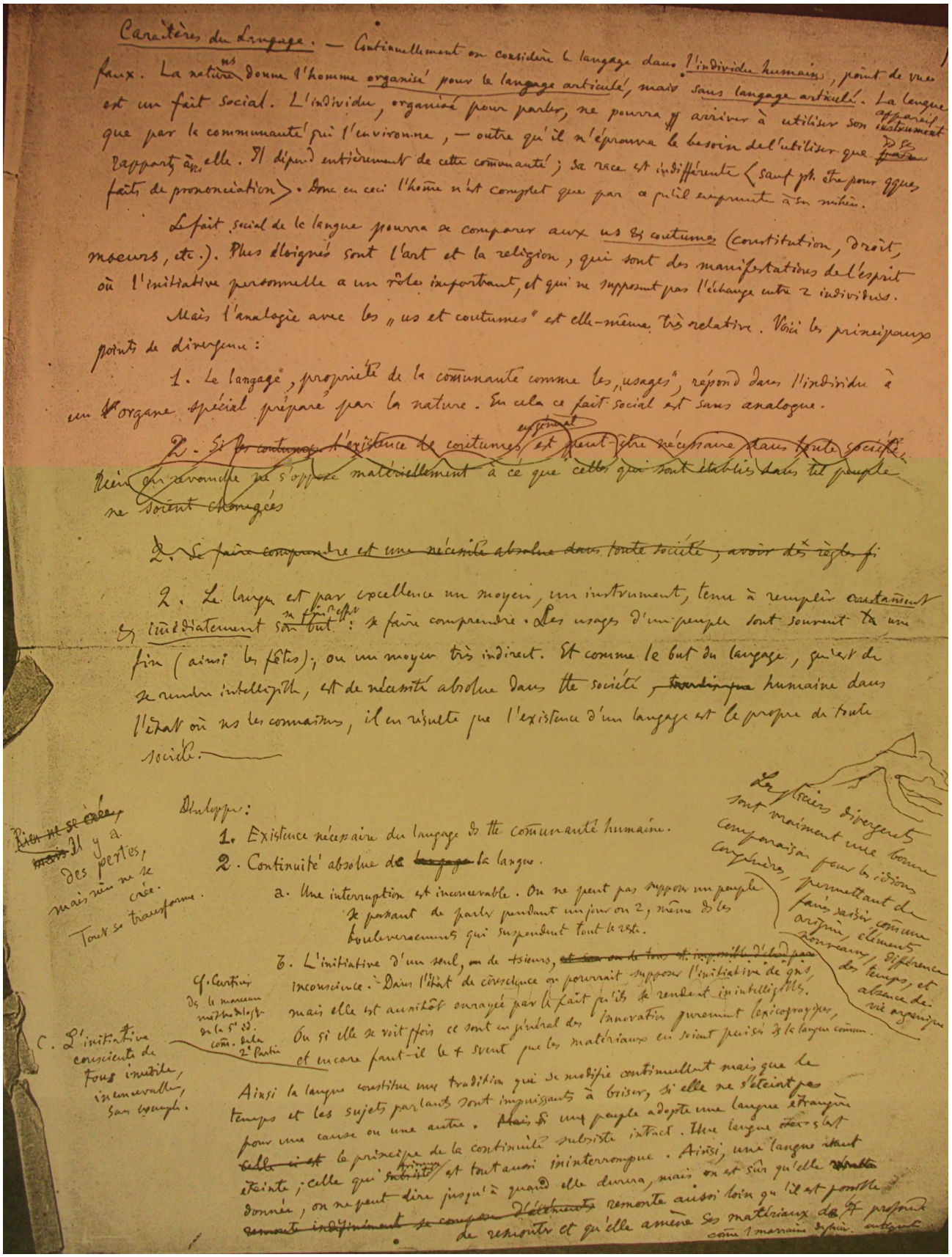
---

[322] Dans un chapitre suivant, si nous avons le temps.
[323] Dans ce cours nous n’avons d’à peu près complet que la partie externe. Dans la partie interne, la linguistique évolutive est laissé de côté <pour la linguistique synchronique et nous [n’] avons pris seulement que > principes généraux dans la linguistique. C’est en se basant sur ces principes généraux qu’on abordera avec fruit le détail d’un état statique ou la loi des états statiques.
[324] Citado, traduzido e referenciado na página 121.

Mesmo ciente da impossibilidade de reconstrução das aulas de Saussure, e da consequente impossibilidade de abrangência absoluta de suas colocações, esta tese se propôs – até aqui – a apresentar uma descrição resumida de cada curso, a partir dos cadernos de alunos, buscando depreender o modo de exposição do professor, suas escolhas temáticas e sequenciais, e sua abordagem teórica da linguística enquanto ciência.

A partir dessa retomada dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure, o próximo capítulo (sexto) propõe-se a evidenciar convergências e divergências gerais entre esses três cursos e a refletir sobre a edição do CLG em face às fontes manuscritas disponíveis aos editores.

LINGUAGEM – LÍNGUA



Caractères du Langage. — Continuellement on considère le langage dans l'individu humain, point de vue faux. La nature donne à l'homme organisé pour le langage articulé, mais sans langage articulé. La langue est un fait social. L'individu, organisé pour parler, ne pourra y arriver à utiliser son instrument que par la communauté qui l'environne, — outre qu'il n'éprouve le besoin de l'utiliser que par rapport à elle. Il dépend entièrement de cette communauté; sa race est indifférente <sauf pour certains faits de prononciation>. Donc en ceci l'homme n'est complet que par ce qu'il emprunte à son milieu.

Le fait social de la langue pourra se comparer aux us et coutumes (constitution, droit, mœurs, etc.). Plus éloignés sont l'art et la religion, qui sont des manifestations de l'esprit où l'initiative personnelle a un rôle important, et qui ne supposent pas l'échange entre 2 individus.

Mais l'analogie avec les „ us et coutumes" est elle-même très relative. Voici les principaux points de divergence :

1. Le langage, propriété de la communauté comme les „usages", répond dans l'individu à un organe spécial préparé par la nature. En cela ce fait social est sans analogue.

2. Si l'existence de coutumes, est peut-être nécessaire dans toute société, rien ne s'oppose matériellement à ce que celles qui sont établies dans tel peuple ne soient changées

2. Se faire comprendre est une nécessité absolue dans toute société, avoir des règles fi

2. Le langage est par excellence un moyen, un instrument, tenu à remplir constamment et immédiatement son but : se faire comprendre. Les usages d'un peuple sont souvent la fin (ainsi les fêtes); ou un moyen très indirect. Et comme le but du langage, qui est de se rendre intelligible, et de nécessité absolue dans toute société humaine dans l'état où nous les connaissons, il en résulte que l'existence d'un langage est le propre de toute société.

Développ:

1. Existence nécessaire du langage dans toute communauté humaine.
2. Continuité absolue de la langue.
   a. Une interruption est inconcevable. On ne peut pas supposer un peuple se mettant de parler pendant un jour ou 2, même de bouleversements qui suspendent tout le reste.
   b. L'initiative d'un seul, ou de tous, est impossible dans l'inconscience. Dans l'état de conscience on pourrait supposer l'initiative de qqs, mais elle est aussitôt ravagée par le fait qu'ils se rendent intelligibles. Ou si elle se voit, ce sont en général des innovations purement lexicographiques, et encore faut-il le + souvent que les matériaux en soient puisés à la langue comm.

C. L'initiative consciente de tous inutile, inconcevable, sans exemple.

Cf. Curtius De la mesure méthodologique de la 5e éd. com. à la 2e Partie

Ainsi la langue constitue une tradition qui se modifie continuellement mais que le temps et les sujets parlants sont impuissants à briser, si elle ne s'éteint pas pour une cause ou une autre. Mais si un peuple adopte une langue étrangère elle n'est le principe de la continuité subsiste intact. Une langue n'est éteinte; celle qui existe et tout aussi ininterrompue. Ainsi, une langue étant donnée, on ne peut dire jusqu'à quand elle durera, mais on est sûr qu'elle remonte aussi loin qu'il est possible de remonter et qu'elle amène ses matériaux de + prospect

Les espèces divergent tout naturellement une bonne comparaison pour les idiomes comprendre, permettant de faire saisir comment certains éléments / Différence des temps, et absence de vie organique

Rien ne se crée. Il y a des pertes, mais rien ne se crée. Tout se transforme.

6. OS ALUNOS, OS EDITORES E SAUSSURE

> Deve-se a eles [Charles Bally e Albert Riedlinger] a obra responsável, após o que lhe valeu o *Mémoire*, pela segunda glória de Ferdinand de Saussure. (ENGLER, 1989, p. IX, TN)[325].

Aos 22 de fevereiro de 1913 morre Ferdinand de Saussure[326]. O lamento sobre sua morte repercute nos jornais genebrinos e, em 26 de fevereiro do mesmo ano, Ernest Muret escreve um artigo na Gazeta de Genebra[327] retomando a biografia de Saussure e sua importância para o cenário dos estudos linguísticos da época. Uma vez que o professor morre sem deixar nenhuma publicação sobre linguística geral, restam a seus sucessores apenas a memória do mestre, os cadernos dos alunos, esparsas anotações de próprio punho e o CLG.

A partir desse acervo de manuscritos, dada a complexidade e notoriedade dos estudos saussurianos, para fins analítico-metodológicos, este capítulo faz um recorte sobre o material disponível evidenciando divergências e convergências entre as versões existentes. Para tal, organiza-se em duas subsecções: a primeira apresenta uma comparação dos três cursos aqui descritos e a segunda faz uma abordagem sobre a edição do CLG.

Considerando que essa pesquisa não se propõe a um teste de legitimidade, tampouco procura "um verdadeiro" Saussure, neste capítulo e no próximo as referências às três principais fontes de pesquisa – os cadernos dos alunos, o CLG e os manuscritos de Saussure – serão feitas de maneira impessoal – CURSO I, II e III; CLG e ELG, respectivamente – com o objetivo de evidenciar os registros em detrimento da autoria. Trata-se, portanto, de uma visão que valoriza o conteúdo e a forma, cujo foco é direcionado ao desenvolvimento do que fora trabalhado nas aulas de linguística geral e à abordagem selecionada pelo professor, num cotejo com o que fora disponibilizado pelos editores no CLG.

---

[325] C'est donc à eux[Charles Bally et Albert Riedlinger] qu'on doit l'oeuvre qui fit, après celle que lui avait value le Mémoire, la second gloire de Ferdinand de Saussure.

[326] Conforme as diversas biografias do autor e, principalmente, os obituários publicados por sua família e por colegas de trabalho em 24 de fevereiro de 1913 (www.letempsarchives.ch).

[327] Localizado pelo site www.letempsarchives.ch, infelizmente a estrutura do site não nos permite uma indicação mais exata.

6.1 – Os três cursos: um cotejo

Por intermédio dos capítulos III, IV e V, a presente tese disponibiliza uma apresentação descritiva dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure. A partir dessas descrições é possível observar o desenvolvimento específico no decorrer de cada curso, assim como a progressão da disciplina ao longo dos anos (1907-1911). Considerando as múltiplas possibilidades de análise comparativa entre os três cursos, esta pesquisa debruça-se sobre os aspectos mais gerais com o objetivo de evidenciar a construção de conhecimento proposta por Saussure em cada curso, sem dedicar-se a questões pontuais[328], posto que tais considerações desviar-se-iam do foco desta secção.

Antes de qualquer comparação, um ponto a ser retomado é o fato de que, apesar de os cadernos dos alunos apontarem o nome da disciplina apenas como *Linguística Geral,* a cadeira ocupada por Saussure é mais ampla, abrangendo *Linguística geral e comparação das línguas indo-europeias.* Tal ressalva se faz necessária como possível resposta ao questionamento de Komatsu quanto ao lugar das línguas indo-europeias no curso de linguística geral, e sua conveniente ausência na edição do CLG. Contudo, autores como Calvet e Bouquet contestam essa relação com o argumento de que Saussure já ocupava antes a cadeira de gramática comparada, sendo-lhe acrescentadas apenas as horas referentes à Linguística Geral.[329] De uma forma ou de outra, o fato é que ele desenvolveu, dentro dos cursos de linguística geral, questões referentes às línguas indo-europeias, seja por exigência da disciplina, seja por escolha didática.

Para entender tal relação, cabe lembrar também que a gramática comparada correspondia aos estudos linguísticos da época[330], portanto, seria natural em um curso sobre linguística abordar o aspecto comparatista nas línguas indo-europeias. Desse modo, o conhecimento sobre a família indo-europeia – ao que parece – apresentava-se como primordial para a construção de um pensamento linguístico no início do século XX, ainda circunscrito na gramática comparada.

---

[328] A riqueza de conteúdo presente nesses cursos é material para várias pesquisas distintas, de modo que não é possível abarcá-las nessa tese.

[329] Seria preciso um estudo aprofundado na documentação da época, comparado ao conteúdo ministrado por Wertheimer para esclarecer essa questão.

[330] Conforme o próprio Saussure evidencia no início do terceiro curso, ao apontar as três fases defeituosas da linguística, página 122 da presente tese.

Conforme observados nos capítulos anteriores, a apresentação de algumas línguas indo-europeias ocupou um espaço relativamente menor no primeiro e no terceiro curso, enquanto foi substancialmente trabalhada no segundo. Os motivos pelos quais o professor dedicou maior tempo à vertente comparatista no segundo curso são desconhecidos, podendo-se inferir apenas que a abordagem mais sucinta no primeiro tenha ocorrido pelo tempo mais reduzido de curso (apenas o semestre de 1907). Factualmente, não há registros que justifiquem a escolha referente ao primeiro curso (se foi uma decisão teórico-metodológica ou se foi apenas pelo fato de o tempo ser mais reduzido), todavia, é visível a escolha posterior de reduzir a abordagem das línguas indo-europeias, no terceiro curso, a um capítulo menos significante, dando lugar a um estudo mais detalhado da linguística estática.

Em uma abordagem inicialmente separada, no que tange ao conteúdo e à ordem de apresentação, serão retomadas abaixo, de maneira evidentemente sucinta[331], as sequências temáticas trabalhadas por Saussure em cada curso de linguística geral.

O primeiro curso, de menor duração, é iniciado com a separação entre as linguísticas do interior e do exterior, de modo que ele opta por seguir pela perspectiva exterior, dada a complexidade da primeira. Após diferenciar a linguística das demais ciências, ele apresenta uma defesa das transformações naturais nas línguas, contra a concepção errônea de que a comunidade “corrompe” a língua; ao passo que os verdadeiros erros são aqueles provenientes da escrita, uma vez que a fala é anterior à escrita, e portanto, lhe é superior.

Situando seus estudos na linguística do exterior, o professor delimita ainda mais o campo de estudo, direcionando-o à fala (em detrimento da escrita); esse âmbito exterior é curiosamente estendido à fonologia (enquanto estudo da articulação combinada com o aspecto acústico). A partir disso, ele descreve alguns aspectos fonológicos (como o aparelho vocal, os pontos de articulação e a classificação dos fonemas) e destaca que a fonologia é um campo exterior à linguística, de modo que a fonologia fisiológica lhe é apenas uma ciência auxiliar, exterior à própria linguística.

Ao abordar a língua enquanto abstração, no indivíduo e na coletividade, a teoria linguística é novamente separada entre histórica e estática. A estática aborda

[331] A concisão é permitida, neste capítulo, uma vez que os três capítulos anteriores fazem descrições mais completas e detalhadas. A retomada aqui tem apenas caráter comparativo.

os constituintes imediatos, instintivos para o falante, enquanto a histórica contempla as transformações da língua no decorrer do tempo. A começar pela abordagem diacrônica, ele aborda aspectos de transformação no decorrer do tempo e no espaço, o que, consequentemente, se traduz na análise de evoluções fonéticas e analógicas. Tais evoluções foram brevemente abordadas, em 1981, na segunda conferência na Universidade de Genebra.

Saussure diferencia as concepções de língua e de fala e introduz a perspectiva de associação e de combinação no cérebro do indivíduo, para a classificação geral das palavras. Posto isso, existem duas maneiras de análise para a língua: a subjetiva (dos sujeitos falantes) e a objetiva (do gramaticista), ambas podendo ser feitas pelo estudioso, mas não concomitantemente, posto que a percepção de uma e de outra conflitam entre si.

Por fim, ele destaca que até aquele momento demonstrou como se fazia linguística histórica, e diferentemente do que projetara, não abordaria mais a linguística estática por falta de tempo. Em seguida, retoma brevemente algumas características de línguas indo-europeias e finaliza instrumentalizando os alunos quanto aos métodos comparatistas de reconstrução e de recomposição de fatos, fundamentais para as análises históricas das línguas.

Como se pôde observar, o professor não logrou êxito quanto à totalidade temática do curso, tendo sido obrigado a abranger apenas o estudo diacrônico. Apesar dessa incompletude, já nesse primeiro curso são encontrados: (1) a insatisfação quanto à terminologia “lei”, ao que concerne às transformações e aos fatos fonéticos; (2) a diferenciação das línguas no espaço, configurando a delimitação de dialetos ou de línguas ao longo do tempo; (3) o improviso individual na ocasião de fala, resultado de relações analógicas; (4) a relação arbitrária entre o som fonético e seu significado; (5) as forças dinâmica (inovadora) e estática (perpetuadora) que operam sobre as línguas; e (6) o princípio “pueril” da linearidade.

O segundo curso inicia-se com a complexidade em se definir a linguística, dado seu objeto permanente e variável (essencialmente paradoxal). Saussure apresenta a arbitrariedade da relação entre a palavra e seu significado como o fator aparentemente mais permanente da língua. Constrói a amplitude na definição de língua, a partir de dualidades: inicialmente apresenta o par som / articulação, acrescido de sentido; depois relaciona o par indivíduo/massa, seguido de fala / língua; por fim, dessa relação social / individual emergem mais dois pares: língua /

linguagem e língua / fala. Discutidas essas dualidades, Saussure assevera que a palavra falada é o verdadeiro objeto da linguística.

Dando continuidade, são apresentados dois vieses para os estudos linguísticos: o estático e o histórico. Vista do exterior, a língua é um sistema de signos, circunscrita, por isso, à semiologia. Enquanto sistema semiológico, seus valores são estabelecidos nas relações com os demais termos do sistema e no uso da coletividade; vista do interior, são discutidos os conceitos de unidade e de identidade, que convergem para o que é significativo na língua.

Em seguida, a linguística é dividida, interiormente, em duas ordens: a sincrônica e a diacrônica, que apesar de serem independentes, implicam-se mutuamente. Primeiro, o professor desenvolve o campo sincrônico (temática não desenvolvida por falta de tempo no *Curso I*), no qual também são trabalhadas as criações analógicas e desenvolvidas as duas formas de coordenação de uma palavra, por associação e por arranjo. Depois ele trabalha o campo diacrônico, dividido nas dimensões prospectiva e retrospectiva.

Finalmente, culmina com a perspectiva da linguística indo-europeia como introdução aos estudos de linguística geral, por meio da qual ele empresta a noção de língua como uma coletividade, a partir do que postulavam os neogramáticos, e retoma a teoria de migração dos povos e a teoria das ondas, como fatores para a transformação da língua no espaço, se contemplada dentro do campo diacrônico. A segunda metade do curso é dedicada aos estudos de algumas línguas indo-europeias abordando fatos fonéticos, variações de palavras, vocabulários, sistemas, classificações e parentescos.

Sabe-se que, nesse segundo curso, ao menos a metade dos conteúdos é dedicada à descrição de línguas indo-europeias. Apesar do reduzido tempo dedicado às questões de linguística geral, nele Saussure: (1) destaca o caráter unificador da palavra escrita, embora ela seja objeto de uma ciência à parte; (2) aborda superficialmente a linearidade da perspectiva acústica da fala; (3) define a linguagem como uma faculdade humana; (4) evidencia a importância da concepção de valor dentro do sistema da língua, consequentemente, nos estudos linguísticos; (5) desenvolve mais a concepção de arbitrariedade; (6) novamente posiciona-se contra a terminologia “lei” ao que concerne aos fatos diacrônicos; e (7) toma a sincronia enquanto perspectiva dos sujeitos falantes, e por isso primordial aos estudos linguísticos.

Enquanto no primeiro curso observou-se que a vertente estática / sincrônica foi suprimida pela falta de tempo, neste segundo curso Saussure apresenta e desenvolve os dois campos. Vários aspectos trabalhados no primeiro curso (re)aparecem mais desenvolvidos no segundo, dos quais se podem citar, como exemplo, a noção de arbitrariedade, a língua como fato social, a faculdade da linguagem, o enfoque linguístico à fala, o reconhecimento do poder da coletividade e o objeto da linguística. Em direção oposta, verifica-se que o primeiro curso aborda questões de fonologia as quais não são abordadas no segundo e desenvolve mais amplamente os fatores relacionados às mudanças fonéticas, às transformações no decorrer do tempo.

No que tange à antecipação na organização do curso, o primeiro curso apresenta-se mais organizado, cujas partes são antecipadas pelo professor, assim como as subsecções são mais claramente pontuadas. O segundo curso, por sua vez, oferece poucas estratificações evidenciadas pelos alunos, de modo que assuntos sublinhados nos cadernos não recebem numeração de organização, assim como cria menos expectativas sobre as temáticas que serão desenvolvidas. O terceiro curso é o que se apresenta mais organizado, aparentando ter seus objetivos definidos mais claramente, logo no início; somada a isso, a perspectiva de organização desse curso é evidenciada quando o professor sugere acréscimos e remanejamentos de capítulos referentes à segunda parte.

O terceiro e último curso contempla significativas mudanças em relação aos anteriores, de modo que aquele será sumariamente retomado já em comparação a estes. Inicialmente, o curso é dividido em três partes, mas por falta de tempo Saussure não desenvolve a terceira. A primeira parte, *As línguas*, justificada pela evidente variedade de línguas, versa sobre o fenômeno de diversidade e de continuidade geográficas de línguas, de modo a tratar de suas causas internas e externas; nesse viés, o fator tempo recebe destaque e age também em conjunto com o fator espaço. O aspecto irregular das transformações no espaço, no decorrer no tempo, já havia sido abordado em 1891, por Saussure, na terceira conferência em Genebra. Na sequência, o professor cita, sem desenvolver muito, as teorias de migração e de ondas, mais bem detalhadas no segundo curso.

Em seguida, é melhor discutida, que nos cursos anteriores, a problemática referente à representação da língua pela escrita, sendo apresentados os aspectos responsáveis pela confusão língua / escrita. Ao destacar as deformações

provenientes da linguística, tal abordagem ratifica e desenvolve o que fora tratado no início do primeiro curso como “erros provenientes da escrita”. Semelhantemente, tal como no primeiro curso, são apresentadas aos alunos as bases da fonologia (destacada como mais relevante ao linguista que o sistema escrito), seguidas de um detalhamento classificatório do sistema fonológico.

A primeira parte é finalizada com a apresentação de um quadro geográfico-histórico das mais importantes famílias de línguas indo-europeias. Verifica-se, conforme já apontado anteriormente, que nos três cursos foi trabalhada a perspectiva da comparação, destacando-se o posicionamento excessivamente reduzido neste terceiro curso em relação ao segundo.

Dando continuidade ao curso, a segunda parte abrange *A língua*, correspondendo – em certa medida – a abstrações provenientes dos estudos da diversidade de línguas. Observa-se neste momento que não foi imotivada a ordenação do curso em abordar primeiro o que é mais imediato – a noção de cada língua em particular e sua diversidade – para depois incluir reflexões gerais. Tal escolha apresenta-se como uma ordenação de conhecimentos básicos necessários para o desenvolvimento de abordagens mais complexas e abstratas.

Dentro dessa segunda parte, são separados os conceitos de língua e de linguagem de forma que a língua é posta como o produto social fundamental para o exercício da linguagem pelos indivíduos, tendo por sede o cérebro humano. Na dicotomia língua e fala, ambos conceitos são imbricados, uma vez que a língua materializa-se na fala de cada indivíduo. Cabe destacar que nos dois cursos anteriores a língua era tomada como um todo complexo e heterogênio, contudo, no terceiro curso, o professor retoma a língua em seu caráter homogêneo, abordando apenas a perspectiva psíquica, fato que evidencia uma aparente contradição.

Apesar da aparente contradição em se definir a língua como heterogênea e depois como homogênea, observa-se que os momentos em que Saussure cunha esses termos não são correspondentes e contemplam aspectos diferentes.

Temática desenvolvida no capítulo 7: subsecção Língua / Fala

Logo após, é abordada a natureza do signo linguístico (caracterizado como a união de uma imagem acústica a um conceito, termos substituídos posteriormente por significante e significado); tal abordagem é mais completa e desenvolvida que no segundo curso, uma vez claramente estipulado o caráter arbitrário do signo e o

princípio linear do significante. Relativamente deslocada do todo, a determinação das entidades concretas e abstratas da língua são relacionadas ao uso dos sujeitos falantes.

A noção de arbitrariedade do signo, outrora mais simplesmente trabalhada pelos dois primeiros cursos, agora é desenvolvida no âmbito do absoluto e do relativo, caracterizando também signos imotivados e motivados. Para a delimitação dessa nova abordagem, os signos são tomados não apenas quanto à relação arbitrária entre o significante e o significado, mas também quanto à relação motivada ou imotivada entre os demais termos do sistema.

Já dentro da perspectiva de um novo arranjo para a organização dos capítulos da segunda parte, Saussure acrescenta a imutabilidade e a mutabilidade do signo, podendo ser interpretadas como a evolução das forças estáticas e dinâmicas citadas no primeiro curso; sendo possível, igualmente, fazer ligação com os princípios de continuidade e de transformação no tempo e no espaço tratados em 1891, na primeira conferência na Universidade de Genebra.

Tal qual foram citadas no primeiro curso e desenvolvidas no segundo, o professor retoma as duas vertentes da linguística: sincrônica e diacrônica. É evidente a evolução na abordagem, uma vez que a vertente sincrônica, agora, é problematizada a partir da determinação sistêmica dos valores na língua, revelando a perspectiva do sujeito falante frente à língua. Mais uma vez é desenvolvida a dependência e independência existente entre o viés sincrônico e o diacrônico.

A organização das palavras, trabalhada a partir das noções de arranjo e associação (citadas no segundo curso), parece evoluir para a delimitação de valores a partir da coordenação sintagmática e da coordenação associativa, que operam simultaneamente dentro do sistema. Importa salientar o destaque à noção de valor linguístico dado no terceiro curso, em comparação ao que foi abordado no segundo. A perspectiva do valor exposta no último curso coaduna as concepções de língua enquanto sistema, de arbitrariedade do signo e de termo a partir de relações negativas com outros termos do sistema.

A última parte, prevista por Saussure, mas não abordada no curso, versaria sobre *a faculdade e o exercício da linguagem nos indivíduos*, ressaltando-se que, do primeiro até o último curso, verifica-se uma ênfase crescente nos sujeitos falantes em relação aos valores e à própria língua. Infelizmente, não houve um quarto curso, pois, conforme se pôde observar, os pontos em aberto não trabalhados pelo

professor em um curso eram contemplados na turma seguinte. Em virtude da impossibilidade no desenvolvimento dessa perspectiva no curso, e seu quase apagamento no CLG, a perspectiva dos sujeitos falantes recebe destaque na última subsecção do capítulo sete desta tese.

Em face da retomada filológica dada aos cadernos dos alunos, cabe salientar que o direcionamento aos registros de sala de aula, embora evidenciado a partir de Godel (1957), era uma possibilidade já em 1913, quando na ocasião da morte de Saussure, além do projeto de Bally e Sechehaye (discutido na secção seguinte), Meillet e Regard também vislumbraram a possibilidade de publicar as lições de Saussure em "uma edição filologicamente fiel às lições" (BOUQUET, 1999b, TN)[332] , como evidenciado por Bouquet em *Les deux paradigmes éditoriaux de la linguistique générale de Ferdinand de Saussure* (1999a) e por Engler em *The making of th Cours de linguistique générale* (2004). \

Importa destacar que a retomada dos cadernos dos alunos não implica a hipótese de que eles correspondem aos pensamentos de Saussure. Efetivamente, com base nas evidências do material disponível, só se pode afirmar que os cadernos expressam a assimilação do conteúdo pelos alunos, assim como apresentam de forma fidedigna a estrutura elaborada em cada curso.

Dois aspectos corroboram para anular uma suposta correspondência plena entre os cadernos dos alunos e a complexidade dos pensamentos saussurianos: o primeiro diz respeito à estrutura natural de um curso oral, a partir do qual os alunos anotam suas percepções; e o segundo diz respeito à explicitação do próprio Saussure quanto às suas reservas referentes à abordagem dada ao (terceiro) curso, tanto no que tange às suas dúvidas, quanto no que tange ao auditório por si mesmo. Outrossim, é oportuno retomar a já conhecida entrevista que Gautier fez com o professor em 06 de maio de 1911, na qual o professor manifesta seu dilema pessoal em face da disciplina:

> Vejo-me diante de um dilema: ou bem expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, o que não pode convir para um curso que deve ser matéria de exame. Ou bem fazer alguma coisa simplificada, melhor adaptada a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo me vejo retido por escrúpulos. Para obter resultado, me seriam necessários meses de meditação exclusiva. Para o momento, a linguística geral me parece como um sistema de geometria. Chega-se a teoremas que é preciso demonstrar. Porém constata-se que o

[332] Édition philologiquement fidèle aux leçons. (texto não paginado).

> teorema 12 é, sob outra forma, o mesmo que o teorema 33. (SAUSSURE, in GAUTIER, CFS 58, 2005, p.69-70, TN)[333].

O fragmento supracitado refere-se ao questionamento se ele ocupara-se do objeto do curso antes de assumi-lo, ao qual o professor responde fazendo menção à suas reflexões anteriores a 1900 e destacando sua ainda insatisfação quanto às conclusões (ou às questões ainda insolúveis) a que chegara. Naturalmente, seus "escrúpulos" lhe obrigaram a desenvolver um curso mais sólido, mesmo sem corresponder diretamente aos seus pensamentos, repleto de questões e de pontos em aberto. Conforme o próprio autor afirma, seria preciso mais tempo dedicado exclusivamente às questões de linguística geral, uma vez que, naquele momento, a linguística se apresentava como um sistema de teoremas interligados a serem demonstrados.

Portanto, se acompanhar o percurso de Saussure atuando como professor "não era uma coisa fácil", conforme afirmação de Duchosal[334], dada a profundidade de suas reflexões e observações instigantes; refazer essa trajetória analiticamente pelo viés dos cadernos dos alunos é uma tarefa quase impossível, que requer um tatear entre o que foi anotado pelos alunos e o que efetivamente disse o professor. Finalmente, pode-se afirmar que os postulados nos três cursos diferem no foco descritivo, de turma para turma, configurando muito mais em avanços que em retomadas.

6.2 – Uma obra à parte: a edição

Como citado na introdução desta pesquisa, a literatura pós-saussuriana é composta de numerosos críticos ao CLG, principalmente no tocante à sua edição. Apesar das fortes críticas de autores como Calvet (1977) e Bouquet (1999a, 1999b, 2000, 2009), importa destacar o reconhecimento dado ao CLG pelos autores das suas três principais edições críticas: Godel afirma que, para a época, a decisão de

[333] Je me trouve placé devant um dilemme : ou dien exposer le sujet dans toute sa complexité te avouer tous mes doutres, ce qui ne peut convenir pour um cours qui doit être matiére à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d'étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas je me trouve arrêté par des scrupiles. Pour aboutir, il me faudrait des mois de méditation exclusive. Pour le moment, la linguistique générale m'apparaît comme un système de géométrie. On aboutit à des théorèmes qu'il faut démontrer. Or on constate que le théorème 12 est, sou une autre forme, le même que le théorème 33.

[334] Epígrafe do capítulo IV desta tese.

apresentar uma reconstrução foi “em sua ousadia, a mais sábia que se pôde tomar” (GODEL, 1957, p. 9, TN)[335]; De Mauro assinala que “os fragmentos do pensamento saussuriano (postos à parte alguns raros mal-entendidos) são, em geral, felizmente compreendidos e fielmente reportados. O *Curso* é a soma mais completa da doutrina saussuriana, e ele é provavelmente destinado a permanecer” (DE MAURO, 1967, p. v, TN)[336]; e Engler assevera que sua edição crítica não é uma antítese, mas uma síntese do CLG, posto que “os editores escolheram, com razão, assimilar e reconstruir.” (ENGLER, 1989, p. IX, TN).[337] Com efeito, as análises críticas e as comparações com os manuscritos não diminuem a grandeza do CLG.

Sobre a questão de autoria do CLG, Silveira retoma que “é preciso observar que Bally e Sechehaye nunca foram reconhecidos como co-autores do CLG (a história define-os como bons discípulos de Saussure ou como traidores); a Saussure, sem dúvida, é atribuída a autoria das ideias presentes no CLG” (SILVEIRA, 2008, p. 25); seja com ou sem ressalvas. Faz sentido, assim, a afirmação de Gadet (1987), “ainda se lê Saussure”[338], que é encontrada também em Silveira (2008, p. 16-22) em forma de pergunta, a qual ela discute a partir dos tipos de leituras que se fazem hoje, desde o acesso de estudantes ao CLG, como uma espécie de pré-história da linguística; passando pelo convite a uma leitura detalhada do CLG, para fugir do acesso indireto às ideias ali expostas; até às leituras críticas de especialistas que escrutam o CLG em comparação com os manuscritos (dos alunos e do autor).

Quanto à obra, em si, no CLG são encontradas todas as dificuldades próprias de uma edição póstuma, agravadas pelo fato de seus editores não terem assistido a nenhum dos três cursos e pelos cursos terem sido apresentados de forma diferente em cada ano. Malgrado todas as dificuldades apontadas, cumpre questionar a razão pela qual o CLG alcançou significativo sucesso dentro dos estudos linguísticos. Em relação ao complexo contexto que envolve essa edição, Normand escreve que

> Trata-se de um texto bem estranho, que suscita o embaraço de todos aqueles que se preocupam com a exatidão de um manuscrito e a autenticidade de um pensamento. Com efeito, o que se reúne sob o título *Curso de Linguística Geral* é apenas um esboço de um curso, ou mais precisamente, de três cursos, discursos preciosos recolhidos, anotados e

[335] [...] en sa hardiesse, le plus sage qu’on pût prendre.
[336] Les fragments de la pensée saussurienne (mis à part quelques rares malentendus) sont en général heureusement compris et fidèlement reportés. Le *Cours* est donc la somme la plus complète de la doctrine saussurienne, et il est probablement destiné à le rester.
[337] Les éditeurs choisirent donc, avec raison, d’assimiler et de reconstituer.
[338] Epígrafe do capítulo II desta tese.

> transmitidos até nossos dias pelos cuidados dos discípulos e amigos de Saussure; mais que um texto póstumo, deveríamos falar de “discursos” póstumos, eco refratado em vários cadernos de notas de uma voz que, ao que parece, fascinava os auditórios. A decisão corajosa, segundo seus próprios termos, e, aos olhos de muitos, aventurosa, dos editores de 1916 foi a de reconstruir um curso que, como tal, nunca foi dado. O empreendimento não é de todo inédito; no entanto, esse suscitou, como nenhum outro, muitas paixões[339]. (NORMAND, 2009, p. 20).

Essas paixões suscitadas pelo CLG contemplam desde a origem da linguística moderna até críticas à existência de um “pseudo-Saussure”. Considerando a influência dessa obra, Benveniste assevera que “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome” (p. 34), quanto aos estudos modernos, “essa linguística renovada é em Saussure que tem sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas em que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure.” (BENVENISTE, 1995, p. 49). Esse Saussure a quem Benveniste exalta é aquele revelado pelo CLG, que por intermédio de seus editores foi responsável por ter, minimamente, organizado o campo da linguística em termos da discussão de seus objetos, de uma orientação sistêmica e sincrônica. Nessa perspectiva, Maurício Maliska sintetiza o sucesso do CLG, salientando que

> De uma forma ou de outra, Saussure tem seu nome inscrito na Linguística Moderna e no cenário acadêmico através de um escrito que não saiu de sua pena; um escrito fundador que o coloca na posição de pai para a Linguística, mas que efetivamente não leva sua assinatura. Um livro que apesar das inúmeras críticas [...] foi responsável por transformar Saussure num ícone da modernidade acadêmica, ao mesmo tempo em que cria no seu entorno um mito para os estudos da linguagem. (MALISKA, 2008, não paginado).

Tal obra, tão contraditória em sua origem, foi, e ainda é, a principal referência ao nome de Saussure; o lugar de onde nascem as indagações a respeito do seu processo de produção e a respeito das origens manuscritas; o suporte imediato de acesso às inovações linguísticas discutidas no início do século XX. A decisão por essa reconstrução não foi vã, mas partiu de uma análise minuciosa com o objetivo de “traçar um todo orgânico sem negligenciar nada que pudesse contribuir para a impressão do conjunto.” (Bally; Sechehaye, 1973, p. 03).

---

[339] Amacker, Forel e Fryba-Reber (1997) destacam a história dos estudos saussurianos em Genebra, principalmente quanto aos *Cahiers Ferdinand de Saussure*.

Além de Bally e Sechehaye, outros alunos vislumbravam uma obra que apresentasse as ideias do professor, conforme uma carta de Marie de Saussure a Meillet, datada de 25 de maio de 1913, ela comenta o interesse de "vários alunos" sobre os manuscritos pessoais de Saussure e assinala também a importância das notas dos alunos para assegurar uma publicação mais próxima ao árduo trabalho de seu esposo:

> E agora, vários dos seus alunos perguntaram-me se não haveria, entre suas notas, algo publicável... Talvez, examinando as notas tomadas por vários estudantes em diferentes anos, nós poderíamos ter uma ideia relativamente completa de um de seus cursos, mas para fazê-lo, não deveríamos agir apressadamente – Você não concorda? – Pode-se, com uma publicação demasiadamente apressada, desfazer todo um trabalho ao qual se teria feito justiça caso se tivesse dado o tempo necessário... Eu sou, naturalmente, ignorante nessa área, eu sei, entretanto, que meu esposo nunca se apressou em nada e que aquilo que ele deixou em sua disciplina foi o fruto de uma reflexão muito madura. (carta de MARIE DE SAUSSURE à Meillet, transcrita em ENGLER, 2004, p. 49, TN).[340]

Tanto a proposta de Meillet e Regard, de uma antologia dos cadernos dos alunos, quanto a execução sintética de Bally e Sechehaye visavam à exposição pública do conteúdo das aulas sobre linguística geral. Quando ambos os projetos ainda estavam em desenvolvimento, Bally manifesta-se contrário à proposta de Meillet, ao passo que este lhe assegura: "o projeto que eu tinha esboçado com o jovem Regar está abandonado; esse projeto esteve sempre sujeito à sua aprovação e a partir do momento que você tem outros pontos de vista, ele não deve entrar em questão." (carta de MEILLET a Bally, 31.05.1913, transcrita em BOUQUET, 2009, p. 163). A crítica de Bally quanto à postura de Regard, em preocupar-se em "entender os detalhes em vez de um todo do problema", põe em evidência o interesse explícito em direcionar sua edição com Sechehaye para uma abordagem mais geral, buscando "refletir o espírito de ensino de Saussure." Tal é corroborado no que os editores afirmam no prefácio do CLG:

> Foi-nos sugerido que reproduzíssemos fielmente certos trechos particularmente originais; tal ideia nos agradou, a princípio, mas logo se evidenciou que prejudicaria o pensamento de nosso mestre se

[340] And now, several of his students have asked me if there might not be, among his notes, something publishable… Perhaps by looking through the notes taken by various students in different years we might gain a relatively complete idea of one of his courses, but to do so we must not act in haste – Do you not agree? – One may by a too-hasty publication undo a body of work to which one have done justice, given time… – I am, naturally, unversed in this area; I do however know that my husband rushed into anything and that what he has left to his discipline was the fruit of much mature reflexion.

> apresentássemos apenas fragmentos de uma construção cujo valor só aparece no conjunto. // Decidimo-nos por uma solução mais audaciosa, mas também, acreditamos, mais racional: **tentar uma reconstituição, uma síntese**, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. **Tratava-se, pois, de uma recriação**, tanto mais árdua quanto devia ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrando até o fundo de cada pensamento específico, cumpria, à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentado das variações, das flutuações inerentes à lição falada [...]. (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 03, *grifo nosso*).

A proposta intencional da edição era apresentar uma "síntese isentada das flutuações inerentes à lição falada". Por essa perspectiva, a questão não era apenas reproduzir a fala do professor, mas extrair dela "sua forma definitiva." Posto isso, Cruz (2009), ao questionar se a edição representava uma traição ou um excesso de fidelidade, conclui que é possível "dizer que se tratou, de fato, menos de traição do que excesso de fidelidade" (CRUZ, 2009, p. 123); ou seja, o trabalho de reconstrução não caracterizou efetivamente nem uma coisa, nem outra.

Como amplamente conhecido, o processo de recriação partiu de um cotejo entre os três cursos, tendo o último como suporte principal. Tomando por base as fontes manuscritas dos cadernos dos alunos, no tocante aos conteúdos ministrados, de acordo com Godel,

> O terceiro curso é a fonte principal da Introdução (menos o capítulo V e os *Princípios de fonologia*), das 1ª, 2ª 2 4ª partes e dos dois últimos capítulos (IV e V) da quinta. O primeiro curso forneceu [...] a substância da terceira parte (*Linguística diacrônica*), e lhe compreendeu os apêndices A e B, e o capítulo III (*As reconstruções*) da quinta; os editores encontraram em outra fonte uma exposição sobre a fonologia mais detalhada que aquela do curso III. O segundo curso, enfim, amplamente utilizado como fonte complementar, é também a fonte principal dos capítulos seguintes:
>
> INTRODUÇÃO, Cap. V, *Elementos internos e elementos externos da língua;*
> 2ª PARTE, Cap. III, *Identidades, realidades, valores;*
> 2ª PARTE, Cap. VI, *Mecanismo da língua;*
> 2ª PARTE, Cap. VII, *A gramática e suas subdivisões;*
> 3ª PARTE, Cap. VIII, Unidades, identidades e realidades diacrônicas;
> 5ª PARTE, Cap. I, *As duas perspectivas da linguística diacrônica;*
> 5ª PARTE, Cap. II, *A língua mais antiga e a língua primitiva.*
>
> (GODEL, 1957, p. 100, TN).[341]

[341] Le troisiéme cours est la source principale de l'Introduction (moins le chapitre V e les *Principes de phonologie), des 1ere, 2e, et 4e parties*, et des deux derniers chapitres (IV et V) de la cinquième. Le premier cours a fourni [...] la substance de la troisième partie (*Linguistique diachronique*), y compris les appendices A et B, et le chapitre III (*Les reconstructions*) de la cinquième ; les éditeurs y ont trouvé en outre un exposé sur la phonologie plus détaillé que celui di cours III. Le deuxième cours, enfin, largement utilisé comme source complémentaire, est aussi la source principale des chapitres suivants : [...].(Apresentado também por De Mauro, 1967, p. 406, nota 12, com diferente redação).

Apesar dessa exposição do aproveitamento dos conteúdos em cada parte do CLG, Godel relembra que nem mesmo Saussure conseguira fixar uma ordem definitiva a questões tão imbricadas. Em outra perspectiva, De Mauro (1967, p. v, TN)[342] afirma que "a ordem, como sublinhava o próprio Saussure, é essencial na teoria da língua, talvez mais que em qualquer outra teoria." Dentro dessa questão de ordenação de conteúdo, cabe retomar a pergunta outrora feita[343]: "até que ponto a ordem escolhida por Saussure difere da apresentada no CLG?"

O primeiro ponto a se ponderar é que o CLG resulta de uma reconstrução de três cursos em uma obra, de modo que só é possível compará-la isoladamente a cada um dos cursos. Mas como fora dito tanto por Marie de Saussure quanto por alguns alunos ouvintes, a completude das proposições saussurianas em linguística geral encontrava-se na combinação do que fora trabalhado no decorrer dos cinco anos. Posto isso, nenhum dos três cursos poderia delimitar a "ordem de Saussure", mesmo em face disso, ao comparar a ordem do CLG ao último curso, Calvet propõe:

> Vale dizer que seria preciso, para reconstruir a ordem saussuriana, começar pelo capítulo 8 da terceira parte (*Unidades, identidades e realidades diacrônicas*), prosseguir com os capítulos 3 e 4 da segunda parte (*identidades, realidades, valores, o valor linguístico*) para vir ao capítulo 1 da primeira parte (*natureza do signo linguístico*) e depois ao capítulo 3 da introdução (*objeto da linguística*) em que a oposição entre língua e fala deveria ser apresentada. (CALVET, 1977, p. 21).

A proposta de Calvet, embora coerente, é limitada quanto ao conjunto de aspectos trabalhados no CLG. A perspectiva reconstrutora dos editores objetivava depreender das notas dos alunos o "pensamento saussuriano" para "depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme à intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada." (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 03). De acordo com o que afirmam no prefácio, os editores acreditavam apresentar uma ordem que atendia aos critérios do professor. Cabe salientar que o próprio Saussure evidenciava a "ausência necessária de qualquer ponto de partida", uma vez que, nas notas introdutórias para um curso sobre a linguística, ele assinala que

---

[342] [...] l'ordre, comme le soulignait Saussure lui-même, est essentiel dans la théorie de la langue, peut-être plus que dans toute autre théorie.

[343] Pergunta indireta presente na página 22 desta tese.

> Nós nos permitiremos recolocar a mesma ideia três ou quatro vezes, sob diferentes formas, sob os olhos do leitor, porque não existe, realmente, nenhum ponto de partida que seja mais indicado do que os outros para nele basear a demonstração. (ELG, 2004, p. 171).

Essa ausência de um ponto de partida específico não comprometeu a descrição do objeto de estudo a que Saussure se propôs, e em certa medida argumenta contra os críticos que questionam a organização do CLG. Factualmente, o livro que Saussure começou a esboçar nunca foi concluído, e poucas foram as notas pessoais com referência direta a ele, de modo que os documentos corroborativos dessa perspectiva menos rígida é a variação dada nos três cursos. Destaca-se, ainda, que o remanejamento proposto pelo professor, para o terceiro curso, alterava apenas a parte referente à *Língua*, enquanto generalização. Esse direcionamento é salientado por De Mauro (1967, p. 406, nota 12), para quem o grande problema do CLG é que ele inverte a posição proposta por Saussure, na qual são apresentadas primeiro *as línguas* quanto à sua diversidade, para depreender daí as proposições generalizantes de *língua*. O CLG, diferentemente, aborda primeiro as questões de linguística geral, em seguida disserta sobre problemas de execução e, por fim, apresenta as questões relativas à diversidade das línguas.

Consoante a Godel e a De Mauro, a organização do terceiro curso, ou melhor, a ordenação entre a primeira e a segunda partes revela as escolhas do professor quanto ao direcionamento para a construção do conhecimento linguístico. De modo que seria preciso compreender primeiro a diversidade linguística no tempo e no espaço para depois discutir questões referentes à composição da língua (enquanto abstração, cuja concretude é estabelecida na fala; enquanto fato social).

Se por um lado os cadernos dos alunos foram tomados por alguns críticos como uma reprodução do pensamento do professor, por outro é importante sempre lembrar que são anotações de estudantes a partir de uma exposição oral, que alguns deles, depois, comparavam e completavam de acordo com as notas dos colegas. São, portanto, sobreposições de anotações coletivas de um curso ministrado oralmente, conferindo também aos manuscritos dos alunos certo caráter polifônico. A partir da transcrição e análise dos cadernos, não se pode pressupor uma reprodução fiel ao pensamento de Saussure, principalmente pelo o que ele disse quanto a estar insatisfeito com os rumos dos cursos. Jamais será possível

alcançar a dimensão de sua insatisfação e os verdadeiros questionamentos de Saussure; consequentemente, tornando vã a busca por um “verdadeiro Saussure”.

> Assim, começando por admitir uma leitura da edição em que as falhas de compreensão não figurem uma dificuldade, mas um enigma, não se procuraria uma resposta para o embaraço diante do CLG na comparação com as anotações que os alunos fizeram em aula ou com os manuscritos do mestre, mas no próprio texto do CLG. E assim os manuscritos de Saussure não teriam a função de restabelecer o verdadeiro Saussure, mas de ser uma possibilidade de ler Saussure, sempre dependente da posição do sujeito que o lê, e a partir dessa leitura dialogar com a leitura feita pelos editores. (SILVEIRA, 2008, p. 36)

Consoante ao que pondera Silveira, a relação que se pode estabelecer entre as leituras do CLG com os manuscritos é de diálogo, partindo “da posição do sujeito que o lê”. Entre o acervo disponível aos estudiosos, pode-se estabelecer três fontes principais para se ler Saussure: (1) o CLG, (2) os cadernos dos alunos, e (3) as notas pessoais de Saussure. Independente da posição escolhida, é inegável o valor intrínseco do CLG, de modo que, mesmo em meio a críticas, Regard reconhece seu sucesso:

> Quanto ao livro em si mesmo e à questão da publicação póstuma em seu conjunto, pode-se apenas regozijar com o sucesso brilhante que coroou a tentativa dos senhores Bally e Sechehaye. Seguramente, e eles o sentiram melhor que ninguém, o desenho mesmo que eles conceberam e realizaram é criticável. Um aluno, que ouviu ele mesmo uma parte importante das lições de Saussure sobre a linguística geral e conheceu vários dos documentos sobre os quais repousam a publicação, experimenta necessariamente uma desilusão de não mais reencontrar o charme refinado e cativante das lições do mestre. Ao preço de algumas repetições, a publicação das notas dos cursos não teria conservado mais fielmente o pensamento de Saussure com sua força, sua originalidade? E as variações elas mesmas que os editores pareciam ter medo de publicar não teriam oferecido um interesse singular? (REGARD, *apud* DE MAURO, 1967, p.406, TN).[344]

A proposta de Regard, para uma antologia dos cadernos, foi paulatinamente atendida nos últimos vinte anos, como na obra de Komatsu em 1993. Outras

[344] Quant au livre lui-même et à la question de la publication posthume dans son ensemble, on ne peut que se réjouir du succès brillant qui a couronné la tentative de MM. Bally et Sechehaye. Assurément, et ils l’ont senti mieux que personne, le dessein même qu’ils ont conçu et réalisé est critiquable. Un élève qui a entendu lui-même une part importante des leçons de F. de S. Sur la linguistique générale et connu plusieurs des documents sur lesquels repose la publication éprouve nécessairement une désillusion à ne plus retrouver le charme exquis et prenant des leçons du maître. Au prix de quelques redites, la publication des notes de cours n’aurait-elle pas conservé plus fidèlement la pensée de F. de S., avec sa puissance, avec son originalité ? Et les variations elles-mêmes que les éditeurs paraissent avoir craint de mettre au jour n’auraient-elles pas offert un intérêt singulier ?

transcrições[345] têm sido feitas e novos projetos de apresentação das notas do professor já começaram a ser publicados nos *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Contudo, prevalece a colocação de Meillet:

> Da reflexão sobre a linguística geral que ocupou parte dos últimos anos de Saussure nada foi publicado. [...] Somente os alunos que assistiram aos cursos de Saussure em Genebra tiveram até agora o privilégio de seu pensamento; somente eles conheceram as formulações exatas e as imagens bem escolhidas que ele teria usado para iluminar um novo assunto. (MEILLET, *apud* ENGLER, 2004, p.49[346]).

Com efeito, não há notas nem registros que explicitem por completo "o charme refinado e cativante das lições" de que fala Regard, o que há são "ecos esparsos" do pensamento de um mestre que foi moldado em forma de aula para atender, no intervalo de cinco anos, a menos de duas dezenas de alunos não linguistas.

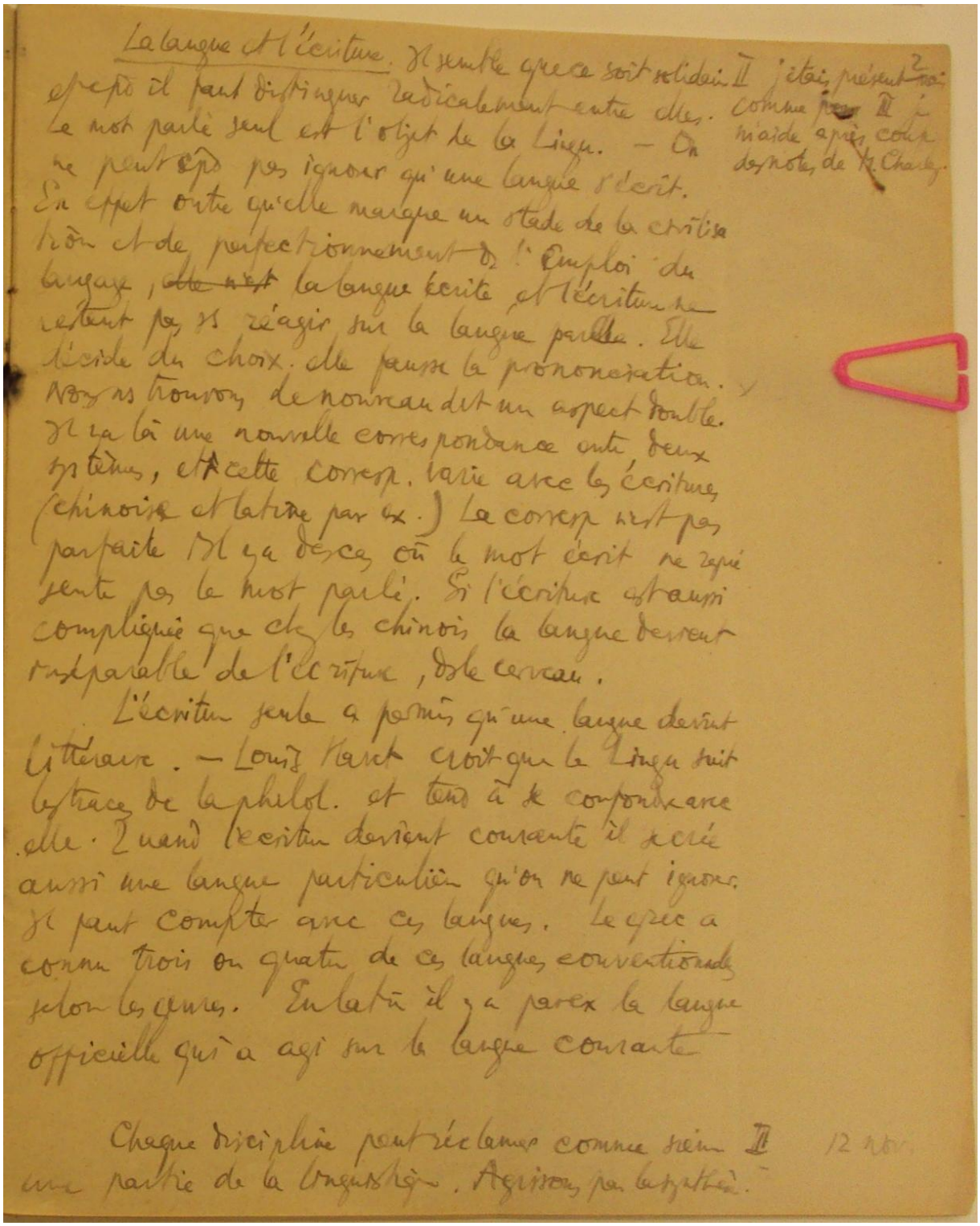
De fato, a dinâmica dos cursos ministrada a um público leigo impõe um olhar cauteloso sobre os escritos produzidos pelos alunos, podendo-se observar, apenas, que pelos pontos de contato apresentados nesses manuscritos, o pensamento saussuriano fluiu com receptividade entre eles, o que não exclui eventuais problemas quanto à precisão terminológica. Considerando a recorrente preocupação de Saussure sobre questões de terminologia, são trabalhadas no capítulo seguinte cinco concepções centrais na compreensão de linguística geral.

Vale salientar que, apesar dos descompassos presentes no CLG em relação às fontes manuscritas, é inegável a afirmação de Engler de que o CLG foi "a obra responsável, após o que lhe valeu o *Mémoire*, pela segunda glória de Ferdinand de Saussure", sendo essa segunda maior e mais abrangente que a primeira.

---

[345] Bouquet (1999a) destaca um projeto de publicação da transcrição dos cadernos de alguns alunos, com ênfase nas variações entre eles. Tal obra ainda não se encontra disponível.
[346] Optamos por utilizar a tradução encontrada em Cruz, 2009, p. 113.

A LÍNGUA E A ESCRITA



La langue et l'écriture. Il semble que ce soit solidaire. Il j'étais présent 2 fois comme pour Il j'ai mis à aide après coup des notes de M. Chatelain.
Et cependant il faut distinguer radicalement entre elles. Le mot parlé seul est l'objet de la Linguistique. — On ne peut cependant pas ignorer qu'une langue s'écrit. En effet outre qu'elle marque un stade de la civilisation et de perfectionnement de l'emploi du langage, elle n'est la langue écrite et l'écriture ne restent pas sans réagir sur la langue parlée. Elle décide du choix. elle gêne la prononciation. Nous nous trouvons de nouveau dit un aspect double. Il y a là une nouvelle correspondance entre deux systèmes, et cette correspondance varie avec les écritures (chinoise et latine par ex.) La correspondance n'est pas parfaite Il y a des cas où le mot écrit ne représente pas le mot parlé. Si l'écriture est aussi compliquée que chez les chinois la langue devient inséparable de l'écriture, de la civilisation.

L'écriture seule a permis qu'une langue devint littéraire. — Louis Havet croit que la Linguistique suit les traces de la philol. et tend à la confondre avec elle. Quand l'écriture devient courante il existe aussi une langue particulière qu'on ne peut ignorer. Il faut compter avec ces langues. Le grec a connu trois ou quatre de ces langues conventionnelles selon les genres. En latin il y a par ex la langue officielle qui a agi sur la langue courante

Chaque discipline peut réclamer comme sienne une partie de la linguistique. Agissons par la psychologie. 12 nov.

Léopold Gautier / Ms. Fr. 3973 a I

7 – DISCUSSÕES: QUATRO TERMINOLOGIAS E O SUJEITO FALANTE

> *O nome de Ferdinand de Saussure viverá e permanecerá como um modelo.*
> *(A. Meillet, 1913, TN).*[347]

Após acompanhar a descrição e posterior comparação dos três cursos ministrados por Saussure, junto a uma retomada sumária das condições de preparação do CLG, este capítulo dedica-se a discutir quatro conceitos fundamentais que se desdobraram na linguística do século XX sob a influência do CLG (língua, fala, signo e valor) e, em seguida, volta-se para a perspectiva do sujeito falante tão presente nas anotações dos alunos.

Conforme apontado nas notas dos alunos, em vários momentos Saussure expressa descontentamento com alguma terminologia corrente, aspecto que já lhe incomodava anos antes, quando afirma que atrasou a publicação de um artigo "sem chegar, aliás, a evitar as expressões logicamente odiosas, porque para isso seria necessária uma reforma decididamente radical" (SAUSSURE, CFS 21, p. 96).[348] Dada essa preocupação quanto às questões terminológicas, importa retomar a construção das noções de língua, de fala, de signo e de valor.

7.1 – Língua / Fala

A dicotomia língua-fala é uma das mais profícuas no desdobramento das discussões sobre Saussure, tanto no que diz respeito ao CLG, quanto referente às pesquisas sobre os manuscritos. Nesta subsecção retomaremos como tais conceitos progridem nas notas dos alunos em comparação com as anotações de Saussure (ELG) e o CLG.[349]

No primeiro curso, a perspectiva da fala é colocada, primeiramente, em contraposição à escrita, chegando-se à conclusão de que o signo falado tem primazia sobre o escrito. Em seguida, destaca-se que é no momento imediato dos atos de fala que os falantes utilizam a criatividade para a produção de modificações

---

[347] Le nom de Ferdinand de Saussure vivra et restera comme un modèle. (Frase final do comunicado ao *Collège de France* sobre o falecimento de Saussure, em 25 de fevereiro de 1913).
[348] Optamos por utilizar a tradução encontrada na versão brasileira de Benveniste (1995, p. 41).
[349] Assim como no capítulo anterior, as referências às três principais fontes de pesquisa – os cadernos dos alunos, o CLG e os manuscritos de Saussure – serão feitas de maneira impessoal – CURSO I, II e III; CLG e ELG, respectivamente.

analógicas. Por fim, é afirmado que a língua está – em certa medida – em uma esfera individual, no âmbito de compor o reservatório mental dos falantes, enquanto a fala está mais para o âmbito social – no que tange à sua atualização nas relações sociais de fala. Contudo, o professor afirma que é errôneo pressupor a relação língua-individual e fala-social, destacando-se que tudo o que compõe o interior do indivíduo é sempre social.

Corroborando a negação das relações língua-individual e fala-social, o segundo curso aponta para a relação entre a fala, enquanto vontade individual, e a língua, enquanto passividade social. Esse suposto paradoxo é desfeito nas explicações, e não nas simples dualidades, de modo que tal aspecto encaminha a um direcionamento de análise da completude dos textos, e não de frases soltas (que obviamente sinalizariam uma – suposta – contradição).

Dessa forma, no primeiro curso Saussure está fazendo referência ao acervo mental da língua no cérebro humano (com existência, portanto, individual) e na realização da fala no contexto social (entre indivíduos – social), todavia, já nessa época ele destaca que todo acervo individual origina-se na interação social, ou seja, não é possível dissociar as duas esferas. Ao que parece, a colocação do segundo curso parece explicar parcialmente o que foi dito no primeiro, acrescentando-se a perspectiva da vontade do indivíduo na produção de fala. É interessante observar que essas relações língua-individual e fala-social não reaparecem nos cursos seguintes, tampouco no CLG, mas figura como argumento contrário à simplificação língua-social e fala-individual, que se propagou no decorrer dos anos. Conforme se observa nos três cursos, as perspectivas individual e social implicam-se mutuamente de maneira que toda simplificação acaba por esconder seus atravessamentos.

A tabela 01[350] demonstra a interdependência das noções de língua (enquanto instituição social), linguagem (“língua tomada no indivíduo”) e fala (ato do indivíduo realizando sua faculdade de linguagem por intermédio da língua). Portanto, para falar, um indivíduo precisa da faculdade da linguagem e de ter contato com uma língua; mas só seria possível assimilar uma língua a partir da fala da comunidade. Importa deixar um pouco essa dicotomia língua-fala em suspenso, para retomar a segunda dicotomia: fala e escrita.

[350] Página 87 desta tese.

A delimitação do conceito de fala em relação à escrita repete-se no segundo e no terceiro cursos, referindo-se também à primazia da fala sobre a escrita e à necessidade de o linguista saber segmentar esses dois domínios. Patois, no segundo curso, anota e sublinha que "somente a palavra falada é o verdadeiro objeto da linguística", de maneira que, ao tomar a escrita como invólucro da fala, também no terceiro curso Constantin registra que o verdadeiro objeto da linguística é a língua falada. Talvez nisso repouse parte da solução à dicotomia língua-fala, de modo que o objeto da linguística não seria nem uma nem outra em separado, mas a "língua falada"[351], ou seja, a língua na perspectiva da atualização dos indivíduos na sociedade. Parece uma incoerência, dado que o CLG enfoca o estudo da língua – objeto da segunda parte do terceiro curso – contudo, neste aspecto se está contrapondo domínios e, por isso, é importante delimitar as diferentes concepções tomadas pelo verbete *fala.*

O terceiro curso evidencia bem a necessidade de se compreender que a fala e a escrita são dimensões efetivamente distintas. Tal segmentação aparece desde as primeiras conferências em Genebra, nas quais Saussure já assinalava as interferências da escrita sobre a língua, o que nos leva à questão: "até que ponto a língua escrita (como subproduto) possui poder transformador sobre a língua?" De acordo com a argumentação saussuriana, a tirania da escrita ratifica-se em virtude de suas características aparentemente mais sólidas. Cabe retomar aqui, como o CLG registra essas características[352]:

> (1) a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido [...]; (2) na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e mais duradouras que as impressões acústicas [...]; (3) a língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita [...], é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; [...]; e (4) quando existe desacordo entre a língua e a ortografia [...] a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem direito. (CLG, 1973, p. 35-36).

As duas últimas características fazem menção à tirania da escrita, contudo, em resposta à pergunta acima, a tirania da escrita interfere no desenvolvimento da língua e arbitra a fala em casos de desacordo, mas não consegue impedir que a

[351] Arrivé destaca o significado do termo *fala* enquanto *enunciação:* "dificilmente se poderia contestar que, em várias passagens, fala é utilizada como equivalente a enunciação [...]." (ARRIVÉ, 2010, p. 52).
[352] Na página 135 desta tese encontram-se as características presentes no caderno de Constantin, *Curso* III.

língua evolua no decorrer do tempo, ponto confirmado pelo histórico de transformação de todas as línguas conhecidas. Curiosamente, uma vez mais, língua e fala aparecem misturadas, pois a dualidade fala-escrita desenvolve-se sobre argumentos entre escrita-língua.

Retornando à separação entre escrita e fala, tanto no segundo quanto no terceiro curso, é possível perceber a segmentação da noção de fala, pois o professor aborda a *fisiologia da fala* em uma dimensão diferente do que tomara até o momento. Daí, segue-se uma série de reflexões no que tange à fala enquanto materialidade da língua, ou seja, na sua perspectiva fisiológica; destacando-se que a questão da fisiologia da fala é objeto de um estudo auxiliar, fora da linguística: o estudo da fonologia.

A partir das reflexões propostas até aqui, parece proveitoso delimitar duas noções para a fala: de um lado, Saussure aborda a perspectiva externa à língua, a realização material-fônica, cujos estudos seriam encerrados pela fonologia fisiológica; de outro, a fala abrange ao que poderíamos chamar hoje de "emergência enunciativa", cujo enfoque direciona-se à manifestação da língua pela fala, ou seja, nela estão incluídas as abstrações e discussões referentes à língua, mas numa perspectiva de atualização constante pelos indivíduos. No CLG encontramos evidências que corroboram essa segmentação:

> De que maneira a fala está presente nessa mesma coletividade? É a soma do que as pessoas dizem, e compreende: a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações. (CLG, 1973, p. 27-28)

Na obra *Lexique de la terminologie saussurienne* (1968, p. 38), Engler corrobora essa colocação do CLG, retomando fragmentos dessas duas dimensões sem evidenciá-las separadamente: a fala "compreende a soma do que as pessoas dizem; 1° combinações individuais (frases), dependendo da vontade do indivíduo; 2° atos de fonação, execução dessas combinações igualmente voluntárias." Na primeira acepção, fica evidenciado o sistema, por intermédio das combinações (frases), o que leva à perspectiva da língua falada; enquanto na segunda, fica evidenciada a materialidade da fonação. Ainda na entrada do verbete *parole,* encontram-se outras definições relacionadas à língua falada, como "pela fala designa-se o ato do indivíduo realizando sua faculdade por meio da convenção

social que é a língua"; a fala é o "uso individual do código da língua segundo o pensamento individual"; e novamente retoma a suposta contradição citada no início desta subsecção: "a esfera da fala é a mais social."

Portanto, a fonação corresponde a apenas uma faceta da fala, sem compreendê-la como um todo. No CLG encontra-se indiretamente a fragmentação do conceito de fala, quando se afirma, por exemplo, que "o que dizemos da fonação será verdadeiro no tocante a todas as outras partes da fala. A atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística." (CLG, 1973, p. 27). Por fim, importa destacar que tal segmentação do uso do temo *fala* não é estruturada nem nos cadernos dos alunos, nem no CLG, nem nos manuscritos do autor, antes, é possível depreendê-la do todo da obra, como se objetivou demonstrar.

"A parte da fala" que mais interessa à linguística, então, relaciona-se diretamente com a língua, concernente à noção de "língua falada". Visto que a língua em ação só se consubstancia pela fala, parece que o circuito da fala[353] contempla a fala enquanto ato do indivíduo, de modo que sua materialização fônica perde o enfoque. O principal argumento que torna língua e fala indissociáveis[354] é o fato de que "é preciso a fala de milhares de indivíduos para que se estabeleça o acordo do qual a língua sairá."

Essa interdependência figura no CLG (sem ser desenvolvida), como se observa nas seguintes passagens: "esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível [...]; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes" (CLG, 1973, p. 27), "tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala" (p. 115), "nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala" (p. 196). Em complemento a essas passagens, na página 166 do CLG, os editores acrescentam uma nota explicando que a fala, em sua individualidade, não tem valor para a língua, mas apenas em sua repetição frequente na sociedade.

---

[353] Página 138 desta tese.

[354] O único momento em que a língua e a fala são separadas sumariamente refere-se à possibilidade de existência da língua no cérebro humano, independente se o indivíduo está falando ou não. Argumentando tanto com a existência de línguas mortas (não atualizadas pela fala, mas passíveis de estudo por intermédio de documentos escritos), quanto com indivíduos que têm sua fala prejudicada, mas mantêm a língua intacta.

Seja em uma perspectiva mais ampla, revelada nos manuscritos, ou mais estrita, exposta no CLG, a fala é tomada imbricada com a língua, de modo que esta não é independente daquela; ficando explícito, no terceiro curso, essa importância mútua de língua e fala:

> Não há nada na língua que não entre <direta ou indiretamente> pela fala, isto é, pela soma das falas distintas, e reciprocamente, não há fala possível senão durante a elaboração do produto que se chama *a língua* e que fornece ao indivíduo os elementos com os quais ele pode compor sua fala. (CURSO III, 1910/1911, p. 304).[355]

A fala, portanto, revela a prática social da língua, enquanto conjunto de convenções adotadas pelo corpo de uma comunidade; ressaltando-se que essa importância da fala para a constituição da língua é retomada em diferentes momentos do terceiro curso, evidenciando que a separação língua/fala configura muito mais uma escolha metodológica do que um fato em si mesmo. Para diminuir a confusão causada pela dupla significação do termo *fala* (acústica e sistêmica), poder-se-ia abordar a perspectiva da fala sistêmica, ou da "língua falada", com o termo *discurso*, conforme é indicado nos manuscritos,

> Todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no **discurso**. [...] Toda inovação chega de improviso, ao falar, e penetra, daí, no tesouro íntimo do ouvinte ou no do orador, mas se produz, portanto, a propósito de uma linguagem discursiva. (ELG, 2004, p. 86-87, *grifo nosso*).

A linguagem discursiva, portanto, expõe na fala o sistema da língua, a partir da retomada do "tesouro íntimo". Mas esse tesouro, ou acervo mental, remete-se necessariamente a uma língua específica, o que revela a dupla significação existente também no termo *língua*: a língua enquanto idioma, particular a uma comunidade, e a língua enquanto sistema semiológico, cujas propriedades gerais valem para todos os idiomas.

Saussure defende que é necessário partir de estudos de línguas (idiomas particulares) para se alcançar a *língua*, que corresponde "ao que o linguista souber tirar de suas observações sobre o conjunto das línguas, através do tempo e através do espaço." (ELG, 2004, p. 265). No *Lexique de la terminologie saussurienne,* Engler segmenta o termo *língua* em duas entradas distintas, separando a noção de "idioma"

[355] Citado na página 147.

da noção de “instrumento semiológico da linguagem”. Considerando a multiplicidade de passagens relacionadas a essa segunda acepção de língua nas notas tanto dos alunos quanto do professor, e a necessária ambientação contextual de cada uma, Engler retoma sumariamente algumas categorias[356]:

> a) a língua considerada como abstração das → línguas; b) como parte essencial da linguagem; c) como segregação da fala; d) como fato individual; e) como fato social; f) como produto do tempo; g) como produto semiológico; h) como combinação → pensamento-som. (ENGLER, 1968, p. 31, TN).[357]

O conjunto dessas categorias englobadas evidencia o caráter heterogênio da concepção de *língua*, caráter declarado explicitamente no segundo curso, quando assevera que “a língua não é um objeto fácil” e que é “composta de fatos heterogêneos que formam um conjunto inclassificável.” Contudo, a definição de língua no terceiro curso aparece como algo homogêneo, fato que justifica sua repetição no CLG.

Ao observar a apresentação de língua no decorrer dos três cursos, pode-se inferir que o professor parte de definições mais amplas e complexas, evidenciando a imbricação entre língua e linguagem, e termina com definições mais estreitas e pontuais. Corroborando essa hipótese, já no primeiro curso, é questionada “uma suposta homogeneidade das línguas”, e a homogeneidade definida no terceiro curso nada tem a ver com a do primeiro, diz respeito unicamente ao aspecto psíquico dos componentes da língua, isto é, a língua é homogênea, pois todas as suas partes são psíquicas.

Ponto menos problemático, indiscutivelmente, a língua aparece como um fato social, uma instituição ímpar e um sistema de signos nos três cursos. A existência da língua está condicionada à sociedade, fato corroborado também pela perspectiva da língua enquanto um produto semiológico, isso porque “em nenhum momento, contrariamente à aparência, o fenômeno semiológico, qualquer que ele seja, deixa fora de si mesmo o elemento da coletividade social: a coletividade social, com suas leis, é um de seus elementos *internos* e não *externos*” (ELG, 2004, p. 249).

---

[356] No decorrer dos três cursos é possível encontrar todas essas delimitações, motivo pelo qual não nos ateremos aqui a nenhuma delas.

[357] α) la langue considéré comme abstraction des → langues, β) comme partie essentielle du langage, γ) comme sécrétion de la parole, δ) comme fait individuel, ε) comme fait social, ζ) comme produit du temps, η) comme produit sémiologique, ϑ) comme combinaison → pensée-son.

Enquanto produto semiológico, supõe-se um conjunto de signos cuja definição de valores é feita no e pelo sistema, nas relações próprias de uso, concepções discutidas na subsecção seguinte.

7.2 – Signo / Valor

Dentre as dicotomias muito conhecidas e já bastante discutidas de Saussure, figura entre as mais relevantes a relação significante/significado, cujas duas partes psíquicas compõem o signo linguístico. Tamanha clareza terminológica aparece somente no terceiro curso, contudo, no primeiro o professor já discursa sobre a indiferença da materialidade dos signos (uma vez que o signo pode materializar-se na dimensão sonora ou gráfica), indiciando seu caráter psíquico.

Enquanto no primeiro curso a definição de signo não é muito clara, sendo inicialmente opostos os signos escritos dos falados, no segundo curso fica mais claramente exposto que a língua é um sistema de signos e, portanto, circunscreve-se dentro dos estudos semiológicos. Ainda comparando a língua escrita com a língua falada, no segundo curso, Saussure aponta algumas características dos signos linguísticos, como a arbitrariedade e a negatividade (na qual o valor de um signo é definido por seus aspectos negativos e diferenciais em relações aos outros signos do sistema) as quais corroboram os caracteres sistêmico, convencional e social da língua.

No *Léxico da terminologia saussuriana* (1968, p. 45), Engler assinala três entradas distintas para o termo signo: (1) enquanto "entidade material à qual nós associamos um sentido", (2) tomado como sinônimo da imagem acústica – "a ligação do signo ao pensamento é precisamente o que é o signo." (CURSO II, p. 12) – e, por fim (3) como "associação arbitrária de um significante e de um significado no interior de um sistema" (ENGLER, 1968, p. 45, TN)[358]. Essa organização aponta, em certa medida, à progressão do uso terminológico presente nos registros tanto dos alunos quanto do professor.

Antes de dar continuidade às características do signo linguístico e sua relação com o valor, cabe retomar brevemente a recorrente separação entre fala e escrita e

[358] (1) 'Entité matérielle à laquelle nous associons un sens', (2) image acoustique, = signifiant, 'ce rapport du signe à la pensée est précisement ce qu'est le signe, (3) 'association arbitraire d'un signifiant et d'un signifié à l'intérieure d'un système'.

as ressalvas que o professor faz em relação às interferências da segunda na primeira. Em acréscimo ao que já fora descrito nos capítulos anteriores, importa refletir sobre a seguinte pergunta, baseada desde as discussões da 2ª conferência na Universidade de Genebra: até que ponto a língua escrita (como subproduto) possui poder transformador sobre a língua?

Conforme discutido no primeiro curso e assinalado no CLG (1973, p. 34), a escrita não interfere na manutenção de uma língua, assim como sua ausência não aumenta as transformações que a língua sofre com o tempo. Todavia, numa perspectiva diacrônica, a escrita pode interferir no "curso natural da língua", ou seja, a escrita pode exercer uma força contrária às transformações fonéticas de modo a criar manutenções ou mudanças artificiais na língua.

O CLG, numa retomada ao primeiro curso, destaca que "o que fixa a pronúncia de uma palavra não é sua ortografia, mas sua história. Sua forma, num dado momento, representa um momento de evolução que ela se vê forçada a seguir e que é regulada por leis precisas" (CLG, 1973, p. 40-41). Consoante ao que Saussure defende nos três cursos, toda transformação na língua nasce em seu uso – oral e momentâneo – repetido pela comunidade de fala, assim, as nuances de pronúncia e as pequenas variações cotidianas operam vagarosamente sobre as transformações fonéticas e, posteriormente, sobre a língua.

De acordo com as colocações saussurianas, a escrita possui certo poder de impedir ou de modificar as transformações que ocorreriam por questões fonéticas. Numa abordagem mais geral dos manuscritos dos alunos e do professor, pode-se concluir que a fala e a escrita representam duas maneiras distintas de materialização do signo, consequentemente, dois domínios diferentes; todavia, em diversas passagens é manifesta a maior relevância da fala para a linguística e direcionado a ela o enfoque sobre os fenômenos de manutenção e de transformação. A escrita aparece com uma influência fraudadora da realidade, o que representaria uma manipulação artificial da língua.

A artificialidade de alguns fenômenos de permanência ou de mudança é atribuída à tirania da escrita, cujas características mais tangíveis (visual, permanente, literária) causaria nos falantes uma inversão de importância, dando à escrita caráter validador sobre a fala. Isso é observável ao se considerar as transformações fonéticas que não são acompanhadas pela escrita, com isso, no decorrer do tempo, a representação gráfica da língua falada vai tornando-se cada

vez mais abstrata (até mesmo arbitrária). Neste jogo de forças, “outro resultado é que quanto menos a escritura representa o que deve representar, tanto mais se reforça a tendência de tomá-la por base; os gramáticos se obstinam em chamar a atenção para a forma escrita.” (CLG, 1973, p. 40). A própria terminologia da palavra “pronúncia” prevê a “forma oral de uma palavra” (Houaiss eletrônico, 2009, acepção 3), passando falsamente a noção de que a escrita seria anterior à fala.

Apesar de ser incontestável a interferência da escrita sobre a língua, o poder transformador da escrita não parece ser tão representativo quanto temia Saussure e outros linguistas[359], de modo que atualmente pode-se inferir que até mesmo a artificialidade da escrita compõe a natureza própria e atual das transformações linguísticas, desde que sejam evidenciados e separados os fenômenos de origem fonética daqueles de origem escrita.

Nesta perspectiva, a fala e a escrita representam apenas a manifestação física do signo linguístico, que é completamente psíquico, destacando-se que, embora significante e significado sejam psíquicos, não se pode concluir que o signo linguístico seja uma abstração, uma vez que a imaterialidade do signo não implica sua inexistência, antes, o signo é real e tangível na mente do falante. Para o linguista, fica em aberto ainda se essa relação psíquica será trabalhada no indivíduo ou na massa social, pois de uma forma ou de outra, os domínios ainda ficam incompletos.

Saussure questiona e afirma o lugar do signo: “onde está ‘O SIGNO’ na realidade das coisas? Ele está dentro da nossa cabeça e sua natureza (material ou imaterial, pouco importa) é COMPLEXA” (ELG, 2004, p. 117), essa realidade retomada pelo autor aparece como afirmação da existência evidente dos signos, independente de sua materialidade. Cabe destacar que, para ele, o objeto exterior ao signo não é ignorado nem alcançado, mas a realidade tátil exterior à língua diz respeito a outro domínio fora da linguística e, por isso, não é abordado. O referente não é inexistente, mas por ser de outra ordem, não compõe as discussões da língua, de forma que palavras e coisas (ações, sentimentos) não se relacionam diretamente, dado que a língua não é um sistema de nomenclatura.

[359] “Darmesteter prevê o dia em que se pronunciarão até mesmo as duas letras finais de *vingt* verdadeira monstruosidade ortográfica.” (CLG, 1973, p. 41 – consoante aos cadernos de Degalier, Mme Sechehaye, Joseph e Constantin).

Partindo primordialmente dessa natureza psíquica do signo, Saussure destaca dois princípios fundamentais do signo: arbitrariedade e linearidade. No terceiro curso, inicialmente, são elencados esses dois princípios em um mesmo nível, em seguida, o professor destaca que a arbitrariedade abrange todo o signo e a linearidade diz respeito ao significante.

Ao destacar a natureza linear do significante, a organização textual apresenta uma complicação de interpretação: "o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que se toma no tempo: a) *representa uma extensão,* e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão:* é uma linha." (CLG, 1973, p. 84). Retirado assim do contexto de explicações, a interpretação de que o significante é acústico se sobrepõe ao fato de ele ser psíquico. Com efeito, nesse fragmento os editores são fiéis às notas dos alunos, nas quais também ocorre essa redação, de modo que, para se ter uma compreensão plena do caráter psíquico proposto por Saussure, é preciso considerar as demais construções oferecidas pelo autor, e retomar os cadernos de Degallier, Madame Sechehaye, Joseph e Constantin (curso III) nos quais encontra-se, antes da colocação supracitada no CLG, a delimitação do domínio psíquico (que não aparece no CLG): "*segundo princípio primário: o signo linguístico, a* ***imagem*** *servindo ao signo, possui uma extensão, e essa extensão se desenvolve em uma só dimensão.*" (caderno de Dégalier, CLG/E, 1989, p. 157 [1165], TN)[360]. Portanto, a natureza acústica está no interior da imagem psíquica.

O primeiro princípio, da arbitrariedade do signo, sustenta a perspectiva da língua enquanto um sistema de signos, isso ocorre devido às significações não estarem pautadas em nenhuma base preexistente, senão nas relações coletivas e convencionais estabelecidas pela e na sociedade. Conforme amplamente conhecido por meio do CLG, "o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.*" (CLG, 1973, p. 81).

De acordo com as discussões propostas pelo professor, apresentadas nos capítulos anteriores, a noção de arbitrariedade não implica uma livre escolha entre os falantes, mas evidencia o caráter puramente convencional dos signos. Dentro do

[360] *Deuxième principe primaire : Le signe linguistique, l'image servant au signe, possède une étendue, et cette étendue se dérouke dans une seule dimension.*

subitem proposto, são discutidas as perspectivas de motivação e imotivação do signo discursadas no terceiro curso e retomadas pelo CLG. Os casos de composição e derivação são trabalhados dentro de uma arbitrariedade relativa (com certa motivação), em distinção da arbitrariedade absoluta dos outros casos (imotivados). Cabe destacar a segmentação que o CLG faz na abordagem desse princípio, de modo que o capítulo I da primeira parte versa sobre a arbitrariedade e somente o capítulo VI da segunda parte desdobra os casos de arbitrariedade absoluta e relativa.

O caráter arbitrário do signo também é responsável por dois fenômenos paradoxais da língua: a mutabilidade e a imutabilidade do signo. Essas noções figuraram no discurso saussuriano já na primeira conferência na Universidade de Genebra, a partir dos princípios de continuidade e de divergência. A mesma arbitrariedade que permite a mutabilidade do signo – uma vez que não há razões lógicas que impeçam a mudança – é responsável pelo seu aspecto imutável – uma vez que não há razões lógicas que justifiquem qualquer mudança. Tal princípio permite, dessa forma, a ação tempo-espaço-sociedade sobre a língua, resultando em mudanças, mas impede que um indivíduo ou um pequeno grupo modifique o sistema por escolhas pessoais.

A partir disso, a língua possui sobre si duas forças que agem de modo conjunto: uma de continuidade, centrípeta à unidade do que já existe – imutabilidade –, e outra centrífuga que opera por meio de transformações no tempo e no espaço. Pelo fato de a língua ser um sistema complexo, há elementos e combinações que receberão mais ou menos de uma dessas forças, resultando na realidade linguística de uso em um dado momento, de modo que não é possível prever em quais pontos uma língua mudará ou quais aspectos continuarão intactos, apenas observar no passado as divergências e as continuidades.

Em síntese, a construção da noção de signo passou pela delimitação da palavra e alguns de seus constituintes mórficos (curso I), progrediu para o aspecto acústico de realização de um significado (curso II) e culminou com a delimitação psíquica da relação (cursos II e III) entre um significante (imagético) e um significado (conceitual). Acrescenta-se, à noção de signo, a discussão sobre seu valor determinado no seio do sistema – valor: “significação, função ou sentido de um elemento do sistema, tais que resultam do jogo das posições recíprocas” (ENGLER,

1968, p. 52, TN)[361]. Pelo viés de seu valor, o signo não é visto enquanto unidade independente, mas relacionado aos demais elementos do sistema, conforme sistematiza Engler (1968), a concepção de valor possui três características fundamentais: (1) dualidade, (2) arbitrariedade e (3) integração em um sistema.

No curso I, o valor é citado superficialmente, como componente na delimitação de sentido. Fala-se de um valor significativo. Ao fim do curso, tratando sobre os processos de reconstrução estabelecidos pelos linguistas, a perspectiva sistêmica de valor é tomada, mas não desenvolvida. Os valores – a partir das reconstruções – são estabelecidos dentro de sua negatividade e sendo primordialmente opositivos. O não ser é tão, ou mais, significativo quanto o ser.

No segundo curso, a concepção de valor também é trabalhada a partir da negatividade e da oposição. A partir da concepção de um sistema de valores, cada valor é coletivo e tomado em oposição aos demais. Assim, "a coletividade é criadora do valor que não existe nem antes nem fora dela." (CURSO II, 1908/1909, p. 118, TN)[362]. No terceiro curso repetem-se as concepções destrinchadas no segundo, acrescentando-lhe o caráter convencional. Consequentemente, a noção de valor evoca a concepção de sistema, uma vez que são as convenções sistêmicas que viabilizam as determinações de valores, conforme se observa nos manuscritos saussurianos,

> Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes* e *fora* dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos. (ELG, 2004, p. 250).

No CLG, o valor é apresentado inicialmente com a metáfora da língua enquanto um jogo de xadrez: é o sistema interno de regras do jogo que define o valor de cada peça em cada lance do jogo. Bouquet (2000, p. 254 - 272) detalha a amplitude da concepção de valor considerado em três perspectivas: (1) valor *in absentia*: interno; (2) valor *in absentia*: sistêmico; e (3) valor *in praesentia*. Essas abordagens contemplam o valor dentro da coordenação sintagmática e da associativa, considerando os significados convencionais, seguidos de sua relação

[361] Signification, fonction ou sens d'um élément se système, tels qu'ils résultent du jeu des positions réciproques.
[362] La collectivité est dréatrice de la valeur qui n'existe pas avant et en dehors d'elle.

com os demais valores do sistema e sua relação com os demais termos em cada sintagma de uso. Conforme encontrado nas notas de Saussure,

> *Valor* é, eminentemente, sinônimo, a cada instante, de termo situado em um sistema de termos similares, do mesmo modo que é, eminentemente, sinônimo, a cada instante, de coisa cambiável. [ ] Considerar a coisa cambiável por um lado e, por outro, os termos co-sistemáticos, não revela nenhum parentesco. É próprio do *valor* relacionar essas duas coisas. Ele as relaciona de um modo que chega a desesperar os espíritos pela impossibilidade de se investigar se essas duas faces do valor diferem por ele ou em quê. A única coisa indiscutível é que o valor existente nesses dois eixos é determinado segundo esses dois eixos concomitantemente: [sintagmático e paradigmático]. (ELG, 2004, p. 289).

Portanto, os valores são determinados tanto pela relação *in absentia* com os demais termos do sistema (principalmente quanto à sua negatividade[363]) quanto *in praesentia* com os termos presentes em cada sintagma. O aspecto cambiável de cada valor considera seus fatores positivos, mas destaca-se primordialmente no que lhe é negativo, sobre as propriedades que cada signo não aborda. Efetivamente, essa organização e essa delimitação de valores só ocorrem no interior de um sistema, sendo este utilizado por uma comunidade falante e atualizado a todo o momento, por isso, não se pode pensar um sistema linguístico sem considerar os sujeitos que se apropriam dele em um uso constante, situados na secção seguinte.

7.3 – Sujeito Falante

A noção de sujeito falante não é desenvolvida nas aulas dos três cursos de linguística geral enquanto um conceito linguístico a ser determinado, antes, é tomada como um conhecimento partilhado, sem os habituais questionamentos terminológicos do professor. Engler, no *Lexique de la terminologie saussurienne* (1968), aponta uma pequena entrada:

> **Sujeito falante**: o indivíduo servindo-se da língua. 'A língua não existe como entidade, mas somente os sujeitos falantes' 98 ('O conjunto de sujeitos falantes' 1600) formam a *massa falante*: 'para que haja língua, é preciso uma massa falante servindo-se da língua. A língua, para nós, reside na alma coletiva' 1285. – *subjetiva* → análise. → fato. (ENGLER, 1968, p. 49, TN).[364]

[363] Conforme Silveira (2009) expõe, historicamente partir da negatividade do signo era a possibilidade mais tangível para se analisar o indo-europeu nas pesquisas iniciais de Saussure.

[364] **Sujet parlant :** l'individu se servant de la langue. 'La langue n'existe pas comme entité, mais seulement des sujets parlants' 98 (L'ensembre des sujets parlants' 1600) formant la *masse parlante :*

Dentro da noção de sujeito falante há uma relação de reciprocidade: o indivíduo serve-se da língua, cuja existência reside na "alma coletiva". Em termos simples, é uma implicação cíclica, na qual um indivíduo só por ser tomado como "falante" se ele falar uma língua, mas a língua só tem existência se for falada pelos sujeitos de uma comunidade[365]. Desse modo, na perspectiva abordada pelo professor, para sujeito falante cabe somente a noção do indivíduo no uso imediato e social da língua e sua representação pela coletividade; a língua, por sua vez, alcança plenitude institucional pelo desempenho do falante.

No que tange à presença dessa noção nos cadernos dos alunos, já no primeiro curso, Saussure associa a linguística estática com a língua de "uso instintivo dos falantes"; posteriormente, ao abordar as transformações analógicas, evidencia a "criação interativa dos falantes", que é viabilizada a partir de processos classificatórios subconscientes por meio dos quais, por análise involuntária, os falantes associam formas e subunidades significativas, (re) combinando-as e/ou substituindo-as.

O fato de os falantes desconhecerem a história da língua que utilizam, suas relações etimológicas e sua transformação no decorrer do tempo é fator primordial para a separação das linguísticas sincrônica e diacrônica. Tal evidência aponta para a necessidade de o linguista relacionar a análise sistêmica dos fenômenos "à percepção e ao uso dos sujeitos falantes", destacando-se dois tipos de análise distintos, o objetivo (do gramaticista, do historiador) e o subjetivo (dos sujeitos falantes); como citado no capítulo 3:

> <Até o momento> nós não nos ocupamos das *análises dos gramaticistas* e nós não buscamos senão o que é vivo na consciência dos sujeitos falantes. É um perigo em linguística misturar as decomposições feitas de diferentes pontos de vista com aquelas feitas pela língua; mas é bom fazê-las em paralelo <e confrontar os procedimentos do gramaticista para decompor as palavras em suas unidades com o proceder dos sujeitos falantes>. (CURSO I, 1907, p. 111, TN)[366].

'pourqu'il y ait langue, il faut une masse parlante se servant de la langue. La langue pour nous réside dans l'âme collective' 1285. – *subjective* → analyse. → fait.

[365] As chamadas línguas mortas (termo repudiado por Saussure) representam apenas o registro escrito de uma língua que se transformou no tempo e no espaço (latim → italiano, francês, português, espanhol).

[366] <Jusqu'à présent> nous ne nous sommes pas occupés des *analyses des grammairiens* et nous n'avons recherché que ce qui est vivant dans la conscience des sujets parlants. C'est un danger en linguistique de mêler les décompositions faites à différents points de vue avec celles faites par la

Distingue-se assim, a análise objetiva da análise subjetiva, com importante destaque à última. Tal temática é abordada nos apêndices da terceira e quarta partes do CLG, sobre a qual se assevera que

> Não existe medida comum entre a análise dos falantes e a do historiador [...]. Uma e outra estão justificadas, e cada qual conserva seu valor próprio; em última instância, porém, a dos falantes é a única que importa, pois está fundada diretamente nos fatos da língua. (CLG, 1973, p. 213).

Nesse sentido, os fatos da língua são subordinados ao uso da comunidade de falantes que, por sua vez, legitimam a concepção cambiável de valor cuja determinação ocorre a partir de sua herança histórica, combinada às relações *in absentia* e *in praesentia* – de associação e de combinação – com os demais termos ou valores do sistema.

Numa organização terminológica, os falantes possuem a faculdade da linguagem que é manifesta na fala por intermédio do uso sistêmico da língua, o que, na prática, revela a relação íntima e imbricada – na sociedade – entre fala, língua e sujeito. O aspecto comunicativo da língua, no qual o indivíduo ocupa lugar de interlocução, é encontrado no segundo curso, ao afirmar que "<a língua é feita para comunicar com seus semelhantes.> Enfim, não é senão pela vida social que a língua recebe sua consagração" (CURSO II, 1908/1909, p. 01, TN)[367], o que converge para a principal premissa de que "a língua é um fato social".

Nos segundo e terceiro cursos é retomada a importância dos sujeitos falantes nas transformações analógicas e na compreensão da linguística sincrônica. A presença desses sujeitos apresenta-se num misto individual e coletivo, pois se por um lado a base sistêmica só se confirma no uso da coletividade, por outro, toda transformação manifesta-se primeiro na boca de um indivíduo. O uso da língua pelos sujeitos é a base da ordem sincrônica, que

> [...] tem por padrão a perspectiva dos sujeitos falantes, e <não há outro método> senão o de se perguntar qual é a impressão dos sujeitos falantes. Para saber em que medida uma coisa é, será preciso procurar em que medida ela é na consciência dos sujeitos falantes, [em que medida] ela

---

langue ; mais il est bon d'en faire le parallèle <et de confronter le procédé du grammairien pour décomposer les mots dans ses unités avec le procédé des sujets parlants>.

[367] <la langue est faite pour communiquer avec ses semblables.> Enfin ce n'est que par la vie sociale que la langue reçoit sa consécration.

> significa. <Por isso, há uma só perspectiva, método: observar o que é sentido pelos sujeitos falantes.> (CURSO II, 1908/1909, p. 49, TN)[368].

Na perspectiva sincrônica, os sujeitos falantes são referência para a aferição dos fenômenos de uso, de manutenção e de transformação na língua, o que pressupõe que eles, ao externar sua faculdade da linguagem, dão à língua o efetivo estatuto de "fato social" em sua manifestação mais dinâmica. Essa abordagem dos sujeitos falantes para a linguística sincrônica também é assinalada no CLG, no qual, discutindo sobre a superioridade da sincronia sobre a diacronia, é argumentado que "o aspecto sincrônico prevalece sobre o outro, pois, para a massa falante, ele constitui a verdadeira e única realidade." (CLG, 1974, p. 106). Desse modo, a perspectiva dos sujeitos falantes é fator preponderante para a determinação dos fatos linguísticos a serem investigados. Consoante aos cadernos dos alunos, no CLG postula-se que

> A sincronia conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas. (CLG, 1974, p. 106).

Destarte, baseado na relação intrínseca entre língua e sociedade – "para que haja língua, é preciso uma massa falante servindo-se da língua. A língua para nós reside de imediato na alma coletiva" (CURSO III, 1910/1911, p. 314, TN)[369] – o sujeito falante é representado de duas maneiras nas discussões saussurianas: (1) enquanto indivíduo que exerce sua faculdade de linguagem com propósitos comunicativos e (2) enquanto integrante de uma comunidade falante, cujos significados emergem da fala considerada na coletividade.

Nos manuscritos de Saussure, além do sujeito na coletividade, encontra-se evidente o sujeito individualizado no momento da fala: "todas as modificações, sejam fonéticas, sejam gramaticais (analógicas), se fazem exclusivamente no discurso. Não há nenhum momento em que o sujeito submeta a uma revisão o tesouro mental

---

[368] [...] a pour étalon la perspective des sujets parlants, et il n'y a <pas d'autre méthode> que de se demander quelle est l'impression des sujets parlants. Pour savoir dnas quelle mesure une chose est, il faudra rechercher dans quelle mesure elle est dans la conscience des sujets parlants, [dans quelle mesure] elle signifie. <Donc, une seule perspective, néthode : observer ce qui est ressenti par les sujets parlants.>

[369] Pour qu'il y ait langue, il faut une masse parlante se servant de la langue. La langue pour nous résidait d'emblée dans l'âme collective.

da língua que ele tem em si" (ELG, 2004, p. 86-87). Posto isso, é importante ressaltar que os cadernos de Dégalier e Joseph (CLG/E, 1989, p. 39 / ref. 217) evidenciam que a língua considerada na individualidade representa um caso embrionário do fator social da língua enquanto sistema.

No CLG, as referências às questões dos sujeitos falantes são menos frequentes que nos manuscritos de Saussure, uma vez que nos manuscritos são encontradas repetidas vezes a necessidade de ratificação de fenômenos linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos) no uso ou "na alma" dos sujeitos falantes[370]. Todavia, observa-se uma convergência entre o CLG e cadernos dos alunos, uma vez que a escolha dos editores evidencia a retomada do aspecto social da língua como base, mostrando uma interpretação plausível dos postulados saussurianos que, repetidamente, destacavam a supremacia da língua enquanto fato social. No prefácio à edição de 1916, os discípulos de Saussure justificam a ausência do aspecto da fala, dado que tal não pôde ter sido desenvolvido com o enfoque desejado pelo professor:

> A ausência de uma "Linguística da fala" é mais sensível. Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes; sabe-se muito bem por que tal promessa não pôde ser cumprida. Limitamo-nos a recolher e a situar em seu lugar natural as indicações fugitivas desse programa apenas esboçado; não poderíamos ir mais longe. (BALLY; SECHEHAYE, 1973, p. 04)

Em face do material disponível a Bally e Sechehaye, tal escolha não é completamente arbitrária, tampouco incoerente. Os editores não foram ouvintes dos cursos, nem tiveram acesso aos manuscritos mais contundentes no que tange às noções de sujeito e discurso, fatos que os impediram de "irem mais longe" na linguística da fala. As leituras e as interpretações do CLG deixaram escapar, muitas vezes, as "indicações fugitivas" que ficaram presentes na edição referentes à importância dos sujeitos e da fala. Regard salientou o principal problema gerado pela interpretação viabilizada no CLG

> O ponto fraco do trabalho, em geral excelente, que publicaram os senhores Bally e Sechehaye é deixar crer que Saussure separou a mudança linguística das condições exteriores das quais ela depende... Mas o autor do presente prefácio mais de uma vez ouviu Saussure explicar, por intermédio

[370] Por intermédio do índice remissivo dos *Escritos de linguística geral* encontra-se facilmente esse condicionamento da determinação dos fenômenos da língua aos sujeitos falantes (entrada: sujeito).

> de condições exteriores, não somente as mudanças linguísticas, mas a conservação de certos traços. (Regard, *apud* DE MAURO, 1967, p.347, TN).[371]

A partir dos manuscritos de Saussure, é possível verificar o autor preocupado com a natureza do trabalho executado pelo sujeito falante – "pelas condições exteriores"; contudo, a impressão que ficou e se propagou do CLG (no geral) é que a preocupação fundamental era o sistema isoladamente. Como visto, para Saussure, a língua sistêmica aparece vinculada ao sujeito falante, cabendo destacar o que Nóbrega (2008) afirma, ao questionar a viabilidade da relação sujeito e sistema em Saussure:

> Para a linguística da língua, o sujeito é um ponto de referência irrecusável, mas não um ponto de partida, pois sem ele nem as relações sincrônicas de um sistema linguístico nem os fenômenos diacrônicos que as modificam poderiam ser adequadamente descritos. (NÓBREGA, 2008, não paginado).

Portanto, apesar de não ser um ponto de partida, em momento algum o sujeito falante foi anulado ou desprezado nas aulas de linguística geral, mas sua importância foi colocada como premissa da linguística sincrônica, e, talvez por não ter sido estipulado no âmbito terminológico, acabou ficando esquecido nos desdobramentos pós-saussurianos.

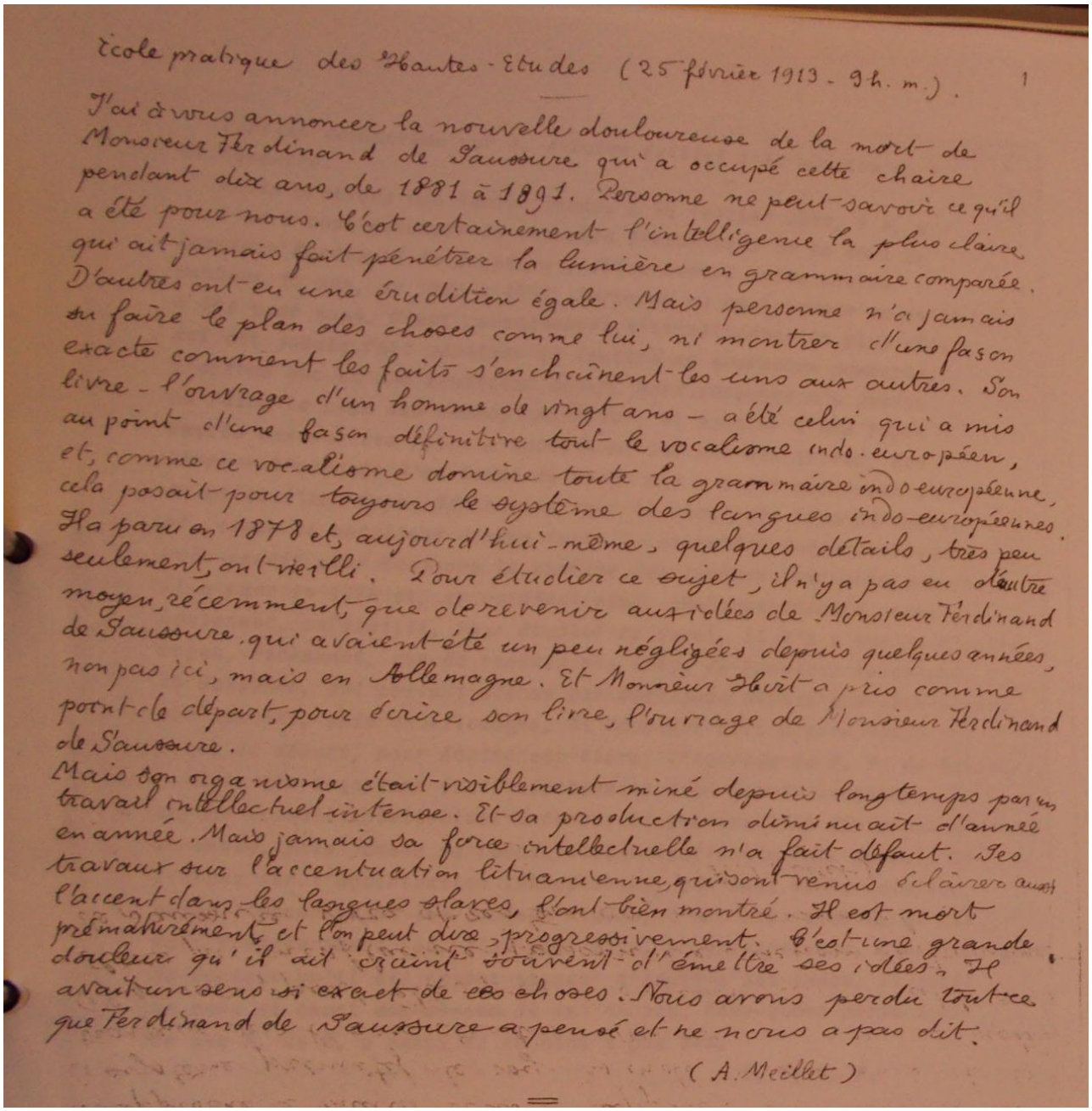
Neste capítulo, a partir do material descrito nos capítulos anteriores, em cotejo com o CLG e os manuscritos de Saussure, discutiram-se as dualidades língua-fala e signo-valor; e destacou-se que esses conceitos perpassam, necessariamente, pela compreensão do papel dos sujeitos falantes na linguística sincrônica.

Certamente não se esgotaram as possibilidades reflexivas sobre esses conceitos, já tantas vezes abordados na literatura específica, mas tais foram desdobrados com o objetivo de evidenciar a progressão terminológica nos cursos em cotejo com o CLG e os ELG.

Posto isso, no próximo e último capítulo, são expostas as considerações finais com ênfase à atualidade do retorno às ideias de Saussure, dada a acertada previsão

[371] Le point faible de l'ouvrage, en général excellent, qu'ont publié MM. Bally et Sechehaye, est de laisser croire que F. d. S. a séparé le changement linguistique des conditions extérieures dont il dépend... Mais l'auter de la présente préface a plus d'une fois entendu F. d. S. expliquer par des conditions extérieures non seulement les changements linguistiques, mais la conservation de certains traites.

de Meillet: *“o nome de Ferdinand de Saussure viverá e permanecerá como um modelo”*.



École pratique des Hautes-Études (25 février 1913 - 9 h. m.). 1

J'ai à vous annoncer la nouvelle douloureuse de la mort de Monsieur Ferdinand de Saussure qui a occupé cette chaire pendant dix ans, de 1881 à 1891. Personne ne peut savoir ce qu'il a été pour nous. C'est certainement l'intelligence la plus claire qui ait jamais fait pénétrer la lumière en grammaire comparée. D'autres ont eu une érudition égale. Mais personne n'a jamais su faire le plan des choses comme lui, ni montrer d'une façon exacte comment les faits s'enchaînent les uns aux autres. Son livre - l'ouvrage d'un homme de vingt ans - a été celui qui a mis au point d'une façon définitive tout le vocalisme indo-européen, et, comme ce vocalisme domine toute la grammaire indo-européenne, cela posait pour toujours le système des langues indo-européennes. Il a paru en 1878 et, aujourd'hui même, quelques détails, très peu seulement, ont vieilli. Pour étudier ce sujet, il n'y a pas eu d'autre moyen, récemment, que de revenir aux idées de Monsieur Ferdinand de Saussure, qui avaient été un peu négligées depuis quelques années, non pas ici, mais en Allemagne. Et Monsieur Sievers a pris comme point de départ, pour écrire son livre, l'ouvrage de Monsieur Ferdinand de Saussure.

Mais son organisme était visiblement miné depuis longtemps par un travail intellectuel intense. Et sa production diminuait d'année en année. Mais jamais sa force intellectuelle n'a fait défaut. Ses travaux sur l'accentuation lituanienne, qui sont venus éclairer aussi l'accent dans les langues slaves, l'ont bien montré. Il est mort prématurément, et l'on peut dire, progressivement. C'est une grande douleur qu'il ait craint souvent d'émettre ses idées. Il avait un sens si exact de ces choses. Nous avons perdu tout ce que Ferdinand de Saussure a pensé et ne nous a pas dit.

(A. Meillet)

Antoine Meillet

8. EPÍLOGO: RETORNO AOS ESTUDOS SAUSSURIANOS

> *Nós perdemos tudo o que Ferdinand de Saussure pensou e não nos disse. (Antoine Meillet, TN).*[372]

Cem anos após sua morte, o nome de Ferdinand de Saussure é referência nos estudos de linguística moderna e na influência sobre a organização sistêmica estruturalista de outras correntes de estudo (como a psicanálise e a sociologia, por exemplo). O CLG foi responsável pela propagação das ideias saussurianas explanadas nos três cursos de linguística geral e, até hoje, ora é aclamado e ora criticado por causa da maneira como foi editado.

Com o enfraquecimento dos estudos estruturalistas, em face às atuais correntes de análise direcionadas para questões discursivas e contextuais, talvez cause estranheza esse retorno às reflexões saussurianas, contudo, a evolução da análise linguística, de certa forma, viabiliza uma melhor compreensão das aulas vanguardistas de Saussure e seus desdobramentos para o atual estágio das pesquisas linguísticas no tocante à língua-fala e signo-valor.

A título de exemplificação, os artigos de Bouquet (1999), de Choi (1999) e de Cruz (2009) detalham esse retorno à Saussure destacando parte das publicações mais atuais. Em 2008 e em 2009 duas revistas brasileiras lhe dedicaram um número integral: *ReVel* e *Letras & Letras*. Na primeira, Teixeira e Haag asseveram que aquele "número de *ReVel* [edição especial, n° 2] vem, exatamente, testemunhar a vitalidade de um ensino que não cessa de produzir ressonâncias." (TEIXEIRA; HAAGK, 2008, p. 3). Na segunda, Silveira (2009) apresenta o número da revista dedicado exclusivamente à teoria do valor em Saussure. Em Genebra, os *Cahiers Ferdinand de Saussure* vêm sendo publicados pela editora Droz quase anualmente desde 1941, além dos polos de pesquisa nas Universidades de Paris, de Genebra e de Tókio (citando apenas os mais conhecidos).

Com o propósito de esclarecer os tipos de pesquisa[373] que têm sido feitos, é possível apontar as três principais vertentes: (1) o retorno ao CLG; (2) o retorno aos manuscritos; e (3) a busca de um "verdadeiro Saussure". Na primeira vertente,

---

[372] Nous avons perdu tout ce que Ferdinand de Saussure a pensé et ne nous a pas dit. (Final do comunicado à Escola de altos-estudos em Paris sobre a morte de Saussure, em 25 de fevereiro de 1913).

[373] Neste parágrafo optamos por citar apenas alguns nomes (e não as obras) de pesquisadores que já são conhecidos por suas pesquisas saussurianas e que foram referenciados em outros momentos nesta tese.

grosso modo, são dedicados novos olhares sobre o CLG, com o objetivo de desfazer antigos erros de leitura e compreender as escolhas dos editores (como destaca e propõe Normand). Na segunda, o enfoque recai sobre os manuscritos dos alunos e/ou do professor, com sua disponibilização editorial mais detalhada (como Chidichimo e Gambarara) ou mais geral (como Engler). A publicação desses manuscritos têm possibilitado novas leituras do CLG, desfazendo antigos mitos e viabilizando reflexões independentes voltadas apenas para o punho de Saussure. A última vertente (cujo principal representante é Bouquet) tem por base os manuscritos do professor e situa o CLG como uma obra apócrifa, cujos editores mascararam ou modificaram o "verdadeiro Saussure".

Esta tese coloca-se na segunda vertente, ao esquadrinhar os cadernos dos alunos, executa uma investigação filológica, cujo material final apresenta-se como o ponto de partida para outras pesquisas. O sexto capítulo oferece uma pequena amostra de uma análise que considera tanto os cadernos dos alunos, como o CLG e os manuscritos de Saussure, sem objetivar, com isso, validar ou invalidar qualquer dessas fontes.

O fato de não considerarmos as anotações de Saussure como verdades absolutas de seu pensamento justifica-se pelo fato de que o próprio autor questionava o teor de suas reflexões e por vezes mostrou-se insatisfeito com "as conclusões a que chegara". Em seus alfarrábios, poucos documentos são claramente destinados às aulas ou ao pretenso livro em linguística geral, de modo que não é possível identificar o que representa "seu pensamento" e o que são estruturações simplificadas para um público leigo. Já em 1894, ao falar de seus estudos em entonação báltica a Meillet, ele demonstra a dificuldade encontrada frente aos fatos da linguagem, à linguística enquanto teoria e seu objeto:

> Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, para escrever dez linhas quando se tem senso comum em matéria de fatos da linguagem. Preocupado sobretudo, há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação dos aspectos sob os quais os tratamos, vejo que cada vez mais, também, a imensidade do trabalho que seria necessário para mostrar ao linguista *o que ele faz*, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande insignificância de tudo o que se pode fazer, finalmente, em linguística. [...] Sem cessar, a absoluta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral vem estragar o meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro do que não precisar ocupar-me da língua em

> geral.” (Saussure em carta a Meillet, 04.01.1894, citada em CFS 21, 1964, p. 95[374])

Nessa carta, o autor demonstra parte das inquietações que se revelam presentes em seus rascunhos e notas, tanto no que diz respeito às terminologias insatisfatórias, quanto na determinação da linguística enquanto ciência e seu respectivo objeto de estudo.

Posto isso, o principal objetivo dessa tese foi apresentar uma descrição de cada curso ministrado, tal objetivo se justifica pelo reduzido interesse sobre os estudos de cada curso individualmente, e pela inexistência de semelhante feito em português, de maneira que a apresentação resumida de cada curso serve de ponto de partida para futuras pesquisas. Obviamente, uma descrição resumida jamais substitui os originais, assim como um mapa geográfico não substitui um território real, todavia, o resumo, aqui proposto, busca oferecer uma visão geral útil para o direcionamento de outras investigações.

Como objetivo secundário, analisamos a evolução dos cursos e discutimos os conceitos de língua, de fala, de signo e de valor, acrescidos do lugar do sujeito falante na perspectiva saussuriana. Importa salientar, uma vez mais, que em momento algum se procurou “um verdadeiro Saussure”, antes, a reconstrução desses conceitos visou a uma retomada da construção do conhecimento, principalmente ao que tange à sua apresentação e ao seu desenvolvimento no decorrer dos três cursos. A perspectiva a que nos propusemos possibilita evidenciar a dificuldade dos editores em sintetizar, em apenas um curso, noções que progrediram entre as turmas, em um intervalo de tempo de aproximadamente cinco anos.

Após a leitura e a análise dos cadernos de Riedlinger (curso I e II), Patois (Curso II) e Constantin (Curso III), ovacionamos o laborioso trabalho dos editores do CLG e concordamos com Cruz (2009, p. 123) que identifica o esforço de Bally e Sechehaye em evidenciar o que existia de novidade nas proposições saussurianas, de maneira que, “nesse sentido, podemos dizer que se tratou, de fato, menos de traição[375] do que excesso de fidelidade”. Com isso, não intentamos invalidar os aspectos criticáveis na edição do CLG, mas salientar que tais aspectos não

[374] Optamos por utilizar a tradução encontrada na versão brasileira de Benveniste (1995, p. 40).
[375] Termo utilizado por Bouquet.

diminuem a força e a importância dessa obra. Consoante a essa visão do CLG, Milani afirma que

> Muitos são os questionamentos quanto à fidelidade ou à precisão do CLG aos pensamentos de Saussure. A obra CLG é especial porque revelou o pensamento sobre pesquisa e metodologia, língua e linguagem, exercitado por Saussure. A fidelidade enunciativa a esse pensamento certamente ficará desconhecida. Duas ideias precisam ficar destas últimas reflexões: primeira, ninguém que vier a ler os manuscritos existentes em Genebra vai encontrar distanciamento entre os textos ali arquivados e o CLG e, segunda, o CLG é um fato e não há como desconstruir sua contribuição à ciência. (MILANI, 2009, p. 68).

Com efeito, a contribuição do CLG à ciência é inquestionável e acredita-se que os manuscritos ainda poderão contribuir um pouco mais em torno do nome de Saussure e da linguística como ciência da linguagem. Uma vez que "a fidelidade enunciativa" perdera-se com o tempo e toda tentativa de alcançá-la será sempre fruto de especulação inferida a partir dos registros escritos, finalizamos esta tese destacando a verdade cortante de Meillet ao concluir a comunicação da morte de Saussure: lamentamos o fato de que "*nós perdemos tudo o que Ferdinand de Saussure pensou e não nos disse".*

9. REFERÊNCIAS

AMACKER, René; FOREL, Claire-Antonella; FRYBA-REBER, Anne-Marguerite. Les *Cahiers Ferdinand de Saussure* des origines à nous jours. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **50**, p. 341-354, 1997.

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure** (2007). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert. Prefácio à primeira edição. (1915) **Curso de Linguística Geral.** (1916) 9. ed. Trad. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Cultrix, 1973.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I** (1966). Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. Saussure, médio siglo después. In. _____ et al. **Ferdinand Saussure**. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina editores S. A., 1971, p. 105 - 120.

BOUISSAC, Paul. **Saussure: um guia para perplexos**. (2010). Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BOUQUET, Simon. **Introdução à leitura de Saussure** (1997). Trad. Carlos. A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, Simon. Les deux paradigmes éditoriaux de la linguistique générale de Ferdinand de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **51**, p. 187-202, 1998 [1999a].

BOUQUET, Simon. **La linguistique générale de Ferdinand de Saussure :** textes et retour aus textes [en ligne] (1999b). Disponível em http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Linguist-gen.html. Consultado em 28 de outubro de 2012. (Texto não paginado)

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. Prefácio dos editores. **Escritos de Linguística Geral – ELG** (2002). Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOUQUET, Simon. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, jan/jun. 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra**, para uma linguística social (1975). Trad. Maria Elizabeth Leuba Salum. São Paulo: Cultrix, 1977.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure.** (1976) 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1980.

CHIDICHIMO, Alessandro; GAMBARARA, Daniele (texte établi pour). SAUSSURE, F. Trois chapitres de « L'essence double du langage ». **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **60**, p. 237-280, 2008.

CHIDICHIMO, Alessandro. Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **62**, p. 257-276, (2009) 2010a.

CHIDICHIMO, Alessandro. Saussure dans le journal de Genève (1857-1913). **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **62**, p. 305-312, (2009) 2010b.

CHOI, Yong-Ho. Le retour à Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **52**, p. 89-98, 1999.

CONSTANTIN, Émile. Le troisième cours. Text établi pour Claudia Mejía Quijano. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **58**, p. 83-292, 2005.

CRUZ, Márcio Alexandre. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. **Revista Alfa**. São Paulo, v. 53 (1), p. 107-126, 2009.

CUNHA, Antônio Geraldo da; assistentes: Cláudio Mello Sobrinho [et. Al.]. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CULLER, Jonathan. **As ideias de Saussure** (1976). Trad. Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.

DÉCIMO, Marc. Saussure à Paris **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **48**, p. 75-90, 1994-1995.

DE MAURO, Tullio. Notes biographiques et critiques/ Notes et comentaires. In: SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral: edição crítica**. Traduit de l'italien par Louis-Jean Calvet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1967.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MACELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. **Dicionário de Linguística**. Tradutores: Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. John Robert Schmitz, Dra. Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

ENGLER, Rudolf. **Lexique de la terminologie saussurienne.** Comité Internationall Permanet des Linguistes. Untrecht-Anvers, Spectrum Éditeurs, 1968.

ENGLER, Rudolf. **Curso de Linguística Geral: edição crítica** (1968). Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

ENGLER, Rudolf (texte établi pour). SAUSSURE, F. D'essence duble du langage (manuscripts). **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **50**, p. 202-205, 1997.

ENGLER, Rudolf. The making of the Cours de linguistique générale. IN: SANDERS, Carol (Org.). **Saussure.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 47-58.

FEHR, Johannes. **Saussure entre linguistique et sémiologie** (1997). Traduit de l'allemand par Pierre Caussat. Paris, Press Universitaires de France (PUF), 2000.

GADET, Pierre. **Saussure. Une science de la langue.** Paris, Press Universitaires de France (PUF), 1987.

GAUTIER, Léopold. Entretien avec M. de Saussure, 06 mai 1911. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **58**, p. 69-70, 2005.

GODEL, Robert. **Les sources manuscites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. Genève: Livrairie E. Droz, 1957.

GODEL, Robert. Cours de Linguistique Générale II – Introduction. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **15**, p. 3-5, 1957b.

KOMATSU, Eisuke (texte établi par). **Ferdinand de Saussure – Cours de linguistique générale**. Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin. Tokyo: Université Gakushuin, 1993.

KOMATSU, Eisuke (texte établi par). **Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909)** : d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois. Tokyo: Pergamon, 1997 (Language & Communication Library – vol 16).

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura**: alguns conceitos lingüísticos fundamentais (1972). 2 ed. Trad. Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópoles: Vozes, 1975.

MALISKA, Maurício Eugênio. Saussure e a voz. In: ***ReVel*.** Edição especial n. 2, 2008. [Texto não paginado]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_voz.pdf Acesso em 09 de abril de 2009.

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. **Análise discursiva da metáfora**: revisitando o estruturalismo saussuriano. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Disponível em: http://www.linguistica.ufes.br/sites/www.linguistica.ufes.br/files/Luciana%20M%20B%20Marques.pdf

MILANI, Sebastião Elias. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 55-71, jan/jun. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora.** Trad. Antônio Carlos Braga. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 66. São Paulo, Escala Editora (Digitalizado). Disponível em: http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Nietzsche/Aurora%20-%20Nietzsche.pdf. Acesso em 27 de novembro de 2012.

NÓBREGA, Mônica. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível?. In: ***ReVel*.** Edição especial n. 2, 2008 [Texto não paginado]. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_sujeito_e_sistema_em_saussure.pdf. Acesso em 09 de abril de 2009.

NORMAND, Claudine. **Saussure** – Figuras do Saber. (2000). Trad. Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MEJÍA-QUIJANO, Claudia. Établissement du texte: Le troisième cours (Cahiers de Émile Constantin). **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **58**, p. 73-80, 2005.

REBOUL, Fabienne. La nomination de Saussure à Genève: une simple formalité?. **Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS**, Genève, v. **62**, p. 218-255, (2009) 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale: edição crítica**. (1916) Traduit de l'italien par Louis-Jean Calvet. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral – CLG** (1916). 9. ed. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Écrits de Linguistique Générale – ELG –** texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral – ELG –** organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002). Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística.** Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, Eliane. Apresentação. Um século com a teoria do valor: 1909-2009. In: **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 9-11, jan/jun. 2009.

TEIXEIRA, Marlene; HAAG, Cassiano Ricardo. Ainda Ferdinand de Saussure? In: ***ReVel***. Edição Especial. n. 2. 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_apresentacao.pdf. Acesso em: 09 de abril de 2009.

Dicionário Eletrônico **Houaiss** (Copyright 2001-2009). Editora Objetiva. Versão monousuário 2009.

http://www.letempsarchives.ch

http://www.revue-texto.net/Saussure/

→ BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COELHO, Micaela Pafume. **The differences between the editions of the Saussure's third course of lectures.** (Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF, 2012). In: HTTP://creativecommons.org/licenses/by/2.0.

DOSSE, Fraçois. **História do estruturalismo** (1992). Vol. 1 – O campo do signo (1945 a 1966) e vol. 2 – O canto do cisne (de 1967 a nossos dias). Trad. Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.

KOERNER, E. F. Konrad. **Ferdinand de Saussure:** génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental. Contribución a la historia y a la teoría lingüística (1973). Versión española de Gabriela García Montaño. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística.** Trad. Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

MACHADO, Irene. **O filme que Saussure não viu:** o pensamento semiótico de Roman Jakobson. Vinhedo, SP: Horizonte, 2007.

MOUNIN, Georges. **Saussure ou le structuraliste sans le savoir.** Paris: Éditions Seghers, 1968.

RODRIGUES, Neidson. **Ciência e Linguagem: uma introdução ao pensamento de Saussure**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

SAZBÓN, José. **Saussure y los fundamentos de la lingüística:** estudio preliminar y selección de textos. Buenos Aires: Centro editor de América Latina, 1976.

SOFÍA, Estanislao. **Qu'est-ce qu'un brouillon en sciences de langage? Notes prealables a une édition numerique des manuscrits de F. de Saussure.** (?).

APÊNDICE: *BREVÍSSIMO MEMORIAL DA PESQUISA*

Meu primeiro contato com o CLG ocorreu no início de 2001, quando cursava o primeiro período de Letras-Português na Universidade Federal do Espírito Santo, e posteriormente estudando fragmentos esparsos em outras disciplinas da graduação.

Em 2007, na metade do mestrado em estudos linguísticos, minha pesquisa sofreu uma alteração e deparou-se com uma questão fulcral: por que voltar ao CLG? Em face de tantas teorias modernas, parecia um contrassenso retomar questões (supostamente) superadas e, por muitos, desprezadas. Todavia, minha inquietação investigativa junto à caprichosa orientação da Prof. Drª Virgínia Abrahão guiou-nos ao encontro dos *Escritos de Linguística Geral*, obra até então a nós desconhecida. A dissertação, "Análise discursiva da metáfora: revisitando o estruturalismo saussuriano" (MARQUES, 2008), defendida no início de 2008, trouxe-me mais questões que respostas, após uma série de ponderações comparativas entre o CLG e os ELG.

No doutorado, iniciado em 2009, esperava-se que algumas dessas questões pudessem ser respondidas, uma vez que já estavam bem delineadas; contudo, esta tese foi iniciada com a certeza do que se queria pesquisar chegando às incertezas que as novas descobertas implantaram.

Com o advento da bolsa sanduíche, já em Genebra, foram descobertos muitos outros documentos e uma infinidade de livros e artigos que redefiniram os rumos da pesquisa. Com a combinação de orientação do Prof. Dr. Hugo Mari junto à Profª. Drª. Claire Forel, partimos para uma delimitação de base filológica, considerando a inexistência de alguma obra semelhante na América Latina. A questão principal, que justificou esse direcionamento, foi: *como analisar questões pontuais se os aspectos gerais que as embasam não são de acesso imediato? Como fazer referência aos cadernos dos alunos, se as publicações de suas transcrições não são amplamente conhecidas, nem foram traduzidas para o português?* A partir de questões como essas, cabe destacar a coragem e o estímulo irrestrito do orientador Mari para avançarmos sobre novos rumos.

Esta tese apresenta-se como um prólogo para as pesquisas que se abrem, em face de tantos documentos e hipóteses, há bastantes questões ainda não esgotadas. Entre as pesquisas potenciais a desenvolver, podem-se citar: (1) questões relativas à terminologia saussuriana, e seu desenvolvimento no decorrer

do tempo; (2) aspectos próprios do registro escrito a partir de exposições orais; (3) análise das transcrições das anotações de Saussure no que tange ao seu conteúdo; (4) análise das notas originais de Saussure, quanto às marcas de hesitação e de reescritura; (5) análise de cada curso, num cotejo entre os cadernos ainda conservados, à procura de uma exposição das diferenças de registro; entre tantas outras possibilidades. Cada um dos pontos supracitados corresponde a várias pesquisas distintas, aqui assinaladas apenas como uma amostra generalizada das questões que ainda permeiam minha curiosidade científica (e de outros pesquisadores saussurianos).

Cabe, agora, continuar essas pesquisas não à procura de respostas absolutas, mas pelas descobertas que o caminho de investigações proporciona, afinal, conforme Langacker afirma, “a vontade de saber mais a respeito desse fenômeno é uma ampla justificação para que seja o mesmo investigado”. (LANGACKER, 1975, p. 14).